

A romantic couple in historical attire. The woman is wearing a red off-the-shoulder gown and a necklace, and the man is shirtless with a white cloth draped over his shoulder. They are embracing closely. The background is a solid red color.

GRH

Romances Históricos

Tradução e Pesquisa: GRH

Revisão Inicial: Marlene

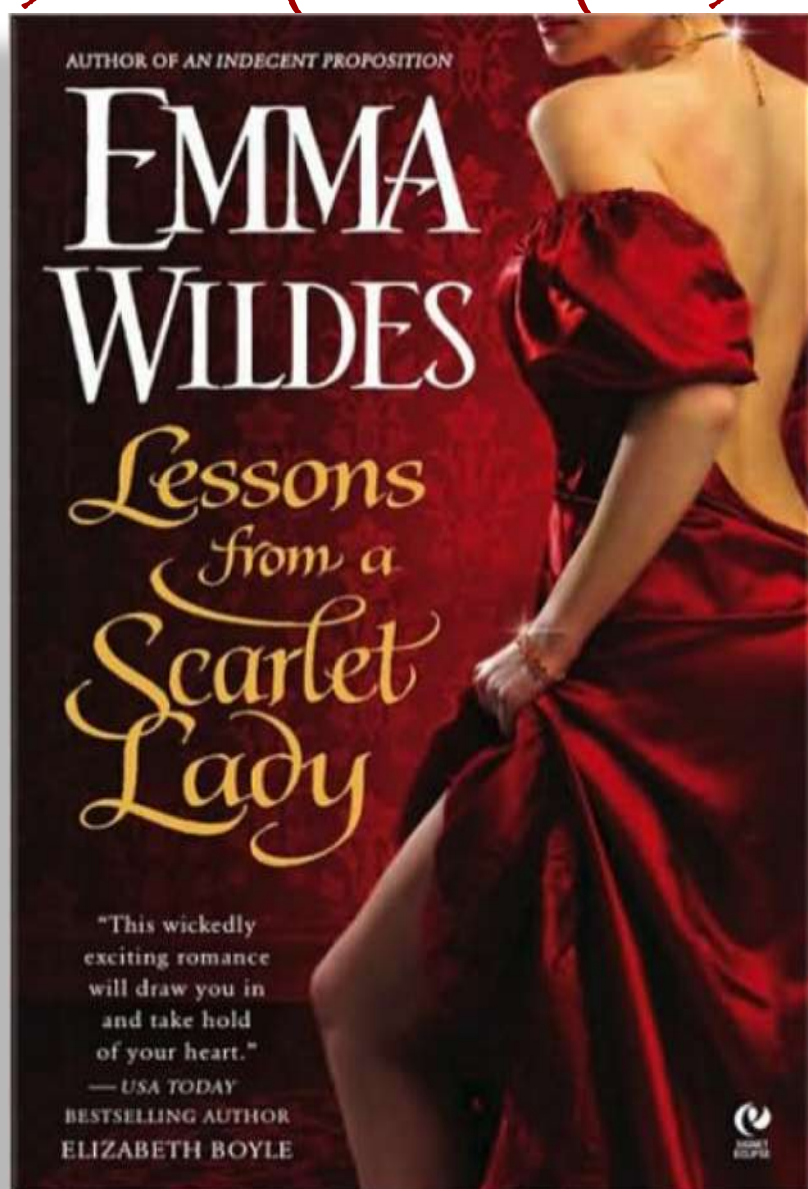
Revisão e Leitura Final: Ana Julia

Formatação: Ana Paula G.



Emma Wildes

Lições de Sedução



Resumo

Nenhuma dama de verdade deveria ter lições com uma cortesã...

Brianna, a jovem esposa de Colton Northfield, quinto duque de Rolthven, é a encarnação da noiva perfeita. O que diria então a sociedade se a vissem com uma cópia dos conselhos de lady Rothburg, as lições de cabeceira de uma cortesã?

Quando sua inocente esposa se transforma de repente em uma desavergonhada na cama, o recatado duque fica completamente atônito com seus poderes de sedução.

Seguir o conselho de uma cortesã poderia trazer problemas... mas levará Brianna a conseguir seu maior desejo: o amor de seu marido?

Comentário Revisão Inicial Marlene

A história gira em torno da compra de um livro escrito por uma cortesã. Nele ela explica detalhadamente como conquistar um homem. A mocinha, no intuito de conquistar o seu marido, começa a por em prática os ensinamentos ali escritos, inclusive o que fazer na cama. O marido dela é um duque avesso a qualquer tipo de demonstração de afeto e leva muito a sério o seu título. Paralelo a isso, tem a história de sua amiga que é apaixonada pelo irmão do duque, a quem ela empresta o livro.

O livro é bem interessante, pois nele a mocinha sabe o que quer e toma a iniciativa numa época em que elas não tinham direito a nada. Tem algumas passagens hot e é muito bem escrito. Eu gostei.

Comentário Revisão Final Ana Júlia:

O livro é leve, gostoso de se ler, sem muitas emoções. Uma recém casada que tenta através dos conselhos de uma ex cortesã conquistar seu marido e a melhor amiga desta que usa seus conselhos para conquistar o cunhado da amiga... Duas mocinhas que sabem o que querem e conseguem...





Sobre A Autora:

A premiada autora Emma Wildes escreve para o Signet Eclipse, mas começou publicando em um editorial online onde ganhou um Eppie, um Best Published e um WisRWA Reader's Choice Award. Alcançou o número um em vendas no Fictionwise, foi nomeada à Capa e recebeu vários prêmios Estrela de Ouro do JERR. Recentemente, Publisher's Weekly disse que Uma Aposta Indecente (Signet, abril de 2009) se trata de uma história espetacular, produzida com grande habilidade que se destaca.

Emma nasceu em Minnesota e vive em Midwest, embora tenha crescido em Albuquerque, Novo México. Estudou na Universidade Estatal de Illinois, onde se especializou em Geologia, e ali conheceu seu marido, Chris. Têm três filhos, um gato temperamental chamado Poot e a sorte de viver à beira de um belo lago. Nos dias calorosos, de vez em quando, aprecia uma taça de vinho no cais e adora se sentar em sua mesa, tanto no inverno como no verão para teclar.

Prólogo

Se não captou sua atenção no primeiro momento, como conseguirá conservá-la?

Prólogo completo dos conselhos de lady Rothburg,

Publicado em 1802

Como ela havia imaginado e esperado, o vestíbulo transbordava de pessoas vestidas com suas melhores roupas, que revoavam como aves luzindo sua mais brilhante plumagem. Brianna Northfield deixou que seu marido tirasse com delicadeza a capa de veludo dos ombros, e continuou dando-lhe as costas de propósito enquanto sorria e saudava diversos conhecidos entre a multidão. Ele entregou o objeto ao encarregado do guarda-roupa e ficou conversando com lorde Bassford, um velho amigo, enquanto ela esperava estrategicamente sem sair do lugar.

Esse era o primeiro passo de um plano que, certamente, esperava que funcionasse porque se sentia muito exposta.

Muito, muito exposta.

Colton terminou de falar, agarrou-a pelo braço e por sorte, dirigiu o olhar para a multidão, procurando uma fresta para abrir caminho até seu camarote privado.

— Por aqui, querida. Acho que poderemos passar por onde está o conde de Farrington.

— Não conheço a jovem que o acompanha — murmurou ela, notando o cabelo chamativo e a figura exuberante da dama. — Santo Deus, ele tem idade para ser seu pai.

— Parece que é sua atual amante — disse seu marido com frieza, enquanto avançavam entre a multidão. — Estou convencido de que a trouxe para a ópera só para incomodar sua esposa. A discrição nunca foi o ponto forte de Farrington.

Para Brianna não passou despercebido o tom de censura na voz de seu marido, mas ao menos não era dirigido a ela. Quer dizer, ainda não. Nos três meses que haviam se casado aprendeu que Colton Northfield, quinto duque de Rolthven, era contra exhibir em público a vida privada de cada um.

Se tivesse uma amante, com certeza não sairia com ela, nem falaria de sua aventura diante de toda a boa sociedade londrina. Tampouco prejudicaria sua esposa, nem a humilharia conscientemente. Brianna só rezava para que ele não tivesse uma amante e desejava também que nunca sentisse a necessidade de ter.

Segurou-a pelo braço com rapidez e a conduziu pela escada acarpetada que subia até um elegante camarote com vista para o centro do cenário. As pessoas se viravam para vê-los passar, outros amigos os saudaram e Brianna percebeu que mais de um cavalheiro se entretinha em observá-la e que diversas damas arqueavam as sobrancelhas.

Bem, afinal de contas desejava impressionar e esses prolongados olhares masculinos indicavam que, sem dúvida, havia conseguido.

Notou o momento em que Colton se deu conta do vestido. Estavam na metade da escada e ele titubeou e retesou os dedos. Ficou imóvel com um pé no degrau de cima e os olhos fixos em seu decote.

— Deus bendito, o que vestiu?

— Parece apropriado parar na escada e olhar meu decote com tanta atenção? — Perguntou com uma tranquilidade que de fato não sentia, enquanto subia o seguinte degrau com decisão. — É a última criação de madame Ellen e sim, pode ser que o decote seja excessivo, mas estou convencida de que tenho a silhueta adequada para vesti-lo.

Seu marido ficou quieto por um momento, sem afastar os olhos cintilantes das curvas deslumbrantes que saíam por cima do tecido do sutiã, mostrando a parte superior em sua totalidade.

—É claro que pode usá-lo, mas poderia ter se perguntado se deveria. Ou ainda melhor, ter me perguntado isso — resmungou em voz baixa.

Consultá-lo sobre moda? Como se isso o importasse. Embora se vestisse de modo impecável, nunca fazia o menor comentário sobre a roupa que ela usava.

—Colton — sussurrou Brianna — as pessoas estão nos olhando e se perguntando se estamos discutindo em público.

—Pode ser — murmurou ele. — Perdeu a cabeça?

O duque de Rolthven brigando com sua esposa e ainda por cima na escada da ópera? Jamais. Ela havia escolhido esse lugar porque confiava totalmente no profundo senso de discrição de seu marido. Horrorizava-o a ideia de dar um espetáculo. Brianna se esforçou para sorrir com uma serenidade das mais falsas, pois se notava um rubor nas faces e o pulsar em sua garganta.

—Absolutamente. Vamos ocupar nossos assentos?

Ele resmungou uma imprecisão, segurou em seu braço com seus dedos longos e a obrigou a subir quase a arrastando pelo resto do caminho. Percorreu com muita pressa a galeria e entrou em seu camarote privado. Era difícil interpretar sua expressão, mas enquanto a acomodava em sua poltrona e tomava o assento ao seu lado, sua boca se transformou em uma linha tensa.

O teatro estava repleto como sempre; os lustres gigantesos cintilavam e dos camarotes dourados chegava o zumbido de centenas de conversas. As pessoas compareciam, nem sempre para desfrutar da obra musical, mas para serem vistos e observar os outros, coisa que seu marido sabia muito bem.

— Suponho que como já estamos aqui, cobri-la com a capa e levá-la para fora provocaria comentários — disse sardônico, estendendo suas longas pernas. — Percebi que prestavam atenção em nós quando entramos, mas não entendia por que chamávamos tanto a atenção quando atravessamos o vestíbulo. Agora compreendo muito bem. Imagino que esta noite haverá mais binóculos dirigidos para seus seios tão generosamente expostos que para o cenário. No que pensava senhora, quando escolheu um traje tão escandaloso?

«Em seduzi-lo», ela pensou ao olhá-lo. Essa noite, o belo rosto de Colton estava atraente e tão devastador como sempre, embora franzisse o cenho e houvesse um traço de recriminação em seus lábios sensuais. Era alto, tinha o cabelo castanho e abundante, uma figura esbelta e atlética, e nas estranhas ocasiões em que ele sorria, todas as mulheres presentes ficavam ligeiramente ruborizadas. As maçãs do rosto salientes davam a ele certo ar de arrogância, tinha o nariz reto e o perfil da mandíbula muito bem desenhada. Quando Brianna o viu pela primeira vez ficou deslumbrada ante aquela beleza inegável e a verdade é que, assim que ele começou a mostrar interesse por ela, apaixonou-se até perder a cabeça, como a donzela de uma fábula romântica.

Mas havia certos aspectos de seu casamento que não tinha previsto. Como o príncipe dos contos, Colton tinha alguns defeitos. Era um dos homens mais ricos da Inglaterra, tinha um poder político enorme, e era certo que sua origem ilustre deslumbrava qualquer debutante ingênua. No entanto, o que ela não havia imaginado, era que lhe concedesse uma parte tão pequena de seu tempo desde que a convertera em sua esposa.

Claro que Colton não se casara com uma juvenzinha ingênua e submissa que, como ela suspeitava, ele acreditava ter feito.

Com toda a compostura que pôde, Brianna respondeu:

—Muitas mulheres vieram esta noite com vestidos na moda tão decotados quanto o meu. Acreditei que você gostaria.

—Que todos os homens de Londres comam com os olhos o busto nu de minha esposa? — Levantou as sobrancelhas, mas voltou a desviar o olhar para baixo. —Pense melhor, querida.

— Na realidade — disse ela com um brilho de esperança, pois embora percebesse que estava irritado, era incapaz de afastar os olhos — pensei que talvez você gostasse de como me vesti.

Por um momento, Colton pareceu surpreso e entreabriu os olhos por um segundo.

—Está linda e arrebatadora, Brianna, e seu aspecto sempre é fascinante. Por que pensa que me casei com você?

Isso não era o que ela queria ouvir. Era exatamente o que não queria ouvir. Brianna agitou o leque com fúria.

—Espero Excelência, que não tenha se casado comigo apenas para participar de eventos como este, com um lindo objeto no braço. Sou uma pessoa, sou uma mulher e sou sua esposa.

Sua recriminação provocou no rosto do duque uma expressão de desconcerto pouco habitual nele.

—Acredito que não me expressei bem. Quero dizer que você sempre me atraiu. Sem necessidade de que ande quase nua.

—Pois demonstre.

—Como disse? — Ele arqueou de repente uma sobrancelha e ficou olhando-a, perplexo.

Bem. Agora dispunha de toda sua atenção. Geralmente, Colton só parecia vagamente consciente da presença de Brianna. Era um homem ocupado e ela compreendia e aceitava que as responsabilidades do título e fortuna monopolizassem boa parte de seu tempo. Mas quando os dois estavam juntos, gostaria de saber que seu marido, no mínimo gostava de sua companhia. Ambos ainda estavam se adaptando ao matrimônio, ou pelo menos ela, porque não tinha notado que ele havia mudado muito sua rotina agora que tinha esposa. Continuava trabalhando quase o dia todo, continuava indo ao clube, e continuava passando mais tempo em salas de jogo, bailes e noitadas do que com ela. Muitos casais da alta sociedade tinham vidas separadas. Mas isso não era o que Brianna queria para si, e para mudar sua atitude sobre isso em particular, estava decidida a que ele a notasse de verdade.

A orquestra começou a se animar. Levantando a voz para que Colton ouvisse suas palavras e sem se preocupar com os ocupantes dos camarotes vizinhos, Brianna disse claramente:

—Esta noite quero que demonstre que pareço atraente para você.

—De que demônio está falando?

Brianna olhou seu marido e lançou um leve suspiro.

—Preocupava-me que dissesse algo parecido com isto.

As mulheres eram criaturas muito imprevisíveis, irracionais e emotivas, meditou Colton Northfield sombrio, sem fazer muito caso da obra de Herr Mozart. Observou com ar indolente o cenário, onde bailarinas com roupas vistosas dançavam ao ritmo das mesmas alegres melodias que já tinha ouvido milhares de vezes. Ao seu lado, sua encantadora esposa, agitava preguiçosamente o leque para aplacar o ar abafado daquela sala imensa. Algumas mechas do cabelo sedoso e de um dourado tênue acariciavam seu pescoço delgado, e seu rosto delicado parecia um pouco ruborizado pelo calor.

Colton não mentira: era uma das mulheres mais belas que já vira, e ele a desejou com paixão desde o primeiro momento que foram apresentados, há quase um ano. O noivado, o compromisso e a vida de casado não havia mudado isso em nada. Inclusive agora, a carne opulenta que tremia e transbordava da parte superior do sutiã de modelo cor marfim que, não importava o que ela dissesse, beirava ao escândalo, aumentando de maneira incômoda sua ereção confinada na calça justa.

O que exatamente estava se passando nesta bela cabeça? Se tivessem perguntado a ele antes desta noite, Colton teria dito que das jovens que conhecia, Brianna seria a última a vestir algo tão escandaloso. Estava acostumada a ser muito recatada. Às vezes demais, mesmo que ainda fosse muito ingênua e tivesse pouca experiência. Havia controlado seu desejo carnal tanto quanto pode, para que a atividade amorosa entre ambos fosse uma experiência contida, para que ela se familiarizasse com a intimidade do ato e perdesse suas compreensíveis inibições.

Embora fosse certo que aquela noite não se mostrasse de modo algum inibida e isso o afetava de um modo surpreendente. Deveria estar irritado com ela pelo traje que escolheu para uma aparição pública como aquela. De fato estava, irritado... E algo mais.

Intrigado.

Brianna se inclinou para frente e levantou os binóculos dourados para ver melhor o cenário. O montículo de carne contido apenas pelo sutiã colocava a prova o tecido do vestido, e ele teria jurado que vislumbrara o contorno de um mamilo rosado, perfeito.

Incapaz de deixar de pensar no desafio inesperado de Brianna, de repente se perguntou se havia levado as coisas pelo caminho errado. Não é que aprovasse de alguma maneira que aparecesse em público quase nua, mas admirava a vista. A verdade é que tinha seios encantadores, firmes e flexíveis e a cor virginal do vestido, em contraste com aquele decote pecaminoso, provocava efeitos interessantes na zona que ficava abaixo de sua cintura.

Efeitos muito interessantes.

—A soprano é espetacular, não acha? —Sua esposa havia baixado os binóculos e sorria. Seus olhos azul escuro, emoldurados por longas pestanas, continuavam fixos na representação.

Para ele ficou difícil negar, sendo que quase não deu atenção à obra.

«Você que é espetacular.»

Colton balbuciou uma resposta muito pouco brilhante, em um tom pouco comprometedor:

—Sim, tem um grande talento.

—A última ária foi magnífica.

Magnífico era a delicada curva dos ombros nus de Brianna e a perfeição de sua pele sem mácula. Para não falar de sua boca, de um rosa pálido e sedutor, e do contraste entre o tom mais escuro das sobrancelhas e o brilho dourado de seu cabelo...

Deus bendito, Colton se repreendeu com certa ironia, o que estava fazendo? As comparações poéticas e os pensamentos lascivos enquanto estava sentado em seu camarote privado de ópera não faziam parte de seu caráter, de maneira alguma.

Esforçou-se para prestar atenção à representação. Ou pelo menos tentou.

Pensou que havia passado uma eternidade até que a música acabou e começou a retirada caótica do teatro. Aproveitou que era alto para localizar a saída adequada e escoltou sua esposa para fora tão rápido quanto pôde para evitar comentários sobre o traje de Brianna e, tinha que ser honesto consigo mesmo, impedir que outros homens tivessem a oportunidade de experimentar um prazer similar ante seus inegáveis encantos. Cumprimentou os amigos com quem cruzou do modo mais rápido possível que a habitual troca de cortesias, enquanto esperava com impaciência que devolvessem sua capa. Assim que o encarregado do guarda-

roupa a entregou, colocou-a ao redor dos ombros de Brianna com uma imensa sensação de alívio.

—Minha carruagem, por favor — disse em tom cortante para um laçao jovem que se inclinou e pelo visto captou a urgência de sua voz, pois quase saiu correndo para cumprir suas ordens.

—Está com pressa? —perguntou Brianna.

A pergunta parecia muito inocente, pensou Colton com receio, enquanto aguardava que trouxessem seu veículo, mas não estava seguro de que assim fosse. Era evidente que Brianna o surpreendera aquela noite.

—Eu não gostaria de ter que esperar em uma fila interminável — mentiu.

—Parece aborrecido — ela afirmou e deixou que a capa deslizesse sobre seus ombros, o bastante para que ficasse à vista o que ele queria cobrir. —Nossa, que calor faz esta noite, não é verdade?

Ele, no entanto, suave e não estava totalmente convencido de que era a temperatura exterior que provocava certo desconforto.

Assim que a carruagem chegou, ajudou sua esposa a entrar e logo se acomodou no assento oposto, golpeando o teto com firmeza para avisar o cocheiro.

Na penumbra no interior do veículo, Brianna com a capa aberta, mostrava a carne majestosa que quase transbordava da parte frontal do vestido que brilhava com luz trêmula, com um aspecto mais tentador do que nunca. Ele pigarreou.

—Gostou do espetáculo, querida? — disse.

—Sim—respondeu ela em voz baixa e o olhou por baixo de seus longos cílios com um ar provocante que Colton nunca tinha visto. Cada vez que respirava, seus seios ameaçavam arrebentar os inadequados limites do traje e libertarem-se. — Você gostou?

Estava absorto. Continuava absorto. Demônios, ela acabava de lhe fazer uma pergunta?

A mínima educação exigia que respondesse.

—O espetáculo foi esplêndido — disse com secura, abandonando qualquer intenção de dissimular sua luxúria. —E sim, a ópera também me pareceu divertida.

Ela sorriu com um ar que não era de forma alguma o da jovem ingênua com quem se casara. Era, pelo contrário, próprio de uma mulher sensual e sedutora até os ossos.

—Se eu posso entretê-lo em algum sentido, por favor, não tenha nenhum pudor em tirar proveito disso. Agora seria muito bom.

—Agora? —repetiu ele perguntando a si mesmo se ela se referia ao que acreditava que se referia.

—Agora. —E ela acentuou o sorriso. Oh sim, referia-se a isso.

Em algum lugar escondido de sua mente, incomodava-o que Brianna soubesse até que ponto o perturbava. Mas não era essa a parte que tinha o controle naquele momento. A que mandava agora era outra parte de seu corpo.

Tentou não se mover. Em última análise, cometer uma indiscrição dentro de uma carruagem era indigno. Mas de repente para Colton, isso pareceu completamente indiferente. Inclinou-se para frente, segurou Brianna nos braços e se recostou novamente no assento com ela no colo. Baixou a cabeça e a beijou com desejo, explorou sua boca com a língua e saboreou todos os doces cantos. Ela respondeu com igual abandono, colocou os braços em volta do seu pescoço e apertou seu corpo esbelto e sensual contra o dele. Sem se afastar da boca de Brianna, ele afastou o tecido que cobria um ombro, contornando o seio nu e sua mão se encheu com aquele peso leve e flexível.

«Perfeito.»

Tudo desapareceu. O chocalhar contínuo das rodas do veículo na rua pavimentada, a noite cálida... Tudo, exceto o pulsar rígido de seu membro. Quando finalmente deixou de beijá-la e deslizou a boca ao longo de seu gracioso pescoço, ouviu-a respirar de forma irregular. Seus lábios demoraram um momento no ponto que pulsava leve e acelerado. Brianna deu um gemido e deixou a cabeça cair sobre o ombro quando ele rodeou com o polegar a ponta erótica do mamilo rosado.

— Colton... Oh, sim.

Tinha a pele suave, lisa e imensamente feminina. Desabotoou os botões das costas do vestido que em questão de segundos caiu à altura da cintura de Brianna. Lambeu o tentador

vale entre seus peitos, beijou os sensuais montículos, sugou seus mamilos até que estivessem eretos e duros, e sentiu que sua encantadora esposa estava excitada quando se agarrou a ele e sussurrou seu nome.

A carruagem ducal tinha assentos amplos e confortáveis, coisa que Colton jamais havia valorizado antes.

—Não posso acreditar que esteja fazendo isto, mas que Deus me ajude Brianna tenho que tê-la — disse com voz entrecortada, deitando-a sobre o assento.

—Eu também o desejo.

O cabelo havia se soltado e emoldurava seu rosto como uma cascata de seda. Seus ombros pareciam de marfim sob as sombras e seus seios, nus e tensos, agitavam-se a mercê dos movimentos do veículo. Ele acreditou que ficaria sem respiração quando ela se inclinou para subir as saias para cima da cintura, e descobrir pernas grossas e deliciosas com ligas e meias de seda. O pelo púbico era um pequeno triângulo dourado entre suas coxas brancas e, enquanto ele tirava a jaqueta, ela separou as pernas convidando-o de modo erótico.

Tão ardente era sua urgência que Colton, sentindo que explodiria a qualquer momento, aceitou encantado enquanto continuava desabotoando as calças. Liberou sua vibrante ereção, inclinou-se sobre o corpo quase nu e exposto de sua esposa, e se acomodou entre suas coxas separadas. Escorando-se com uma mão sobre a tapeçaria do assento, guiou seu membro rígido para a fenda e descobriu que Brianna estava úmida e disposta para que a penetrasse. Enquanto ele investia para o interior de seu corpo, ela agarrou seus ombros e um gemido surdo brotou de sua garganta.

Era tão prazeroso, pensou febril de paixão, sem sequer se preocupar em dizer a ela para ser discreta. Em circunstâncias normais, teria se horrorizado ante a ideia de que seu chofer ouvisse-os fazendo amor, mas nesse momento não se importou nem um pouco. Extasiado, penetrou-a novamente com prolongadas estocadas na estreita passagem tensa que lhe oferecia, e adaptou o bombeamento da parte inferior de seu corpo ao balanço do veículo.

Ela se arqueava e subia os quadris a cada penetração, com os olhos fechados e suas faces coradas. Enquanto o ritmo se acelerava, Colton notou através do tecido delicado da camisa,

que o beliscava com mais força, e descobriu atônito que ela ia chegar ao clímax sem maior estimulação. Brianna soltou um grito, arqueou-se com frenesi e seus músculos internos começaram a esticar-se e a contrair-se.

Aquilo levou Colton quase ao limite. Penetrou mais fundo e gozou com tal intensidade que seu corpo estremeceu. Ficou imóvel, prisioneiro do prazer que o segurava, enquanto soltava sua semente e repetia seu nome.

Quando finalmente recuperou o fôlego percebeu duas coisas. A primeira era que sua belíssima esposa o olhava com um sorriso que só podia descrever como triunfo.

A segunda, é que o veículo que ocupavam nesse estado de quase nudez escandalosa estava parando.

—Maldição — resmungou com descrença. Acabava de tomar sua esposa em uma carruagem em marcha, como um adolescente libidinoso?

Capítulo 1

Os homens desejam nos entender, mas só em um sentido muito abstrato. Segundo eles, a volatilidade de nossas emoções nos converte em criaturas muito complicadas para poder nos compreender totalmente. Devo admitir que até certo ponto eles tem razão. Os homens enfrentam à vida de um modo muito direto. Algo que nos convém lembrar em nosso proveito. As mulheres, por sua vez, entendem-se muito bem entre si.

“Do capítulo intitulado Sua realidade frente a nossas ilusões”

O sol da tarde penetrava através das cortinas e seus raios caíam sobre o luxuoso tapete. As vidraças estavam abertas para os jardins e o aroma das rosas em flor perfumava o ar. Rebecca Marston, sentada na frente de Brianna, levantou uma sobrancelha.

—Parece estranha, Bri — disse com ar suspeito. — Está escutando a conversa pelo menos?

—Eu penso o mesmo — interveio Arabella Smythe, condessa de Bonham. Pequena e bonita, ela estava sentada em uma poltrona de tapeçaria requintada, com sua cabeleira de ébano preso em um recatado coque na nuca e a mesma pergunta escrita em seus encantadores olhos escuros. — Parece muito distraída.

—Serio? — para Brianna pareceu impossível fingir inocência e pôs-se a rir. Suas amigas, reunidas na sala informal de Arabella para tomar o chá e conversar, tinham muita razão. Já fazia um tempo que perdera o fio do bate-papo sobre as últimas tendências da moda.

A noite anterior havia sido um... Êxito. Ela inclusive a qualificaria de revelação. Como diabos podia pensar nisso sem sorrir?

Bem, era impossível.

—Sim. Estranha como um gato que comeu o canário. —Rebecca se sentava ereta, em um sofá de brocado. Era uma morena alta e esbelta com feições femininas e uma figura invejável. Era muito comum que os cavalheiros confessassem estarem apaixonados por ela, mas apesar da insistência paterna para que se casasse logo, ela ainda não havia encontrado ninguém que a conviesse. Esta era sua segunda temporada, e isso a transformava em uma espécie de desafio para os jovens da alta sociedade. —O que aconteceu? — perguntou.

As três sempre foram muito boas amigas desde meninas, e embora Brianna tentasse adotar uma expressão séria, não conseguia.

—O que as faz pensar que aconteceu algo?

As outras duas trocaram um olhar e depois voltaram a olhar novamente para ela.

—Só uma suposição — disse Arabella com secura. —Nós duas a conhecemos e eu já a vi antes com essa expressão. Recorda-me a vez que fomos explorar a abadia em ruínas a meia-noite esperando encontrar fantasmas e nos apanharam ao voltar. E você inventou uma estória e conseguiu fazer com que minha governanta acreditasse, não sei como. — E acrescentou: — Mas nós sabíamos muito bem que na realidade éramos culpadas por termos infringido as normas.

Brianna se recordava e murmurou com humor enquanto agarrava a xícara de chá:

—Sim, mas consegui que não nos castigassem, não é?

—Tinha muita lábia — comentou Rebecca. —Mas não tente aplicar esse ardil conosco. Diga-nos por que olhava pela janela com esse peculiar sorriso de deleite?

Brianna não estava muito certa se deveria contar a elas a verdade. Era um segredo tremendamente escandaloso. Não obstante, confiava em suas duas amigas mais que tudo no mundo.

—Bri? —disse Rebecca.

—Voltei e comprei — confessou ela.

Suas amigas ficaram com as xícaras de chá suspensas entre as mãos, perplexas. Deu-lhes mais detalhes.

—Voltei para aquela pequena livraria e comprei Os conselhos de lady Rothburg.

Arabella abriu a boca, atônita, e Rebecca se engasgou.

Brianna levantou a palma da mão em um gesto de súplica.

— Antes que digam algo, deixem que explique que funcionou. Os conselhos que o livro dá não têm preço. Li o primeiro capítulo e foi dos mais instrutivos. Deveriam ter visto Colton. Acredito que a metade da ópera deixou de olhar o cenário e passou a prestar atenção em mim. Bem, em certa parte de mim, de qualquer forma.

—Que parte? Santo Deus, Bri, que demônio está fazendo? —Arabella quase não prestava atenção a sua xícara de chá que estava a ponto de derramar o resto do conteúdo. —Tem ideia de como meu marido ficaria indignado se eu estivesse em posse desse livro? E perdoe-me pelo comentário, mas acredito que Andrew é mais tolerante que Rolthven.

Era provável que o marido de sua amiga fosse mais tolerante, mas Brianna não pôde evitar se recordar da impetuosa paixão de Colton na carruagem. Parecia incapaz de reprimir-se e esse era o efeito preciso que ela desejava.

—A princípio se assustou muito, mas então diria que... Adaptou-se.

— Adaptou-se a que? —Perguntou Rebecca com um brilho em seus olhos verdes. — Deixe já esse maldito mistério e comece a nos contar.

Brianna arrumou suas saias com decoro.

—Bem, o primeiro capítulo sugere que um enfeite discreto é muito apropriado se deseja assistir a um serviço religioso ou a reunião social de uma tia-avó, mas se o que alguém pretende é atrair o olhar de seu marido, deve ser um pouco atrevido.

— Atrevido como? —perguntou Arabella.

— Bastante atrevido. —Brianna notou que ruborizava. —Meu decote era muito atrevido, reconheço-o, mas embora Colton se zangasse porque trajava um vestido muito decotado, notei que também estava intrigado e o que ocorreu mais tarde confirmou. No começo estava indignado, mas já era tarde para me levar arrastada para casa e com isso provocar comentários de todo mundo, e sabem que ele odeia esse tipo de coisa. Devo dizer, no entanto que... Estimulou-o bastante a ideia de um vestido que facilitava tanto seu acesso.

—Deve estar de brincadeira. O duque é sempre muito correto e comedido. Quando falamos de Rolthven, o qual acontece frequentemente, porque todos nós sabemos que seu marido é um homem importante, sempre o fazemos com o máximo respeito por seu controle.

— Bem, pois ontem à noite o deixou de lado pela primeira vez. — Brianna baixou um pouco a voz. — Quando voltamos para casa na carruagem, tomou-me desenfreadamente e eu apreciei cada segundo. Embora deva dizer que foi um pouco embaraçoso descer da carruagem em evidente desalinho — acrescentou, recordando que seu marido só teve tempo de abotoar as calças e ajudá-la a se vestir com pressa, antes que o cocheiro abrisse a porta e provocasse um ardor ainda maior nas faces. Tinha o cabelo solto e a capa continuava caída no chão, de modo que não havia dúvidas sobre o que estavam fazendo.

Arabella depositou a xícara no pires com tanta brutalidade que ela oscilou. Estava com os olhos muito abertos.

—Na carruagem? O duque? Oh, céus.

—Foi maravilhoso — disse Brianna com franqueza. —Colton aparenta ser muito decente e convencional, mas essa não é sua verdadeira personalidade. Acredito que sempre pensou que eu me escandalizaria se ele expressasse sem disfarces sua natureza apaixonada. E mais, sei que o educaram com a crença de que seria duque e que sua elevada posição social exigia certo decoro. Quando me cortejou, deu-me apenas um par de beijos castos, embora eu soubesse que ele desejava mais, muito mais. —Baixou um pouco as pestanas e acrescentou: — Há algumas coisas que um homem não pode esconder com essas calças apertadas tão em moda hoje em dia.

Arabella suspirou, recostou-se novamente na poltrona e ajustou a manga de seu leve vestido azul.

— Andrew jamais pensaria em algo assim, como fazer amor em nossa carruagem.

— Colton tampouco, a menos que o incitasse a isso, acredite. — Brianna se inclinou para frente. —Mas é bom ser capaz de incitá-lo. Estou descobrindo que o livro de lady Rothburg é bastante oportuno. O que as mulheres consideram romântico e a definição que tem esse mesmo termo para os homens são duas coisas muito distintas. Colton é cumpridor de seus

deveres, me dá de presente joias, flores e coisas assim. No entanto, estou convencida de que o assombraria muito saber que me agradaria mais com um sorriso carinhoso ou um beijo terno do que com um broche de diamantes. Nem sequer imagina isso, simplesmente.

—Como sou a única solteira, esta conversa me parece fascinante. Você vai educá-lo, conforme entendi? — Rebecca arqueou uma sobrancelha. —Ainda não tenho marido, mas começo a compreender como funciona tudo isto. São como inimigos que vivem no mesmo acampamento e, além disso, estão obrigados a serem aliados.

—Mais ou menos — confirmou Brianna com uma leve gargalhada. —Digamos que existe um território comum, que vou trabalhar para que Colton e eu o descubramos. Se os homens como diz o livro, definem o romance como uma troca sexual, penso em me assegurar que ele saiba que sou muito romântica. Eu me recuso que meu marido olhe para outra por me considerar aborrecida na cama.

— É uma idealista sem esperança. Homens como Rolthven não caem de joelhos e se declaram loucamente apaixonados. —Arabella meneou a cabeça. — Não precisam Bri.

Brianna tinha descoberto que o mundo privilegiado em que se educou e que seu marido se movia apresentava certos problemas. Por isso a aquisição secreta.

— Minha irmã e o marido dela têm um matrimônio muito feliz — disse esperando não expressar melancolia. —Deveriam vê-los juntos. Às vezes se limitam a trocarem um sorriso, mas o afeto é óbvio. Henry a adora e Lea se casou com ele apesar dele não ser mais que um advogado. Meus pais não queriam, mas minha irmã estava apaixonada e a verdade é que seu modesto lar é um dos meus lugares favoritos para visitar. Eu gostaria que em minha casa houvesse o mesmo calor.

Era um tanto inadequado dizer que a mansão londrina de Colton era uma casa. Uma residência palaciana talvez, mas uma casa ou um lar... Bom, não. E Rolthven, a propriedade campestre, era maior ainda.

Talvez Brianna fosse uma idealista.

—E que outras coisas diz lady Rothburg? —Parecia que Rebecca tinha mais que um interesse superficial.

—Asseguro que é nada do que nós deveríamos ler e muito menos repetir. Esse livro — afirmou Arabella, apontando Brianna com a colher de forma eloquente — é algo que duvido que seu lindo, mas respeitável marido gostaria que tivesse. Parece-me incrível que o encontrasse nessa loja pouco confiável e muito mais que o comprasse.

Era verdade. A obra de lady Rothburg havia sido proibida há uns dez anos atrás, quando se publicou pela primeira vez. Brianna ficara intrigada com aquele exemplar maltratado, e assim que o abriu soube que essa compra secreta tinha sido uma decisão acertada.

—É dos mais instrutivos e está em benefício exclusivo de nosso matrimônio. Por que deveria se importar que eu o leia? —perguntou com muita calma.

—Porque é escandaloso, trata somente de sedução e de comportamento indecoroso, e está escrito nada menos que por uma notória cortesã — disse sua amiga com melindres.

Aquilo era certo. Colton ficaria indignado se soubesse que ela possuía aquele livrinho e se limitaria a ordenar que se desfizesse dele imediatamente.

Impassível, Brianna se inclinou para pegar um bolo de limão de uma bandeja do carrinho de chá.

—Pode ser que sim, mas pelo visto gostou do conselho que dá o primeiro capítulo. —Deu uma mordida no doce, mastigou com muito refinamento, engoliu e acrescentou: — E deveriam ver o que sugere o segundo capítulo.

O clube White's estava abarrotado, mas a verdade é que sempre estava. Colton entregou a capa ao garçom e se dirigiu a sua mesa favorita. Seu irmão caçula, Robert, já estava lá com um conhaque na mão e recostado em uma poltrona. Havia um jornal muito bem dobrado junto à licoreira, e quando Colton se aproximou bateu nele com o dedo.

—Vejo que sua formosa duquesa ganhou um par de parágrafos nas páginas da coluna social — disse Robert com um sorriso.

Colton fez uma careta, afastou uma poltrona e sentou-se, pegou a licoreira e uma taça.

— Eu soube.

—Em um lugar muito destacado — continuou Robert.

Colton odiava as colunas de fofocas, mas sabia que o decote de Brianna não passara despercebido.

—Quase me dá medo perguntar, mas o que diz?

Robert era três anos mais jovem e um amigo, tanto como um irmão. Tinha o cabelo um pouco mais claro, de um loiro escuro, mais que castanho e os mesmos olhos azul céu da família Northfield. Nesse momento estavam muito abertos, vivazes e risonhos.

—Não é para tanto, Colt. Eles se limitam a mencionar... Isto... Que seus atributos femininos apareciam expostos de um modo que atraía os olhares. Isso é tudo. Ah sim, especulam sobre se isso marcará ou não tendência entre as jovens da alta sociedade.

—Brianna não fará nada parecido com isso — resmungou Colton, servindo uma generosa quantidade de conhaque. — A única razão pela qual usou essa roupa em público é porque eu não percebi a tempo. Não vi esse atrevido vestido até que estávamos na ópera e o mal já estava feito.

—Como é possível que não o tenha visto? —Robert fez uma careta e apoiou as costas no respaldo. —Perdoe-me se pergunto, mas para ser franco, vestia um traje que jamais passaria despercebido.

Era uma boa pergunta. Colton a havia formulado anteriormente, quando ainda não havia saído de seu assombro por ter agido de um modo tão imprudente na carruagem, a caminho de casa. Esteve a ponto de que um laçao o pegasse literalmente com a bunda de fora e estava seguro de que toda a criadagem sabia o que havia se passado entre ele e sua preciosa, jovem e desconcertante esposa. Deveria agradecer por esse episódio desastroso não ter se espalhado por toda Londres.

—Brianna se atrasou e quando se reuniu comigo ao pé da escada antes de sair já estava com a capa — contou ao seu irmão. — Se não fosse assim eu teria percebido, acredite.

Em resumo, estava bastante seguro de que ela o fez de propósito, para que não a mandasse se trocar. Esse comportamento era muito estranho, pois havia jurado que ela não era o tipo de mulher que tentaria enganá-lo em nenhum sentido. A evidência, entretanto, era irrefutável.

—Brianna ainda é jovem — comentou Robert, enquanto seus dedos delgados brincavam com o pé da taça. —Estou seguro de que não percebeu...

— Percebeu perfeitamente — interrompeu Colton cortante ao recordar o olhar entusiasmado de sua esposa quando ele viu o vestido pela primeira vez. — Mas fique tranquilo porque não voltará a acontecer. Em última análise, as contas de sua costureira sou eu quem pago.

Seu irmão arqueou uma sobrancelha.

—Não sou perito em matrimônios, pelo contrário, mas conheço as mulheres e adotar o papel de marido despótico não me parece prudente.

A mesa do outro extremo da sala irrompeu em gargalhadas, mas por sorte estava muito longe e Colton ficou convencido de que não era uma reação ao comentário de Robert.

—O que você acha que devo fazer, devo deixar que se vista dessa forma com frequência? —Perguntou em voz baixa na defensiva. — Acho que não. É a duquesa de Rolthven. Em primeiro lugar, não sei o que a levou a agir assim, embora ela insista que colocou essa maldita coisa pensando que eu gostaria.

—E foi assim?

Colton lançou um olhar sardônico do outro lado da mesa.

— Talvez para colocá-lo em particular, só para mim.

— Talvez?

—Bem, sim, pareceu-me lisonjeiro, mas só de um ponto de vista masculino muito primitivo. Como minha esposa, não deveria colocá-lo.

—Ah.

—Que diabo significa isso?

Seu irmão se esforçou para dissimular o sorriso e fracassou.

—Vejo que Brianna conseguiu enervar o duque formal e correto que há em ti. Bom para ela.

Que o chamasse de formal o incomodou de um modo infernal. Fazia-o pensar em anciãos de cabelo branco e ar de censura, ou em severos pastores presbiterianos e ele não era nada

disso. Sim, Colton acreditava em um mínimo grau de decoro, afinal era membro do Pariato e sua posição social assim o exigia.

—Nem todos amam a notoriedade, Robbie — falou, sem se incomodar em esconder seu aborrecimento — e não são todos os que podem saltar do leito de uma dama encantadora para o seguinte, sem olhar para trás. Eu levo a sério as minhas responsabilidades e isso inclui meu casamento.

Robert, que tinha uma reputação de libertino de primeira ordem e era famoso por sua determinante oposição ao compromisso, não pareceu se incomodar e em troca reagiu com uma risada.

—Estou convencido disso. Tudo o que você assume, da administração das propriedades até sua cadeira na Câmara dos Lordes, faz com a mesma eficácia e destreza. Mas aceite, Colt, até agora nunca tratou com um ser humano. Não digo uma pessoa qualquer, mas uma mulher como essa. Ela não age como você deseja, só porque você deseja. Pode ser que nem sequer faça o que você queira embora ordene. Brianna não é somente bela, é inteligente e estou convencido de que se sente capacitada para tomar suas próprias decisões.

—Isso eu já sei — replicou ele ofendido. — Quem melhor que eu? Não tinha o menor interesse em me casar com uma boneca com a cabeça oca. Admiro seu espírito e seu intelecto.

—Então aconselho que trate este assunto de um modo mais sutil do que dizendo à costureira que a partir de agora você gostaria de autorizar seus modelos. Isso seria insultante para Brianna e o mais equivocado, já que você detesta intrigas. Se manifestar que desaprovou seu traje, conseguirá que todo mundo volte a falar disso. Não pode confiar que a costureira siga suas instruções e seja discreta.

Pensar que seu irmão caçula pudesse estar dando a ele conselhos sábios o mortificava. E ainda mais sobre matrimônio, pelo qual não havia mostrado o mínimo interesse. Mas a verdade é que tinha razão. Robert conhecia as mulheres, ou as devia conhecer, pois era certo que tinha desfrutado dos encantos de muitas.

Colton esvaziou a taça e serviu-se mais conhaque, esfregou o queixo e olhou seu irmão com o cenho franzido.

— Digamos que, em princípio, concordo com você. Nem é preciso dizer que prefiro a diplomacia a me mostrar autoritário, mas tampouco eu gostaria que meu nome estivesse sempre na boca dos outros.

O rosto atraente de Robert adotou um ar pensativo.

—Eu diria que persuadi-la para que aceite o seu ponto de vista seja melhor que ditar ordens. Se ela optar por usar outro modelo escandaloso, decida no último minuto que não quer sair. Diga a ela que você adoraria apreciá-lo em particular. Demonstre. E assim, cada vez que seu traje estiver muito ousado para que goste de compartilhá-lo com toda Londres, fiquem em casa. Captará a mensagem rapidamente e se quiser sair, se vestirá com mais recato. Se tiver a sorte de que deseje ficar, suspeito que seja ainda mais prazeroso. Tal como vejo, você só terá a ganhar.

Para surpresa de Colton, o conselho de Robert fazia sentido. Ao menos não se veria preso ao desinibido arrebatamento de fazer amor com sua esposa em uma carruagem em marcha, mas poderia subir a escada com ela com toda correção e fechar a porta de seu quarto. Não que aquele episódio não tivesse sido dos mais prazerosos, mas não gostou nem um pouco que estivessem a ponto de serem pegos em plena ação. Preferia passar o tempo, sobre tudo com alguém tão cativante como Brianna.

Olhou seu irmão por cima da borda da taça e inalou o aroma tentador que emanava daquele excelente conhaque.

—A verdade é que isso me parece uma solução viável.

Robert estendeu as mãos em um gesto de modéstia e um sorriso malicioso.

—Eu prefiro tratar desse assunto muito mais que desses temas áridos aos quais prefere se dedicar, ou coisas piores como sua última reunião com os advogados para fechar um acordo financeiro. O que pode ser mais fascinante que conversar sobre mulheres?

Falava como um autêntico libertino. Colton não podia se dar ao luxo de passar todo o dia sentado, imaginando como agradar sua última paixão como fazia seu irmão caçula, mas já

que Robert tinha exposto um ponto de vista tão civilizado, talvez lhe fizesse alguma consulta futuramente.

— Acredito que nunca parei para pensar desse modo, embora eu não goze de sua liberdade — murmurou e terminou a taça.

— Isso é verdade — reconheceu Robert muito satisfeito, enquanto segurava a licoreira. — Ser duque deve ser um fardo terrível. É muito melhor ser o terceiro na linha de sucessão e quando tiver um herdeiro não serei nem sequer isso.

Claro que de vez em quando o título e a responsabilidade que implicava ser tão influente pesavam, mas assim era tudo na vida. Essa era uma realidade que seu despreocupado irmão ainda não havia descoberto.

—Algum dia — declarou Colton, enquanto curvava os lábios ao imaginá-lo — quando chegar o momento que cair de joelhos diante de uma jovem dama, eu me aproveitarei ao máximo.

—Pode ser — Robert se mostrou imperturbável e presunçoso — mas até que isso aconteça, coisa que duvido, estarei disponível se por acaso quiser falar novamente sobre como tratar sua bela esposa.

Capítulo 2

A intriga é tão essencial nas relações entre homens e mulheres como necessário é o ar que respiramos. Essa dança sutil que dançamos uns com outros é o que faz com que tudo seja tão interessante.

Do capítulo intitulado «Somos todos iguais e mesmo assim diferentes»

A imagem do espelho não a desagradava. Rebecca Marston colocou o último cacho castanho em seu lugar e estudou seu aspecto com olhar crítico. Sim, o vestido rosa pálido era uma boa escolha; combinava bem com sua pele clara e destacava o brilho escuro de seu cabelo. Havia uma vantagem em não ser loira e usar esse tom mais escuro, que se destacava do resto das debutantes e chamava a atenção dos cavalheiros solteiros. Embora preferisse não ser tão alta, não o era tanto para afastar muitos pretendentes.

Não, o verdadeiro problema era sua idade, sua alta linhagem, o fato de ser tão bom partido e de ter um pai temível.

De fato, a lista de problemas era considerável, mas a maioria só dizia respeito a um homem.

Levantou-se da penteadeira, agarrou o leque com um suspiro e saiu do quarto. No andar de baixo se encontrou com seus pais que a esperavam no vestíbulo. Sua mãe estava esplêndida. Ia envolta em seda verde esmeralda, usava uma fortuna em diamantes e uma tiara brilhante que coroava um elaborado coque em sua cabeleira escura. Seu pai, com um elegante traje de noite, uma gravata branca com um alfinete de rubi e o cabelo grisalho penteado para trás, tinha um ar muito distinto. Manuseava as luvas de um modo que indicava impaciência e quando a viu descer a escada ficou olhando com gesto de aprovação.

— Finalmente. Estava a ponto de enviar alguém para buscá-la, querida, mas a espera valeu à pena. Está deslumbrante.

Rebecca sorriu, mas um tanto forçado. Não gostava nada do que a esperava nas próximas horas. Outro baile, outra noite dançando com cavalheiros desejosos de agradá-la, enquanto aquele de quem desejava ver uma faísca de interesse ria, cativava e deslumbrava outras mulheres, sem mesmo olhar para os lados.

Que ideia deprimente...

—Perdoem-me o atraso — murmurou e ficou de costas para que um criado colocasse a capa sobre seus ombros. — Não conseguia decidir qual vestido colocar.

Que frívolo havia soado. Embora ela não se considerasse superficial, de maneira alguma; o fato era justamente o contrário. A autêntica paixão de sua vida era a música e embora seus pais a aconselhassem que não o mencionasse quando estivesse acompanhada, não só era uma grande pianista, mas também tocava harpa, flauta e clarinete muito melhor que a maioria. Embora o que a interessasse de verdade era compor. Tinha vinte anos e já havia escrito duas sinfonias e inumeráveis peças curtas. Era como se tivesse uma melodia soando sem interrupção no cérebro e passá-la para o papel parecia muito natural.

Isso, é obvio, era tão pouco habitual como a cor de seu cabelo.

A carruagem já estava esperando e seu pai deu primeiro a mão para sua mãe, logo depois para ela e as escoltou até a rua. Rebecca se acomodou no assento e se preparou para o sermão habitual.

Sua mãe não perdeu tempo.

—Querida, lorde Watts estará na casa dos Hampton esta noite. Por favor, conceda-lhe uma dança.

O aborrecido lorde Watts, com sua risada afetada e seu bigode fino. Para Rebecca não importava nem a fortuna nem as terras que um dia herdaria; mesmo que fosse o último homem da terra, jamais gostou de sua companhia.

—É um tolo pomposo — disse com franqueza. — Um ignorante que não se interessa pela arte e...

— É bonito, rico e filho do meu amigo — interrompeu seu pai com firmeza e com um brilho severo no olhar. — Dance com ele. Está muito apaixonado por você e pediu sua mão duas vezes.

Era razoável perguntar por que devia dançar com um homem com quem não tinha intenção de se casar nunca, mas decidiu não discutir. Em vez disso murmurou:

— Muito bem. Posso reservar uma dança.

— Talvez pudesse reconsiderar sua proposta. Eu sou a favor do enlace.

Para Rebecca esta possibilidade não existia, não poderia existir, nem existiria jamais. Não disse uma palavra.

Sua mãe a olhou com ar de recriminação enquanto avançavam pela rua pavimentada.

— Em algum momento terá que escolher.

Na sua idade já havia muitas moças prometidas ou casadas, como por exemplo, suas duas melhores amigas, Arabella e Brianna, portanto devia tomar uma decisão. Rebecca compreendia muito bem a postura de seus pais nesse assunto. De fato, já havia escolhido, mas era uma escolha absurda, inviável, impossível e das mais escandalosas.

Ninguém conhecia sua paixão secreta.

A mansão estava esplendidamente iluminada e a longa fileira de carruagens que ocupavam o caminho circular era um sinal da importância do evento. Eles desceram por fim e foram conduzidos imediatamente para dentro, junto com outros convidados que chegavam. Em seguida Rebecca, incapaz de conter-se, examinou a multidão que enchia o salão de baile iluminado. Ele apareceria esta noite? Geralmente costumava estar presente em eventos sociais de prestígio já que seu irmão era um duque e... Ali estava.

Tão alto, tão varonil, com suas feições bem cinzeladas e o cabelo castanho claro que sempre parecia estar muito bem penteado, mas ao mesmo tempo com naturalidade. Saudou um amigo e um sorriso espontâneo iluminou seu rosto. Lorde Robert Northfield era um libertino encantador, ousado, sofisticado e sem o menor interesse pelas damas jovens e casadouras. O que, pensou Rebecca com um suspiro, deixava-a fora do jogo. Uma parte de si mesma desejava não ser amiga de Brianna e assim nunca ter tido a possibilidade de conhecer

o irmão caçula do duque de Rolthven, mas outra parte mais traiçoeira estava encantada em ser.

Rebecca tinha descoberto que alguém podia se apaixonar em um segundo. Um olhar, no momento fascinante em que ele se inclinou para beijar sua mão e a acariciou com um de seus legendários olhares provocantes... E estava perdida.

Seu pai, ao seu lado nesse momento, ficaria horrorizado se pudesse ler seus pensamentos. Robert tinha uma reputação infame. Uma reputação infame de apreciar as cartas e as mulheres, e não nessa ordem. Por mais respeitável que fosse Colton, com toda sua influência política e sua colossal fortuna, seu irmão caçula era justamente o contrário.

O pai da Rebecca tinha péssima opinião dele; mais de uma vez tinha falado com desdém do caçula dos Rolthven e ela nunca se atreveu a perguntar por que. Talvez fosse só por sua má fama, mas tinha a sensação de que havia algo mais.

Assim que olhou para o outro lado da sala lotada, esperando que ninguém notasse a direção de seu olhar, Rebecca viu que a anfitriã se aproximava tranquilamente e tocava a manga de Robert, com um gesto brincalhão e íntimo. Havia rumores que lady Hampton tinha uma clara preferência pelos homens bonitos e selvagens, e sem dúvida o irmão do duque de Rolthven o era. Já tinha participado de dois duelos, o que não contribuía para sua respeitabilidade.

No que se referiam a lorde Robert, os únicos sinais de respeitabilidade eram seu sobrenome e a proeminente posição social de seu irmão.

Entretanto, Rebecca estava completa e desesperadamente fascinada, perdida também, pois sabia que se por algum milagre ele chegasse a olhá-la, superasse sua famosa aversão ao matrimônio e tentasse uma aproximação, seu pai jamais o permitiria.

Pena que não escrevesse novelas românticas em lugar de compor música. Desse modo poderia narrar à triste história de uma jovem heroína desamparada, apaixonada pelo amante bonito e pecaminoso.

—Senhorita Marston, que bom vê-la. Tinha a esperança de que viesse.

A interrupção forçou-a parar de observar Robert Northfield, que estava indo à pista para dançar a valsa com lady Hampton e inclinava a cabeça para escutar o que esta mulher

despudorada estava dizendo com um leve sorriso no rosto, causado certamente por uma piada inteligente e coquete.

Eram amantes? Rebecca desejou não se importar, desejou não especular sobre algo que em essência não era assunto seu. Pois Robert sequer sabia que ela vivia e respirava, e se lady Hampton queria olhá-lo com esse ar particularmente de desejo possessivo, ela não podia fazer absolutamente nada...

—Senhorita Marston?

Rebecca deixou de olhar para o atraente casal que dançava na pista, sentindo-se miserável. Lorde Watts estava diante dela, com seu bigode insignificante e todo o resto, sorrindo radiante.

—Ah, boa noite — murmurou ela sem entusiasmo e ganhou uma careta de desgosto de seu pai.

—Posso me atrever a esperar que me conceda uma dança? — O jovem tinha um irritante ar de ansiedade e em seus olhos azul pálido havia um brilho de súplica.

Se ao menos fossem de uma cor azul profundo, emoldurado por longos cílios e o cabelo não fosse de um tom palha sem graça, mas de um castanho dourado e vibrante. Se em lugar de um queixo bastante débil, tivesse traços masculinos bem definidos e uma boca sedutora, capaz de transformar-se em um sorriso fascinante...

Mesmo assim, ainda que fosse assim, não seria Robert Northfield.

— Claro que sim — disse seu pai complacente. — Ainda há pouco, Rebecca disse que gostaria muito, não é assim, querida?

Ela, que nunca tinha sido dada a mentir, limitou-se a esboçar um sorriso. Ou pelo menos tentou. O que conseguiu foi algo mais parecido com uma careta. A noite seria muito longa e sombria.

—Parece distraído.

A intimidade implícita no comentário de Mary Hampton incomodou um pouco Robert, que centrou novamente a atenção na mulher que tinha em seus braços, enquanto ambos davam voltas pela pista, ao som de uma melodia da moda.

—A verdade é que estou cansado.

—Ah, entendo. —Maria Hampton sorriu com uma faísca de interesse em seus deliciosos olhos verde. —Conheço-a?

—Não é o que pensa. Enfim, suponho que é por uma mulher, mas não como está pensando. —fê-la girar e um sorriso sardônico desenhou-se em seus lábios. —Hoje foi o aniversário de minha avó.

Mary, com sua vibrante cabeleira ruiva e suas curvas deliciosas, parecia desconcertada.

—E?

—E —esclareceu ele em voz baixa — levantei ao amanhecer e cavaleguei muito para chegar a tempo para um almoço em sua homenagem na fazenda da família.

—Você?

— Surpreende-a que tenha feito esse esforço?

Ao menos lady Hampton não respondeu com uma negativa afetada e condescendente.

—Sim, querido, surpreende-me.

Robert reconhecia que não podia culpá-la por vê-lo desse modo. Dada sua reputação, seria uma surpresa para os fofoqueiros de Londres descobrir que adorava sua avó. E apesar dos efeitos colaterais de ter bebido em excesso na noite anterior, fez a viagem feliz. Colton, é obvio, já tinha chegado a Rolthven acompanhado de sua encantadora esposa Brianna, que estava especialmente maravilhosa com um modelo de vestido matutino de musseline, enfeitado com pequenas rosas e os cabelos loiros preso com um singelo laço da cor do vestido. O vestido lhe dava um ar de colegial pura e inocente, o qual contrastava abertamente com as insinuações da imprensa e os rumores sobre o escandaloso traje da outra noite. Mas Robert captou duas coisas interessantes.

A primeira era que Colton parecia tratá-la de um modo diferente. Robert não se atreveria a dizer que seu irmão estava mais cuidadoso, mas estava mais atento a sua esposa.

Segundo, ela não se mostrou tão tímida, como se estivesse adquirindo uma sensação de poder não só por causa de sua beleza, mas por seu intelecto. Tal como Colton dissera, ele não tinha escolhido uma menina maçante para que apenas lhe desse um herdeiro.

Embora fosse difícil identificar a razão, essa aura de maior confiança e desenvoltura de Brianna era muito interessante.

Robert despertou de seus pensamentos ao se chocar com um casal de bailarinos que evidentemente tinham consumido mais vinho que o devido. Naquele momento sua principal preocupação não era o matrimônio de seu irmão. O que desejava de verdade era fugir das afiadas garras de Maria Hampton. Precisava mudar de tática, visto que com a mera cortesia não conseguiria nada. Não que a dama não fosse atraente. Tinha uma cabeleira de fogo, uma pele perfeita e um corpo de curvas opulentas, era deslumbrante em um sentido exagerado e voluptuoso, mas por desgraça estava casada com um bom amigo dele.

Robert era bem consciente de sua reputação, mas algo que não fazia era deitar-se com as esposas de seus amigos. Embora o casal em questão tivesse um acordo mútuo em questões de infidelidade, ele achava desconfortável. As relações esporádicas eram muito boas e suas preferidas, mas não quando podiam acabar prejudicando uma amizade que apreciava.

E já que não pensava em ceder por mais que Maria Hampton fizesse, necessitava de uma via de escape diplomática.

Durante a noite já havia dançado duas valsas com a anfitriã e não tinha intenção de chegar à terceira. Por sorte, quando a música cessou, estavam perto das portas de vidro abertas para o terraço. Robert se inclinou e murmurou:

—Desculpe-me, acho que preciso de um pouco de ar fresco. Certamente voltaremos a nos ver mais tarde.

Maria o segurou pela manga.

—Irei contigo, aqui faz calor.

—Tem convidados — ele a lembrou, afastando seus dedos com delicadeza. Já havia ouvido antes esse tom rouco na voz de uma mulher. — E pelo que entendi, Edmond te permite muita liberdade, não o envergonhemos.

Antes que ela pudesse protestar, deu a volta e se afastou, na esperança de manter uma expressão calma e que ninguém tivesse notado a discordância momentânea entre ambos. Em seu afã por fugir e chegar até as portas abertas tropeçou em alguém. Era uma jovem que pelo visto tentava abandonar o salão de baile com a mesma pressa.

Bem, se tivesse que tropeçar em alguém, em sua opinião seria sempre melhor que fosse do sexo feminino e com curvas suaves e estrategicamente nos lugares certos. Uma explosão leve e brilhante de perfume floral, tampouco fazia mal, pensou enquanto segurava os braços da jovem para que ambos mantivessem o equilíbrio.

—Peço que me perdoe — murmurou, olhando para um par de imensos olhos de um azul esverdeado que o olhavam alarmados. — Foi minha culpa, asseguro.

—N... Não — ela gaguejou. —Acredito que é minha. Estava correndo e sem olhar.

Do lado de fora o ar cheirava a limpo, nuvens passavam leves e etéreas e uma lua quase cheia vertia raios de luz sobre o chão. Em comparação com o ambiente sufocante do salão de baile, era tão acolhedor como o paraíso.

—Acredito que ambos estávamos com pressa. Você primeiro — indicou com um gesto.

—Obrigado. —Ela passou com as costas muito retas.

Ele a seguiu, admirando o gracioso balanço de seus quadris e o brilho escuro de seu cabelo resplandecente e percebeu que a conhecia. Era parente de sua cunhada. Não, era... Uma prima longínqua, não, uma amiga. Como se chamava?

Como seria uma grosseria afastar-se dela sem mais nem menos, Robert se dispôs a caminhar ao seu lado quando ela se dirigiu para um atalho que conduzia a vastos jardins ornamentais. Ao longe uma fonte jorrava e a água, ao respingar, produzia um som musical e relaxante.

Sobre os muros as roseiras de seda produziam um som suave no ar e a luz peneirada que chegava do alto desenhava o perfil da jovem. Um perfil muito bonito, Robert constatou absorto, e continuou se perguntando sem êxito qual era o seu nome. Um nariz arrebitado, pestanas como lânguidos leques, um rosto suave e um pescoço esbelto sobre ombros torneados. E um belo busto. Um busto opulento, de fato. Ele que apreciava bastante essa

forma feminina, não pôde deixar de notar os seios redondos sob o sutiã do vestido. Pigarreou:

—Aqui está mais fresco, não acha?

—Sim — concordou ela de forma quase inaudível e sem deixar de desviar o olhar.

—A proximidade física deste tipo de evento sempre me produz certo esgotamento — ele comentou com educação.

Já que no ano anterior Brianna tomara parte do grupo de debutantes e esta jovem dama era uma de suas amigas, não era nada estranho que apenas a conhecesse, mas Robert estava acostumado a lembrar-se dos rostos e dos nomes.

A mulher continuava afastando o rosto, por isso não podia ver suas feições com clareza. Comportava-se de um modo um tanto estranho. Caminhava depressa e agarrava a saia com delicadeza para não tropeçar no tecido, enquanto se aproximavam do caminho que descia para os jardins.

— Opressão é a palavra exata — afirmou ela.

Não se referia à temperatura. O tom de desagrado que havia em sua voz permitiu que ele captasse a implicação imediatamente. Por isso a pressa, daí a intenção mútua de escapar dos festejos do salão. Robert não pôde evitar e começou a rir.

—Há diferentes tipos de opressão, não concorda?

—Sim, há.

—Eu me atreveria a supor que no seu caso, essa sensação opressora se deve à insistência de um homem.

Ela assentiu e pela primeira vez o olhou rapidamente. Esse gesto revelador permitiu a Robert perceber que deixava a jovem nervosa. No diálogo que mantinham não havia o menor rastro de flerte, pelo contrário, e não havia dúvida de que ela o conhecia, embora ele continuasse sem se lembrar do seu nome.

Tinha uma imagem tão ruim? Que uma dama não pudesse nem dar dez passos em sua companhia sem se preocupar que isso pudesse prejudicar sua reputação? Essa ideia lhe deu o que pensar, sobre tudo porque estava convencido de que se tratava de uma amiga de sua

cunhada. O que Brianna devia pensar dele? Assim que chegaram ao topo dos pequenos degraus, ofereceu-lhe o braço de forma automática, pois pareceu que tinha intenção de dirigir-se ao jardim. Ela vacilou um momento e apenas apoiou os dedos na sua manga.

Os dedos graciosos tremiam e assim que eles chegaram ao pé da escada, ela deixou cair à mão com uma brutalidade pouco lisonjeira.

Bom, ele não era um santo, mas nunca abusava de jovens inocentes, assim ela estava perfeitamente a salvo em sua companhia. Reprimiu o impulso de manifestá-lo, com uma irritação inexplicável. Aquilo era ir de um extremo ao outro, pensou com ironia: primeiro a descarada perseguição de Maria e agora aquela mocinha temerosa e ingênua que se esquivava de um pretendente ardente e topava com ele em seu lugar.

Os caminhos na penumbra serpenteavam em varias direções, contornados por muros de sebes e de rododendros altíssimos. A noite de princípio de outono insinuava apenas o frio. Tendo em conta os sentimentos que parecia provocar sua presença em sua acompanhante, Robert disse com segura:

—Talvez prefira passear sozinha.

Isso fez que com que ela levantasse por fim a cabeça e o olhasse de frente, com os olhos muito abertos.

—N... Não — gaguejou. —Nem um pouco.

Ele relaxou e sufocou o riso provocado por aquela reação, enquanto ambos entravam em um caminho que havia à direita. Não conseguia entender de maneira alguma por que demônio se preocupava com o que uma mocinha, por mais bela que fosse, pensasse sobre sua moral ou a carência da mesma. Nunca o preocupavam os falatórios. Só se importava com a opinião de sua família e de uns poucos amigos íntimos. Não porque se considerava abaixo ou acima do escândalo, é que não o considerava absolutamente. A metade do que falavam dele não era verdade, e a parte que era não interessava a ninguém. Mas pouco podia fazer se a elite londrina se entretinha com isso. Robert parecia destinado à notoriedade desde que, à tenra idade de dezessete anos, tinha chamado à atenção de uma das atrizes mais famosas do teatro e ela tinha feito em público, um comentário sobre suas proezas sexuais. Naquele

tempo ele ainda era muito jovem para que se incomodasse que sua vida privada avivasse o fogo dos falatórios, por não mencionar o desgosto de sua mãe quando se inteirou de sua tórrida aventura, mas tudo aquilo se acalmou com o tempo. Ao menos Elise fizera um comentário lisonjeiro, e desde então não houve reclamações. Com efeito, sua popularidade entre as belezas reinantes da alta sociedade era conveniente para um homem que se divertia muito com as mulheres.

Conveniente, exceto por pequenos incidentes como o desta noite. Incomodava-o que Maria Hampton desse por certo que trairia um amigo em troca de uma aventura qualquer.

—É que me pareceu que talvez não goste de minha companhia — disse com discrição.

—Sinto muito.

Robert percebeu que franzia o cenho ante a tímida desculpa. Observou o rosto da dama que olhava para o alto e percebeu que havia manchas de cor clara em ambas as bochechas, visíveis sob o luar. Robert se livrou da persistente imagem de lady Hampton e sorriu.

—O que sente?

— Na verdade, eu não sei — respondeu ela, ruborizando-se ainda mais.

Quem quer que ela fosse, era muito atraente, decidiu. Não tão bela como Brianna, com seu cintilante cabelo dourado e seu rosto de traços perfeitos, porém impressionante.

Rebecca Marston. De repente lembrou o nome com clareza. Era uma das belezas que havia declinado casar-se no ano anterior, e o desafio da presente temporada para aqueles dispostos a cortejá-la com a intenção de casar-se, o que não era seu caso. Seu rico pai era um dos homens mais influentes da política britânica, e havia rumores da possibilidade de que o nomeasse primeiro-ministro no futuro.

Robert sabia muito bem que esse homem o desprezava. Na verdade não tinha a menor importância que ele fosse inocente do delito em questão, já que sir Benedict tinha deixado claro que imaginava o pior.

Talvez a senhorita Marston e ele não devessem passar algum tempo sozinhos nos jardins e na escuridão. Robert abriu a boca para pedir desculpas, quando ele ouviu uma voz que vinha do terraço que confirmou sua dedução.

—Senhorita Marston?

Rebecca agarrou seu braço com bastante urgência.

— Me ajude a me esconder.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—A esconder-se?

—Por favor. — Ela olhou ao redor com uma clara expressão de pânico em seu rosto encantador. — Se passar mais um só minuto com lorde Watts esta noite, eu tenho medo de me desfazer em pedacinhos.

Robert, que conhecia o homem, recordou sua pressa em abandonar o salão de baile e a entendeu. Ele nunca se negaria a resgatar uma dama no momento oportuno; deu uma olhada e avistou um caminho que havia entre as sebes.

— Por ali — ele disse.

Ela reagiu rapidamente. Saiu em disparada na frente de Robert, e embora tivesse sido mais prudente deixar que evitasse sozinha ao terrivelmente aborrecido visconde, ele a seguiu divertido. O atalho, que chegava até um pequeno lago cheio de peixes e plantas, não tinha saída e terminava em um pequeno nicho de vegetação. Ali havia uma estátua de bronze de Pan, com flauta e tudo, flanqueada por dois banquinhos. Devia ser agradável sentar-se ali em um dia quente de verão.

Nesse momento, era escuro e íntimo.

A senhorita Marston parou, deu a volta e olhou atrás de Robert.

— Você acha que ele me viu? —perguntou em um sussurro.

Viu-nos, corrigiu uma voz objetiva na mente de Robert. Juntos, em um lugar escuro e solitário.

Mas que demônio estava fazendo?

—Senhorita Marston? —A voz soava cada vez mais decidida e próxima, por desgraça. — Rebecca?

Maldição, na verdade estava muito escuro para que Watts a tivesse identificado claramente, mas devia ter percebido o movimento e devia saber qual o caminho haviam tomado.

Robert colocou um dedo nos lábios, agarrou-a pelo braço e a levou novamente para trás das sombras. Soltou-a de modo que ela ficou de costas para a sebe, apoiou uma mão nos firmes arbustos que havia em ambos os lados dos graciosos ombros de Rebecca, e se inclinou para sussurrar-lhe ao ouvido:

— Siga-me e eu a livrarei dele. Haja o que houver, não fale e mantenha o rosto escondido. Ela assentiu, com os olhos arregalados e brilhantes.

Robert era mais alto e mais corpulento, e tinha certeza de que com aquela luz escassa ninguém seria capaz de distinguir as feições de Rebecca. Ouviu com clareza os passos que se aproximavam e soube que era importante para ele se desfazer do inoportuno pretendente, como para ele era se esquivar de sua senhoria. Por que demônios a seguira? Se os pegassem juntos nesse nicho escondido, esse inqualificável impulso teria consequências alarmantes.

Abaixou a cabeça e apenas acariciou seu rosto com os lábios. A boca não, embora roçasse o suave e tentador canto da boca e sentisse a doçura que emanava de seu fôlego. O beijo era falso, não era real.

Será que ela já havia experimentado um real?

Não, aquele não era o momento apropriado para pensar nisso.

— Coloque a mão em meu ombro — disse apressadamente. Ela o fez; apoiou o peso leve de seus dedos sobre sua jaqueta.

Como era de se supor, o desventurado pretendente de Rebecca irrompeu na cena do jardim, e Robert notou que Watts demorava um momento em localizar os «amantes» imersos em seu falso abraço.

Bem, pensou, aqui era onde sua reputação podia favorecê-lo em algo. Ninguém pensaria que tinha uma jovem inocente apoiada contra os arbustos para um flerte casual. Suas amantes eram sempre experientes damas do mundo, sem nenhum interesse em compromisso.

Rebecca Marston não correspondia absolutamente a essa descrição, assim era improvável que Watts deduzisse que era ela a mulher que estava em seus braços.

Levantou a cabeça, e virou-se o suficiente para que Watts o reconhecesse.

—Ficaria muito agradecido se desaparecesse milorde — disse em tom claro e direto.

—Oh... Claro. Desculpe Northfield. Procuro uma pessoa... Sabe? Eu... Isto, eu vou. — O homem parecia contrito e envergonhado. — Perdoe-me. Não esperava encontrá-lo aqui. Procurava outra pessoa.

Robert se virou sem responder, e se dedicou novamente e de maneira visível a beijar a jovem, cujo corpo quente ficou preso e tão perto de seu peito que pode sentir a confortável elasticidade de seus seios através do vestido. Cheirava a uma sedutora fragrância de algo que, com destreza e uma grande experiência, identificou como jasmim.

Seu preferido.

Ela tinha a pele macia e deliciosa, pensou enquanto passava os lábios sobre o queixo e ouvia como aquele palhaço do Watts voltava por onde tinha vindo.

Para seu desgosto, seu corpo reagiu à proximidade do aroma cativante de Rebecca com uma iminente ereção.

A voz da razão reapareceu, graças a Deus: “Claro que ela tem uma pele encantadora, um corpo fino e flexível, um cabelo brilhante que cintila sob a luz da lua. Afinal de contas, tem o que... dezenove anos? Vinte no máximo? Solteira? Ah, sim. E se o seu pai a viu sair do salão de baile e decidiu segui-la...”.

Considerando o que sir Benedict pensava dele, era bem possível que se enfrentassem em um duelo com pistolas ao amanhecer.

De repente Robert levantou a cabeça e deu um passo atrás.

—Melhor que espere aqui alguns minutos. Eu pensava em abandonar a festa de qualquer maneira, o que certamente será pela porta dos fundos.

Rebecca Marston assentiu e levantou os olhos para ele, com os lábios entreabertos.

—Obrigado... Foi habilidoso.

Sua boca brilhava convidativa. E embora usasse um traje recatado, isso não impedia que realçasse a figura criada pela natureza para chamar a atenção dos homens. Ao contrário de alguns de seus conhecidos, Robert não preferia as mulheres miúdas. Embora ela fosse mais alta que a maioria, não o suficiente para olhá-la nos olhos, e seus seios... Enfim, ele tinha olho de perito e supunha que nus, eles seriam espetaculares. Não era de se admirar que Watts perambulasse pelos jardins procurando-a. Rebecca era uma moça encantadora.

E talvez ele fosse tão insensato como Watts, ficando ali com ela, na escuridão. Os dois sozinhos e fantasiando que acariciava sua tentadora pessoa com uma ereção crescente, prova da lascívia a deriva de seus pensamentos.

Ela era inocente e sem dúvida inexperiente.

Era o momento de empreender uma fuga rápida.

Robert tentou um sorriso radiante e despreocupado.

— Foi um grande prazer. —E apesar do estrondo dos sinos de alarme que soavam em sua mente, não pôde evitar dizer: — Se alguma vez necessitar que a ajude a escapar de outros pretendentes indesejados, não hesite em me avisar.

Então ele girou nos calcanhares e com grande sabedoria, retirou-se.

Capítulo 3

O elemento surpresa sempre é útil. Tenham em mente que os homens gostam de variedade. Se puderem oferecê-la, não precisarão procurar distrações em outra parte.

Do capítulo intitulado «Entender a sua presa»

— Importa-se —perguntou Lea, arqueando uma sobrancelha com receio —de me dizer no que estava pensando?

Era um delicioso dia de outono. O céu claro soprava uma brisa cálida, e elas estavam sentadas no jardim de sua irmã. Uma das meninas que corria em círculos sobre a grama caiu com um estridente grito de alegria, e começou a rodar sem se preocupar com a possibilidade de manchar o vestido. Brianna contemplou as travessuras de sua sobrinha e tentou dissimular um sorriso.

—Poderia ser mais específica?

Sua irmã lançou-lhe um olhar gelado. Era cinco anos mais velha, e também loira e esbelta. Se pareciam, mas Lea sempre foi puritana.

—Sabe muito bem do que estou falando. Todas as colunas de fofocas da sociedade mencionam o vestido dessa costureira francesa que usou na ópera e que gerou comentários de todo o mundo. Conforme dizem, ou era a última moda, ou o modelo mais provocante visto em público nos últimos tempos.

Por mais que fosse uma duquesa, Brianna se sentiu imediatamente como a menina que havia sido repreendida por sua irmã mais velha.

—Era atrevido —admitiu —mas decidi usá-lo por uma boa razão. E entre as convidadas havia outras mulheres com decotes parecidos.

—Espero que perceba que é uma das jovens mais invejadas da sociedade. —Lea se levantou, aproximou-se para levantar sua filha com delicadeza, sacudiu-lhe as folhas da grama da barra do vestido e a empurrou para voltar a brincar com os outros dois meninos. Voltou para o banco banhado pelos quentes raios do sol e se sentou, recolhendo com superioridade a barra da saia. —Não pode fazer algo escandaloso e acreditar que não gerará comentários. É a duquesa de Rolthven.

—Só queria que Colton prestasse atenção em mim, em ninguém mais.

—Do que está falando, posso saber? Parece que ele já presta atenção em você. É seu marido.

— Certamente o fez naquela noite. — Ao recordar o trajeto da carruagem, Brianna sorriu para si mesma.

—O que quer dizer?

Brianna encolheu os ombros para aparentar um descaso superficial quando na verdade seus sentimentos sobre o assunto eram tudo, menos superficiais.

—É errado querer mais do meu casamento?

—Eu acreditava que se sentia no sétimo céu quando se casou com Colton e que, ao contrário da maioria, estava apaixonada por seu marido.

Lea franziu o cenho de forma quase imperceptível.

Tudo isso era verdade.

Na verdade, esse era o problema. Se seu único desejo fosse casar-se com um duque poderoso, talvez ela ficasse satisfeita com a posição social, o dinheiro e a influência que isso lhe cabia. Mas tal como Lea com seu Henry, Brianna teria casado com Colton ainda que fosse comum em todos os sentidos.

—Amo Colton, esse não é o problema. Bem, talvez seja. —Brianna ajustou as saias de seda com a mão indolente, e concentrou o olhar nas crianças que brincavam. —Acredito que ele está satisfeito por ter se casado comigo. Sei que o atraio e que inclusive desfruta de minha companhia, embora em minha opinião não nos vejamos o bastante. Mas me ama? Disso não estou segura. Para nossa sociedade seria perfeitamente aceitável que não me

amasse, e estou certa de que eu me daria por satisfeita se meus próprios sentimentos não estivessem em jogo. Mas anseio por algo mais do que estar satisfeita. Desejo ser feliz e desejo que ele seja mais ainda.

—Duvido que o faça feliz vê-la aparecer em público com meio vestido — disse Lea, em seu eterno papel de irmã mais velha.

— Incomodou-se muito — reconheceu Brianna. —Mas também... Talvez pela primeira vez desde que nos conhecemos... Tive a sensação de ser eu mesma e de que, ele goste ou não, talvez minha forma de agir não seja sempre a prevista. —Não pôde evitar um sorriso malicioso. —Por outro lado, assim que ficamos sozinhos, tive a clara impressão que apesar de tudo ele admirava bastante o vestido. O qual, tal como falei, foi minha única razão para usá-lo. Até agora nosso casamento transcorreu somente de acordo com seus termos. Isso vai mudar. Eu quero que compartilhemos nossas vidas, não só a mesma direção.

Sua irmã ficou calada um momento, logo fez uma careta e começou a rir.

— Percebo. Parece muito decidida. Desde menina era muito teimosa quando colocava uma ideia na cabeça. Colton não tem a menor chance. Esse pobre homem sabe o que vai enfrentar?

Brianna pensou no livro.

—Não tem a menor ideia — disse com serenidade.

Algo estranho estava acontecendo, disso não havia dúvida.

Quando abriu a porta que comunicava seu dormitório com a suíte contigua, Colton sentiu certa cautela. Durante o jantar, Brianna se mostrou mais do que animada, e se não tivessem convidados, talvez houvesse perguntado de forma direta e concreta por que agia de um modo tão diferente. Teria jurado que parecia nervosa, mas nem morto conseguia imaginar a razão. Lorde e lady Black eram bastante insípidos e estavam mais conscientes da comida do que da conversa, dessa forma não acreditava que fosse a companhia deles que havia suscitado tal reação.

—É tarde e dei permissão à empregada para que se retirasse. Ajuda-me a tirar o vestido?

Ela soltou os grampos dos cabelos, que lhe caíam soltos até a cintura, os cachos loiros cintilando sob a escassa luz. Avançou devagar para ele, descalça e com as sobrancelhas arqueadas em uma expressão zombeteira.

«Ajuda-me a tirar o vestido?»

Colton não se lembrava de nada que gostaria mais.

Ele concordou e com os dedos um pouco desajeitados desabotoou o vestido que deslizou sobre seus ombros delicados e caiu no chão.

A camisa não era recatada como as que costumava usar, mas sim uma moldada e tão transparente que parecia que não usava nada. Não pôde evitar; sobressaltou-se e disse com a voz um tanto rouca:

—Vejo que madame Ellen voltou a suas escandalosas criações.

Brianna se virou e sorriu com malícia.

— Foi um verão muito quente, e eu queria algo fresco para usar sob os vestidos.

—Faz calor, isso é verdade — murmurou Colton fascinado, enquanto afrouxava a gravata. Desatou-a e a deixou cair.

—Devo voltar para o meu quarto?

Quase não captou a pergunta que ela fez com tanta delicadeza. Os mamilos rosados e perfeitos empurravam a parte superior do tecido leve da camisa, e o frágil material moldava o peso sutil de seus seios redondos. Cobria-lhe até a metade da coxa, e Colton distinguiu claramente a escuridão intrigante no meio de suas pernas.

— Disse alguma coisa?

Em sua boca sensual se desenhou o prelúdio de um riso ténue e provocante.

—Perguntei se devia voltar para o meu quarto, mas vou entender que esta —apontou o volume repentino nas calças justas — é minha resposta. Venha, você me ajudou e agora é minha vez.

Ante sua total estupefação, sua jovem, bela e refinada esposa ficou de joelhos na frente dele e começou a desabotoar-lhe as calças. Enquanto Brianna agia, o toque de seus dedos graciosos através do tecido o excitou de um modo espantoso. Seu membro inchou ainda mais

e quase conteve a respiração quando finalmente ela conseguiu desabotoar o último botão e liberou sua ereção.

—Brianna — disse com voz presa quando ela começou a acariciar o membro com mãos delicadas que lhe estremeceram todo o corpo — o que está fazendo?

Ela limpou uma gota da ponta inchada e observou a substância que havia no dedo com evidente curiosidade, ele ficou atônito quando viu que ela lambia.

—É salgada — disse com naturalidade, levantando os olhos para ele. Com as curvas dissimuladas e exuberantes, e o cabelo solto, parecia uma jovem ninfa. Baixou um milímetro as pestanas e quando se inclinou para diante com intenção inequívoca, Colton sentiu uma corrente de calor líquido através das veias. Seus macios lábios deslizaram sobre a ponta de sua ereção e a sensação foi deliciosa.

Nunca em sua vida se sentiu tão indignado.

Nunca em sua vida tinha apreciado tanto.

Ah, sim, antes de se casar teve amantes que o agradaram oralmente, mas eram mulheres experientes, não jovens damas inocentes e distintas, que não deveriam ter nem a menor noção de como fazer algo assim. Colocou as mãos sobre seus cabelos com a firme intenção de obter uma explicação de como lhe ocorreu esta ideia de fazer algo tão depravado. Mas assim que afundou os dedos na massa sedosa para levantar sua cabeça, ela começou a chupar com cuidado.

Um som surdo surgiu de seu peito e seu corpo estremeceu. Sem pensar, penetrou mais fundo naquela boca quente. Foi um movimento reflexo e inconsciente, e quase imediatamente tentou retirar-se, mas ela rodeou seus testículos com as mãos e, em lugar de se afastar, ele gemeu. Brianna deslizou a língua para cima, lambeu a ponta e logo repetiu o movimento com cativante lentidão, uma e outra vez. Colton tremeu incapaz de obrigá-la a parar, até que sentiu a tensão nos testículo antes da ejaculação. Negava-se totalmente a se derramar em sua boca. Não era um ato próprio de um cavalheiro, mas tinha uma necessidade selvagem de se deixar levar.

—Basta — ofegou, e conseguiu de algum modo afastar-se antes de levantá-la do chão. Cruzou o quarto e quase a jogou sobre a cama, em meio a um frenesi de cachos dourados e longas pontas e sedosas. Começou a levantar a camisa, ouviu como o tecido se rasgava, e uma parte impulsiva de si mesmo que ignorava que existisse, decidiu que como já estava rasgada, arrancaria de uma vez. Ao ver que destruía o sutiã, Brianna deixou escapar um gemido.

Levantou os olhos para ele, com o corpo exuberante e tentador exposto em todo seu esplendor. Colton sabia que se a penetrasse agora, explodiria imediatamente e negaria a ela qualquer tipo de prazer físico. Desabotoou dois botões de sua camisa de linho, decidiu que demoraria muito para completar a tarefa, tirou-a pela cabeça e se livrou das calças desabotoadas.

—Já que deseja fazer travessuras, senhora — disse, admirando com olhos brilhantes cada milímetro de sua silhueta nua — minha vez agora.

Ela lambeu os lábios.

—Estou disposta a brincar com o que você quiser.

— Disso você vai gostar. — juntou-se a ela na cama, acariciou seus seios com a boca alguns segundos, beijou-lhe o estômago e logo enterrou o rosto na doçura que ela guardava entre as pernas.

Brianna ofegou como ele esperava, e por um momento juntou as coxas em protesto ante um beijo tão pecaminoso, mas Colton não permitiu. Separou suas pernas com a mão insistente, e apertou a boca contra as dobras úmidas e sensíveis de seu sexo. Lambendo e acariciando-a com a língua, provocou-a como o havia provocado antes, e sentiu que se excitava quando a pequena gema entre as dobras começou a inchar sob a pressão de seus lábios. Tinha um sabor doce e feminino e enquanto a conduzia ao clímax, seus gemidos de prazer o inflamavam ainda mais. Momentos depois Brianna convulsionou e agarrou seus braços, enquanto estremecia e ofegava. Sem dar tempo para que ela se recuperasse, Colton levantou-se entre suas pernas abertas e penetrou a passagem ainda contraída.

Tal como tinha suposto, aquilo terminou logo. O calor úmido que emanava dela o fez suar e se deixou ir após as três primeiras investidas, com uma sensação de prazer carnal tão intenso e prazeroso que fechou os olhos e ficou rígido. Brianna passou as mãos sobre seu corpo, sobre a pele suada das costas e agarrou suas nádegas quando ele a inundou de esperma quente. Todos os músculos de Colton tremeram ante a força de sua ejaculação.

Quando finalmente recuperou a fala, baixou o olhar para a mulher rodeada por rendas em farrapos tão sedutora que tinha nos braços.

—Importaria-se de me dizer, querida — perguntou com a voz entrecortada e o peito preso ainda a um ritmo agitado que dificultava a respiração — o que tem na cabeça?

Acariciou-lhe a parte inferior das costas.

— Parece que o que tenho é você, Colton.

Ele reagiu a aquela brincadeira erótica com um riso surdo.

—E é delicioso estar aí, mas não me refiro a isso, e me parece que sabe muito bem. —O cabelo de Brianna emanava uma fragrância floral e ele não pôde evitar beijar-lhe o lado do pescoço esbelto e inalar essa doce essência. —De onde tirou a ideia de... Enfim...

Como diabos um homem perguntava a uma mulher com educação por que o desejo de lambar o seu membro pensou Colton atordoado e desconfortável, ao notar que Brianna se divertia vendo-o buscar as palavras apropriadas. Ele não estava acostumado a essa aparente mudança de poder em sua relação. O experiente era ele. Ela tinha chegado virgem ao matrimônio e só sabia o que ele ensinou. Era obvio que jamais lhe pediria isso por que estava convencido de que ela ficaria profundamente escandalizada. Que uma profissional do amor usasse a boca para dar prazer a um homem era razoável, mas isso não era algo que se sugeria a uma jovem recatada, com quem estava casado há três meses.

—Pensei que você gostaria — disse ela com um tom rouco, muito consciente da leveza dos dedos que acariciavam suas costas.

«Que eu gostaria?» Isso era dizer pouco.

Colton estava com o coração acelerado, mas tentou aparentar racionalidade e calma.

—Senhora, sabe muito bem que gostei, mas isso é uma evasiva.

—É necessário que seja tão analítico neste momento em particular? —Brianna, que continuava embaixo dele, arqueou-se um pouco e acrescentou ofegante: — Eu ainda o sinto enorme.

Essas palavras provocaram nele uma agitação de excitação renovada, direto em suas virilhas. Era verdade, sua ereção não tinha diminuído, nem sequer depois da intensidade do recente clímax. Colton decidiu que ela tinha razão, ao menos por enquanto, o motivo que a transformou de repente em uma aventureira sexual não era importante. Não nesse momento, quando podiam voltar a fazer amor. Beijou-a e sussurrou junto aos seus acolhedores lábios:

—Esta conversa não terminou, continuaremos em algum outro momento.

O livro tinha sido uma autêntica inspiração.

Saciada e meio adormecida, Brianna se aconchegou nos braços de seu marido, no mesmo quarto que havia entrado horas antes sem prévio convite. Depois daquele início tórrido e imediata comunhão, Colton havia feito amor com comedida ternura. Moveu-se lentamente para que ela saboreasse a união de seus corpos deslizantes e escorregadios, estimulou seus seios e se entreteve na cavidade sob a orelha, antes de possuir sua boca com beijos profundos e quentes.

Agora estava tão silencioso que ela se perguntou se estaria dormindo, até que o ouviu murmurar:

—Sinto muito por estragar sua camisa.

Brianna levantou um pouco a cabeça para poder olhar em seu rosto, e tentou decifrar sua expressão. Sem toda aquela roupa formal e com o cabelo castanho alvoroçado e esparramado sobre a capa do travesseiro, parecia muito diferente do duque refinado com quem se casou. Não somente era bonito, mas irresistível com o corpo magro, firme e varonil, e a parte que a tinha satisfeito tanto, relaxada agora entre suas coxas musculosas. Embora tivessem mais de três meses de matrimônio se assombrou ao perceber que nunca o vira totalmente nu. Quando Colton ia ao seu quarto, sempre usava o robe e ia a sua cama às escuras.

Isto era melhor, muito melhor.

— Sente de verdade? —perguntou brincalhona. —Eu não.

Ele baixou as pestanas apenas um milímetro.

—Rasgar a roupa de sua esposa me parece uma descortesia própria dos bárbaros.

—Está perdoado, Colton, acredite. — Não podia ser mais sincera.

— Pegou-me de surpresa, querida.

E ele também, com o beijo íntimo e travesso entre suas pernas. O certo era que quando Brianna leu a sugestão de cobrir o membro com a boca se scandalizou, mas era óbvio que ele gostara muitíssimo, tal como lady Rothburg afirmava. Tanto que havia rasgado sua camisa com uma ansiedade febril.

Um verdadeiro progresso.

Havia um equilíbrio agradável, pensou com satisfação, entre essa necessidade impetuosa e selvagem, e a delicada ternura com a qual haviam feito amor depois. Antes daquela noite na ópera, ela só havia experimentado o último, mas ambas as coisas tinham suas vantagens. Foi um pouco chocante descobrir que gostava do ato sexual rude e rápido, e que a perda de controle de seu marido aumentava seu nível de desejo.

Era estimulante. A partir de agora, madame Ellen confeccionaria toda a sua roupa íntima com renda transparente.

—Espero não ter sido muito impetuoso — ele disse acariciando-lhe o braço com um leve roçar.

—Notou alguma objeção de minha parte?

—Não. — Um de seus raros sorrisos iluminou suas faces elegantes, e desapareceu tão rápido como tinha aparecido. —Mas mesmo assim, fui muito insistente.

Brianna já sabia que ele ficaria incomodado por não ter controlado a situação em todos os momentos. Estava habituado a tomar decisões que não só afetavam a ele, mas também aos outros. Mas agora sua vida pessoal dizia respeito aos dois e não era o seu ponto de vista o único que contava. Com um pouco de sorte, não demoraria a enxergar dessa maneira.

—Estou muito bem, Colton. —Brianna bocejou. —Sinto um cansaço delicioso, admito-o, mas não é desagradável.

—Não, querida, suponho que não.

Ela esfregou a face contra o peito firme e suado de seu marido, acreditando que ele não a mandaria de volta ao seu quarto. Segundo um padrão estabelecido em sua noite de bodas, ele estava acostumado a ir ao seu quarto. Esta rotina raramente variava, coisa que não a surpreendeu porque seu marido era partidário de uma vida ordenada. Ele esperava que ela estivesse na cama e que a empregada se retirasse. Perguntava-lhe com educação se estava muito cansada para aceitar sua companhia e depois começava a apagar as luzes. Até esta noite nunca a havia despido totalmente, mas optava por acariciá-la através da camisola, levantava-lhe a barra quando se dispunha a tomá-la, e sempre entrava em seu corpo com cuidado e moderação. Quando terminava retornava para a sua cama, embora às vezes esperasse que ela adormecesse, mas o normal era que se desculpasse com a mesma educação de quando entrava em seu quarto e assim fazia ao sair.

Quando Brianna pensava nisso, acreditava ser lógico, já que toda a alta sociedade considerava que o apropriado era que os casais tivessem quartos separados, e Colton era prático ao extremo. Tinha seu próprio quarto, por que não dormir lá?

Podia ser o certo, mas era muito irritante.

Não que ela não tivesse gostado desses interlúdios sexuais no primeiro momento, inclusive durante a primeira noite de ansiedade, excitou-se com seu marido. Mas o que havia sentido era que dava algo que ele tomava. Parecia-lhe que a expressão «direitos conjugais» descrevia muito bem esses contidos encontros às escuras, e embora jamais o rechaçasse, desgostava-lhe profundamente que o conceito de dever se aplicasse a algo tão maravilhoso como o que acabavam de compartilhar.

Na verdade, até esta noite nunca havia se visto como sua amante. Esposa, sim. Amante, não. Mas agora estava em sua cama finalmente, nua e esgotada de prazer, com sua pegajosa secreção entre as coxas e rodeada por seu quente abraço.

—Brianna — acariciou sua face com seus dedos esbeltos — eu devo me levantar muito cedo e tenho o dia cheio de compromissos.

Ela sentiu uma aguda decepção, que substituiu aquele bem-estar lânguido.

—Parece-me que essa é sua rotina habitual, excelência.

—Não acredito que seja necessário me tratar com tanta formalidade em um momento como este.

Ela não disse nada.

—Roger virá ao amanhecer, tal como indiquei. — Colton seguiu com o mesmo tom razoável, como se não acabasse de fazer amor com grande paixão.

—E Deus não permita que seu ajudante de quarto me encontre em sua cama. —Brianna se sentou, jogou para trás seus cabelos e olhou seu marido com uma expressão desafiante. — Entendo que devo me retirar, agora que já cumpri com meu dever.

Relaxado, deitado sobre os lençóis brancos e engomados, e ainda com um brilho de suor na pele, produto dos esforços mútuos, Colton franziu o cenho.

—Eu não colocaria desta maneira. Não disse isso. Só que não quero despertá-la quando me levantar.

— Quanta consideração.

— De fato sim, tentava tê-la — levantou as sobrancelhas — mas por seu tom sarcástico deduzo que não está de acordo.

—Às vezes penso que deve ser o homem mais obtuso de toda Londres. —Brianna deslizou para fora da cama e tentou se lembrar de que ninguém era capaz de mudar tão rápido e mesmo seu belo e irritante marido ia ser um caso difícil. Estava convencida de que Colton se assustaria só de pensar que era necessário fazer alguns ajustes em sua vida para acomodar a sensibilidade romântica de sua esposa.

«Amor» não era uma palavra em que ele pensasse frequentemente.

—Poderia me explicar por que me tornei obtuso ao permitir que minha esposa durma toda a noite sem interrupções? — Observou-a com os olhos apertados enquanto ela recolhia os objetos jogados. Ele ainda estava deitado na cama, mas tinha a boca tensa.

—Não. —Brianna caminhou para a porta que separava seus quartos com o propósito de que visse suas costas nuas. — Boa noite, excelência.

Antes de sair do quarto, acreditou ouvi-lo amaldiçoar em voz baixa.

O que diabo aconteceu?

Colton, deitado na cama, olhou para o teto, perguntando-se se devia ir aos aposentos de sua esposa e exigir uma explicação. Bom, duas explicações.

Não, três.

Devia a ele três, sem dúvida nenhuma.

A primeira pelo vestido. Para começar, ele continuava sem entender os motivos pelos quais havia decidido usá-lo, embora Robert tivesse ensinado a ele um método razoável para evitar que isso voltasse a acontecer. Em seguida, foi surpreendido pela ousadia em realizar um ato do qual teria jurado que ela não sabia absolutamente nada; e agora, bem... Não estava certo do que diabo aconteceu.

Ele ficou com uma incômoda convicção de que, após a mais agradável experiência sexual de sua vida, acabava de cometer uma espécie de fracasso conjugal que o feriu. Era desconcertante, porque teria jurado que na alegre sequência pós-coito ambos estavam mais unidos do que nunca. A verdade é que era perfeito ter Brianna entre seus braços, quente, ruborizada e sexualmente satisfeita. O corpo esbelto junto ao dele, a gloriosa cabeleira clara e sedosa espalhada sobre o seu peito. Ela mostrou uma receptividade surpreendente desde a primeira vez que a havia tocado, mas esta noite havia sido extraordinária.

Até que fizesse asneiras, aparentemente.

Manteve o olhar fixo e irritado na porta fechada e agora barrada para ele.

Então, rasgar suas roupas estava tudo bem, mas ser gentil o suficiente para não querer incomodá-la de manhã não?

“... E Deus nos livre que seu ajudante de quarto encontre-me em sua cama...”

Se Brianna achava que o agradava que qualquer homem, embora se tratasse de um criado, a visse sedutora e quase nua, com seu cabelo dourado e a pele de marfim coberta só por um lençol, estava muito enganada. A vida privada de ambos era isso, privada e a beleza deliciosa de Brianna era só dele.

Decidiu que falaria com ela quando não estivesse tão cansado e confuso por seu comportamento excêntrico.

Mas apesar de ter tido um dia muito atarefado e ter dedicado muito tempo e vigor em fazer amor, custou a dormir. Estava acontecendo algo estranho, decidiu, enquanto continuava deitado na escuridão e contemplava o reflexo da lua deslizando sobre as cortinas. Algo que transtornava sua vida, e ele que sempre viveu uma existência ordenada e previsível.

Capítulo 4

Evitem aos homens que fingem ser o que não são. A personalidade de um amante sempre é importante, mesmo que a única coisa que procure em seus braços seja um gozo transitório. Eu sinto um carinho especial pelos jovens licenciosos, porque são francos e claros sobre a natureza fugaz de seu interesse. Também possuem um encanto irresistível. A mulher que conseguir conquistar o carinho sincero de um deles será realmente afortunada.

Do capítulo intitulado «Esses adoráveis cavalheiros rebeldes»

Os cavalos eram dois animais magníficos que avançavam ao mesmo tempo, mas os homens que os montavam eram muito diferentes. Robert, é obvio, tinha escolhido um garanhão árabe, sua raça favorita; uma besta que podia ser difícil de dominar, mas o esforço valia à pena se o que procurava era resistência e velocidade. Seu irmão mais velho, como era de se esperar, montava um puro-sangue com as patas esbeltas, ancas enormes e quartos de milha criados para curtas distâncias. Tinha uma velocidade extraordinária e era famoso entre os puros-sangues britânicos. Thebes ganhou fortunas em prêmios, e agora estava aposentado e dedicado à cria, mas Colton o montava porque além de ser um investimento, era seu cavalo favorito.

Robert pensou com ironia que eram muito apropriados um para o outro: um duque aristocrático e um distinto campeão. Embora nesse momento a serenidade e superioridade contida, habituais em seu irmão, ocultavam-se sob uma expressão severa.

— Minha mulher me confunde.

— Confundido por uma mulher? — Era impossível não rir. — Que conceito novo.

Colton lançou a ele um olhar reprovador.

— Suas brincadeiras não me ajudam.

—É ajuda o que quer?

Depois de um momento, Colton se mostrou evasivo.

—Talvez. Ela se comporta de forma irregular.

Era uma bela tarde de outono e o parque estava cheio. Ambos saudaram vários conhecidos e seguiram avançando em silêncio, até que voltaram a ficar sozinhos. Sobre eles se estendia um céu de um azul maravilhoso, salpicado de nuvens brancas.

—Semana passada, no almoço de aniversário de nossa avó, Brianna me pareceu normal — comentou Robert com discrição. —Eu não a teria qualificado de irregular, mas também é verdade que não a vejo diariamente.

Isso era verdade. Tinha casa própria na cidade, e preferia não viver na grandiosa residência familiar de Mayfair. Robert não era o duque, nem sequer o segundo na linha sucessória (seu segundo irmão, Damien, era quem ostentava tal distinção nesse momento), e gostava de agir como bem entendesse, sem restrições.

Novamente Colton vacilou de modo evidente, e esticou tanto as rédeas que Thebes sacudiu a cabeça. Acariciou-lhe o pescoço como um modo de desculpar-se.

—Não é algo que se possa perceber por fora, mas tenho a diabólica convicção de que existe algo diferente.

Não era frequente ver seu irmão em um desconforto tão evidente. Robert teve que admitir que sentia uma curiosidade terrível. Olhou-o com o cenho franzido.

— Vai ter que explicar Colt.

—Sim, por todos os diabos, eu sei.

A resposta irada de Colton foi ainda mais intrigante que a proposta incomum de sair para cavalgar de manhã. Robert esperou com paciência, aproveitando à pacífica calidez do tempo bom enquanto suas montarias avançavam indolentes ao longo do caminho que transcorria sinuoso entre a relva e as árvores.

—A outra noite ela... Bem, digamos que foi inesperado.

Não que isso esclarecesse algo, mas Robert teve finalmente a noção do que se referia, ou do que não se referia de fato, porque no rosto habitualmente sereno de seu irmão apreciou um leve rubor.

— Você quer dizer na cama? — perguntou-lhe com franqueza.

Colton olhou-o por um segundo e apenas assentiu.

— Sim.

— Inesperado, em um sentido bom ou mau?

Afinal foi Colton quem havia enviado uma nota propondo sair para cavalgar de manhã e era Colton quem pedia conselho. Se ele tinha que renunciar a se levantar tarde para aquela conversa, era necessário que falassem a sério sobre o assunto e parassem de rodeios.

— Bom — Colton não disse mais nada. E logo retificou: — Muito bom, se precisa de mais detalhes.

— Eu não preciso de nenhum detalhe sobre as intimidades de seu casamento, Colton, mas você tocou no assunto.

— Percebi. — O duque de Rolthven parecia fora de si. — Desculpe-me. — E acrescentou em um tom mais conciliador: — Uma coisa é falar sobre mulheres em geral, mas quando se trata de minha esposa é muito diferente.

Robert não tinha nada para dizer a respeito. Em sua vida não havia precedentes que permitissem falar sobre uma esposa, assim como ia saber?

— É pessoal — concluiu Colton.

— Imagino. — Seu irmão era uma pessoa muito reservada geralmente, de modo que a conversa era cada vez mais intrigante.

Colton fixou o olhar em um grupo de árvores, como se fosse à coisa mais fascinante sobre a terra.

— Oh, demônios, bem, tudo bem. Ela... Bem, fez algo que nunca tinha feito.

«Ah, isso é de grande ajuda.»

— Pediu um chá? — Murmurou Robert. — Cantou uma canção enquanto se despia? Dançou sobre o parapeito da janela completamente nua? Propôs que a empregada se unisse a

você? Vai ter que ser mais direto. A sutileza é para mulheres que ficam tomando goles de xerez e fazendo fofocas. Eu não posso ler sua mente.

—De acordo, de acordo — grunhiu Colton. —Brianna o colocou na boca. E o que é pior, fez muito bem.

Embora a primeira coisa que pensou, foi que o incidente transformava seu irmão em um homem de sorte, Robert se absteve de comentá-lo.

—E você é contra isso? —perguntou com cautela.

— Santo Deus, claro que não. —Mas o riso de Colton foi breve, e em seus olhos azuis havia um olhar de preocupação. —Só me pergunto de onde tirou a ideia.

—De você, não?

—Não, de mim não. É uma dama. Nunca me ocorreria pedir algo assim.

Ficou claro. Sentado em sua sela com naturalidade, Robert reprimiu uma gargalhada.

— Percebeu que se preocupa com algo que a maioria dos homens estaria celebrando e brindando? O sexo é um processo normal e instintivo. Brianna tem amigas casadas, pode ser que haja algum marido que não seja tão correto. As mulheres falam entre elas. É um de seus passatempos favoritos.

— Sobre o que acontece quando se fecha a porta do quarto, não, não com certeza.

— Por que não?

—É um assunto muito delicado.

Robert se perguntou com ironia se crescer à sombra das restritivas responsabilidades do ducado minava a tal ponto a capacidade de atenção de um homem que deixava de olhar para mundo real.

— Pense Colt. As mulheres ficam fascinadas com os assuntos do amor por natureza. Elas são muito mais preocupadas com o tema do que nós.

— Não, eu não acredito que falem a toda hora sobre a mecânica do ato, para que?

— Trata-se de um fato bastante universal. Há uma parte que entra em outra parte. Se o fizer bem, será prazeroso para ambos, e embora existam algumas variações, os princípios básicos são sempre os mesmos. Os homens se prendem em coisas como o tamanho dos seios, ou a

disposição e a destreza do parceiro, mas as mulheres gostam de outras coisas. Palavras carinhosas, a carícia lânguida dos dedos emaranhados em seu cabelo, uma frase poética sobre o sol que desponta à alvorada, quando ambos ficam abraçados na cama. E em tudo isso não há nada indelicado.

—O que confirma o que disse — Colton falou com mordacidade. —Quem a aconselharia que talvez me agradasse esse comportamento tão lascivo?

— Pensei que tinha acabado de admitir que havia gostado.

—Isso é outra questão, Robbie.

Essa era a questão, mas Robert se recusou a dizer. Em vez disso explicou pacientemente:

—Embora elas vejam a relação sexual de um modo diferente do nosso, parece natural que uma de suas conhecidas comentasse o quanto um homem fica fascinado quando uma bela mulher chupa o seu membro. Não da forma como nós falaríamos disso, é claro, mas do modo mais delicado com o que as mulheres tratam essas coisas. Imagino que elas falam do que nós gostamos. Elas não são tão exigentes nem tão egoístas como nós, que só estamos acostumados a pensar em nossas preferências.

Seu irmão mais velho o olhou desconcertado.

—Mas de que lado você está?

Robert era homem até a medula, mas em assuntos de poder reconhecia a falta de igualdade entre os sexos, tanto na cama como fora dela.

—Do nosso, sem dúvida — afirmou. —Mas sejamos sinceros. Nós temos o controle. Isso as mulheres inteligentes sabem e se nos fizerem felizes sua vida é mais fácil, sobre tudo se estiverem a nossa mercê, como nossas esposas.

—Brianna não está a minha mercê. —Colton girou na sela, as sobrancelhas arqueadas e com uma expressão arrogante desenhada no rosto, ofereceu sua melhor amostra de desdém ducal. —É minha esposa, não minha prisioneira e nem minha escrava.

Robert se divertia e não podia esconder.

—Estou convencido de que dá a ela um subsídio generoso, mas também estou certo de que controla o modo como gasta. Do mesmo modo que permite que aceite convites a

diversos eventos em nome dos dois... Mas apostaria que se reserva o direito de autorizar ou contradizer suas decisões. Brianna pode sair sozinha, mas sempre que for acompanhada de sua acompanhante ou de alguma substituta apropriada, de maneira que só é um termo relativo, não é assim?

—Eu não sou uma espécie de déspota...

—Não — interrompeu Robert — não é. É só um marido típico. Nós transformamos as mulheres em seres dependentes, não te parece? Isso que consideramos amparo pode ser interpretado facilmente como uma dominação encoberta.

Depois de um momento, Colton exalou um suspiro prolongado com certa exasperação.

—Digamos que admita tudo isso, embora Brianna nunca tenha se queixado dessas pequenas normas...

Ao ouvir a palavra “pequenas”, Robert bufou pesadamente de um modo muito pouco elegante. Irritava-o sobremaneira que alguém sequer tentasse opinar sobre como devia gastar o dinheiro, ou revogar sua decisão sobre qualquer assunto, ainda que fosse tão corriqueiro como ir ao teatro ou a alguma noitada. Também era certo que ele era homem e que assim que ficou maior de idade, obteve carta branca para viver sua vida. Mas a norma entre os casamentos era que os maridos tivessem a última palavra. As mulheres casadas tinham tão pouco poder como as solteiras, que deviam obedecer a seus pais em tudo.

Seu irmão mais velho ignorou o impropério sarcástico e prosseguiu com empenho:

— Continuo dizendo que Brianna age de forma estranha.

—E eu digo que se limita a estar cheia de vida e que talvez seja mais aventureira do que pensou a princípio. Por que se preocupar com um assunto tão delicioso como ter uma mulher entusiasta na cama, principalmente quando é sua esposa?

Colton esfregou o queixo com a luva e fechou os olhos parcialmente para protegê-los do sol.

—Suponho que visto desse modo, é ridículo que perca tempo pensando nisso, mas reconheço que me pegou de surpresa. Quando perguntei a ela de onde tirou este tipo de comportamento, se mostrou evasiva.

Robert lutou contra o impulso de voltar a rir.

—Colt, só a você ocorreria fazer um interrogatório depois de um episódio sexual dos mais satisfatórios. Tem tendência a analisar muito as coisas. Sempre foi assim.

—Estou acostumado a mulheres mais experientes — murmurou seu irmão. —Tudo isto é novo para mim e talvez tenha razão, talvez seja natural que ela vá se adaptando a intimidade conjugal. Entretanto, suas duas melhores amigas são Rebecca Marston e a condessa de Bonham, que se casou um mês depois que nós, além de que não imagino Bonham instruindo-a nesse tipo de assuntos. A senhorita Marston é solteira e muito fina, e tem um pai muito protetor que a controla muito. Não acredito decididamente que nenhuma delas seja a responsável por sussurrar conselhos ousados no ouvido de minha esposa, e não me ocorre ninguém mais com quem Brianna comentaria coisas tão pessoais. Suponho que minha cunhada possa ter dito algo, mas na verdade é uma matrona respeitável com três filhos.

A menção da encantadora Rebecca com seus olhos verde mar e seu resplandecente cabelo negro fizeram com que Robert rememorasse a sensação de segurá-la contra aquele muro vegetal, com a boca suspensa sobre seus lábios e aquele corpo curvilíneo e trêmulo junto a ele. Foi um incidente corriqueiro: apenas alguns instantes de educada conversa, e a subsequente pressa para se esquivar do persistente lorde Watts. Mas nos últimos dias Robert tinha descoberto que voltava a pensar nisso mais de uma vez, e o confundia não poder esquecer tudo.

«Esse maldito perfume de jasmim», disse com sarcasmo. Evocava fantasias de jardins exóticos, pele suave, tenra e um singular suspiro ofegante...

Devia estar realmente enfasiado para dedicar-se a pensar em alguém totalmente proibido como a senhorita Marston. «É solteira», disse a si mesmo e com isso suprimiu o menor traçado de interesse romântico. Por outro lado, depois daquele incidente, seu pai, sir Benedict, tinha tirado uma conclusão equivocada, e nas ocasiões em que ambos se viram frente a frente, custava-lhe inclusive ser educado.

—Se quer saber minha opinião, Colt, esqueça todo este assunto — disse Robert sucinto, — ou se arrisca a que sua bela esposa volte a ficar tímida. E já que está assim, eu diria que

enquanto não exagerar, pode gerenciar o dinheiro para seus gastos pessoais como desejar, e faça alguma outra concessão que não o incomode muito. É óbvio que deseja agradá-lo. Devolva-lhe o favor. — Esporeou o cavalo com o calcanhar. — E agora, vamos apostar uma corrida? Gosto de fazer Sahir competir com Thebes. Está em boa forma esta manhã.

A sala de música era silenciosa, e as longas cortinas de veludo cor marfim que cobriam as janelas melhoravam a acústica e incrementavam a atmosfera de privacidade. Sobre o piano havia um tinteiro e várias folhas de papel pautado, mas sobre os compassos havia escrito algumas notas insatisfatórias, e o único som era o rangido ocasional da banquetta quando Rebecca mudava de posição.

Sua musa se mostrava elusiva aquela manhã, admitiu com um suspiro. Assim tinha sido nos últimos dias e essa nova rotina a incomodava. Entrava na sala todas as manhãs e empreendia a mesma série de tarefas: preparava a pluma, dispunha as partituras para poder rabiscar as notas assim que surgissem em sua cabeça e fluíssem para seus dedos, sentava-se na banquetta com as saia recolhida com recato e pousava as mãos sobre o teclado.

Mas não acontecia nada. Nada daquela satisfação usual. Em lugar de entregar-se a sua paixão pela música, Rebecca descobriu um tipo de paixão diferente que agora absorvia seus pensamentos, e isso a distraía de um modo infernal.

Sustentando o queixo com a palma da mão, apoiou um cotovelo, tocou distraidamente um “fã” maior e manteve a nota durante um momento antes de levantar o dedo. Aí. Ao menos podia dizer que tinha feito algo, além de sentar-se e pensar no impossível.

E seus sonhos eram impossíveis.

Agora sabia o que era estar perto de Robert, cheirar o aroma puro e varonil de colônia e linho, sentir o roçar de seus lábios na pele e a força de seu corpo esbelto apertando-se contra ela...

Bem, isso piorava e muito as coisas, e ela sabia o tempo todo que esse desesperado amor por um experiente libertino, para quem as conquistas informais estavam na ordem do dia, era ridículo. Para não mencionar o desprezo de seu pai pelo homem.

Uma repentina batida na porta interrompeu a fantasia impossível de estar entre os braços de Robert Northfield. Rebecca rezou para que não fosse o mordomo ou uma das empregadas para anunciar a visita de lorde Watts.

—Sim?

A porta se abriu de repente e com alívio, viu Brianna que enfiava a cabeça pelo canto.

—Pensei que talvez estivesse em casa, Beck. Disse a Hains que não me anunciasse para não incomodá-la. Se você está trabalhando, voltarei mais tarde se estiver aqui por perto.

Enquanto os pais de Rebecca consideravam que compor música era um passatempo muito intelectual para se levar em consideração, Arabella e Brianna conheciam sua paixão e a compreendiam. De fato, elas sempre eram leais, eram seu melhor público quando tinha uma peça nova para mostrar e ao menos, graças a Deus, mostravam-se impressionadas e extasiadas. Rebecca meneou a cabeça.

— Eu tento trabalhar, mas por desgraça não consigo. Talvez me inspire com a breve visita de uma querida amiga. Entre.

Deveria ter conduzido à duquesa ao salão das visitas, mas se tratava de Brianna. Essa informalidade pareceu agradar muito a distinta duquesa de Rolthven que se acomodou em uma das poltronas de brocado com um redemoinho de saia de seda azul. Usava o cabelo claro preso em um coque singelo; uma beleza deslumbrante como Brianna não precisava de penteados elaborados. Rebecca pensava frequentemente que a modéstia de Brianna tornava-a ainda mais atraente, e que essa era a razão pela qual havia atraído o olhar de um dos solteiros mais cobiçados da Inglaterra. Sua atitude serena conferia elegância a alguém tão jovem como a duquesa de Rolthven.

Na temporada anterior as três tiveram êxitos notáveis. Brianna apareceu com o seu belo duque. Arabella com seu afável conde, e depois foi Rebecca. Ela tinha recusado proposta após proposta, porque sentia uma desafortunada inclinação por um ousado cavalheiro que, estava quase certa, depois daquela noite nem sequer lembrava o seu nome.

Talvez ela não tenha sido tão bem sucedida, afinal.

— Vou organizar um encontro no campo.

Ao ouvir essa declaração audaciosa, Rebecca pestanejou.

—Sério? Pensei que odiava essas coisas.

Brianna fez uma careta.

— Normalmente é assim. Em suma, todas as competições de tiro, nas quais eu sou horrível, as audições musicais e representações. Mas por eu detestar não significa que com os outros aconteça o mesmo. Estes tipos de reuniões são muito populares, sobre tudo no outono. Espero que Colton tenha uma surpresa agradável quando disser a ele que coincidirá com seu aniversário, que é dentro de algumas semanas. É um horror pensar em um presente para alguém que é dono de meia Inglaterra, sabe? Possui todas as coisas materiais que se possa desejar. Creio que gostará disto, embora não esteja segura. Podemos celebrá-lo em Rolthven Manor e sua avó pode me ajudar a organizar. Ela ficará encantada. Além dos empregados, quase sempre está sozinha naquela enorme mansão, da qual certamente conviria tirar mais partido.

— Pensei que tinham acabado de ir até lá.

— Fomos celebrar seu aniversário — confirmou Brianna. —Como a propriedade está perto da cidade não ficamos muito, só uma noite. Robert ficou menos ainda. Chegou e se foi. Damien nem sequer pôde comparecer porque continua na Espanha, mas na próxima semana retornará a Inglaterra, conforme me disseram. Na verdade, só convidarei amigos íntimos e família, de modo que espero que não seja uma dessas grandes celebrações que me parecem tão aborrecidas, mas apenas uma forma agradável de passar o tempo.

Rebecca tentou imaginar o duque de Rolthven em uma reunião campestre, mesmo que fosse em sua casa, e fracassou. Era difícil acreditar que brincaria pelo jardim com um arco e uma flecha, ou que participaria de alguma charada. Ele era solene e reservado e assumia o título com naturalidade, embora o visse sorrir algumas vezes, geralmente para sua esposa, e isso conferia uma calidez a suas feições que insinuava uma faceta diferente. Rebecca não o conhecia suficientemente para julgar se o agradaria a perspectiva de dar uma festa em sua residência familiar, mas Brianna parecia entusiasmada.

—Estou certa que será maravilhoso — disse a ela com lealdade.

—Assim espero, realmente. O que pretendo é que Colton não fique sempre trabalhando tanto. —Brianna franziu um pouco as sobrancelhas. — Para ser honesta, não estou nada convencida de que me agradeça por isso, mas penso em fazer de qualquer jeito. Estamos há mais de três meses casados e ainda não o conheço. Admito que as coisas não sejam como esperava.

Sabendo que um dia teria que escolher um marido, e seus pais já haviam deixado muito claro que acreditavam terem sido muito pacientes, Rebecca perguntou com franqueza:

—O que esperava?

Brianna, com uma expressão pensativa no belo rosto, alisou o tecido de seu vestido.

— Creio que sua formalidade e distância me pareciam normais quando me fazia à corte. Afinal de contas, Colton é um pouco intimidante a primeira vista. Por infelicidade, as coisas não mudaram muito desde que nos casamos. Oh, é generoso e educado, quase em excesso, e esses bons modos me enfurecem às vezes. Acreditei que a amizade floresceria entre nós, mas tudo continua igual. Vivemos na mesma casa, eu carrego o seu sobrenome e ele visita meu leito, mas, além disso, parece que vivemos vidas separadas. Passa mais tempo em seu clube do que comigo, e acredito que considera perfeitamente razoável que sua vida continue como antes de nos casarmos. Colton tem umas ideias sobre as relações entre homem e mulher que me parecem antiquadas.

—Eu não acredito que sejam antiquadas — interveio Rebecca em tom firme. —Se você quer dizer que ele pensa que todas as mulheres têm que agir de certa maneira, casar-se em uma idade determinada e seguir as normas que estabelece a família e a sociedade, não acredito que ele seja o único. Essa é uma forma de ver as coisas, convencionais e deprimentes.

Brianna endireitou as costas e a olhou de frente.

—Com certeza. O que aconteceu? Seus pais tornaram a pressioná-la?

—Isso quer dizer pouco. Todos os dias lembram-me que esta é minha segunda temporada. Ajudaria bastante se me sentisse atraída por algum dos homens que eles querem, nem que

seja de forma remota. —Rebecca fez tudo o que pôde para não parecer muito abatida, mas não acreditou ter conseguido.

—Não há ninguém? —Brianna a olhou com simpatia. —Parece-me que a conhecida retidão de seu pai sobre o que considera conveniente em um genro potencial desalenta alguns de seus conhecidos, mas você recebeu mais de uma dúzia de pedidos de sua mão, Beck. Não há nenhum que você goste? Nenhum jovem atraente que tenha inspirado um bater de asas romântico em seu coração?

Infelizmente, a imagem de Robert apareceu em sua mente. A forma como a luz das velas refletia sobre seu cabelo castanho, o traço elegante de seu queixo, a curva de sua boca ao sorrir, sua elasticidade natural e graça ao dançar...

Sempre com outra, é óbvio.

Era uma desvantagem ter amigos que compreendiam seus estados de ânimo. Rebecca fingiu indiferença.

—Não.

Brianna entreabriu os olhos.

—Tolices. Está ruborizando. Bem, isso foi muito inconveniente.

—Não, não é verdade.

—As manchas vermelhas que tem nas faces confirmam minha acusação. Por favor, não me deixe intrigada. Você nunca havia ficado, enfim, tão nervosa.

Rebecca desejava contar a alguém sua inclinação por Robert Northfield, mas provavelmente Brianna era a pessoa errada. Embora confiasse nela de modo implícito, isto não era uma questão de confiança. Também era cunhada de Robert, e por outro lado não estava nada segura de que não se horrorizasse tanto como seu pai, se descobrisse que estava apaixonada como uma louca por um famoso libertino.

Mas a tentação de contar-lhe tudo, exceto o seu nome, estava presente. Estava há quase um ano guardando este segredo. A outra noite no jardim não tinha ajudado absolutamente em nada. Ele a ajudou com gentileza, e esteve tão perto que ainda sentia a força de seu corpo, e embora suas bocas não houvessem se tocado exatamente...

Rebecca pigarreou e dirigiu o olhar para uma das janelas fechadas.

—Estou apaixonada. Ou pelo menos eu penso assim. Devo estar, porque a única coisa que faço é pensar nele.

—De verdade? — Rebecca assentiu. —Isso é maravilhoso, Beck! Quem é?

Rebecca voltou a olhar para sua amiga.

—Penso que não é tão maravilhoso. Mas sim uma tragédia total. E não vou dizer o nome dele, de modo que, por favor, não me pressione.

A expressão alegre desapareceu das delicadas feições de Brianna, substituída pela consternação.

—Uma tragédia? Por quê?

Rebecca, incapaz de continuar sentada, ficou de pé e deu alguns passos em direção à janela. Suspirou e deu a volta.

—Por centenas de razões, mas para resumir não é... Não é possível, e se o fosse, não teria importância porque ele não compartilha do mesmo interesse. Acredito que ficaria atônito se ficasse sabendo que estou apaixonada e se divertiria com isso, o que é pior ainda.

Por um momento se fez silêncio e logo Brianna disse:

— Por que é impossível? Admito que eu não a entendo.

Neste momento Rebecca sabia que poderia entrar em um território perigoso se falasse muito. Entre os cavalheiros da classe alta inglesa havia um grande número de libertinos, de maneira que se dissesse que o motivo era a má reputação não estaria especificando em demasia. Robert tinha mais má fama que a maioria, mas não era o único.

—Meu pai não aceitaria. Não estou certa do por que, mas pode acreditar mesmo se ambos compartilhássemos os mesmos sentimentos, meu pai nunca admitiria que me cortejasse — disse em voz baixa.

— Por que não? É um empregado?

—Não. É de boa família. —«De fato, você é parte dela», pensou.

—Está casado?

Graças a Deus Rebecca podia negar isto com toda sinceridade.

—Não, claro que não. Nunca olharia para o marido de outra mulher.

Brianna fez um gesto de alívio.

—Eu imagino que não, mas me perguntava se seria alguém da temporada que passou e poderia ter se casado com outra.

—Não é esse o caso. —Rebecca deu meia volta e foi até a janela para abrir a cortina. O sol do meio-dia inundou a sala. —Se fosse, imagino que me sentiria ferida, mas logo o esqueceria. Não, não está casado. Apostaria até que essa palavra não está em seu vocabulário. O problema é que mesmo que estivesse e percebesse que vivo no mesmo planeta, meu pai se oporia firmemente a menor ameaça de uma relação, então não há nada para falar.

Brianna ficou de pé com elegância, cruzou a sala e lhe deu um forte abraço.

— Eu discordo. Não quando a vejo tão triste. Percebe que isto explica muitas coisas, certo? Bela e eu estivemos nos perguntando por que ficava com esse ar tão melancólico às vezes, e a verdade é que surpreendeu a nós duas no ano passado ao recusar o marquês de Highton. Estava muito apaixonado e, além disso, é rico, bonito e, o mais importante, agradável. Eu achei que você gostava dele. Além disso, sei que seus pais eram partidários do enlace.

Richard era um bom homem. E Rebecca havia gostado muito dele. E ainda gostava. Mas não tanto para se casar com ele, quando continuava ali sentada sonhando com outra pessoa.

—Parece uma tolice —disse com uma sutil hesitação —mas lorde Highton não era ele. De modo que recusei uma proposta bem honesta, mesmo sabendo que não tenho nenhuma possibilidade de conseguir o que quero. Acredito que isso me transforma em uma boba oficial.

Brianna se afastou.

—Você não é boba — disse com decisão. —Nem um pouco.

—Devo ser se persisto com esse sentimento. A primeira vez que o vi... —Rebecca ficou calada, lembrando-se de quando conheceu Robert Northfield. Brianna e ela estavam juntas quando Robert e seu irmão mais velho entraram juntos no salão de baile, ambos tão bonitos e

fascinantes. Brianna tinha olhado de soslaio para o duque de Rolthven e a partir desse momento nenhum outro pretendente teve a menor possibilidade.

Aquilo tinha acabado bem, pois descobriu que Colton correspondia a esse interesse. Por desgraça, Rebecca se viu na mesma situação com seu atraente, cativante, embora não tão respeitável irmão, mas Robert não correspondeu em nada.

Nenhum olhar. Nenhuma piscada. Nenhuma palavra carinhosa. Nem sequer foram apresentados até duas semanas depois, e isso foi só porque Rebecca estava com Brianna, não porque ele pediu.

Isso doeu e aqui estava ela, adoecendo de saudade de um homem que era bem provável que nesse exato momento estivesse na cama de outra. Sem dúvida uma mulher linda e sofisticada e...

Melhor não pensar nisso.

Brianna inclinou a cabeça como se meditasse e um olhar reflexivo apareceu em seu semblante.

—O amor à primeira vista não é só uma fantasia romântica. Comigo foi assim com Colton, de modo que ninguém pode dizer que é impossível. E embora meu marido seja imperfeito, eu estou me esforçando em mudar suas maneiras. Pergunto-me se o livro poderia ajudar você também.

Rebecca não pôde evitar e soltou uma gargalhada.

—O que? Refere aos escandalosos escritos de lady Rothburg? Deve estar de brincadeira.

—É claro que não. —Brianna virou-se, voltou para sua poltrona com um pedaço de seda azul e juntou as mãos sobre o colo. —Ao contrário do que pensa a maioria das pessoas, o texto não se dedica somente a temas sexuais. Lady R dá elementos para compreender a mente masculina, e há pelo menos um capítulo dedicado a como chamar a atenção do homem que deseja. Parece que teve um grande número de amantes, o que contribuiu para uma série de boas experiências com o sexo oposto.

—Parece que não ouviu o que falei.

Brianna agitou a mão no ar com um gesto de recusa.

—Eu tenho um ouvido divino. Seu pai não aprovaria e o homem em questão não está interessado em casamento, não é? Nenhum desses obstáculos é insuperável.

Rebecca apoiou o ombro na janela e olhou de frente para sua amiga.

—Isso é como dizer que os Alpes são meros montes de rocha.

—Ambos os obstáculos me parecem igualmente formidáveis.

—Oh, por favor, Beck. É linda, maravilhosa em todos os sentidos e capaz de atrair qualquer homem. Quanto ao seu pai, embora acredite que se oporia totalmente, ele a ama e apostaria que se sua felicidade estiver em jogo e se esse jovem proceder de uma família decente acabará cedendo.

Afirmar que sobre isso ela tinha suas dúvidas era ir contra, então Rebecca nem se incomodou em se manifestar.

—O homem de quem estamos falando não se interessa em fazer a corte a ninguém, Bri. Isso está claro.

—Talvez você possa fazê-lo mudar de ideia. Se esse cavalheiro misterioso pedisse para se casar com ele, o que você diria?

A pergunta fez aflorar todos os sonhos que sempre teve com Robert Northfield, com um joelho no chão, tomando sua mão com firmeza e declarando amor eterno. Mas sempre soube que essas imagens românticas não eram mais que fantasias irreais, e meneou a cabeça.

—Não me pediria isso.

—Mas e se o fizesse?

—Bri — disse com exasperação.

—Emprestarei o livro quando quiser. Eu quase o terminei.

—Eu não poderia — gemeu Rebecca; que Brianna o lesse era diferente... Pelo menos ela estava casada.

Mas admitia que este texto escandaloso a intrigava. Não acreditava que poderia acontecer um milagre, causar uma mudança no coração de um cavalheiro com os gostos de Robert, mas não podia negar que ela estava curiosa sobre estas revelações proibidas que Lady Rothburg pudesse oferecer.

—É muito instrutivo. —Brianna adotou um ar malicioso, porém sincero. —E, além disso, por que a intimidade tem que ser algo tão secreto? Os homens sabem tudo e nós não sabemos nada. Não é justo manter às jovens na ignorância sobre um aspecto natural da vida.

Bem, isso era verdade.

—Quem disse que a vida é justa? —murmurou Rebecca.

—Deixando o livre à parte espero que participe.

Participar. A festa. O encontro campestre que sem dúvida Robert estaria presente também.

Rebecca notou um palpar traíçoeiro no pulso, embora fosse irracional ir para torturar a si mesma.

—Necessito da permissão de meus pais e não estou certa de que eles deem. Você está casada e é duquesa, mas continua sendo alguns meses mais nova que eu. Tal como Arabella. Talvez não as considerem adequadas como acompanhantes.

—A avó de Colton estará presente. Você pode pensar em alguém mais respeitável que a duquesa viúva de Rolthven? Certamente ela é adequada e, além disso, quero que interprete alguma de suas obras.

Uma oportunidade de tocar sua música em público? Rebecca sentiu um aperto na garganta.

—Sabe que não posso. Minha mãe desmaiaria se soubesse.

Brianna arqueou as sobrancelhas.

—Eu não disse que deve dizer que a música é sua. É uma boa pianista. Toque para nós, e nada mais. Quando o público ficar fascinado, como sei que acontecerá, e perguntar o nome do compositor, invente algo. Será uma oportunidade para que demonstre seu talento sem restrições. E poderá ouvir os elogios de primeira mão, como deve ser. Necessitaremos de algum entretenimento refinado.

Agora estava perdida. Robert e sua outra paixão, sua música? Não havia forma de resistir.

— Eu adoraria ir. —E já que era tão boba para colocar a si mesma ante a perspectiva de uma possível desilusão amorosa, também poderia completar a loucura. —E levarei em consideração sua oferta sobre o livro.

Capítulo 5

Homens e mulheres são companheiros naturais, exceto em um sentido físico. Normalmente, não gostamos das mesmas distrações, e não nos parecem divertidas e interessantes as mesmas coisas, e nossa vidas cotidianas são tão diferentes que às vezes fica difícil nós entendermos uns aos outros. Existem poucos homens que se preocupam com o seu guarda-roupa, salvo de um modo muito ocasional, e existem poucas mulheres que gostam de falar sobre cavalos e cães de caça. Não obstante, estas numerosas diferenças podem ser favoráveis. Elogiem os homens e agradeçam sempre que eles concederem a você um pouco de seu tempo e dinheiro, e verão que sua generosidade aumentará.

Do capítulo intitulado «Transformar a apatia em fervor»

O envelope em questão estava em uma pilha de correspondência, e não estava selado ou com remetente. O secretário de Colton, Mills, um jovem magro de traços insípidos e aparência discreta, entregou-a com estranheza.

—Isto... Creio que é de sua excelência, a duquesa.

Colton pegou o envelope que ele oferecia.

—De minha esposa?

—Sim, senhor.

—Por que demônios ela me escreveria uma carta?

Era uma pergunta ridícula. Porque como seu secretário ia saber o que Brianna pensava? A verdade é que a maioria das vezes nem o próprio Colton a entendia.

—Parece um convite, excelência — disse Mills, solícito.

— Eu posso ver. — Colton examinou o texto pela segunda vez. — É muito interessante ser convidado para minha própria casa. E ainda mais que a duquesa tenha se esquecido de me falar de seus planos. Por que demônios planeja um encontro campestre?

— Uma surpresa, senhor? — Mills recolocou uma pilha de documentos com sua usual eficiência, em uma atitude mais discreta que nunca.

Colton o olhou.

— Estou de acordo — disse com secura. — É uma surpresa, mas isso não me ajuda a compreender por que não me disse nenhuma palavra sobre isso.

— Seu aniversário, excelência.

— Meu aniversário?

— No dia cinco. Você fará vinte e nove anos.

— Já sei que idade tenho — replicou com aspereza, sentindo-se um pouco tolo. Ao pensar nisso, calculou que era na semana seguinte. A verdade é que não tinha passado por sua cabeça que sua encantadora e jovem esposa fizesse algo como planejar uma festa para celebrá-lo. Não sabia se se sentia comovido ou um tanto aborrecido. Ambas as coisas, certamente. Embora apreciasse o gesto de consideração, também estava muito ocupado para esquecer-se de tudo e ir para o campo para folgar durante cinco dias, em uma casa repleta de convidados.

Brianna tinha uma tendência infernal a complicar coisas que deveriam ser simples.

Suspirou, deixou o convite sobre a mesa, e descobriu um leve rastro do sedutor perfume impregnado no papel.

— Uma vez que sem dúvida ela já enviou outros convites ao evento, suponho que não tenho alternativa a não ser comparecer. Por favor, verifique minha agenda e mude todos os compromissos que sejam possíveis. Parece-me que deveria ver lorde Liverpool durante esses dias, e não cancele o compromisso com o primeiro-ministro a menos que ele esteja de acordo. Assim sendo, você me acompanhará a Rolthven e assim poderemos trabalhar um pouco enquanto estiver lá. Agora é melhor ir à procura de minha esposa e tentar descobrir se está tramando algo mais que eu não saiba.

—Sim, excelência. —Mills se comportou com sua eficiência e discrição habituais, enquanto Colton ficava de pé e saía de seu estúdio. No vestibulo principal se encontrou com o mordomo, que o informou que a duquesa acabava de chegar e estava em casa.

Enquanto subia a curva elegante da escada principal que conduzia ao segundo andar onde estavam seus aposentos, Colton pensou em como lidar com a situação. Talvez uma repreensão firme. Embora não quisesse parecer ingrato por essa celebração em sua honra, ela devia entender que não podia reorganizar sua agenda. Parou antes de bater na porta do quarto dela, mas então lembrou que Brianna era sua esposa e que aquela era sua casa, assim ele a abriu.

A empregada, sobressaltada por essa irrupção abrupta e incomum no quarto de sua senhora no meio da tarde, levantou os olhos. Naquele momento sacudia uma dessas ridículas roupas íntimas transparentes com as quais Brianna estava se habituando. Inclinou-se com uma profunda reverência e a vaporosa renda ficou suspensa em suas mãos.

- Excelência

Ao ouvir o som de um respingo d'água atrás do biombo, colocado sobre o soalho no outro extremo do quarto, soube onde Brianna estava. Durante o banho, cantarolava uma melodia com uma musicalidade surpreendente. Não sabia que sua bela esposa sabia cantar.

Estava tomando banho, estava nua.

Esse fato irrefutável o conteve por um momento, pois embora fosse lá para falar com ela, não esperava encontrá-la nua. Provavelmente o melhor seria dar a volta e ir embora, sugeriu a voz da razão. Poderiam falar da festa durante o jantar.

Poderia inclusive pedir a ela que descesse um pouco antes para tomar uma taça de xerez, e discutir o assunto nesse momento. Ouviu outro pequeno respingo.

Um som com um erotismo inesperado. Era estranho, mas até esse momento nunca tinha pensado que o banho era um passatempo sedutor.

Colton olhou um segundo para a empregada de Brianna.

—Por favor, nos desculpe. A duquesa a chamará mais tarde se precisar.

—Sim, excelência. —A jovem colocou imediatamente a camisa sobre o tamborete da penteadeira, saiu apressadamente e fechou a porta.

—Colton? —disse Brianna de trás do biombo. Era óbvio que reconheceu sua voz.

Eram quatro em ponto da tarde, repetiu para si mesmo. E, além disso, estava aborrecido pelo desconcertante comportamento de sua esposa.

Mas para o seu rebelde membro isso não importava. Nem tinha visto Brianna ainda e já sentia sua ereção crescer. A fragrância do sabão de lavanda o fez recordar da doçura de seu aroma. Essa sedutora imagem mental de seus ombros nus apoiados contra a borda da banheira provocou uma reação tão intensa que mal pode acreditar.

As quatro em ponto da tarde era um bom momento para fazer amor com sua esposa.

Foi para lá e rodeou o biombo.

Um par de divinos olhos azuis se levantou para ele quando subiu os dois degraus e parou junto à borda da tina. Brianna usava sua macia cabeleira dourada presa no alto de um modo informal, e algumas mechas rebeldes acariciavam seu pescoço. As curvas superiores de seus seios estavam completamente à vista, à pele suntuosa úmida e brilhante, e em suas suaves bochechas havia um belo ardor causado pela água quente, que se intensificaram quando ele passou a examinar sem pressa o que conseguia ver.

—Recebi seu convite.

Isso, sem dúvida alguma, tinha um duplo sentido, pensou ele com o olhar lascivo preso à pele sedosa e arredondada que aparecia por cima da água.

—Ah, sim? —respondeu ela em um tom muito baixo e vacilante.

Deus misericordioso, inclusive seus joelhos apenas visíveis sobre a água com espuma, era cativantes.

Se um homem se sentia fascinado por uma articulação, então tinha um verdadeiro problema.

—Sim — disse com a voz rouca.

—Está zangado?

Ele havia subido com a intenção de dizer a ela que não podia começar a organizar atos sociais sem o consultar, mas agora, olhando aquele delicioso rosto, descobriu que não estava nem um pouco irritado como antes. O que sentia não tinha nada a ver com a irritação e sim com a luxúria latente.

—Não estou certo. Eu não diria que zangado é a palavra correta. Há algum motivo para que decidisse não me consultar antes?

—Então não seria uma surpresa, você não acha?

— Suponho que não — ele reconheceu, sem saber como conduzir a situação.

O sorriso deslumbrante de Brianna provocou em seu sangue uma inundação que invadiu sua virilha.

—Estou muito contente que não esteja zangado comigo. Não tinha certeza que você gostaria da ideia.

Não gostava em especial, mas era impossível concentrar-se em outra coisa que não fosse à imagem feiticeira de sua impressionante esposa no banho. Lavar alguém que não fosse ele mesmo ficava fora dos limites de sua experiência, mas Colton estava disposto a tentar. Tirou a jaqueta, desfez a gravata, e viu que Brianna abria os olhos, surpresa. Desabotoou com calma os botões dos punhos e enrolou as mangas. O sabão estava sobre um prato de porcelana, pendurado na borda da banheira, e ao segurá-lo percebeu inclusive que o tato escorregadio e úmido o excitava.

—Permite que a ajude a terminar, madame.

Brianna emitiu um pequeno suspiro quando ele deslizou as mãos ensaboadas sobre seus seios. O contato era delicioso na água quente. Redondos, firmes e com uma pele tenra como cetim ele tocou e acariciou. Colton segurou e levantou um de cada vez devagar, como se avaliasse seu amadurecimento. Quando notou na palma da mão os mamilos endurecidos, sorriu sem poder evitar.

—Sou... —disse Brianna sem fôlego e com os olhos entreabertos — capaz de tomar banho sozinha.

—É perfeita, isso está claro — respondeu Colton com o membro tão duro que ficou com medo que arrebentasse suas calças.

Às quatro da tarde.

Lavou seus braços esbeltos, a nuca, a cativante suavidade de suas coxas. Descobriu a cálida doçura entre as pernas que Brianna separou para ele, e a respiração de sua esposa ficou ofegante quando deslizou os dedos naquela ardorosa intensidade. O primeiro gemido fez com que desejasse obter um segundo, e Colton se inclinou para frente para beijá-la, enquanto iniciava um movimento rítmico com uma mão presa à pele brilhante e acetinada.

Isto lembrou, não era a razão pela qual subiu para falar com ela.

Ainda assim, considerou que foi uma mudança de planos deliciosa.

Brianna apertou os músculos internos contra seus dedos invasores e ele sorriu e intensificou o beijo, transformando-o em algo mais intenso, mais lascivo.

Era devasso e peculiar que a tocasse dessa forma em plena luz do dia, mas Brianna descobriu que não tinha a menor objeção. Nenhuma.

A boca dele era ardente e insistente, sua língua, penetrante e inevitável, e ela acariciou apenas seu rosto, percorrendo com os dedos úmidos o queixo nítido, enquanto ele girava com delicadeza o polegar entre suas coxas separadas. Brianna tremeu sem querer ao sentir descargas de prazer que percorriam seu corpo e se instalavam na boca do estômago.

—É delicioso — murmurou Colton preso a seus lábios — mas posso fazer melhor. Parece que já terminou seu banho. Vamos para a cama?

Antes que ela pudesse responder, ele colocou os braços na água e a tirou da tina, sem se preocupar com sua roupa. Brianna ofegou ante aquele gesto audaz, que era completamente inesperado e impróprio dele.

—Colton, ficará molhado!

—Tenho um armário inteiro cheio de roupas secas no quarto ao lado.

Isso era verdade, mas mesmo assim ficou maravilhada que agisse de forma tão impulsiva. Segurou em seus ombros largos enquanto ele atravessava o quarto e colocava seu corpo molhado sobre a cama. Colton começou a despir-se de forma sistemática, com os olhos

presos em sua pele reluzente. Primeiro jogou para o lado as botas com um gesto despreocupado, incomum nele. Tirou de qualquer maneira a fina camisa de linho, agora molhada, e depois as calças, revelando uma ereção desmedida.

Eles nunca fizeram amor durante o dia. As cortinas estavam abertas, como era lógico, e a luz do sol derramada sobre a pele dele dava um brilho dourado que definia os músculos tensos deslumbrantes de seu corpo, e provocava reflexos em sua densa cabeleira. Brianna sabia que seu marido a considerava bela, pois ele dissera com uma sinceridade lisonjeira, e a evidência do desejo que sentia por ela era particularmente óbvia nesse momento. Mas também o achava bonito em um sentido muito másculo, com seu corpo forte e esbelto e suas feições marcantes. As pessoas estavam acostumadas a dizer que Robert era o irmão mais bonito por causa de seu charme malicioso, mas do imparcial ponto de vista de Brianna, Colton era tão ou mais atraente. Era certo que não sorria frequentemente, e isso era algo que desejava mudar, mas desde o primeiro momento em que o viu, ela soube.

Era dela. E não tinha a menor intenção de compartilhá-lo com nenhuma outra mulher.

Devia estar fazendo certos progressos; o homem reservado e formal com quem se casou três meses antes não a teria tirado da banheira no meio da tarde.

—Desejo-a — ele disse. Uma declaração desnecessária posto que a evidência física continuasse enorme, presa em seu estômago firme.

—Então estamos de acordo, excelência — murmurou ela tirando o laço que amarrava seu cabelo e deixando que o cabelo caísse em liberdade. —Eu também o desejo.

Subiu na cama e se colocou sobre ela, aprisionou-a debaixo dele e procurou com a boca a sensível junção entre o pescoço e o ombro.

—Não tenho tempo para isto.

Era a coisa menos romântica que ela podia imaginar na boca de um homem, mas vindo dele era completamente autêntico.

Brianna deslizou a mão ao longo da dura musculatura de seus ombros com uma gargalhada contida.

—Farei todo o possível para que cada segundo deste momento valha à pena.

—Mm. — Lambeu-lhe o pescoço e ela notou presa junto à coxa, sua ereção rígida.

Essa resposta evasiva não a incomodou, pois seu caprichoso corpo estava à mercê do desejo, e tanto como desejava agradar e seduzir seu belo marido, também sentia uma enorme necessidade de tê-lo dentro dela. Quando ele colocou a mão em seu seio nu, ela se arqueou para facilitar a carícia, sem vergonha, desinibida, e um gemido surdo emergiu em sua garganta. Ele sentiu o pulsar entre as pernas e notou que estava úmida e que isso não tinha nada a ver com o banho.

— Com é suave — disse Colton com a voz rouca, acariciando-a com delicadeza.

«Não espere», pensou ela. Seria muito lascivo pedir que a tomasse de forma rápida e intensamente como fez na carruagem e na outra noite, depois que ela colocou em prática o conselho do segundo capítulo?

Para um homem tão conservador como seu marido, era provável que parecesse lascivo, decidiu Brianna, oprimida pelo desejo. Mordeu o lábio enquanto as mãos de seu marido continuavam percorrendo seu corpo. Mas mudou de posição com sutileza e levantou os quadris para sugerir sem palavras, com o coração palpitante.

Colton pareceu entender, pois utilizou os joelhos para separar suas pernas e ao mesmo tempo em que possuía seu corpo, possuía sua boca com um beijo ardente. Afundou o membro longo e duro no canal de Brianna, arrancando dela um grito de prazer do fundo de sua garganta.

Quando ele começou a se mover com investidas prolongadas e precisas que provocaram nela uma sensação de maravilhosos formigamentos de prazer que percorreram todas suas terminações nervosas, Brianna pensou que embora na vida cotidiana ficasse ainda um longo caminho a percorrer para se conhecerem mutuamente, aqui estavam chegando a um acordo. Colton tinha o rosto escurecido pela paixão e seus olhos celestes brilhavam sob a luz da tarde, enquanto acelerava o ritmo ante o beliscão agudo das unhas de Brianna em seus ombros.

Ela fechou os olhos, cercada pelo aroma de seu marido, fresco, limpo e masculino, dominada pela força afrodisíaca de seu corpo; uma espiral ascendente de plenitude sexual a

transportou irremediavelmente ao topo de um êxtase vertiginoso, antes de cair de bom grado no paraíso. Brianna gritou ao chegar ao clímax. Foi um som breve e agudo que foi quase inconsciente, e Colton respondeu com um ruído surdo e todo seu corpo ficou rígido. O pulsar da ejaculação foi inconfundível quando irrompeu como uma onda, no corpo trêmulo de Brianna uma última vez, e a alagou com um jato.

No rastro letárgico seguinte, Brianna não protestou quando ele virou de lado arrastando consigo os corpos de ambos entrelaçados. Abraçada a ele, notava a respiração profunda em seu peito forte com uma sensação de nítida satisfação.

— Acho que tomar banho sozinha está descartado — murmurou com ironia assim que recuperou forças suficientes para falar. — Pode ser que a partir de agora solicite sua ajuda.

— Sempre a seu serviço, madame. — Colton acariciou seu quadril nu. Foi apenas um afago com os dedos; falou com uma voz alegre, mas com uma expressão difícil de decifrar. Emitiu um pequeno suspiro. — Mas reconheço que o que acaba de acontecer não era absolutamente minha intenção quando vim até aqui para falar contigo.

Ela, nua e refugiada entre seus braços, percebeu sua posição de vantagem e o pressionou.

— Ah, sim, o convite. Disse que não se importava.

— Não — ele corrigiu, e sua voz recuperou o timbre do duque austero — falei que não estava zangado. Há uma clara diferença. Pelo visto Mills acredita que fez isto por causa do meu aniversário.

Ela já sabia que Colton não daria saltos de alegria, mas só de pensar em tirá-lo de sua eterna e devota dedicação às responsabilidades ducais pareceu-lhe muito atraente para resistir. Durante o dia quase não o via, além do presente desvio, que era alentador. Quando Colton investia algum tempo para se divertir? Quando Brianna lhe perguntou uma noite, ele havia respondido distraidamente que de vez em quando caçava, e que tinha um camarote no Newmarket onde em que algumas ocasiões assistia as corridas. Para manter-se em forma praticava esgrima quase diariamente, e dar um passeio a cavalo pela manhã era parte de sua rotina diária.

Era pouco provável que a convidasse para tomar parte nessas atividades, de modo que, com a reunião campestre, ao menos o obrigava a passar um pouco de tempo com ela de um modo não somente sexual. Jantava a metade das noites nesse clube ou tinham convidados, e quando saíam juntos sempre estavam rodeados de outras pessoas.

—Planejei para agradá-lo — esclareceu sem ser totalmente sincera.

Durante um momento ele não disse nada. Então suspirou e sua respiração agitou os cabelos dela.

— Sei que o fez com a melhor das intenções, mas devo insistir para que no futuro me consulte primeiro.

A palavra insistir era irritante. Ela tirou o ás da manga.

—Sua avó está emocionadíssima.

Não era mentira. A venerável duquesa estava entusiasmada com a ideia de uma festa e uma horda de convidados, para não dizer que os seus três netos a visitariam de uma só vez. Brianna compreendeu que isso acontecia de vez em quando. Damien trabalhava para a Coroa e passava mais tempo fora do que em casa, os licenciosos interesses de Robert eram legendários e pouco acessíveis se o enterrassem no campo, e Colton tomava suas responsabilidades com tanta diligência que, em sua opinião, levava uma vida muito pouco equilibrada.

— É mesmo — Na voz de seu marido havia um ligeiro toque de aborrecimento. —Por que tenho a sensação de estar sendo manipulado?

—Colton — Brianna disse com toda a brusquidão que foi capaz, — não acredito que alguém iria manipulá-lo para que aceitasse comemorar seu aniversário. Já disse que não pedi sua permissão porque supus que fosse uma surpresa. Uma surpresa agradável.

«Espera e verá», disse uma vozinha dentro dela. Lady Rothburg fazia uma sugestão muito escandalosa no capítulo que acabara de ler, e embora Brianna ruborizasse cada vez que pensava nisso mesmo estando sozinha, estava disposta a tentar se com isso o agradasse.

—Em minha vida não há lugar para as surpresas, Brianna.

—Penso que você está equivocado, trata-se de nossas vidas e sendo assim eu tenho algo a dizer. —Acariciou-lhe a face com um gesto tenro e sincero.

Sincero.

E talvez, pela primeira vez, ele também sentiu, pois parecia desconcertado. Olhou-a nos olhos com aquelas magníficas esferas celestes.

Pode ser que seja uma loucura, mas ela insistiu.

—Ou não?

Não, mesmo que todos os homens da Inglaterra afirmassem, mas o certo é que ela se casou apenas com um.

—Não fazia ideia de que havia me casado com uma mulher tão combativa. — Ele rolou de repente, colocou-se sobre ela, pressionou-a contra o colchão e baixou a boca até que pôde murmurar preso aos seus lábios: — Parece-me que está discutindo comigo. Estou errado, ou tem certo hábito de fazê-lo?

—Eu não chamaria de hábito. —Brianna se sentiu imediatamente sem fôlego e ansiosa também, como se não tivessem acabado de fazer amor. Ele voltara a ficar excitado. Ela notava na coxa a pressão de seu membro novamente ereto.

—Hum, parece que discordo. —Abraçou-a com mais força e roçou sua testa com os lábios firmes. Então suspirou e acrescentou resignado: — Mas devo ir. Foi um entretenimento muito satisfatório, mas Mills deve estar perguntando-se que demônios aconteceu e tenho uma dúzia de...

Brianna o interrompeu, apoiou-se nos cotovelos e pressionou a boca contra seus lábios com um beijo deliberadamente provocante. Passou os braços ao redor do pescoço dele e se pendurou nele como se realmente tivesse o poder de impedir que abandonasse a cama.

Acontece que tinha. Apesar do horário apertado que insistiu ter, Colton ficou outra hora muito agradável antes de se retirar.

Um golpe de mestre, ela pensou eufórica quando voltou a se lavar na água da banheira que agora estava morna. Colton não havia dito que ela não tinha nem voz, nem voto em seu matrimônio, e pela forma como a beijou-lhe e acariciou...

Sim, as coisas estavam indo muito bem.

Capítulo 6

O conceito «esposa» provoca de modo imediato um efeito pouco excitante. A maioria dos homens são caçadores por natureza e, com o casamento, a caça termina. Algumas mulheres preferem o aborrecido papel de esposa devota, porém nunca fui capaz de compreender o por que. Quem vai querer um simples marido quando pode ter um amante ardente em seu lugar? Quando se fecha a porta do quarto devem-se abandonar as boas maneiras da educação. Lembre-se que não é necessário ser uma meretriz para agir como tal de vez em quando.

Do capítulo intitulado «Com um pouco de luxúria chegará longe»

O nível do vinho da licoreira tinha descido de forma significativa e suas vozes deviam ter aumentado alguns decibéis, mas esse era o tipo de companhia que mais agradava a Robert, que se recostou na poltrona com uma taça entre os dedos e um sorriso genuíno nos lábios.

—É agradável vê-lo novamente em casa. Alegro-me que viesse aqui primeiro.

Robert e seu irmão Damien estavam comodamente sentados, sem gravata e com as jaquetas atiradas no meio da mobília desordenada de um solteiro, na casa que Robert considerava seu estúdio. Era um museu de antiguidades do Velho Mundo, algumas peças procedentes do Oriente, e um eclético conjunto de mesas laqueadas e velhas estantes de carvalho, muito agradável para a vista, ao menos para a de Robert. Não era nenhum segredo que ele recusava as formalidades sempre que podia.

Damien, um ano mais velho, então o primeiro na linha de sucessão ao ducado de Rolthven, e tão pouco interessado nesse papel como o próprio Robert, sorriu. Era o mais calmo dos três irmãos. Tinha o mesmo tom de pele e a mesma constituição física, mas seus olhos não eram azuis, eram negros. Diplomático por natureza, ele era bem capacitado para a missão que desempenhava no governo britânico. Sua aparência discreta não expressava nem a autoridade natural de Colton, nem essa atitude mais despreocupada de Robert ante a vida.

—Asseguro que é agradável estar de volta. Passei por Grosvenor Square, mas nem Colton nem sua nova duquesa estavam em casa.

—Convidam eles para todos os lugares, a toda hora.

—Imagino. — Damien se concentrou e contemplou sua taça com satisfação. — Pelo menos você estava em casa... Coisa que me surpreende um pouco.

—Ao contrário do que as pessoas pensam, eu gosto de passar uma noite sozinho de vez em quando. E estou feliz por ter ficado hoje em casa, já que você veio. Quanto tempo faz que não pisava em chão inglês? Mais de um ano?

—Lorde Wellington é um patrão desumano às vezes.

Robert levantou uma sobrancelha.

— Claro que sim.

—Ganha batalhas. —Essa frase simples e um leve encolhimento de ombros resumiram os sentimentos de seu irmão.

—E esperamos esta maldita guerra, com a ajuda de homens como você - comentou Robert.

—E você. —Damien bebeu um sorvo. —Não despreze seus serviços à Coroa, Robert. Deus sabe que agradecemos a complexidade de seu cérebro.

Robert não valorizava muito seu papel de assessor ocasional do Ministério da Guerra. Embora ninguém o mencionasse, obteve a melhor nota de matemática de toda Cambridge. Mas a alta sociedade só falava de sua dissoluta vida privada e do número de mulheres que levava para cama. Embora, em um sentido filosófico, era imune à estreiteza dos olhares com que os outros julgavam sua existência, continuava provocando nele uma pontada de irritação

essa falta de interesse por seu intelecto. Damien, entretanto, não tinha esquecido a facilidade de Robert para resolver pequenos quebra-cabeças em um tempo recorde, e alguns anos atrás envolvera seu irmão na tarefa de decifrar o código dos comunicados franceses. O desafio era estimulante e embora Robert nunca sentisse desejo de ser militar, ao menos assim podia ajudar seu país de algum modo. Uma vez que ele traduzia os códigos, as informações voltavam para a Espanha e eram utilizadas para interceptar mensagens.

—Meus serviços —murmurou —são puramente nominais, mas obrigado. Fale-me de Badajoz. Ouvi histórias de horror sobre o assédio.

Passaram uma hora discutindo a campanha na península e Robert, sentindo-se expansivo e descontraído, abriu uma segunda garrafa de clarete. Uma das melhores coisas que havia em sua vida era a relação que tinha com seus dois irmãos, ficou satisfeito por Damien ter voltado para Londres, embora fosse por pouco tempo.

—Para mudar o assunto da guerra por outro mais agradável, entendi que haverá uma festa para comemorar o aniversário de Colton. — Damien fez girar com indolência o líquido rubi de sua taça, com um brilho irônico no olhar. —Achei um convite de sua jovem esposa quando recolhi minha correspondência pessoal. Reconheço que me surpreendeu que ele estivesse de acordo com um evento desse tipo, mas talvez o matrimônio esteja suavizando nosso irmão mais velho.

Robert não pôde evitar e esboçou um sorriso ao recordar os diversos exemplos com que Colton havia manifestado sua confusão ante o comportamento de Brianna.

—Não acredito que esteja saindo como ele esperava. O espírito dela é tão independente como cativante é sua beleza. Você sabe que Colton gosta que as coisas sejam claras e lógicas. Enquanto Brianna é habilidosa, inteligente e nada previsível. Então, imagine nosso irmão, um perfeccionista, com uma criatura que exige dele não só espontaneidade, mas também tolerância. Esta festa é um exemplo. A julgar pelas queixas de Colton sobre o assunto, acredito que ela planejou tudo sem o consultar. Ele soube quando ela mandou-lhe um convite.

Damien começou a rir com sua habitual calma.

—Pode ser isto justamente o que Colton necessita. A toda essa respeitabilidade é necessárias algumas chicotadas de vez em quando.

Robert pensou no vestido decotado que continuava gerando comentários. Ainda que aquele episódio escandaloso houvesse acontecido semanas antes, e ele não estivesse presente. Como Brianna era sua cunhada, a maioria de seus conhecidos haviam tido a sensatez de não comentar em sua presença, mas mesmo assim, havia ouvido alguns comentários indecentes dos lábios de quem queria que a Duquesa de Rolthven aparecesse novamente em público com um vestido parecido.

—Brianna faz tudo o que pode.

—Não pude assistir ao casamento. —Damien parecia sinceramente chateado. —A guerra não espera nada. Fale-me dela. Reconheço que sinto curiosidade.

—Imagine um cabelo dourado e uma pele lisa e um corpo que Vênus invejaria —Robert refletiu um momento — mas embaixo dessas curvas exuberantes e esses fascinantes olhos azuis há substância. Além de seu aspecto, eu gosto de Brianna. É uma boa pessoa. Tem senso de humor, e também pelo que parece, o de aventura; algo que nosso irmão está se esforçando para compreender, mas que até este momento não conseguiu.

Damien riu.

—Parece encantadora. Estou impaciente para conhecê-la.

— Apesar de Colton não se entusiasmar muito com a ideia, a reunião será uma boa oportunidade. Ao menos estaremos todos juntos. A avó o espera com ansiedade. Já sabe como ela gosta da agitação das festas. Sei que sente falta de Londres, agora que está muito fraca para viajar de cá para lá.

—Tenho muita vontade de vê-la e me atreveria a dizer que será interessante observar a nova duquesa de Rolthven interagindo com Colton. — Os olhos escuros de Damien brilhavam imaginando. — Admito que fiquei surpreso ao saber que ele havia se casado por amor. Nunca poderia imaginar que nosso irmão mais velho faria algo tão sentimental.

Esse era um aspecto sobre o qual o próprio Robert havia pensado e que se fosse verdade, o intranquilizava. Se aconteceu com Colton... Bom, poderia acontecer com qualquer um.

Inclusive com ele?

—Não acredito que ele veja seu casamento desta maneira — disse bruscamente. —Imagino que ele acredita que isso é uma união prática. Brianna é jovem, bonita e de boa família, os três requisitos essenciais. E deste ponto de vista, acredita que cumpriu com seu dever e escolheu a duquesa apropriada e digna de um título ilustre. Não obstante, se olharmos para a relação a partir do momento que se conheceram, eu diria com alguma autoridade que ele reagiu a ela de maneira diferente desde o princípio. Muito diferente do que com qualquer dessas outras jovens de risada fácil que suas ansiosas mães colocavam de um modo excessivo ante seu nariz. O interesse foi imediato e recíproco e me alegro por ele. Uma das coisas que mais gosto é que para ela o fato de Colton ser um duque é uma piada.

— Isto, como atual herdeiro do ducado, aumenta minha estima por ela. —Damien bebeu um bom gole do licor e acrescentou: — as jovens damas a caça de título e fortuna me aterrorizam mais que o avanço da tropa francesa.

—Por sorte, nós estaremos a salvo quando Brianna der um herdeiro a Colton.

—Esperemos que seja logo.

Ao se lembrar da agitação de Colton perante o aventureiro espírito sexual de sua esposa, Robert riu baixo.

— Parece que ela está se dedicando a isso, de fato.

Damien levantou as sobrancelhas.

—Parece uma dama encantadora. Diga-me, quem mais você acha que está na lista de convidados da celebração?

—Não perguntei, mas no que diz respeito à Colton, me deu a impressão de que só estará à família e alguns poucos amigos íntimos.

Amigos íntimos. Enquanto falava, Robert se perguntou distraído se a encantadora senhorita Marston de olhos cor de mar foi convidada para a festa. Segundo Colton, a jovem dama era uma das amigas mais fiéis de Brianna junto com a condessa de Bonham. Andrew Smythe, o marquês de Bonham, havia mencionado de modo casual que sua recente esposa participaria da reunião, sendo assim talvez Rebecca Marston também estivesse lá.

Não que fosse muito importante que ela estivesse presente, pensou enquanto se remexia na cadeira com as pernas estendidas. Qualquer interesse que Rebecca houvesse causado era somente porque ela era atraente e inocente como um cordeiro, e por ele estar tão acostumado à experiente sofisticação de suas amantes habituais, essa diferença o havia perturbado.

Mas não deixou de pensar nela. E algo pior, procurou-a nas poucas festas que participou ultimamente. Graças a sua abundante cabeleira negra e sua graciosa silhueta foi muito fácil localizá-la, e se perguntou por que não havia prestado atenção nela antes. Na noite anterior, sem dúvida depois de vários conhaques, havia pensado em pedir a ela uma dança.

Por sorte havia sido uma loucura passageira, já havia cruzado a metade do salão quando percebeu o que iria fazer e recuperou a sensatez. As colunas de fofoca fariam sua caveira se o tivessem visto dançando com uma jovem inocente e de uma virtude inquestionável.

—Uma pequena reunião? —Damien interrompeu seus pensamentos. — Isso me parece mais é com uma grande festa. Passei muito tempo longe da sociedade. Por favor, me diga que não participarão jovens casadouras, porque tenho uma terrível sensação que sim. Que será uma reunião campestre com juvenzinhas com sorriso afetado.

«Rebecca nunca sorria deste modo», e essa convicção foi alarmante para ele, já que na verdade não a conhecia muito bem.

—Nenhuma que eu saiba — conseguiu dizer sem mentir.

Se fosse honesto consigo mesmo, teria que admitir que gostaria de ter lhe roubado um beijo quando ficou tentado. Quem sabe então teria satisfeito sua curiosidade e poderia afastá-la de sua mente.

Esqueceu a inalcançável senhorita Marston em favor de outra taça de vinho.

Sofria como uma tola, incapaz de decidir o que colocar. Não só para o momento da chegada, mas também durante cada minuto de sua estadia em Rolthven Manor. Isso é claro, depois de ter sofrido por não saber se seu pai deixaria ou não ela ir. Mas a verdade é que nem a própria Rebecca estava certa se deveria ir.

Era um endiabrado dilema pessoal.

— Este senhorita? — Sua empregada mostrou a ela um vestido de tecido prateado que gostava em particular, porque era o mais atrevido que possuía. Não que «atrevido» quisesse dizer grande coisa no contexto de um guarda-roupa escolhido em detalhes por sua mãe, porém era o menos conservador.

Porque não levá-lo? Afinal, Brianna havia vestido aquele modelo escandaloso na ópera e conseguiu com que o duque se comportasse de forma muito inusitada. Se quisesse que prestasse atenção nela, o de tecido prateado era a melhor opção.

—Sim — disse Rebecca esperando aparentar indiferença, — e o de seda de cor verde-água também, por favor. Alguns pares de sapatos e meu melhor xale, porque esfria à tarde no campo.

—Sim, senhorita. —Molly dobrou com cuidado o vestido e o colocou no baú.

Cinco dias perto de Robert Northfield. Na casa aonde havia passado sua infância, comendo na mesma mesa, fazendo brincadeiras espirituosas...

Claro que, pensou com uma pontada de dor, ela não era capaz de dizer nada coerente quando Robert estava presente, e se ela continuasse com seu modo habitual de comportamento, ele se limitaria a evitá-la como se fosse um rato portador da peste.

Que ideia tão estimulante...

Neste momento era uma jovem solteira muito bem considerada nos círculos sociais. Era sua segunda temporada, e os jovens a adulavam; mas eram cavalheiros em busca de uma esposa adequada. Que o céu a livrasse de tolos com ambições políticas como Lord Watts, que não a valorizava como pessoa, apenas pela influência de seu pai.

Robert Northfield, completamente o oposto e com a má fama, não procurava uma esposa.

Mas ela iria a Essex de qualquer forma.

—Levarei o de renda âmbar, o de tule marfim e o de musselina rosa. Um dos meus melhores trajes de montar, e a roupa de viagem para a volta. —Rebecca reprimiu um espasmo de nervos no estômago. —Estou certa que em Rolthven Manor todos estarão elegantes.

Molly apenas balançou sua cabeça e continuou seu trabalho.

Uma vez que a bagagem estava preparada, Rebecca verificou seu aspecto no espelho, arrumou o cabelo e desceu para o jantar. Seu pai tinha o costume de reunir todos na salinha para tomar uma taça de xerez antes de passar para sala de jantar, e não suportava que ela chegasse tarde. Isso significava um sermão, sem dúvida, e embora o adorasse em muitos aspectos, às vezes era tedioso.

Entrou no salão e disse animada

—Estava fazendo a mala, cheguei tarde?

—Quase. —Vestido com elegância, mesmo para uma ceia em família, seu pai tinha um aspecto imponente e distinto. Levantou um pequeno copo de cristal e o entregou com uma cortês inclinação de cabeça. —Por sorte isso significa que não. Chegou bem a tempo, querida.

—Obrigada. —Ela aceitou o oferecimento com decoro.

—Eu dei meu consentimento a esta excursão, mas com certas reservas.

Rebecca emitiu um gemido interior. Não a surpreendia. Ela só tinha reservas.

—A honrada duquesa... — demorou a dizer.

—É uma anciã — ele comentou —digo isso com todo respeito. Sua mãe e eu decidimos aceitar o convite e acompanhá-la. Sei que está em cima da hora, mas esta manhã bem cedo mandei um recado à duquesa, que apesar de ter comunicado no último momento, teve a amabilidade de responder dizendo que somos bem-vindos. Está decidido.

O coração de Rebecca caiu ao chão. Ir acompanhada de seus pais seria uma tortura. Era vários meses mais velha que Brianna, mas lá estava ela, vigiada como uma menina, enquanto suas amigas podiam dar festas e se vestir como quisessem e... Oh, era irritante em todos os sentidos. Rebecca endireitou a coluna e afundou na poltrona de brocado. A formalidade da sala enfatizava ainda mais seu papel de prisioneira virtual.

Naquele momento teve uma pequena revelação. Ou talvez uma grande.

A única certeza que a abalou profundamente, porque era a certeza que vinha evitando há meses.

A independência era um bem precioso. Ela a desejava, mas o único modo aceitável de abandonar seus pais era ir para junto de um marido. O tempo passava depressa, pura e simplesmente.

Contemplou sua taça.

—Devo deduzir que não confiam em mim se for sozinha? Bri pode organizar festas alegremente e convidar quem quiser, entretanto eu preciso do apoio de um cavalheiro que guie todos meus passos, só sou de confiança se tiver a todo o momento com a proteção de meus pais.

— Sua amiga já não é uma jovem solteira — disse seu pai após uma breve pausa. — É seu marido quem governa seus atos. Esse não é o seu caso. Quando for, nós nos retiraremos não se preocupe.

- Isso é um castigo por não ter me casado? —Rebecca arqueou as sobrancelhas de propósito, segurando a taça de xerez com as mãos trêmulas.

- Ir acompanhada de seus pais a uma reunião campestre é um castigo?

Bem, afinal seu pai era um político e as mudanças bruscas das regras do jogo eram sua especialidade. Embora Rebecca desejasse tentar esconder que estava receosa com a presença de Robert, sobre tudo em um grupo tão pequeno, seus pais acabavam de complicar as coisas ainda mais.

- Não, é obvio que não.

- Então estamos de acordo.

Ela não descreveria a situação dessa forma. Optou por não fazer comentários.

- E o que diz de Damien Northfield?

Rebecca ficou gelada, paralisada com o comentário de sua mãe e ficou com a taça suspensa sobre seus lábios.

- Damien Northfield? O que quer dizer? O que tem ele?

- Retornou da Espanha.

Em um primeiro momento, ela ficou com o olhar fixo, sem dizer uma palavra.

Sua mãe refletiu um momento.

- A verdade é que até agora não havia pensado, mas é muito bom partido. Para começar é o herdeiro de Rolthven...

A ideia era tão absurda que Rebecca interveio.

— Deve estar de brincadeira. — Oh, Deus, ela nunca interrompia sua mãe. Enquanto seu pai arqueava as sobrancelhas e em sua testa desenhava-se uma expressão carrancuda, retificou em logo seguida: — Quero dizer, sequer o conheço.

Além disso, ele era irmão de Robert. Mas estava claro que não podia usar isso como argumento, então o que fez foi beber um bom gole de xerez, algo impróprio para uma dama.

—Eu pensei que poderia ser uma oportunidade para se conhecerem, e quem sabe, talvez se entendam. —Sua mãe arqueou as sobrancelhas e em seus olhos apareceu um brilho que Rebecca identificou. —Já faz algum tempo que não o veem na sociedade, mas se bem me lembro, tem o porte dos Northfield e uma fortuna considerável. Pense como Brianna ficaria encantada se você se sentisse atraída por seu cunhado e ele por você.

Ela já sentia uma forte atração por um dos irmãos Northfield, desejasse ou não, e se seus pais conhecessem o seu amor, nunca a deixariam ir a Rolthven, com ou sem eles.

— Tenho certeza de que é um homem muito agradável — disse em tom neutro — porém, parece-me que é uma espécie de ajudante-geral de campo do general Wellington e isso deve mantê-lo bastante ocupado, não é verdade? Não acredito que neste momento procure uma esposa.

—Dizem que concederam a ele um título por seus serviços a coroa, se no final não se tornar um herdeiro — comentou seu pai. Coisa que não ajudou muito.

Rebecca deu-lhe um olhar de censura que dizia «traidor».

Ele levantou as sobrancelhas.

—Goste de Damien Northfield ou não, estou certo de que também participarão outros jovens que esperam poder dançar contigo e insistirão para que permita ser seu par nos diversos festejos. —Sua expressão passou de uma ligeira ironia para um semblante mais sério, e acrescentou: — Talvez seja uma boa oportunidade para que conheça melhor alguns deles, longe do tumulto dos bailes e das abarrotadas festas da sociedade.

A implicação estava clara: um maior conhecimento talvez a ajudasse a tomar uma decisão. Seu pai não estava feliz com esta segunda temporada, mas até então apoiou a firme rejeição de Rebecca a todas as propostas. Seus vinte e um anos ameaçavam no horizonte e ela sabia que seu pai não demoraria a dar-lhe um ultimato.

O que faria nesse caso? Não havia nenhuma dúvida: seus pais desejavam vê-la bem colocada.

—Estou convencida de que tem razão — disse tristemente, sem vontade de discutir o assunto nesse momento.

Quando precisasse brigar de verdade, como no caso de lorde Watts como marido em potencial, ela o faria. Mas não desejava que esta viagem começasse com uma desavença com seus pais controladores.

Infelizmente, seu pai, que era difícil de enganar, disse abruptamente:

—Sempre desconfio quando me dá razão tão depressa.

Ela olhou para ele com ar inocente.

—Neste caso estou de acordo contigo. Confesso que estou cansada de toda esta agitação de Londres e esta saída me parece uma mudança agradável. Só o fato de passar um tempo com Arabella e Brianna já será uma delícia, tenho certeza.

—E não se esqueça do irmão caçula do duque — lembrou sua mãe com ar afetado.

«Como se eu pudesse», pensou Rebecca com uma chama de tristeza, enquanto bebia um gole de xerez. Ela pensava muito frequentemente no irmão mais novo do duque de Rolthven, mas não naquele a quem a sua mãe se referia.

Rebecca tinha a sensação de que esses cinco dias poderiam ser muito duros.

Capítulo 7

O desejo é um jogo. Você pode praticá-lo com uma leve sutileza, ou com um flerte evidente.

Do capítulo intitulado «Como fugir e ter certeza de que não a apanharão»

Brianna se agarrou à correia para manter o equilíbrio quando entraram em uma estrada especialmente estreita do caminho. Colton, sentado na frente dela, mal se moveu no assento. Estava lendo outra carta do pacote de correspondência que levava com suas longas pernas estendidas, de modo que roçavam suas saias com as botas que calçava, e a expressão ausente. Em algum momento do trajeto havia caído uma mecha do cabelo castanho que dava a ele um ar quase infantil, mas estava muito distraído para perceber, e de qualquer maneira a largura de seus ombros e a nítida masculinidade de suas feições não tinham nada de infantil.

Brianna cedeu por fim ao impulso que estava tentando-a durante os últimos quilômetros. Inclinou-se para frente e com um gesto de familiaridade colocou a rebelde mecha em seu lugar.

Ele levantou os olhos do pedaço de papel que tinha nas mãos e, para alívio de Brianna, o deixou de lado.

—Não estou dando-lhe atenção, perdoe-me.

— Disse que teria que tratar de seus negócios enquanto estivéssemos em Rolthven, porém admito que este silêncio seja um tanto pesado. — Na verdade, Brianna não esperava que ele compreendesse o nervosismo que sentia ante sua primeira incursão real no papel de grande anfitriã. Colton estava tão acostumado a tudo o que se referia ao luxo e grandes eventos, que ela duvidava que houvesse parado para pensar nisso. Santo Deus, seu marido saudava o príncipe regente por seu primeiro nome.

— Como foi sua infância? —Parecia uma pergunta apropriada no momento, pois se aproximavam da propriedade onde ele cresceu, e ela sentia curiosidade.

Colton levantou um pouco as sobrancelhas.

— Minha infância?

— Imagino que não seja fácil crescer sendo o primogênito de um duque. —Brianna se lembrou de suas sobrinhas correndo como loucas pelo parque dias atrás, entre um vendaval de risadas infantis. Ela também teve uma infância maravilhosa. — Você tinha permissão para jogar, montar em um pônei, aprender a nadar... E todas essas coisas típicas que as crianças gostam de fazer?

— Na verdade, sim. Até certo ponto, suponho. —Seus olhos celestes a olhavam de um modo que só poderia descrever como cauteloso. — Posso perguntar por que estamos tendo esta conversa?

—Duvido que isso seja uma conversa — ela disse. — Você apenas disse algumas palavras. Eu pergunto por que no dia a dia dedica tão pouco tempo para se divertir, então queria saber se o educaram para acreditar que é assim que deve viver a vida.

Colton respondeu secamente:

- Conhece meu irmão. É obvio que não nos educaram para repudiar as frivolidades. Com isso não quero dizer que Robert seja frívolo, mas não se priva de nenhum prazer.

Mas Robert não era o irmão mais velho, pensou Brianna, observando seu marido por baixo dos cílios.

— Assisto as apresentações musicais, vou à ópera e a outros espetáculos. Monto a cavalo todas às manhãs a menos que chova, e vou ao clube. — Colton havia enumerado a lista devagar, depois baixou a voz: — Desde que me casei, desfruto sobre tudo das noites.

Qualquer resposta que ela pudesse dar ficou silenciada pelo estalar da carruagem ao entrar no longo caminho. A fachada de Rolthven Manor, de pedra cinzenta, de linhas elegantes e nítidas, não era exatamente medieval, mas causava uma sensação que evocava a época.

Talvez fossem as torres colocadas em ambos os lados da impressionante fachada, altas e imponentes, que acompanhavam a estrutura, como grandiosos símbolos de uma era em que

os Northfield haviam sido senhores feudais. Colton havia explicado durante sua primeira visita que só conservaram partes do castelo original e que a residência principal fora demolida e reconstruída há vários séculos. Um magnífico conjunto de escadas enormes conduzia a um esplendido terraço e o vestíbulo era descomunal, com portas duplas decoradas com vitrais e madeira escura. O brasão de armas da família foi esculpido na porta, para que ninguém duvidasse que o solar da propriedade ducal era dele, e somente dele.

Vista do lado de fora em um dia cinzento, à Brianna parecia um lugar um tanto assustador, mesmo com um jardim bem cuidado e impecáveis canteiros de flores. Entretanto, quando reluzia um sol glorioso, conseguia parecer quente e acolhedor, e esperava que seus convidados pensassem o mesmo.

Já que ia fazer isso por Colton, queria fazer bem.

O veículo subiu pelo atalho e sentiu borboletas esvoaçando em seu estômago.

A falta de entusiasmo de Colton com o evento era evidente, pensou resignada. Seu empenho para que fosse prazeroso para um homem que não tinha intenção de desfrutá-lo, aumentou por causa de seus atuais triunfos, que repassou mentalmente para reafirmar sua coragem. Até o momento eram três. Havia anotado e escondido o papel no livro proibido de lady Rothburg.

Um selvagem e erótico passeio de carruagem.

Uma noite em que ele... Enfim, Brianna notou que ruborizava ao pensar, mas a verdade é que ele a tinha beijado em um lugar onde jamais teria sonhado que um homem beijasse, e havia sentido um devasso prazer.

Um banho memorável, e depois o interlúdio que havia ocasionado.

No pedaço de papel escreveu: A ÓPERA. SEU DORMITÓRIO. MEU BANHO.

Queria evitar a possibilidade de alguém descobrir a anotação, interpretar suas intenções e envergonhar tanto Colton como a ela mesma. Uma coisa era certa, ele não ficaria nada satisfeito. Por outro lado, precisava anotar seus progressos, porque em ocasiões como esta, quando viajava com ela durante horas e horas em uma carruagem fechada, tão obcecado que

apenas havia falado nos últimos quilômetros porque foi forçado, Brianna necessitava manter uma noção clara de seus objetivos, ou estava condenada ao desânimo.

Ela desfrutava de suas noites. A paixão era satisfatória, mas não era só paixão. A amizade também. E logo o amor.

A carruagem parou de repente.

Depois dessa reunião campestre, esperava ter mais sucesso para acrescentar à lista.

— Chegamos — disse animada.

— Assim espero — seu marido replicou com a ameaça de um sorriso nos lábios — caso contrário teríamos parado sem motivo.

Colton merecia o olhar fulminante que ela lançou, mas ele ignorou. Saiu e ofereceu sua mão para ajudá-la a descer do veículo.

Brianna notou que os serventes se colocaram em fila nos degraus, mas ele registrou suas presenças com gesto de ligeiro assentimento enquanto a escoltava até a porta principal. A bandeira que tremulava sobre a casa indicava que ele estava na mansão, o que ela sabia não acontecer com frequência.

Para que visitar sua preciosa residência no campo e descansar, quando podia enterrar-se em seu sombrio estúdio de Londres, perguntou-se Brianna com sarcasmo. Não que Colton não fosse a Rolthven de vez em quando, mas até aquela data foram visitas rápidas e ela tinha a impressão de que isso era o habitual. O certo é que a avó de seu marido se queixava de sua ausência sempre que tinha oportunidade.

— Espero que nossos convidados possam desfrutar de bom tempo — comentou enquanto o mordomo abria a porta com um gesto enfático.

Colton emitiu um som ambíguo e dirigiu-se ao velho empregado.

— Como está, Lynley?

— Muito bem, excelência. — O homem fez uma reverência cortês e seu cabelo prateado brilhou sob o sol vespertino. — É bom vê-lo novamente.

— Sim, devo atribuir esta visita a minha esposa. — Colton apenas deu-lhe uma olhada. — Diga-me, chegou mais alguém?

—Lord Robert e Lord Damien estão aqui, senhor. Faz uma hora que chegaram. —Lynley, que tinha um porte impecável e se vestia com a elegância de um aristocrata, deu um passo para trás para deixá-los passar pelo enorme salão principal.

O local produzia um impacto poderoso inclusive em alguém que já havia estado ali várias vezes. Havia nada menos que seis lareiras, inumeráveis tapeçarias antigas, cujo valor deveria ser incalculável, penduradas nas paredes imensas. As janelas com cristais contribuíam para filtrar a luz exterior, que iluminava de um modo muito agradável a enorme sala, se é que alguém podia chamar de sala um espaço tão grande. Estranho mas acolhedor, embora Brianna ignorasse como podia ser assim. Talvez pela atmosfera íntima que conseguiam os pequenos grupos de elegantes mobiliários postos aqui e acolá; colocados para estimular a conversa entre os convidados, ou talvez pelos macios tapetes sobre o chão encerado... Não estava certa. O que sabia era que gostava Rolthven Manor e desejava que Colton se dignasse a passar mais tempo ali.

— Vamos subir para nos trocar? — seu marido perguntou, segurando-a pelo cotovelo e levando-a para a escada dupla no final do vestíbulo. Brianna era incapaz de saber se ele notou alguma vez naquele majestoso cenário. —A mim, pelo menos, seria bom um banho e um conhaque.

Água quente e trocar de roupa soavam muito bem, e Brianna assentiu e deixou que a conduzisse até a curva da escada esquerda para os seus aposentos. Eles eram magníficos, igual ao resto da casa, talvez mais do que o necessário. Não gostava nem um pouco daquele mobiliário pesado e escuro, nem essa abundância de rendas em seu quarto. Também era óbvio que à mãe de Colton, que estava casada em segundas núpcias com um conde italiano e vivia no campo perto de Florência, gostava da cor lavanda. No entanto, Brianna não compartilhava dessa paixão, e embora meses atrás Colton dissesse a ela com um gesto de despreocupação que podia redecorá-la a seu gosto, nunca ficavam o tempo suficiente para que pudesse realizar esse projeto. Talvez se ele gostasse desta breve viagem, poderia convencê-lo a sair de Londres mais vezes.

Estava determinada a fazê-lo gostar.

Sua empregada e o ajudante de quarto de Colton se adiantaram com a bagagem, e Brianna descobriu que seu baú já estava desfeito, e as escovas e demais objetos pessoais colocados na vistosa penteadeira. As grandes cortinas estavam abertas ao calor da tarde, e os tecidos fluuavam a mercê da brisa que chegava do parque em flor.

— Traremos a água quente em seguida, excelência. — Sua empregada, uma doce juvenzinha da Cornualia, começou a ajudá-la a se despir. — O que deseja vestir esta noite?

— Nada em tons lavanda — murmurou, olhando ao redor. — Pode ser o de seda azul claro. Esta noite haverá um jantar tranquilo em família. Os convidados não chegarão até amanhã.

— Muito bem, excelência.

Depois de se limpar da sujeira da viagem e se vestir, Brianna escovou o cabelo e com a ajuda de Molly, fez um ligeiro coque na nuca. Sentada em frente ao grande espelho dourado, perguntou-se quando deveria oferecer ao seu marido o malicioso presente de aniversário que tinha planejado.

Tinha que escolher o momento perfeito.

Pretendia que Colton se lembrasse pelo resto de sua vida.

A aparência de mulher frágil com um monóculo no olho e a manta sobre o colo era, como sempre, muito ativa.

— É agradável que por fim tenha encontrado tempo para a família — disse a anciã de maneira brusca.

Apesar da idade de sua avó, seu espírito não era nada fraco, pensou Colton com carinho.

— Parece que fui obediente e vim, não é verdade? — disse tentando não se mostrar na defensiva.

— Só porque sua jovem e bela esposa o obrigou — replicou com ironia a venerável duquesa.

Brianna se limitou a sorrir.

— Colton está muito ocupado. Estou muito contente por ele ter aceitado vir.

Damien apoiou-se na poltrona e arqueou uma sobrancelha de forma enigmática. Robert parecia divertido. Enquanto lhe ocorria algo diplomático para dizer, Colton pensou que eram três homens adultos, no entanto sentiam-se em minoria na frente de uma anciã e uma jovem de beleza provocante. Pigarreou.

—Tudo isso me agrada muito.

Sua avó entreabriu seus ardilosos olhos azuis e baixou a lente.

—Nisso não sei se acredito, mas não penso em discutir. Você está aqui, Damien por fim está de volta para ficar pelo menos uma breve temporada, e Robbie renunciou aos prazeres de Londres para se retirar ao campo. Isso não acontece desde...

Sua voz foi se apagando e Colton viu de repente que havia um brilho suspeito em seus olhos e ela recolocava o monóculo junto à poltrona, como se o mais importante do mundo fosse que ele estivesse no ângulo certo. Colton terminou a frase por ela em silêncio: desde que seu pai, o filho dela, tinha morrido de forma inesperada por uma febre repentina. Colton tinha vinte anos, Damien acabava de entrar em Cambridge e Robbie ainda estava em Eton, quando a família toda se reuniu para o funeral. Colton pensou que a anciã tinha toda a razão. Depois, os três tinham decidido tomar caminhos separados, em busca de suas próprias paixões. Ele herdou um ducado e teve que aprender a administrá-lo, Damien sempre amou as viagens e a intriga, e Robbie sempre tinha sido inconsequente e encantador.

Santo Deus, diria que havia transcorrido uma eternidade desde que todos se reuniram junto a tumba de seu pai, sentindo que seu mundo entrava em outra dimensão. Ao menos assim era como ele tinha vivido o desafio, e também tinha percebido uma mudança em Damien e em Robert. A realidade os havia golpeado de forma muito desagradável e cada um deles se viu obrigado a combater a devastação a sua maneira.

«Como foi sua infância?» Brianna percebia a comoção que provocava essa singela pergunta em suas lembranças?

Depois da morte de seu pai, ele passou um tempo angustiado, mas decidido a dirigir suas propriedades e o resto dos interesses financeiros com a mesma precisão e habilidade que todos os duques de Rolthven que o tinham precedido. Estava tão atordoado que nem sequer

percebeu que sua mãe retomara a vida social depois do luto, e em consequência ficou chocado quando ela anunciou sua intenção de voltar a se casar. Damien também estava ausente quase sempre, e com sua avó residindo de forma permanente no campo e sendo Londres muito mais prático para suas obrigações, Colton não tinha percebido o quanto sentia saudades de Rolthven e de estarem todos juntos. Robert era o único membro da família a quem via com frequência, e isso acontecia porque se encontravam de maneira espontânea em diversas atividades sociais e compartilhavam os mesmos clubes.

Embora não estivesse acostumado a fazer demonstrações de afeto na presença de outros, sua avó era uma das poucas pessoas capazes de lhe inspirar a isso. Colton se aproximou e acariciou-lhe a mão venosa e azulada.

—Já era hora de estarmos todos juntos, avó. Neste ponto tem toda razão.

Ela lançou a ele um olhar agressivo.

—Eu sempre tenho razão, juvenzinho.

Aliviado ao ver que as lágrimas tinham desaparecido de seus olhos, ele inclinou a cabeça.

—Sim, madame, tem razão. Sempre.

—Agora que isto ficou esclarecido, dou permissão para que me acompanhe para jantar.

Assim o fez. Ofereceu-lhe o braço para que se apoiasse, colocou o leve peso de seu corpo sobre ele ao levantar-se, e caminhou devagar agarrando a manga com os dedos. Colton ouviu que Robert dizia algo a Brianna a suas costas, e que esta respondia com uma risada musical. Agora que refletia sobre o assunto, envergonhava-lhe sua reação inicial ante a pergunta de sua esposa, e pela primeira vez se perguntou se se mantinha ocupado todas as horas para não ter tempo de sentir saudades de sua família. Por que não tinha analisado a situação até hoje?

A sala de jantar não podia ser considerada acolhedora sob nenhum ponto de vista. Em seu teto alto havia luxuosos afrescos decorativos de um mestre italiano que, vários séculos atrás, cobrou uma fortuna para decorar diversas residências. As paredes que as sustentavam estavam cobertas com painéis escuros polidos com grande brilho, e a descomunal mesa podia acolher trinta pessoas de uma vez. Em ambos os lados da sala havia duas portas independentes que permitiam o trânsito dos criados com as bandejas. A luz provinha de

diversos lustres enormes e a sala estava ladeada por lareiras de cada lado. Colocaram cinco cadeiras bem perto umas das outras para que todos pudessem conversar comodamente, sem ter que gritar para se fazerem ouvir. Colton acomodou primeiro sua avó e com um singular sentimento de posse que nem sequer percebeu que tinha, deu a volta para afastar uma cadeira para sua esposa, adiantando-se ao seu irmão caçula.

Deus do céu, Brianna estava esplêndida essa noite. Vestia um singelo traje de seda azul, a pálida pele sem mácula, radiante, e seu cabelo dourado preso, brilhava sob a luz do candelabro. Parecia a personificação da feminilidade enquanto o agradecia com um brilhante sorriso e se sentava com uma onda de perfume suave e tentador.

Mais tarde, prometeu a si mesmo, obteria grande prazer tirando esse traje e desamarrando seu lustroso cabelo. Depois a levaria para a cama e ouviria os leves e excitantes sons indicando que estava gostando de todas as coisas que fazia e que desejava mais.

— Vai se sentar?

A pergunta que sua esposa fez com tanta delicadeza, fez com que percebesse que continuava de pé junto a sua cadeira, olhando-a boquiaberto como um tolo.

E fantasiando que estava fazendo amor diante de toda sua família, inclusive nada menos que sua avó.

Brianna causava esse efeito perturbador nele.

— Sinto muito. Acabo de lembrar que me esqueci de fazer uma coisa antes de sair. Não importa, meu advogado pode se ocupar disso — mentiu Colton, e segurou com pressa a cadeira da cabeceira da mesa, sentindo-se como um idiota. E quando ele se sentou, um empregado se aproximou para servir o vinho a ele que agradecido, tomou do cálice tentando ignorar o sorriso de Robert. Podia ser que ninguém mais houvesse percebido aquele instante de fugaz obsessão por sua esposa, mas seu irmão notou, sem dúvida. Como uma represália a irritante expressão de Robert, Colton perguntou com frieza: — Então me diga, querida, convidou alguma jovem solteira para a festa?

Brianna sorriu com malícia e em sua face apareceu uma covinha deliciosa.

—Como não ia convidar nenhuma, quando estarão presentes dois dos melhores partidos da Inglaterra?

Damien reagiu com uma cara de terror cômica. Robert emitiu um sonoro grunhido. Sua avó, a venerável duquesa, sufocou uma gargalhada e disse com franqueza:

— Muito bem feito, filha. Eu gostaria de vê-los todos casados antes de deixar este mundo.

—Eu sempre desejei que viva eternamente, avó — Robert levantou a taça como um pequeno brinde — e este comentário reforça esse sentimento.

—Amém — murmurou Damien.

—É só uma brincadeira — disse Brianna, com uma expressão irônica em seus olhos encantadores. —A lista de convidados é bem reduzida. Além do conde e a condessa de Bonham, estarão presentes os Marston, lorde Bishop e sua filha, a senhora Newman, lorde Knightly e lorde Emerson, e as irmãs Campbell com seus pais. Isso é tudo. Por infelicidade, minha irmã e seu marido não poderão vir.

—Isso é tudo? Isso inclui cinco jovens solteiras. —Robert ficou manifestamente pálido.

—E há cinco solteiros também. —Brianna tomou um gole de vinho com serena elegância e enrugou a testa. —Não se pode dar uma festa como esta e não igualar o número de cavalheiros e damas. Assim me disse sua avó e eu organizei a lista de convidados em função disso. Por outro lado, você está acostumado a ir a festas com jovens solteiras.

—Mas não cinco de uma vez e obrigado a ficar na companhia delas todas as horas durante cinco dias.

—Deus bendito. —Damien tinha a expressão de um homem caçado.

—Oh, não façam com que pareça tão ruim. Eu prometo a vocês que elas serão muito agradáveis, caso contrário não teria convidado.

Colton observou a expressão de sua esposa, e teve a impressão de que embaixo daquela aparência tão formal estava rindo.

De fato parecia muito fascinante. Como demônios havia feito para convencê-lo? E algo ainda mais insólito, como fez para manipular seus irmãos, tão propensos a manter distância de uma situação parecida?

— Tenho certeza que ficará tudo bem — murmurou Colton. — Como sempre.

Robert, que sabia que Colton se mostrara contrário à celebração, lançou-lhe um olhar sardônico. Damien fez uma careta e um gesto para pedir mais vinho, pois acabava de terminar sua taça. Sua avó observava a todos com vivo interesse, e Brianna se inclinou para diante e acariciou a mão de Colton.

Uma carícia. Apenas um roçar com os dedos. Mas arrepiou a pele. Ela o olhou com os olhos úmidos.

—Alegra-me tanto que diga isso, querido. Pensar nisso me deixou muito preocupada.

«Querido...» Regra geral não teria gostado dessa amostra de afeto em público, embora só estivesse na presença da família. Mas a expressão de Brianna o surpreendeu de tal maneira que o impediu de sequer franzir o cenho. Sem nenhuma lógica, tentou lembrar se já o havia chamado de querido antes. Não, achava que não.

«Deixou-me muito preocupada...»

Estava preocupada? Ele sentiu-se desconfortável com a ideia dela ter se inquietado. Colton se sentiu como um canalha, sobre tudo ao ver o olhar que sua avó lançou-lhe.

Bem, por que demônios eles acreditavam que ele devia saber como um homem casado deveria agir? Afinal, ele tinha tão pouca prática como Brianna.

— Não entendo por que deveria se preocupar.

Seus dois irmãos trocaram olhares e isso o irritou profundamente.

—Talvez — disse Robert — ela pensasse que você resistiria em deixar Londres para dedicar parte de seu tempo para descansar? Não posso imaginar, por mais que tente, de onde ela teve essa impressão.

Colton observou seu irmão com expressão glacial.

—A mesa não é lugar para sarcasmos, Robbie.

—E quem foi sarcástico? — Uma inocência fingida dava aos traços de Robert uma aparência angelical, embora ele não tivesse nada de anjo, a não ser que fosse um anjo caído.

A chegada do primeiro prato salvou Colton de ter que replicar. Dedicou toda sua atenção à sopa. Até certo ponto compreendia as objeções de seus irmãos ante a atmosfera da reunião

campestre. Mas também era certo que as jovens damas convidadas eram amigas da Brianna, e se eles queriam evitar complicações com senhoritas casadouras, podiam se limitar a serem educados durante cinco dias e se esquecerem do assunto. Em sua opinião isso não era pedir muito. Ele era o cabeça da família e poderia exigir muito mais.

Demônios, podia ser que um deles encontrasse uma esposa, pensou enquanto observava Brianna inundar a colher na cremosa sopa e prová-la com delicadeza. Que Deus o ajudasse.

Capítulo 8

O principal conflito entre os homens e as mulheres não é consequência dos jogos que jogamos, e sim das regras diferentes que seguimos. Nós temos umas e eles têm outras.

Do capítulo intitulado «os porquês»

Robert não tinha percebido que Brianna estava ansiosa até que ela o abordou. Mal havia posto um pé na sala principal, quando se viu rodeado por um grupo de empregados carregados com enormes jarros de flores de inverno e uma mão graciosa o segurou pelo braço com uma força surpreendente.

— Preciso de ajuda. — Sua cunhada praticamente o arrastou até uma lareira de mármore italiano junto a um conjunto de poltronas de veludo. — Os convidados estão começando a chegar e o chá será servido dentro de mais ou menos uma hora. O que você acha de colocarmos as rosas bem aqui?

O ramalhete de botões vermelhos e brilhantes contrastava de forma espetacular com a pedra branca, por isso ele respondeu com lógica:

— Acho que está muito bonito.

Ela olhou para ele com olhos suplicantes e uma pequena mancha nas bochechas.

— Você tem certeza?

Ele tirou um lenço do bolso e limpou a tal substância, que tinha um suspeito aspecto de pólen.

— Tenho certeza absoluta.

O rubor de suas bochechas e o tique nervoso na mão o lembrou que Brianna só tinha vinte anos, e embora aparentasse estar segura de si mesma, não estava acostumada a sua nova

posição como duquesa de Rolthven. Seu nível de experiência nesse tipo de coisas era limitado.

—A senhora Finnegan — ele disse com tanto tato quanto pôde — tem trinta anos como governanta, e saberá o lugar exato onde colocar as rosas para que causem o melhor efeito, já que organizou muitas reuniões campestres no passado. Minha mãe a teria roubado de nós sem piedade quando foi para a Itália se pudesse convencê-la. Eu acredito que Finnie ficará encantada se delegar a ela algumas decisões.

—Desejo tanto que tudo seja perfeito — disse Brianna com uma seriedade cativante. — Colton aceitou todo este assunto quase como uma imposição, e se for um desastre eu o colocarei em ridículo, além de fazê-lo perder tempo.

Por um segundo, quando Robert observou seu rosto encantador e viu aquela sinceridade em seus olhos, invejou seu irmão por ter uma esposa. Não Brianna especificamente, embora fosse uma mulher bonita em todos os sentidos, e ele admirasse sua coragem e inteligência, mas pela ideia dela ter se dado ao trabalho de planejar essa festa. Não porque seu irmão fosse olhar as rosas, ou muito menos onde elas estavam, mas porque ela desejava fazer Colton feliz acima de tudo.

Pensamento pequeno. Robert estava bem familiarizado com as damas que desejavam que ele as fizesse felizes. Desejava o prazer que ele era capaz de dar a elas na cama, o prestígio de flertar com o irmão mais novo de um duque, a joia usual e outros presentes caros.

Pensavam alguma vez nele? Não no lorde Robert Northfield com sua generosa herança e suas relações influentes, não se ele era ou não um amante hábil e aventureiro, mas em sua vida, em suas ideias e em suas aspirações.

Nunca. Tinha a sensação de que a todas as mulheres com quem havia se deitado, jamais havia ocorrido a ideia de perguntar se ele era feliz. Isso também era culpa sua, concluiu enquanto continuava ali, olhando Brianna e respirando a fragrância de flores do inverno que chegava pelo ar. Ele escolhia de propósito, companheiras que não desejavam mais que relações sexuais esporádicas, sem implicações emocionais. Ele seduzia um tipo específico de mulheres e elas apreciavam muito suas atenções.

Mas, isso bastava? Nenhuma mulher jamais olhou para ele como Brianna olhava a seu irmão.

Colton também, nos momentos de descuido em que não estava fechado em algum lugar seguro, afastado do mundo e dedicado a enviar contratos e cartas aos administradores das propriedades, olhava sua esposa com um carinho especial nos olhos, que Robert suspeitava que seu irmão mais velho nem sequer percebesse.

Era extraordinário que aos vinte e seis anos e com seu grau de experiência com as mulheres, Robert só tivesse considerado a possibilidade de apaixonar-se por alguém como um divertimento.

— Ele tem orgulho de você em todos os sentidos, e não só me refiro ao título. — Robert deu um tapinha na mão que o estava segurando, e não acreditou no tom emocionado de sua própria voz. Ele não era sentimental... Pelo menos isso era o que acreditava. — Agora deixe que eu fale com a Sra. Finnegan, o que você acha? Depois acho que vou ter que me trocar. Passei quase o dia todo cavalgando por aí.

— Obrigada. — Brianna soltou a manga com um sorriso triste. — A verdade é que agradeço a sua ajuda.

— É um prazer, madame, disponha. — Robert fez uma reverência exagerada que a fez rir e em seguida foi procurar a sempre eficiente Finnie, como a chamava desde que aprendeu a falar. Explicou a ela que a jovem esposa de Colton precisava dela para que a orientasse um pouco, e subiu para se trocar.

Sem perder por um instante a sensação de ter experimentado uma espécie de momento profundo.

Enquanto ajustava a gravata frente ao espelho, que mostrou o olhar de um rosto taciturno, muito diferente de sua habitual imagem irresponsável.

Ouviu que o chamavam e se virou.

— Sim? — disse simplesmente.

Damien abriu a porta do quarto e entrou.

—Pensei que poderíamos descer juntos para tomar o chá e apresentar uma frente de solteiros comum.

Robert forçou um sorriso, tentando se livrar de seu desanimo interior.

— Estava planejando como sobreviver a isto?

—Eu sou conselheiro militar —seu irmão deu de ombros —e me parece uma estratégia inteligente, mas reconheço que estou mais acostumado a calcular os movimentos das forças francesas do que damas entusiasmadas e suas intenções.

—Talvez estejamos dando demasiada importância — disse Robert com secura. —É possível que nenhuma das jovens que Brianna convidou esteja interessada em um de nós dois.

Damien fez um gesto de resignação.

—Estou há algum tempo afastado da sociedade, mas me parece que está muito otimista. Somos os Northfield, Robbie, e enquanto formos os homens mais ricos da Inglaterra, seremos um bom partido.

Robert achava o mesmo.

— É provável. Pelo menos a senhorita Marston é encantadora — admitiu, porque estava pensando nela em particular. — E embora fosse desaconselhável, acrescentou: — É linda.

E de onde demônios tinha saído esse comentário? Era desconcertante pensar que guardava no cérebro a ideia de voltar a ver a jovem dama.

Seu irmão arqueou as sobrancelhas.

—A senhorita Marston? A filha de sir Benedict Marston?

—Sim — Robert limitou-se a responder. Não falou de suas diferenças com o homem em questão.

— Falei com ele em alguma ocasião. —Damien adotou uma expressão neutra que sempre adotava quando falava de sua profissão. —Tem muito boa relação com o ministro da Guerra, e com o primeiro-ministro, o conde de Liverpool. É estranho que não a relacionasse imediatamente quando Brianna a mencionou ontem à noite.

—Rebecca é muito amiga de Brianna.

—Rebecca? Tem intimidade o suficiente para chamá-la pelo primeiro nome?

Robert pensou no jardim iluminado pela lua e em seus lábios acariciando o canto suave e tentador de uma boca rosada.

—Não, essa é uma liberdade que não tomaria em sua presença. Apenas nos conhecemos.

Exceto que se lembrava da maleável firmeza dos seus seios junto ao seu peito e a fragrância de seu aroma delicado e envolvente...

—Bem, talvez eu tolere sua presença em troca da oportunidade de falar com seu pai. Para Wellington será bom toda a ajuda que possamos conseguir do regimento da guarda real e Marston tem influência. Fico satisfeito em saber que é mais ou menos bonita, para que meu interesse pareça sincero.

Mais ou menos? Uma corrente de indignação percorreu a espinha dorsal de Robert por algum motivo incompreensível. Incompreensível porque Damien, sempre razoável e comedido, quase nunca irritava alguém.

—De fato é muito atraente, e existem rumores que seu pai rejeitou muitos pedidos de casamento. Assim que a conhecer entenderá por que. Não é uma dessas senhoritas de rosto lânguido que sorriem com afetação e que se sentem orgulhosas de não terem nenhum juízo — respondeu com frieza.

Damien adotou uma atitude jovial.

—Isso é uma grande notícia. Pode ser que esta festa não seja tão tediosa como pensava.

—Pretende mostrar interesse por ela para conseguir audiência com seu pai?

—Não penso ser tão vil. —Seu irmão parecia perplexo ante aquele tom irritado. —Eu só quis dizer que como imagino que ela estará acompanhada de seus pais quase todo o tempo, se conseguir que a senhorita Marston preste atenção em mim, conseguirei a deles também.

Isso fazia sentido. Porque Robert se importava é que era um mistério.

Um breve diálogo em uma conversa informal e uma rápida corrida para os arbustos para ajudá-la a escapar de um caipira aborrecido como Watts não a transformava em mais do que uma mera conhecida.

—Vá em frente, corteje-a. — Levantou os ombros com um deliberado gesto de desinteresse.

—Eu não falei que ia...

—Damien, diabo, faça o que o agradar.

Por que interrompera seu irmão mais velho com tanta veemência? Maldição, aquele episódio com Brianna no andar de baixo o transtornara.

Dirigiu-se à porta.

— Perdoe-me. Odeio este tipo de coisas. Enervam-me. Vamos tomar um bom conhaque antes que tudo comece, você quer?

Se essa última hora fosse uma indicação do que ia acontecer nos próximos cinco dias, Rebecca teria sorte se conseguisse superá-los sem enlouquecer.

Estava sentada em um sofá estofado e segurava uma xícara de chá com a mão trêmula. Estava certa que se aproximasse a deliciosa porcelana à boca, derramaria o chá sobre o colo, então em lugar disso dissimulou que não estava com sede.

Em resumo, fingiu que tomava o chá, coisa que uma respeitável dama inglesa não deveria fazer jamais, porém estava farta das regras de decoro. Essas mesmas normas que a haviam obrigado a escutar Damien Northfield, que era quase o oposto de seu despreocupado irmão caçula, mas que carecia por completo de sua bravura e de seu sorriso malicioso, e seu pai, cada vez mais absorto em uma conversa sobre a guerra na península Ibérica. No extremo oposto da sala, Robert falava com Loretta Newman, uma viúva atraente e ainda suficientemente jovem.

Claro, pensou Rebecca indignada, tinha que ser uma loira moderna, miúda e com essas outras coisas que agradavam um cavalheiro. Enquanto o olhava, Robert se inclinou para aproximar um milímetro mais do correto e sussurrou algo ao ouvido de sua interlocutora. A senhora Newman riu e pestanejou de um modo tão coquete que provocou em Rebecca vontade de quebra-lhe os dentes. Não sabia do que estavam falando, mas passaram quinze minutos ali de pé, naquele canto acolhedor e...

—Senhorita Marston?

Ela afastou o olhar com desgosto. Damien Northfield a observava com perfeita tranquilidade de uma poltrona próxima.

—Oh... Sinto muito. Disse algo? —gaguejou.

«Deus do céu, não permita que me pegue olhando para seu irmão.» A perspicácia que havia nesses olhos revelava uma inteligência notável.

— Perguntei — disse educadamente serio — se você aproveitou Londres este ano.

Ao menos essa pergunta não era difícil.

—Quase o mesmo que o ano anterior — respondeu ela com sinceridade. Reparou que ele tinha os olhos bonitos, embora não de um azul celeste, mas escuros. Tinha as feições características dos Northfield, mas sem o pecaminoso encanto de Robert, nem a introspecção de Colton, a não ser um ar muito pessoal, vigilante e sereno.

Nos lábios de Damien desenhou-se um peculiar sorriso.

— Percebi.

A ambiguidade com que Rebecca respondeu, fez seu pai franzir o cenho. Ela se negou a adotar um ar de desculpa, e em troca dedicou-se ao irmão de Robert, certa de que podia fazê-lo melhor.

—Refiro-me a uma espécie de redemoinho.

Pelo visto não poderia ter feito melhor.

Lord Damien pareceu não se importar.

—Eu tenho a mesma opinião. — disse em um tom amigável — Mesmo no caso de não haver guerra, acredito que sou demasiadamente solitário para passar muito tempo em Londres. Ao contrário de Robert. —Dirigiu o olhar para onde seu irmão continuava flertando com a senhora Newman.

— Parece se sentir muito confortável na sociedade. —Era um comentário banal e Rebecca desejou veementemente poder beber o chá para ter algo que fazer com as mãos, mas a verdade é que tinha medo do ridículo.

— Disse-me que vocês dois se conhecem.

Esse comentário captou toda sua atenção. O que teria dito exatamente? Que ambos se chocaram na soleira? Sua fuga através dos jardins? A ameaça de beijo no qual ela não conseguia parar de pensar? Esperava que Robert não houvesse detalhado toda a história para seu irmão, e rezava porque se tivesse feito, que Damien não pensasse em repeti-la diante de seu pai. Estava certa que como aliado de Wellington, teria mais tato que isso.

Tudo teria corrido bem se não se ruborizasse. Horrorizada, notou uma súbita onda de sangue e calor que invadirem o seu rosto.

—Fomos apresentados — disse com uma rapidez excessiva, sem atrever-se a levantar os olhos para seu pai.

—Sim, bem, imagino. Você é muito amiga de minha cunhada, pelo que entendi. — A expressão de Damien era indiferente.

Tato, com efeito. Disse como se fosse natural ela conhecer um cavalheiro desse tipo, sobre tudo um a quem seu pai desprezava. Rebecca assentiu, agradecendo a ele esse último esclarecimento.

—Brianna e eu somos amigas desde meninas. Nossas famílias têm propriedades vizinhas e nos conhecemos a vida toda.

— Faz pouco tempo que a conheço, mas me parece uma pessoa encantadora.

— Ela é. —Ao menos isso Rebecca pode responder com total convicção.

Viu com alívio que ele se dirigia ao seu pai e fazia uma pergunta sobre a iminente sessão parlamentar, e novamente pôde dedicar-se a sua xícara de chá, que continuava cheia, e que agora estava morna. Não olhar era uma tortura, mas ao menos durante alguns minutos não ousou sequer olhar de esguelha para o lugar onde Robert e a bonita viúva continuavam de pé.

Quando se atreveu a dar uma olhada, viu com tristeza que ambos tinham desaparecido.

Sentiu um espasmo na boca do estômago.

Uma coisa era sentir uma paixão impossível por um conhecido libertino, e outra muito diferente era ser testemunha de suas indiscrições. Oh, já o tinha visto dançar antes, conversar e sorrir em salões de baile abarrotados, mas sempre havia muita gente perambulando ao redor e nunca o tinha visto partir com nenhuma de suas bajuladoras admiradoras. Quando um

homem e uma mulher desapareciam juntos durante uma recepção em uma casa... Bom, ela lia as colunas sociais e todo mundo sabia o que acontecia.

Haviam subido para o andar de cima onde ficavam os quartos?

Era possível.

Isso doeu, embora não tivesse direito de sentir-se ofendida ou traída. Simplesmente... doeu.

Conseguiu deixar de lado a xícara de chá no pires sem tremer. Se não fugisse dessa sala era capaz de gritar. Quando ficou de pé, logicamente seu pai e lorde Damien se levantaram também.

— Perdoe-me — murmurou Rebecca. — Faz um dia tão bonito que gostaria de passear pelos jardins da propriedade. Brianna os elogia tão frequentemente que tenho que vê-los por mim mesma.

As sobrelhas de Damien se arquearam um pouco, e Rebecca viu com espanto que ele oferecia o braço a ela.

—Por favor, permita que a acompanhe.

Não! Ele se parece tanto com ele... O farto cabelo castanho e seu perfil...

Tudo o que desejava de verdade era ficar só e recompor-se. Entretanto, se recusasse o oferecimento de Damien para acompanhá-la, seu pai ficaria muito irritado e ela ficaria como mal educada. De modo que colocou os dedos em seu braço e forçou um sorriso.

— Eu adoraria.

Saíram juntos da sala pelas portas de vidros abertas ao crepúsculo. Damien a conduziu pelo imenso terraço virando para a parte de trás da casa, onde se estendiam jardins de traçado perfeito. «Uns quinze acres», disse-lhe com seu ar tímido, enquanto passeavam. Se tivesse interessada de verdade nas flores e nas sebes aparadas, teria apreciado sua companhia. Mas não naquele momento, tendo em conta que sua mãe desejava que visse lorde Damien como um possível candidato a marido.

Era muito desconfortável.

Escolheu um atalho e Rebecca caminhou ao seu lado, esperando aparentar serenidade. Para que não pensasse que era uma completa idiota e sem o menor pingo de cortesia, murmurou com educação:

—Está gostando desta interrupção de seus deveres na Espanha, milorde?

Ele, com um leve sorriso zombeteiro nos lábios, pareceu refletir.

—Se dissesse que não, seria um insensato, não é verdade? Quem gostaria de trocar este lugar maravilhoso, a oportunidade de ver minha família e amigos, e ter tempo para descansar, dos rigores da guerra?

Rebecca não sabia como responder. A menos que se equivocasse, tinha captado certa inquietação no tom, mas não o conhecia bastante para julgá-lo.

—Eu sou insensato, às vezes — acrescentou sucintamente.

Ela piscou.

—Isso significa que preferiria estar de volta à Espanha?

— Gosto de minhas obrigações — ele reconheceu. —É um prazer lutar contra Bonaparte e sua ambição corrupta. Estar de visita em casa é agradável, mas embora pareça estranho, estou ansioso para voltar para a guerra.

—Parece-me admirável. —Ela devorava em segredo as crônicas dos jornais sobre a tentativa de libertar a Europa das garras inexoráveis do imperador. —Todo mundo, do próprio duque de Wellington até o soldado da mais baixa patente, correm muitos riscos em favor da Europa e do mundo.

— Eu gosto de desafios.

Rebecca percebeu que ele dizia a verdade, levantou o rosto e lhe deu um sorriso. Foi o primeiro sorriso genuíno que pode dar desde que chegou a Rolthven.

— Percebi.

—Também aprecio minha família, não me interprete mal, mas eu não sou Colton com suas propriedades e responsabilidades. Nem tampouco Robbie com suas atitudes de "Bon vivant" diante da vida. Não que meu irmão caçula seja superficial, de forma alguma. Não acredito que muita gente saiba, mas tem uma inteligência aguçada para os números. De todos os

tipos, dos investimentos financeiros aos jogos de cartas. Nunca o enfrente no bridge, senhorita Marston, porque prometo que perderá.

Porque estavam falando de Robert outra vez?

Só porque o tema a afetava? Era muito natural que ele mencionasse seu irmão caçula.

—Se me envolver em um jogo desse tipo —murmurou Rebecca — eu me lembrarei de sua advertência.

—Também é um violoncelista brilhante, sabia?

Por que Damien pensava que ela sabia algo de um libertino como seu irmão caçula?

—É obvio que não — ela replicou com excessiva brusquidão. —Não somos mais que meros conhecidos.

—Só pensei — disse Damien com sua tranquila ironia — que talvez Brianna houvesse mencionado. Robbie não fala disso, claro, pois a música não é um passatempo muito masculino, mas tem verdadeiro talento. Repito que é por causa de sua natureza matemática. É capaz de dar uma olhada em uma composição musical, e captar o compasso e a métrica sem necessidade de parar para pensar como os outros fariam.

Rebecca teve a sensação que seu coração tinha deixado de pulsar. Robert era músico? Fechou os olhos por um segundo. Não foi nada, apenas um ligeiro palpitar, mas aconteceu contra sua vontade.

O amante de seus sonhos era sua alma gêmea. Visualizou os dedos longos e esbeltos em um arco e logo o imaginou deslizando sobre sua pele.

De modo que agora podia acrescentar uma nova fantasia ao seu repertório. Maravilhoso. Isso seria sua ruína.

— Na realidade, é ótimo. —A inadequada resposta era tudo menos brilhante, de modo que Rebecca evitou outra possível e desconcertante revelação sobre Robert Northfield. —E você, milorde? Quais são seus talentos?

Damien adotou uma expressão enigmática.

—Não sei se é um talento, mas sou capaz de pensar como o inimigo. Estou certo que jovens distintas não precisam se preocupar com este tipo de assunto, mas isso contribui para derrotar os planos franceses de vez em quando.

Sobre o caminho se estenderam sombras enormes, e o rangido de seus passos sobre o cascalho se mesclava com os pássaros que cantavam nas árvores ornamentais e os enormes olmos que havia mais à frente, no parque coberto de grama. Rebecca inspirou e exalou com delicadeza.

—Estou convencida de que a Inglaterra necessita deste talento. E não se engane milorde, algumas jovens distintas também se preocupam com a guerra.

—Ah, sim? —Ele baixou o olhar e ela acreditou ver um brilho de ironia em seus olhos ante a certeza de sua afirmação. —Deduzo que você é uma delas. Perdoe então que tenha subestimado seu interesse por nossa guerra com Bonaparte.

—Não há nada que perdoar. —Ela ensaiou uma careta. —Minha mãe acha que meu interesse por política é impróprio para uma dama.

Isso era um eufemismo. Falar de guerra pertencia à mesma categoria que reconhecer que alguém compunha música.

—Você é feminina em todos os sentidos, senhora — disse ele com amabilidade.

—Obrigado.

Damien se dirigiu para um lugar onde havia uma construção original junto a um lago reluzente. Tinha um aspecto bonito e aprazível sob a luz do crepúsculo.

—Vamos por aqui? É um lugar muito agradável para sentar-se, e não estaremos rodeados de carrinhos de chá nem pelo zumbido de dúzias de conversas.

—Se assim o desejar... —Rebecca inclinou a cabeça, sem estar certa de querer se sentar, mas incapaz de negar sem parecer grosseira. Descobriu que os pequenos degraus conduziam a um caramanchão na verdade delicioso, com pequenos divãs e almofadões de veludo de cores brilhantes. Havia mesas por toda parte e inclusive um armário com bebidas sortidas, com taças de vidro e uma série de licoreiras alinhadas de forma artística em um canto. Rebecca escolheu uma poltrona com vista para o lago, acomodou-se nela, e alisou as saias

com gesto distraído. Damien Northfield apoiou o ombro em um dos pilares de estilo helênico e lhe dirigiu um olhar desconcertante.

Então, para acabar de desconcertá-la totalmente, disse:

— Está melhor agora? Antes parecia muito triste.

Aí dissipou sua esperança de que ele não houvesse percebido.

Abriu a boca para negar, mas Damien se adiantou com outro comentário sutil.

—Não tenho intenção de me intrometer, asseguro. Se você prefere não dizer nenhuma palavra, considerarei o assunto encerrado.

Mentir, aceitar a oferta que ele fazia, era tentador, mas neste momento se sentia derrotada. Entre seus pais, já era conhecida a aversão de Robert pelas damas casamenteiras e agora a glamorosa senhora Newman, havia superado claramente sua tática. Não havia contado com a deliciosa viúva. Talvez necessitasse do livro de lady Rothburg. Por si mesma não teria nenhuma ideia de como proceder. Nem se deveria ao menos tentar. A evidente rejeição de seu pai por Robert era um verdadeiro obstáculo. Rebecca se limitou a menear a cabeça.

—Esperava que ninguém notasse que não prestei atenção à conversa. Por favor, desculpe-me por estar distraída.

— Depois de passar alguns anos na Espanha, ser observador se transformou em parte de minha natureza. —Damien inclinou a cabeça apenas um centímetro, como se estudasse seu rosto. —Robert a mencionou antes.

Bem, isso era ir direto ao ponto.

Então ele a apanhara observando seu irmão. Talvez ainda pudesse sair daquele apuro. Acreditava que ele só pudesse ler a mente dos inimigos. Um calor revelador impregnou seu rosto pela segunda vez. Apesar do rubor, certo vestígio de orgulho permitiu-lhe aparentar confusão.

— Você se refere lorde Robert?

— Na verdade — respondeu ele com franqueza. —ele me disse que você era bonita e encantadora. Esse que você esteve olhando às escondidas na hora do chá sem consumir nenhuma gota de sua xícara, nem dar o menor gole.

Robert Northfield pensava que ela era bonita? E encantadora? Não estava certa do que mais a agradava, mas parecia que talvez o primeiro tenha mais peso para os cavalheiros. Não podia pensar em absolutamente nada para dizer.

Damien continuou com toda naturalidade:

—Imagino que não é problema meu, mas tenho a impressão de que vocês dois se conhecem, mas pretendem fingir que não. Admito que esteja muito curioso.

Era certo que quando Rebecca entrou no salão, cercada por seu pai e por sua mãe, Brianna a apresentou imediatamente ao seu cunhado, e Rebecca havia feito um comentário desnecessário sobre tê-lo visto uma vez. Foi uma atuação pouco convincente, se é que alguém prestou atenção. Era óbvio que Robert havia se divertido. Ela viu em seus olhos celestes, antes dele se inclinar brevemente para beijar sua mão.

—Não acredito que conhecido seja a palavra adequada. Fomos apresentados rapidamente durante a temporada passada, e recentemente voltamos a nos encontrar. Isso é tudo.

—Eu estaria disposto a acreditar, se você não se ruborizasse cada vez que o nome dele é citado na conversa.

Isso dava permissão a ela para se refugiar na indignação, mas por mais desconfortável que isso fosse, ele tinha toda a razão. Rebecca, certa de que nesse momento estava corada, ergueu as costas:

—Você é muito direto, cavalheiro.

—Só às vezes — ele admitiu, arqueando um pouco as sobrancelhas. —Também sou esperto. Depende do que requeira a situação. Talvez seja conveniente lembrar.

—O que significa isso? —Rebecca olhou para ele, confusa.

—Significa que meu irmão caçula, cuja reputação faria corar inclusive a um experiente libertino, finalmente mostra interesse por uma dama solteira que parece corresponder. Eu não seria um verdadeiro irmão se isso não me parecesse engraçado. E não seria um bom irmão se não apreciasse a ideia de que ele possa cair derrotado.

«Os homens são criaturas muito estranhas», pensou ela com certa irritação.

— Talvez eu seja mais obtusa do que pensava, mas temo não ter conseguido entendê-lo, lorde Damien.

—O que quero dizer é que se decidir pegar o seu oponente, você tem um aliado, senhorita Marston.

—Meu adversário?

—Você não percebeu —disse ele com evidente ironia — que os jovens solteiros licenciosos resistem bastante à ideia do matrimônio? Calculo que Robert lutará mais que a maioria. Ele tem dinheiro, ou seja, não precisa de seu dote. Goza de liberdade infinita e demonstrou certa propensão a se divertir. Isto será um desafio.

—Não há nenhum «isto». —Com as mãos enlaçadas com energia sobre o colo, Rebecca deixou de negar aquilo que revelara de forma tão evidente. — Tendo razão ou não sobre o possível interesse de seu irmão, existe o problema insuperável do desagrado que Robert inspira em meu pai. Não sei o que aconteceu, e visto que não mostra aversão nem pelo duque nem por você, deve ser algo pessoal.

—Robert e seu pai? —Damien se ergueu e franziu as sobrancelhas. — E você não faz ideia do por quê?

Ela negou com a cabeça e acrescentou impotente:

—Além disso, Robert e a senhora Newman...

—Isso não é nada — ele afirmou interrompendo-a — e quanto ao outro problema, confesso que acho muito interessante. Vamos ver se consigo reunir mais informações. Esse é o segredo de toda campanha bem sucedida.

Capítulo 9

O que define o prazer? O prazer físico, um momento de serenidade, desfrutar de algo bonito? Um episódio sexual pode incluir as três coisas se estiverem em sintonia.

Do capítulo intitulado “Depois é tão importante quanto o antes”

A noite havia sido muito boa, pensou Brianna, enquanto retirava os grampos do cabelo, sentindo-se exausta, mas confiante nos dias seguintes. Houve um momento infeliz quando um dos empregados deixou cair toda a bandeja de peixe a escabeche sobre um valioso tapete. E coisa estranha, isso a fez sorrir enquanto se olhava no espelho e depositava os grampos em uma pequena mesinha de vidro.

O pobre moço ficou horrorizado por mostrar-se tão desajeitado diante do seu patrão, mas Colton se limitou a indicar a outros serventes com um gesto que ajudassem o menino a limpar tudo o melhor possível, e continuou conversando com lorde Emerson como se nada tivesse acontecido. Era bem provável terem que se desfazer do tapete, mas ficou claro que Colton acreditava que na vida essas aconteciam e estava disposto a pagar por um novo.

Esse era um dos aspectos que tanto gostava em seu marido. Levava muito a sério suas responsabilidades, e isso incluía os serviçais. Embora Brianna duvidasse que ele percebesse, os criados o olhavam com uma mescla de temor e afeto. Ele não era um desses aristocratas ativos que agiam como se estivessem por cima de todo mundo, embora pudesse fazê-lo se quisesse. Em alguns aspectos era inacessível, mas isso era só por causa de seu caráter reservado; não porque se esforçasse conscientemente para manter distância. Colton cumprimentava os criados de forma habitual, com a mesma educação com que tratava seus amigos da nobreza. Deu uma olhada no relógio da prateleira. Era tarde. Os convidados chegaram ao longo do dia; a tarde se serviu um chá protocolar, seguido de um jantar elaborado, depois do qual lorde Knightly tinha entretido os presentes com várias passagens

de Hamlet. Tudo isso com a pompa e a cerimônia apropriada, mas para sua surpresa foi realmente divertido e todo mundo pareceu entretido, inclusive Colton.

Iria visitá-la?

Talvez estivesse muito cansado. Afinal, passou várias horas em seu estúdio antes que a família se reunisse para comer, e...

A porta se abriu com um estalo.

Seu marido entrou no quarto vestido com um robe de seda azul escuro. Os poucos candelabros que Brianna acendeu não iluminavam muito aquele espaço tão grande, de maneira que viu quando Colton dirigiu seu primeiro olhar à cama vazia, e em seguida para onde ela estava sentada na penumbra. Deu a volta e sorriu confiante em que ele não tivesse notado o ligeiro tremor da mão com que segurava a escova do cabelo.

Até esse momento só sua mera presença a afetava. Até fazê-la tremer.

—Agora mesmo estava pensando se o veria ou não esta noite, excelência.

— Ver-me? —Ele levantou uma sobrancelha. — Acredito que é um modo de falar. — Aproximou-se e colocou suas mãos sobre os ombros. —Eu tinha a esperança de que desejasse me ver em seu quarto, madame.

—Sempre — respondeu Brianna com afeto.

O rosto de seu marido se iluminou com um de seus estranhos sorrisos.

—É lisonjeiro ser tão bem recebido.

—Eu nunca o recusaria. —Ela notou que respondera com certa hesitação.

Houve um breve silêncio em que ele se limitou a olhá-la, com uma expressão difícil de interpretar sob o piscar da luz tênue. Em seguida, perguntou em voz baixa:

—Porque me deseja ou porque acha que é seu dever ceder perante meus direitos conjugais?

O fato de ele fazer a pergunta já era um grande passo. «Dever» era uma das palavras favoritas de Colton, e não era nenhum segredo que cuidava de suas obrigações com muito interesse. Brianna ficou de pé, colocou uma mão sobre o peito, e notou sob a palma o forte batimento de seu coração através da seda de sua roupa.

—Dúvida que eu o desejo? —Arqueou uma sobrancelha. —Parece-me que sou eu quem de vez em quando se veste de forma provocante para chamar sua atenção.

— Eu me lembro. —Sua resposta foi mais um grunhido que uma frase coerente. —Assim como o resto dos homens que a viram aquela noite na ópera, por infelicidade. Não foi só a minha atenção que chamou.

—Está com ciúmes?

—Não sei. Quando a tenho perto, não quero perder tempo tentando definir meus sentimentos. É como se a capacidade de raciocínio e minha bela esposa não coexistissem na mesma esfera. —Sem advertência prévia a levantou nos braços. —Podemos deixar esta conversa analítica para algum outro momento? Agora mesmo eu gostaria de um tipo de comunicação mais física.

Brianna se limitou a rir, enquanto ele percorria com grandes passadas o quarto, depositava-a na cama e suas mãos desamarravam apressadamente o laço do robe. Quando se desfez da veste, ela viu que ele estava muito excitado, com uma grande ereção, e na ponta cheia e iluminada pela luz brilhava uma gota da rendição sexual.

Mantendo o olhar com intenção clara, ela levantou a mão e desatou o laço que cobria o sutiã de sua camisola. Mordendo o lábio inferior, afastou o tecido devagar para mostrar os seios. Sentia-os tensos e ofegantes, e entre suas pernas já se formava o calor úmido reconhecido como desejo.

—Estou muito ansiosa por compartilhar — sussurrou. Sentiu o impulso de baixar as pálpebras e observar seu marido através das pestanas entreabertas.

—Então estamos de acordo. —Com um movimento ágil, Colton se acomodou sobre ela. Acariciou os lábios com a boca uma vez, depois brincou com a cavidade de sua garganta e fez carinho em seu pescoço. Mordiscou-a e a seduziu, enquanto ela se arqueava sob a prazerosa pressão daquele corpo muito maior que o dela, e seus mamilos encolhidos roçavam o peito poderoso. Ele fez cócegas com a respiração no ponto sensível sob a orelha e Brianna ofegou.

Sim, a dinâmica estava mudando, pensou aflita quando ele a despojou da camisola e sua boca seguiu o avanço de suas mãos, desfrutando de seus seios, sugando seus mamilos com intensidade e roçando apenas os músculos tensos do abdômen, antes de acariciar o pêlo púbico. Quando suas mãos insistentes separaram suas coxas, percebeu que Colton ia voltar a fazer aquela coisa gloriosa com a boca.

Aquela coisa gloriosa e escandalosa.

Suas mãos se fecharam agarradas à roupa de cama e se abriu mais do que disposta, ansiosa por acolher as sensações tumultuosas, a experiência selvagem e pervertida. Seus dedos delicadamente separaram seu sexo, fazendo-a se sentir vulnerável, porém excitada. Por alguma razão, a imagem de sua cabeça entre suas pernas era a coisa mais erótica e estimulante que havia visto.

E o prazer, oh Deus, o êxtase delicioso quando começou a seduzi-la e a incitá-la apenas no ponto apropriado...

Passou-se um tempo surpreendentemente breve, antes que ela começasse a tremer presa a um delírio desenfreado, de um clímax tão vivo e intenso, que agarrou seu cabelo com as mãos e estremeceu ao mesmo tempo, desejando de algum modo afastá-lo e aproximá-lo ainda mais ao mesmo tempo. Diria a ele para parar se pudesse falar o que era impossível e, no entanto exigia que continuasse com aquela tortura erótica.

Era o paraíso. E quando Colton voltou a ficar por cima e penetrou seu corpo ainda trêmulo, aconteceu novamente. Quis protestar ante aquele excesso de sensações. Excessivo, excessivamente rápido, excessivamente irresistível. Começou a mover-se com estocadas prolongadas, e ela conseguiu de algum modo se recuperar bastante para corresponder, embora caísse sobre seus ombros como uma mulher sufocada, uma descrição que talvez fosse apropriada.

Sufocada em paixão.

Sufocada em uma maré de sensações.

Sufocada em amor.

Porque sempre que Colton fazia amor com sua linda esposa ficava convencido de que essa vez era mais tempestuosa e prazerosa que a anterior?

Aquela não era uma exceção.

Liberou seu líquido ardente, ao mesmo tempo em que ela alcançava seu terceiro clímax, com tal selvageria, de um modo tão primitivo e tão convulsivo, que deixou de respirar e arqueou o pescoço de modo que todos os tendões ficaram marcados, e todo seu organismo ficou preso dessa força. Quando ela contraiu seus músculos interiores e o segurou, um orgasmo feroz consumiu seu corpo. Talvez a alma.

Por todos os demônios, pensou quando a primeira rajada de consciência retornou a seu cérebro, Brianna devia ter uma espécie de poder místico. Ele era um homem experiente. As mulheres se jogavam em seus braços desde o momento em que foi o suficientemente adulto para compreender como funcionava a interação entre homens e mulheres, e embora sempre tivesse sido seletivo e discreto, considerava-se bastante versado em assuntos sexuais.

Com Brianna era diferente.

Muito diferente.

Mesmo na noite de suas bodas, quando ela se mostrou tímida e nervosa, ele tinha sido capaz de obter uma resposta de seu corpo inexperiente. Essa sensualidade inesperada tinha sido uma bênção para seu matrimônio, e ele, um homem com um apetite sexual saudável, agradecia que sua esposa gostasse de suas atenções no leito.

Havia algo mais, também. Embora fosse difícil, estava começando a admitir para si mesmo. O desejo sexual era parte natural da vida. Muitos homens considerariam atraente alguém como Brianna...

E este pensamento perturbador fez com que juntasse as sobrancelhas em um gesto carrancudo que por sorte ela não podia ver, porque ele estava com o rosto enterrado em seus cabelos soltos. Não importava em nada que a maioria dos homens a desejassem, era dele.

Só dele.

—Mmm. —Brianna acariciou suas costas com seus dedos delicados.

Ele emitiu um grunhido pouco elegante de assentimento e, para não esmagá-la, virou para um lado segurando-a em seus braços. Colton não podia imaginar mais nada que gostasse do que esse aroma de sexo misturado com seu delicioso perfume. Seu corpo curvilíneo, úmido e tentador apoiado languidamente nele, e seu cabelo comprido e sedoso estendido sobre seu peito.

—Parece que hoje foi tudo bem — murmurou ela. —Você gostou?

Ele acabava de desfrutar de forma imensa, e embora não o entusiasmasse ter a casa abarrotada de convidados, nesse momento se sentia bastante compreensivo.

—Foi muito agradável. Ao menos todas as pessoas que convidou são aceitáveis.

—Que grande elogio. —Foi uma resposta seca.

—A verdade é o que é — replicou ele. — Eu estou acostumado a odiar este tipo de reuniões.

—Quando a planejei tive medo que acontecesse isso.

—Acertou. — Afastou um cacho dourado do ombro com uma carícia e uma calidez peculiar, que não tinha nada a ver com o clímax que acabava de inflamar suas vísceras. — Tão bem me conhece?

—Em um sentido bíblico, excelência.

Colton começou a rir. Escapou sem pensar:

— Você percebe — sussurrou, beijando seu queixo — que para ser uma duquesa respeitável é bastante impertinente.

—Enquanto minha natureza sincera não o afastar, não discutirei esta afirmação.

—Você? Brianna Northfield? Não discutir? Para mim é difícil de acreditar.

—Colton...

Ela protestou entre risadas, mas ficou encantado com o brilho que havia em seus olhos, e aceitou com deleite um apertão carinhoso no braço.

—Mas, apesar desse tratamento irreverente ocasional para seu augusto marido, não há nada em você que me faça repeli-la — continuou ele, acariciando os cantos dos lábios,

atônito ao descobrir que começava a excitar-se outra vez. Algo que, depois de uma entrega tão fulminante, deixava firme a atração e a beleza sedutora de Brianna.

—Espero que sempre seja assim.

A imperceptível nota de melancolia que havia em sua voz fez com que ele parasse.

— Por que não seria assim?

Abraçava-a tão forte, que notou com clareza que ela encolhia os ombros.

—Os homens se cansam de suas esposas. Na verdade, alguns não as desejam nem sequer no princípio.

Tinha toda a razão e ele franziu o cenho, chateado.

—Eu a desejo. Deveria se lembrar do que acaba de passar entre nós.

—Seria difícil esquecer. — Acariciou sua face, foi apenas um leve roçar com os dedos.

Sua esposa tinha um ar inocente combinado com um encanto de cortesã, pensou enquanto deslizava a mão sobre a curva de seu flexível quadril. O cabelo dourado e olhos de um azul intenso com enormes pestanas, para não falar de sua boca, tão exuberante e acolhedora. Vários dos convidados do sexo masculino tinham elogiado sua beleza no transcurso da tarde e a noite. Colton não tinha pensado muito nisso porque não podia deixar de concordar, mas agora, que pelo visto falavam sobre a fidelidade tinha sua própria opinião sobre o assunto.

—Você me pertence. —As palavras surgiram em um tom muito cortante.

Brianna reagiu jogando a cabeça para trás olhando-o com perplexidade.

Vacilou, sem saber o que o impulsionou a essa arrogante afirmação. Era obvio que lhe pertencia, era sua esposa. Ele deu a ela seu sobrenome e seu amparo. O problema era que isso não tinha importância para certas pessoas de sua classe. Era prática comum que uma vez que a esposa tivesse dado a luz a um herdeiro, procurar diversão em outra parte se desejasse desde que fosse discreta.

Brianna não. Ele não permitiria. A ideia de que algum outro homem a tocasse, bem, não se incomodou em analisar a primitiva intensidade de sua reação ante essa imagem.

Colton optou por beijá-la em lugar de explicar a si mesmo. Ou talvez o beijo fosse uma explicação, pois devorou sua boca com voracidade e a estreitou entre seus braços, com o

membro ereto preso ao seu quadril. Esta vez, quando rolou, colocou-a deitada de costas e se acomodou entre suas pernas, penetrando-a devagar, com um controle comedido em vez de uma força impetuosa, escutando a mudança de respiração que se produzia nela à medida que ele se aproximava mais e mais do abismo. A elegante suavidade aveludada do corpo de Brianna o envolvia e todos seus sentidos estavam absortos na mulher que estava embaixo dele. Em sua imagem, em seu som, em seu sabor, em seu tato e em sua fragrância, tão embriagadores e excitantes como um licor.

Depois, quando estremeceram ao mesmo tempo, quando seus corpos escorregadios deixaram de tremer e estavam deitados em tal emaranhado que ele não sabia onde terminava um e começava o outro, acariciou seu cabelo.

—Posso pedir uma coisa?

A palavra «generosa» não era suficiente para definir seu estado de ânimo depois dessa segunda liberação, que tinha pulverizado seus esquemas mentais. Colton, que não se lembrava de ter se sentido tão satisfeito sorriu com abandono.

—É obvio. Deixe-me adivinhar, um colar de diamantes?

—Eu não gosto de joias, você sabe. Quase nunca as coloco, a menos que deva fazê-lo.

Sabia? Ao pensar nisso, percebeu com uma ligeira irritação que era verdade. Quase nunca a via usar joias caras como tantas mulheres de classe alta, para quem cada quinquilharia valiosa era como um troféu. Era tão pouco observador?

“Sim — respondeu uma voz de recriminação em sua cabeça. — Você tem tendência a ficar absorto em sua própria vida. Agora, tal como ela disse, compartilhe-a com alguém mais. Talvez você devesse se lembrar.”

—Era uma brincadeira — disse, recostando-se nos travesseiros. —Não comprarei mais joias se não o desejar. De qualquer maneira, o cofre da família Northfield já está cheio até o topo de todo tipo de joias, e já sabe que estão a sua disposição.

Junto a ele, com o lençol enrolado na altura da cintura, seus voluptuosos seios nus e sua deslumbrante cabeleira estendida sobre a cama, Brianna sorriu meio adormecida.

—Isto é muito mais fácil que dar diamantes de presente, e não custará nada.

Ele a viu baixar as pálpebras, com um sorriso indulgente no rosto.

—O que é?

—Fique.

—Desculpe-me?

Não houve resposta. Dormiu. Não que o surpreendesse, pois ele também estava exausto, e Brianna havia se levantado cedo para preparar a chegada dos convidados. Mesmo com a ajuda dos criados, os conselhos de sua avó e a eficiência da senhora Finnegan, Colton sabia que ela tinha trabalhado arduamente para se assegurar de que todos os detalhes estivessem prontos antes que a primeira carruagem estivesse a caminho.

«Fique.» Que demônios significava isso?

Capítulo 10

Se ele mudar de comportamento, anote a data e analise a causa. Pode ser que tenha o impressionado.

Do capítulo intitulado «Causa e efeito»

Seus pais não eram as pessoas mais sutis com as quais o Senhor havia abençoado a terra, decidiu Rebecca, com vontade de se esconder embaixo da mesa do jantar.

Era doloroso e óbvio, e tinha a nítida sensação de que todos os presentes sabiam que a estavam jogando para cima de Damien Northfield, como se fosse uma vaca premiada, exibida diante de um granjeiro rico.

Para piorar as coisas, também parecia evidente para todo mundo que a senhora Newman estava de olho em Robert. Quem sabe tratava-se de uma regra tentar apanhar o solteiro mais reticente da Inglaterra, ou o simples desejo de um interlúdio prazeroso, mas se a mulher pensava que agia de maneira discreta a respeito de suas intenções, estava muito enganada.

Afinal, o que era uma reunião campestre sem a sedução correspondente? Pensou Rebecca com tristeza, enquanto agarrava a taça de vinho. Naquele momento, a encantadora Loretta se inclinava provocante na frente de sua presa, mostrando o decote para tirar o máximo proveito de sua postura, pois o escasso franzido do corpete não conseguia ocultar a curva superior de seus seios em sua totalidade.

—Talvez devesse modificar sua expressão.

A afável sugestão a sobressaltou, e o vinho salpicou perigosamente na borda de sua taça. Damien, sentado ao seu lado graças às manobras de sua mãe, aproximou-se e sussurrou em particular.

—Ele está falando com ela, mas olha para você. Fazia anos que não me divertia tanto.

Robert a estava olhando? Não sabia se era assim, mas o certo é que ela estava se esforçando muito para não olhar para ele.

—Minha expressão? —perguntou com a voz rouca.

— Diria que tem vontade de arrancar o coração dela e isso, durante o jantar, seria excessivo e inconveniente.

—Vejo que você está passando muito bem, milorde.

Damien riu baixo e desviou a vista para o prato de pescado.

«Maldito seja.» Rebecca desfrutou amaldiçoando em silêncio, e abafou um gemido por aquela perspicaz observação. Sua mãe, que provavelmente tinha visto aquele aparente intercâmbio íntimo do outro lado da mesa, sorria radiante.

«Deus bendito, que pesadelo.»

Rebecca se dedicou ao bacalhau ao forno com falso entusiasmo, apesar de não ter nenhum pinga de apetite. Conseguiu engolir alguns pedaços e fingiu estar centrada na comida, quando na realidade, estava ciente do sorriso de Robert, legendário e contagioso. A luz do candelabro conseguia um efeito malicioso na estrutura de seu rosto, que enfatizava a elegância de suas maçãs da face e o traço sedutor de sua boca.

Pare — ameaçou a si mesma — antes de colocar-se em ridículo e que os outros comessem a perceber.

O que aconselharia lady Rothburg nesta situação? O mesmo bater de cílios e esse provocante comportamento em que a senhora Newman se desdobrava no outro lado da mesa? Certamente havia um método melhor, mas Rebecca não tinha nem ideia de qual era. Talvez pudesse pedir o livro a Brianna essa mesma noite. Ou optava por essa medida radical, ou a abandonava, e acatava a vontade paterna e escolhia um marido.

Rebecca abordou o rosbife com purê de batatas com sombria determinação, embora tivesse o estômago um pouco revoltado. Com a chegada das sobremesas uma sensação de alívio a invadiu. Assim que retirassem os pratos do jantar e servissem o Porto aos homens, as mulheres se reuniram para mexericar um pouco. Ela, por outro lado, podia alegar uma dor de cabeça e fugir para seu quarto.

Era um plano perfeito, pois realmente sentia um martelo nas têmporas.

Até que se frustrou por completo.

Quando tentou desculpar-se, sua mãe lançou-lhe um olhar capaz de pulverizar uma montanha e transformá-la em uma pilha de escombros.

—Na verdade o que precisa é um pouco de ar fresco. Vá ao terraço, querida. Talvez lorde Damien a acompanhe.

Para Rebecca era impossível suportar durante quatro dias que os juntassem com tanto descaramento. Pigarreou:

—Estou certa de que ele espera com tanta ânsia o Porto como o resto dos cavalheiros. Eu ficarei bem sozinha.

—Estou certa que insistirá.

«Bom — pensou zangada, — agora não tem mais jeito.» Damien inclinou a cabeça.

— Ficarei encantado, é obvio. Mas antes prometi à senhora Newman que esta noite iria mostrar um peculiar mapa da Manchúria na biblioteca. Talvez Robert pudesse acompanhar a senhorita Marston em meu lugar?

Uma expressão de horror cruzou o rosto de sua mãe. Rebecca reprimiu uma sonora gargalhada. Uma coisa era empurrá-la para sair de braços dados com um dos solteiros mais cobiçados da reunião, e outra muito diferente era enviá-la alegremente para passear com um conhecido libertino, embora ambos fossem irmãos.

—Eu... Eu, bem...

—É obvio, será um prazer — interveio Robert com finura e talvez com a intenção de ajudar Damien a fugir dessa manobra evidente, ou talvez parecesse divertido zombar de sua mãe, o... Rebecca não sabia no que acreditar. Talvez seu irmão tivesse razão e Robert estivesse realmente interessado? —Também gostaria de um pouco de ar fresco. Vamos? — ele murmurou.

E foi assim que Rebecca se viu de braços dados, e essa proximidade fez com que seu coração começasse a palpitar. Embora por sorte não repetisse seu desempenho de seu último encontro, e não se chocasse contra ele quando ambos saíram da sala do jantar.

Foi um começo muito melhor que a última vez que estiveram juntos e a sós. Além de não terem o voraz lorde Watts pisando em seus calcanhares, pensou, sem saber se devia estar agradecida a Damien ou não. Estava claro que o fato dela estar apaixonada por seu irmão caçula o divertisse o suficiente para interferir, ou talvez somente tentasse não ser vítima da estratégia casamenteira de sua mãe.

Era verdade que Robert a estava observando durante o jantar?

Rebecca baixou as pestanas e observou furtivamente o homem alto que tinha ao seu lado. Nenhuma palavra saiu como da última vez. Se existisse a possibilidade dele a considerar um pouco atraente como ela o considerava... Bem, tinha que saber se isso era certo.

Estava desesperada para saber a verdade.

«Preciso desse livro diabólico...»

—Lá fora faz frio. Você quer um xale?

Ao ouvir a pergunta deu um salto, sem nenhum motivo.

—Mmm, não... Não, obrigado. Lá dentro fazia bastante calor. Este ar fresco é uma delícia.

—Você esta com as faces um pouco ruborizadas.

É obvio que estava. Tal como Damien havia falado, ruborizava-se sempre na presença de Robert. Era irritante não poder controlar-se e, agora ele havia notado. Grande tortura.

—Estou muito bem, eu garanto. —Aquilo soou mais áspero do que pretendia.

—É claro. —Robert a seguiu para fora. O traje de noite feito sob medida e esse sutil sorriso nos lábios davam-lhe um autêntico aspecto de patife elegante. — Diga-me, senhorita Marston, está gostando da festa até agora? Notei que minha cunhada fez o favor de não incluir o persistente lorde Watts na lista de convidados.

—Isso é porque Brianna sabe que a teria estrangulado se o houvesse convidado — disse com veemência. —Meus pais o consideram um bom partido. Mas minha opinião é algo diferente.

Soprava um ar fresco de outono e pareceu maravilhoso senti-lo sobre os ombros nus. Durante todo o dia se formaram algumas nuvens, e o nevoeiro obscurecia a lua. Perto dali,

um pássaro cantava em um tom baixo e melancólico. Ouvia-se o eco de suas pegadas sobre a pedra polida e, exceto por sua presença, o enorme terraço estava deserto.

Estavam sozinhos.

Bom, no momento. Sua mãe não toleraria essa situação por muito tempo, e Rebecca não queria nem pensar o que seu pai era capaz de fazer.

Robert levantou uma sobrancelha com ar malicioso.

—E agora eu diria que estão a favor de Damien.

Percebeu isto também. «Bem, talvez não devesse sentir tal onda de felicidade», disse uma voz interna. O mais provável era que não significasse nada. Sem dúvida todos os convidados tinham notado que seus pais a estavam jogando nos braços de seu irmão.

—Sim — Rebecca murmurou. —Pobre homem.

Robert começou a rir.

Aquele som continha uma nota irresistível que ela desejou poder traduzir em música. Quando esboçava esse sorriso fascinante e característico, seu rosto também possuía algo especial, que conseguia fazer seus joelhos tremerem. Talvez ambos os irmãos fossem igualmente bonitos, mas o que atraía Rebecca em Robert era seu carisma. Era uma energia, uma força real, e embora não fosse nenhuma perita em assuntos de sedução, supunha que se seu êxito com as mulheres se devia a algo, era essa inegável atração.

—Sobreviverá. As pessoas tendem esquecer que meu irmão mais velho aconselha alguns dos homens mais ilustres de nosso tempo — comentou Robert enquanto se dirigiam para a balaustrada. Apoiou o quadril nela e se virou para olhá-la. —Damien não parece ardiloso, mas ele é. Viu a habilidade com que agiu lá dentro? Um resgate rápido graças a uma pequena, mas criativa manobra.

Rebecca não pôde evitar um sorriso.

—Imagino que com «resgate» você se refere a escapar das técnicas mais que óbvias de minha mãe.

—De fato, eu pensava mais em mim mesmo e na insistente senhora Newman. Acredita realmente que a interessa um mapa da Manchúria? Pessoalmente eu duvido. Não acredito

que a geografia esteja entre suas preferências. Pelo contrário, parece ter mais inclinação para a última moda em chapéus do que para cordilheiras de países longínquos.

—Eu pensei que gostasse dela. —Provavelmente Rebecca não deveria ter dito isso, mas escapou de qualquer forma. Em seguida retificou: — Pelo menos deu essa impressão.

— Sêrio? —Robert respondeu secamente. Olhou para os jardins e encolheu os ombros. — Não pretendo parecer descortês. É uma jovem bastante agradável.

Rebecca se sentiu muito aliviada, pois isso não soava como o comentário de um amante. Certamente ele não se mostraria tão distante se ambos tivessem desaparecido antes para um romântico encontro clandestino. Robert tinha fama de cultivar aventuras passageiras, mas ela nunca tinha ouvido dizer que ele fugia deixando para trás um rastro de corações partidos. Se ele fosse tão cruel as pessoas não o apreciariam, de maneira que o encolher os ombros enormes de modo fugaz traduzia algo, o pequeno flerte não se transformou em sedução.

Embora ela não tivesse o direito a sentir-se aliviada, ficou.

Não tinha nenhum direito sobre o homem que estava de pé ao seu lado.

— Entendi. —Não foi um comentário muito brilhante, mas duvidava que «brilhante» servisse para descrevê-la quando estava com ele.

— É mesmo? —perguntou ele em voz baixa e olhando-a de um modo que Rebecca sentiu o coração na garganta.

Robert tinha esse poder, disse a si mesma com dureza. Seduzia com um olhar, com um sorriso, com uma carícia. Isso não significava que Damien estivesse certo.

Mas dava-lhe esperanças de que talvez estivesse.

— Acho que sim. Limitamos a nós mesmos com todas essas regras de civilidade — murmurou sua acompanhante — que isso pode induzir alguém acreditar que existe um interesse, quando na realidade, só estamos sendo educados.

Robert mal ouvia o que ela dizia.

Azeviche. Essa era a cor de seu cabelo. Passou a noite inteira tentando defini-lo. Denso, escuro, reluzente. Contrastava com a pureza de sua tez branca de um modo que atraía

olhares, e seus olhos cor cobalto completavam essa imagem tentadora. Robert amaldiçoou a si mesmo. Estava certo que Damien acreditava que o ajudava distraindo a senhora Newman.

Não o ajudava nem um pouco, porque isso colocava a tentação diante do seu nariz.

Robert era consciente que tinha observado a encantadora Rebecca, como um maldito estúpido, desde que tinha chegado à noite anterior, rigorosamente escoltada por seus pais. Essa atração sem precedentes por uma dama jovem e solteira o deixava nervoso. E se sentia atraído. Se não fosse por Rebecca, é provável que tivesse considerado a oferta tácita da senhora Newman, e teria passado uma noite muito prazerosa em sua cama.

Era desconcertante, mas pelo visto sua fascinação atual excluía o interesse passageiro por outra mulher, coisa que em um momento como este não ajudava. Ela continuava ali e levantou os olhos para ele. A luz suave deslizava pelo seu rosto, tinha a boca apenas entreaberta e Robert teve que evitar o impulso de inclinar-se para seu doce aroma. Para sua sorte, a mãe da Rebecca tinha reagido de forma evidente, por isso duvidava que esse breve passeio se prolongasse por muito tempo antes que enviassem alguém para resgatar a formosa e inocente donzela de suas garras vis.

—Ao menos não parece que Brianna tenha decidido nos ocupar cada minuto do dia com atividades que a educação nos impeça de declinar. — Falou para ele com um sorriso tímido.

Essa forma leve e tímida de curvar a boca fez com que Robert percebesse o pouco que sabia sobre jovens ingênuas. Passava a vida toda se esforçando para não saber nada. Não tinha irmãs, quando se envolveu com Elise não era mais que um menino e a partir daí foi como se o seu caminho já estivesse decidido. Não necessariamente em uma direção errada, ou havia pensado assim até agora. Mas agora percebia que por causa de suas decisões passadas se fecharam algumas portas. «Respeitabilidade» era uma palavra que sempre o divertiu. Colton já era bastante respeitável por todos eles.

Era uma infelicidade que os lábios e o cativante sorriso de Rebecca monopolizassem toda sua atenção nesse momento. Teria sido melhor se não a tivesse provado nessa ameaça de prova breve.

E, maldita seja, desejava mais. Qual seria o homem que iniciaria a deliciosa Rebecca no gozo dos prazeres sexuais? Bem, essa fantasia era nova. As virgens nunca, jamais o haviam interessado; não quando havia tantas amantes experientes e dispostas ao tipo de relação passageira que ele preferia. Mas ela tinha algo, além de um corpo esbelto e seios obviamente espetaculares. Talvez uma aura de sensualidade inconsciente que indicava que, com o instrutor adequado, seria uma companheira de cama muito satisfatória.

Companheira de cama de outro, concluiu com rudeza, se perguntando que diabo estava acontecendo com ele. De seu marido.

Robert levantou uma sobrancelha e tentou responder ao comentário de Rebecca com naturalidade.

— Essa é uma das vantagens de ser da família. Eu me negaria se Brianna tentasse me obrigar a jogar charadas, ou algum outro entretenimento insosso desse tipo. Pelo que sei além de uma atuação musical amanhã de noite, não vamos sofrer nenhuma dessas habituais afrontas a nossa sensibilidade. Acredito que uma das Campbell vai destroçar a obra de Haydn ou de algum outro compositor que deve estar encantado por estar morto e não ter que ouvir tal sacrilégio.

Algo se agitou na expressão de Rebecca, que disse em seguida em voz baixa:

—A verdade é que eu tocarei.

Robert se sentiu imediatamente como um idiota. Por todos os demônios, acreditava ser encantador ao extremo e não um idiota que insultava jovens, muito fascinantes e belas neste caso. Brianna não devia ter dito a ele quem seria a intérprete, porque dado seu estado de amor aparente, se tivesse mencionado Rebecca ele teria se lembrado. Alguém devia ter feito um comentário sobre as irmãs Campbell e ele se confundira.

—Minhas desculpas. —passou a mão pelo cabelo e suspirou. —Por favor, me perdoe se puder. Assisti muitas audições que me provocaram dor de ouvidos e que me fizeram amaldiçoar o homem que inventou o piano. Mesmo assim, e embora não fosse minha intenção insultá-la, isso não é desculpa. Suponho que tampouco devia caluniar as senhoritas Campbell sem tê-las ouvido tocar.

Em lugar de se virar e partir indignada e ofendida, Rebecca Marston começou a rir de um modo encantador e espontâneo.

—Não sei se percebeu milorde, que acaba de lançar um desafio — disse com ar malicioso.
— Pelo visto eu devo mudar sua opinião sobre as donzelas e seus dotes musicais. Permite-me aceitar a provocação?

Aquela inesperada reação o deixou desconcertado. E, maldição, estava outra vez olhando a boca tentadora.

—Acredito que a ofendida é você, assim como poderia negar-me?

—Toque comigo.

Ele ficou olhando, atônito ante aquela delicada afirmação. «Toque comigo?» “Deus, sim — sussurrou uma voz caprichosa dentro do seu cérebro. — Eu adoraria. Tocar esses seios redondos e firmes que se aninham sob seu recatado vestido, enlaçar os dedos nessa cabeleira sedosa, beijá-la até ficar sem fôlego, separar suas coxas e afundar meu membro duro até o fundo, até o coração do paraíso...”.

Uma voz muito diferente, fria e prática neste caso, lembrou-o que brincar com virgens não era uma boa ideia. Flertar com uma virgem com um pai poderoso e protetor que o desprezava era uma das piores ideias que um homem poderia colocar na cabeça. Por outro lado, estava certo de que o que ela estava sugerindo não ia de maneira nenhuma à mesma direção que esses pensamentos tão impuros.

—Poderia ser um pouco mais específica senhorita Marston?

—Seu irmão disse que você é um grande violoncelista. Acontece que eu trouxe uma peça musical para piano e violoncelo. O que acha de um dueto?

O tipo de dueto que ele tinha em mente não tinha nada a ver com teclas e cordas.

Se estivessem em Londres poderia negar com educação, com a desculpa de que não tinha o instrumento à mão. Mas era certo que seu violoncelo estava ali, em Rolthven, e embora nenhum de seus irmãos soubesse, sua avó com certeza sim. Acabava de insultar Rebecca e, como cavalheiro, não podia agravar tal pecado com uma mentira. Não era muito partidário

de tocar em público, mas se tratava de um grupo bastante reduzido. Além disso, nos enormes olhos de Rebecca havia certa ingenuidade que o impulsionava a agradá-la.

Teria que analisar isso mais tarde.

—Faz bastante tempo que não toco, mas acho que poderia tentar.

—Excelente. Eu me encarregarei de que amanhã pela manhã entreguem a partitura para que possa ensaiar algumas vezes. —Em sua face apareceu uma covinha zombeteira. —Não queremos insultar o compositor cometendo um sacrilégio musical, não é verdade?

Ele reagiu com uma gargalhada espontânea.

—Imagino que custará me libertar desse comentário infeliz, não é?

Preferia as mulheres com senso de humor. Por um lado eram companheiras de cama mais divertidas e tinham tendência a não ser tão mimadas e arrogantes.

Maldição, tinha que manter seus pensamentos afastados do quarto quando se tratasse da senhorita Marston.

—Sim, pois se trata de alguém que leva a música a sério — ela disse. —Como eu mesma.

Fascinante. Como ele, embora não fosse algo que compartilhasse com muita gente. Para Robert era um assunto particular que a beleza da cadência e do som fosse como um bálsamo para sua alma cansada.

—Ah, sim?

—Sim, é claro. —A certeza no tom era indiscutível e Robert teve a sensação de que queria dizer algo mais, mas ficou calada.

O ar cheirava a outono, e obrigou-se a se concentrar em algo que não fosse à jovem ao seu lado. Como folhas em decomposição rodeadas de terra úmida, com um leve toque de fumaça de lareira. O aroma do campo outonal. Londres quase sempre estava impregnada de aromas muito menos sugestivos. Quando ele era mais jovem, esperava com impaciência deixar Rolthven para ir à cidade, mas naquele momento esse pacífico cenário lhe parecia mais atraente do que antes. Talvez parte dessa inquietação própria de um jovem estava desaparecendo com a idade.

Talvez estivesse amadurecendo e se transformando em um homem menos impaciente, mais estável, inclusive ao extremo de sentir um interesse sincero por uma dama jovem e solteira?

Não. Desprezou essa ideia imediatamente quando dançaram diante de seus olhos e o obrigaram a refletir, imagens de caminhos na primavera, catedrais cheias de convidados para as bodas e meninos sorridentes e gorduchos. A senhorita Marston trazia consigo todas essas coisas; e ele não estava preparado para abandonar seu despreocupado estilo de vida.

Além disso, se lembrava com clareza do olhar de terror no rosto de lady Marston, quando Damien tinha orquestrado uma rápida mudança de acompanhante para sua filha. Talvez ela estivesse a par da desavença entre Robert e seu marido, ou pode ser que fosse só por sua reputação em geral, mas de qualquer modo era assim. A corte de Robert, se é que considerasse essa loucura alguma vez, não seria bem recebida.

— Quanto tempo acha que falta para que sua mãe invente uma desculpa para unir-se a nós? — perguntou com um cinismo zombeteiro e no fundo realista, mas sem deixar de admirar o perfil nítido de Rebecca.

—Surpreende-me que já não esteja aqui — disse ela meneando a cabeça. —Embora nos vejamos muito bem, suspeito que esteja nos vigiando.

Ele gostava da honestidade. Talvez fosse precisamente isso o que o atraía nela. A beleza somada a uma refrescante carência de artimanha. Era genuína. Não era vazia, afetada e nem superficial.

— Talvez devêssemos aliviar sua ansiedade. Eu a acompanharei para dentro antes que sua mãe sofra uma apoplexia. — Abrangeu a grande extensão de pedra do terraço com o olhar e com um sorriso nos lábios. —Embora este não seja um lugar confortável para seduzi-la, tenho a sensação de que se preocupa que eu tente de qualquer maneira.

«Talvez lady Marston devesse se preocupar...»

Rebecca reprimiu uma risada.

— Estou certa que para um conquistador de sua reputação o chão de pedra não o impediria.

Poderia fazer, é obvio. Ele contava com certa experiência em utilizar lugares pouco adequados, mas não pensava dizê-lo em voz alta.

—Eu tenho uma reputação? —perguntou deliberadamente e lhe ofereceu o braço.

— Eu não costumo a prestar atenção aos boatos — ela disse, contradizendo sua afirmação anterior.

«Todo mundo presta um pouco de atenção», ele pensou.

O som de uma voz com um tom gelado e inconfundível os surpreendeu.

— Rebecca, pensei que você não estava bem. Talvez devesse se retirar para os seus aposentos.

Ela estremeceu. Não exageradamente, mas Robert notou um puxão repentino na manga da jaqueta.

Ele se virou e se dirigiu ao pai da dama com um sorriso frio.

—Estava prestes a acompanhá-la novamente ao salão.

—Não é necessário. —Sir Benedict, de pé sob a soleira, apresentava um rosto impassível.

—Eu mesmo a acompanharei.

Rebecca hesitou. Incomodava-a e a desconcertava esta tensão súbita, porém muito palpável, e então sussurrou:

— Boa noite, lorde Robert.

— Boa noite. —Ele a viu partir entre o gracioso redemoinho de suas saias de seda, e captou um último olhar desdenhoso de seu pai antes de fazer sua filha passar para dentro.

Acabava de receber uma advertência.

—Se você tem algum tipo de absurda inclinação romântica por Robert Northfield, deve deixá-la de lado.

Cada uma dessas palavras cortantes foi como uma pequena chicotada. Rebecca reprimiu a indignação de que a tratassem como a uma menina de forma evidente diante de outra pessoa, Robert nada menos, como certa sensação de confusão. Tampouco era muito digno que quase a arrastassem escada acima, para o quarto.

—Não foi mais que um simples passeio pelo terraço. Mamãe pode dizer que nem sequer ele pediu. Seu irmão sugeriu.

—Acredita — disse ele com idêntica frieza — que não percebi como reage diante deste jovem.

Aquilo a deixou sem palavras. Se pudesse negar o faria, mas não podia, de modo que se limitou a tentar não tropeçar na saia, enquanto tentava compassar o passo com os grandes passos que o seu pai dava.

— É totalmente inapropriado.

A impassibilidade do rosto paterno não convidava a fazer perguntas. Contudo, Rebecca se atreveu a uma, pois era óbvio que não tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

—Ele o desagrada. Por quê?

—Sim, me desagrada — confirmou sir Benedict — e não direi por que.

—O duque o agrada. Aceitou sua hospitalidade. E é óbvio que lorde Damien conta com sua aprovação, já que seu entusiasmo para que eu aceite sua companhia me expõe ao ridículo.

—Nenhum deles tem nada a ver com isto. Robert Northfield é um homem independente e este assunto não diz respeito a você de maneira alguma.

—Como não? — Perguntou ela com ar incrédulo. —Quando me lança um ultimato por uma simples conversa, na frente de todos.

Reservaram-lhe um quarto na ala esquerda. O corredor, imenso e elegante, estava repleto de portas de madeira esculpida e abajures acesos sobre mesas polidas. Com o rosto pálido, seu pai a seguiu até sua porta e a abriu.

— Nos veremos pela manhã, querida.

Capítulo 11

Quando começar a caça, lembre-se que você é o prêmio. Se renunciar ao poder, ele o recuperará, encantado. Se decidirem conservá-lo, como recomendo de coração, façam da forma mais sutil e prazerosa possível.

Do capítulo intitulado “Coisas que toda mulher deve saber”

Uma caçada extravagante não correspondia à ideia que Colton tinha de como passar uma manhã agradável, nem tampouco o considerava muito digno. Mas aceitou porque Brianna o tinha pedido de tal modo que negar-lhe pareceu uma descortesia. Os outros convidados pareciam ter recebido com entusiasmo o espírito do jogo e, para ser sincero, provavelmente era mais divertido que estar sentado no estúdio com seu secretário.

«Sobre tudo em momentos como este», pensou, enquanto passeava junto a sua esposa e dava uma olhada no contorno dos tornozelos, enquanto ela se inclinava para frente e pegava com ar triunfante um prêmio debaixo de um arbusto ornamental. Brianna ergueu-se e se virou com a mão estendida.

—Olhe. Está me parece muito bonita.

—É uma pedra — disse ele com delicadeza.

—Mas é bem bonita, não acha?

—Devo admitir que não esteja acostumado a me sentar e refletir sobre suas propriedades estéticas.

Brianna olhou para ele, zombeteira.

—Sua excelência não deseja ganhar esta competição? Eu pensei que alguém com sua eminente posição mostraria um pouco mais de espírito competitivo. Supõe-se que temos que encontrar a pedra peculiar. Se esta não o convencer, ficaremos aqui até encontrar uma que seja melhor.

Embora o jogo parecesse absurdo, não podia deixar de admirar a forma com que os raios do sol iluminavam o cabelo loiro de Brianna. Essa manhã tinha um aspecto fresco e saudável, com seu singelo vestido de musselina creme enfeitado de cetim verde claro. As mangas, ligeiramente curvadas, ressaltavam a elegância de seus braços, e tinha os cabelos preso em um par de tranças amarradas com uma fita caída. Brianna era a personificação da juventude e da beleza feminina, se encaixava na atmosfera bucólica do jardim e do parque, saudável, jovem, vivaz e... Fértil?

Colton se perguntou se seria muito cedo para falar sobre o assunto, mas estava quase certo que sua menstruação estava atrasada várias semanas pelo menos. Não que ele fizesse a conta, mas estava ciente de quando não podia compartilhar sua cama. Tinha passado certo tempo desde que ela tinha admitido que não era o momento adequado para que fizessem amor. Eles não estavam casados tempo suficiente para saber se isso era normal nela ou não, mas não havia dúvida que o aspecto sexual de sua relação era mais que mais satisfatório, e exercia seus direitos frequentemente. Não o surpreenderia que já estivesse grávida.

Um filho.

Gostava da ideia. E não só porque ter um herdeiro era sua maldita responsabilidade, coisa que o surpreendia, porque ele sempre havia considerado o conceito «filhos» como algo abstrato. Sim, alguém se casava e, de acordo com o curso natural dos acontecimentos, concebia filhos. Mas Brianna fecundada com uma criatura sua, com o filho de ambos... Essa ideia o comovia de forma inesperada.

—Aconteceu algo de ruim, Colton? —Sua esposa inclinou a cabeça e entre suas delicadas sobrancelhas apareceu uma ruga. —Tem uma expressão muito estranha. Já sei que você não gosta muito destes tipos de jogos, mas...

—Os jogos em geral não costumam ser o prato que gosto, mas não me importa. —Sorriu. — Eu acho que esta pedra é bonita. É quartzo, acredito.

— Ah, é? —Ela olhou sua mão muito contente. — Muito bonita, se me permite dizer.

—Deslumbrante — ele reconheceu, olhando para ela e não para a maldita rocha.

Sua preciosa esposa ruborizou ao perceber a referência e o sentido daquele olhar.

—Não pensa em participar da busca, certo?

—Eu levarei a pedra, o que acha?

Ela levantou desafiante uma de suas sobrancelhas douradas.

—E a lagarta?

—Como disse?

— Você tem a lista no bolso. Acredito que temos que encontrar uma. Preferia que você a conseguisse.

—A lista ou a lagarta?

—A lagarta, claro. Deixe de zombar de mim. O que mais temos que encontrar?

Zombar dela? Bem, talvez o fizesse. Que estranho. Ele não era zombeteiro. Perplexo e obediente, Colton pegou o pedaço de papel e o examinou.

— “Uma flor vermelha. Uma madeira especial...” Que demônios é uma madeira especial, afinal?

—Como eu vou saber? Sua avó fez a lista e as frases são dela. —Brianna começou a rir. — O que sei é que faz um dia excelente, o sol brilha e os nossos convidados estão vagueando por aí para encontrar os objetos selecionados e vencer. Vamos, agora que já resolvemos o problema da pedra? Não acredito que nos favoreça chegar por último a toda velocidade.

A palavra «velocidade», pronunciada por sua sedutora esposa, adquiria um significado inteiramente novo. Mas as implicações sexuais eram muito inapropriadas nesse momento, e estava claro que ela não tinha nem ideia de ter sugerido uma imagem erótica. Colton pegou o pedaço de quartzo, colocou no bolso da jaqueta e a seguiu através do jardim. Conseguiram encontrar tudo o que aparecia na lista, inclusive uma infeliz e brilhante lagarta verde; ele teve que segurá-la na mão e evitar que se arrastasse por todo seu corpo. Quando finalmente voltaram para o terraço, sua avó estava sentada ali em toda sua glória, presidindo a caçada com o bastão, e com uma expressão de entusiasmo que Colton não via há anos.

Robert, que colocaram como par de uma das irmãs Campbell, que Colton não era capaz de diferenciar, também segurava uma espécie de lagarta. Seu ar de resignação sugeria que ele também se sentia ridículo no jogo.

Entretanto, por sua avó e por essa expressão de satisfação, Colton teria recolhido uma dúzia de criaturas como essa e sairia carregando-as por aí.

Damien se uniu a eles, resmungando baixo.

— Até que ponto seria uma grosseria se nos retirássemos para o seu estúdio e tomarmos um conhaque, Colton?

— Não é nem meio-dia.

— E? Por acaso não carrega um inseto nas costas? Quão frequentemente acontece isso antes de meio-dia? Nunca, com certeza. Eu, sem dúvida, preciso de uma bebida.

Seu irmão tinha razão.

— De fato não acredito que possa qualificá-lo de inseto. Não têm que ter seis patas? Está claro que este tem muito mais — disse Colton muito sério.

— Agora não é o momento de discutir sobre amenidades.

— Está claro que a espécie de Damien, cheio de manchas e pelos, é menor e menos vistosa. Finalmente fugiram para o seu refúgio e tomaram o conhaque. Colton avisou Mills com um gesto ausente, indicando que terminasse o que estava fazendo e que voltasse na manhã seguinte. Captou a atônita expressão de seu secretário quando compreendeu que pensava ficar com o resto da tarde livre.

Talvez dedicasse um tempo excessivo aos negócios. Não era necessário que tratasse de todos eles pessoalmente. Em seu interior vivia ainda o jovem inseguro que possuía um ducado e era responsável por toda sua família, e Colton não sabia como livrar-se dessa necessidade compulsiva de lidar com cada detalhe. Talvez se seu pai tivesse adoecido e fosse indo pouco a pouco, estivesse mais preparado. Mas um dia estava ali, saudável e feliz, e no seguinte se foi.

Isso tinha transtornado o mundo de Colton.

Bebeu um bom gole de conhaque e voltou a centrar-se na conversa em curso. Tanta introspecção profunda o perturbava.

—... Tinha que conseguir a melhor flor vermelha do demônio. —Robert continuava se queixando de sua parceira no jogo. — Eu juro que examinou todas as rosas da propriedade. De qualquer forma, no final ganharam Lord Emerson e sua parceira.

—Mas a avó teve um bom momento nomeando os ganhadores — comentou Damien. — Embora me pareça que a decisão teve muito mais a ver com seu papel de casamenteira, que com a cor e o aroma como ela disse. Diria que quando Emerson e a mais velha das Campbell estão juntos, eles adquirem essa particular aura sonhadora que me faz desejar voltar direto para a Espanha correndo.

— O que seria muito difícil — falou com um enorme sorriso o conde de Bonham, que havia se unido a eles — tendo que atravessar o oceano.

—Pois me afogaria na tentativa — replicou Damien, sentado comodamente em sua poltrona e levantando a mão com gesto de ironia. —Ah, eu não necessito que me deem sermões sobre as vantagens de ter as pernas atadas por toda a vida a uma mulher, nem sobre o prazer da estabilidade conjugal. As francesas já são desafio suficiente.

—Prazer? —Bonham sorriu. — Bom, o termo é adequado em certas circunstâncias. O quarto é o lugar que me vem à mente.

— Podemos experimentar a mesma felicidade sem estar preso a uma mulher por toda a eternidade — disse Robert.

Seu irmão caçula devia saber, pensou Colton. Se havia um homem que exemplificava a felicidade que podiam oferecer as mais célebres belezas da Inglaterra, esse era Robert.

— Eu acho que todos notaram que você assina essa filosofia, Robbie,

— Quem sabe? —Disse Damien. —Pode ser que tudo seja apenas um truque.

Colton sentia um interesse cada vez maior. Será que estava perdendo algo? Quando Damien usava esse tom de voz, quer dizer nenhum tom, o prudente era ficar atento. Seu irmão quase nunca falava por falar. E, além disso, no rosto de Robert apareceu um brilho fugaz que se podia interpretar como consternação.

—Você sabe de algo que eu não sei? — Colton disse com enorme curiosidade, pois não acontecia muito frequentemente que seu irmãozinho ficasse desconsertado.

—Não, não sabe nada. —Robert deixou a taça e se levantou. — Acho que Damien está tão acostumado a exercer seu papel de espião, que acredita que deve fazer comentários criptografados, só para não perder o costume. Em todo caso, cavalheiros, por favor, me desculpem. Obrigaram-me a participar da audição desta noite, e devo me assegurar de que não esqueci como usar o arco.

—Aceitou tocar? —Esta pequena reunião campestre estava cada vez mais interessante, minuto a minuto. Todo mundo sabia que Robert não gostava de anunciar seu amor pela música.

—Sua esposa pediu e, portanto não pude negar. Eu acho que Brianna está esforçando-se ao máximo para que isto seja um grande sucesso — levantou uma sobrancelha, — e acabamos de comentar como me é difícil negar algo a uma bela dama.

Assim que Robert partiu, Colton se voltou para Damien. Bonham também parecia intrigado.

—Que diabo está acontecendo?

Seu irmão riu com sua compostura habitual.

—Digamos que tenho uma teoria interessante, e vamos deixar para lá, certo?

Brianna não gostava de reuniões durante o dia todo e organizado com antecedência. Desse modo, deixou as tardes livres para seus convidados, oferecendo a eles a possibilidade de dar longos passeios por sua propriedade e cavalgar pelo campo, relaxar na enorme biblioteca, ou ir de excursão para aldeias próximas se desejassem fazer algumas compras. Ela nunca havia sugerido uma busca como a desta manhã, mas a avó de Colton havia insistido e agora Brianna estava encantada por ter aceitado. Para começar, todo mundo havia aceitado com alegria e desenvoltura, e ela conseguiu passar certo tempo com seu marido durante o dia, o que era incomum.

Arabella, Rebecca e ela foram procurar refúgio em sua sala. Ao menos não estava decorada com inumeráveis florzinhas pequenas. Mas tinha o ar de um elegante salão do ano de Luís XIV, com mobiliário francês antigo e paredes estofadas de seda. A gama de tons

amarelos e creme eram relaxantes, e ela tinha decidido adotá-la em seu dormitório. Mas estava convencida de que Colton insistiria em voltar para Londres assim que os outros se fossem, e embora a senhora Finnegan pudesse sem dúvida fiscalizar as mudanças, ela pensou com um suspiro que teria ficado encantada de se ocupar em pessoa.

—A verdade é que está fazendo um tempo muito melhor do que o previsto, Bri. — Arabella, radiante em seu vestido de musselina cor de milho, segurava sua taça de xerez com gesto refinado. —Todos comentaram.

—É uma sorte, estou de acordo — concordou ela. —Que deprimente seria se todos nós fôssemos obrigados a ficar sempre aqui dentro.

—E está claro que entre lorde Emerson e Belinda Campbell surgiu um interesse mútuo. Isso é um grande êxito para toda anfitriã. —Rebecca sorriu. Suas palavras eram irônicas, mas o gesto de seus ombros indicava certa tensão.

Brianna podia imaginar perfeitamente o motivo.

—A verdade, Beck, é que jamais me ocorreu que sua mãe decidiria que Damien e você fariam um bom casal. Não que ele não seja um bom partido, mas é óbvio que a situação a incomoda. Farei todo o possível para que não a coloquem como par dele a toda hora.

—Ele me agrada, o problema não é esse. —Rebecca fez uma careta. —Mas é muito ruim que me coloquem ante seu nariz a toda hora.

—Além disso —disse Arabella com um olhar de pena — não vai regressar para a Espanha? Seria horrível que se casasse e ele tivesse que voltar para a guerra.

—Não creio que meus pais pensem em outra coisa que não seja a fortuna e um futuro título de linhagem. —Rebecca dirigiu o olhar para a janela. Em seu adorável rosto havia uma expressão melancólica. —À medida que os dias passam, levam menos em consideração os meus sentimentos.

Veio à mente de Brianna a confissão que Rebecca havia feito dias atrás em Londres, na sala de música dos Marston.

«... Estou apaixonada... Ele não é apropriado...» E disse por um impulso:

—Bela eu não poderíamos ajudar de algum modo? Tem momentos que parece tão triste. Acho que deveria contar a ela o que me disse. Entre nós três nunca houve segredos. Pode ser que falar disso melhore as coisas.

— Contar-me o que? —Arabella franziu o cenho, desconcertada.

Rebecca se virou e sorriu com resignação.

—Sofro de um mal terrível. Deve ser uma enfermidade, não é verdade? Estar apaixonada precisamente pelo homem errado.

—Está apaixonada? —Arabella, atônita, repetiu essas palavras como se jamais tivesse ouvido tal conceito. —Oh, querida. Isso é maravilhoso... Ou não, suponho. Por que é o homem errado?

—Segundo ela, seus pais jamais o aprovariam — interveio Brianna.

— Por que não? A menos que seja um cavaliço... Ah, não é isso, é? — Arabella parecia tão confusa quanto Brianna quando ouviu o problema pela primeira vez.

Rebecca negou com a cabeça.

—Ambas são maravilhosas, em todos os sentidos, mas não posso contar.

Brianna e Arabella trocaram um olhar. Se Rebecca não tivesse secado com um gesto furtivo uma lágrima solitária do canto do olho, Brianna talvez tivesse encerrado o assunto. Em vez disso, disse com empenho:

— Nós sempre respeitamos sua intimidade, Beck, você sabe. Talvez a situação não seja tão horrível como pensa. Confie em nós.

—Não é um problema de confiança, mas é complicado. — Suspirou e afastou uma mecha de cabelos com a mão. —Complicado e simples às vezes. Meus pais exigem que me case esta temporada, e ninguém pode culpá-los. A favor deles tenho que dizer que não fazem à menor ideia do que acontece realmente. Só pensam que sou muito teimosa neste assunto. Penso que deveria ter dito sim ao marquês no ano passado. Ele teria sido... Aceitável.

Aceitável. Brianna pensou nos sentimentos que tinha por Colton. Quem queria um marido aceitável, sobre tudo quando amava outro com paixão?

— E esse homem misterioso, sente também algum interesse por você?

— Creio que seja possível que o interesse seja recíproco, mas minha razão me diz que não passa disso. Devo ser uma espécie de capricho passageiro, se é que sou algo.

—Talvez lady Rothburg possa ajudá-la, como já disse — Brianna falou.

Arabella começou a rir, sem dar importância.

—Santo céu, Bri, não me diga que ainda conserva esse livro escandaloso.

—Claro que o tenho —Brianna sorriu com obstinação —e asseguro que é fascinante. Eu li do começo ao fim.

—E eu digo que uma mulher respeitável não deveria olhar sequer para ele.

— Acontece que, de vez em quando, é divertido não ser respeitável. —Brianna pensou que agora seu marido era muito mais ardente. Já não reprimia a paixão. A última vez que esteve em seu leito, ela não havia feito nada para provocá-lo, e ele não só havia esquecido o ritual de apagar as luzes, mas a pegou nos braços e quase a jogou sobre a cama como se fosse incapaz de esperar.

Isso era exatamente o que ela queria. Essa sublime consciência de sua própria sexualidade como mulher, não só como esposa. Como uma mulher que podia e queria agradá-lo.

E aproveitar também, como estava começando a descobrir. A experiência melhorava não só para Colton. Olhou de esguelha para Arabella, também recém-casada.

— Sabe, você também se beneficiaria com o livro. É bastante instrutivo. Quem dera o tivesse lido antes de... Bom, já sabe, antes.

As bochechas de Arabella tingiram-se de rosa ante a alusão da noite de bodas.

—Teria me ajudado? Quero dizer, não foi terrível ou algo assim. Andrew foi muito compreensivo e gentil, mas eu tive uma crise de nervos. Agora está tudo bem.

—Essa é a pergunta. —Brianna teve a sensação de que ela estava corando. —Você pode ficar muito, muito melhor do que bem — olhou para Rebecca — e o livro não é apenas sobre assuntos íntimos, Beck. Lady R dedica um capítulo inteiro de como fazer um homem que está relutante notá-la. Na verdade eu, como mulher casada não precisava ler isso, mas é tão fascinante que não poderia deixar de fazê-lo. Lady R tem experiência pessoal sobre a forma

de chamar a atenção de qualquer cavalheiro que desejar. Afirma que obteve um grande sucesso em seus objetivos utilizando determinadas técnicas.

— A verdade é que depois de tudo, espero que me empreste o livro. —Na voz de Rebecca havia um leve tremor. —Talvez se tentar... Meus pais se horrorizariam, mas cheguei à conclusão de que se não fizer algo logo, serei obrigada a aceitar a imposição do homem que eles escolham e não eu.

—Eu acredito que é uma ideia excelente. Como ambas sabem, tenho muita fé nos métodos de lady R. — Brianna se levantou. —O livro está no meu quarto. Vou buscá-lo.

Entrou em seu quarto, agarrou a chave dourada da penteadeira e tirou da parte inferior do armário uma vistosa caixa antiga que havia pertencido a sua avó, a quem teria escandalizado sobremaneira o seu conteúdo atual. O volume descansava sobre um veludo descolorido, como uma joia valiosa, ao menos assim era como Brianna via essa posse proibida. Tinha uma capa coberta de couro com letras escarlate em relevo e as páginas muito gastas. Brianna havia se perguntado mais de uma vez sobre a anterior proprietária ou proprietárias. Tinha a certeza que lady Rothburg tinha ajudado muitas mulheres antes dela. Caso contrário, o exemplar teria sido destruído em lugar de abrir caminho até aquela pequena livraria poeirenta.

Brianna voltou e entregou o livro.

—Comece com o capítulo intitulado «Nunca esqueça que você sabe melhor que ele o que quer».

Rebecca levantou-se e observou a capa.

— Eu gostaria de saber o que ele quer. Sei muito bem o que meu pai não quer, mas estive pensando... A verdade é que não pensei em outra coisa ultimamente. —Seu rosto adotou um ar decidido. — Cheguei à conclusão de que o que eu quero tem importância. Afinal, é a minha vida e a minha felicidade que estão em jogo.

Brianna compreendia muito bem este sentimento. Por isso isto ela havia adquirido o livro.

— Seus conselhos podem ser pouco convencionais, aviso-a Beck, mas tenho certeza que lady R a ajudará.

Capítulo 12

Quanto mais se esforçar para seduzi-lo, mais deve acreditar em sua sinceridade.

Do capítulo intitulado «Se isso não é amor, então o que é?»

No início da tarde fazia calor no salão barroco. Ou talvez, admitiu Robert para si mesmo, estivesse nervoso. Não muito, mas o suficiente para que a gravata o incomodasse, embora a tivesse ajustado duas vezes. Tocar para um grupo, até para o reduzido número de convidados de Brianna, não era algo que aceitasse com frequência. Às vezes tocava para a família e o tinha feito, a pedido de sua avó, nas íntimas e discretas bodas de sua mãe com seu conde italiano. Lázaro tinha escolhido Vivaldi, é obvio, e isso agradou Robert, pois o maestro italiano era um de seus favoritos. E depois, quando sua mãe, com aquele traje nupcial que a fazia parecer tão jovem e encantadora, se aproximou com lágrimas nos olhos e o abraçou emocionada, ele ficou com olhos embaçados. Porque a amava e era comovente vê-la feliz novamente depois da devastadora morte de seu pai.

— Imagine o conquistador mais famoso de Londres, um verdadeiro ímã para o escândalo, famoso por sua afeição às damas encantadoras e aos jogos de azar, interpretando um dueto com uma senhorita jovem e virginal durante uma reunião campestre, só para agradar sua cunhada.

O sarcástico comentário fez com que Robert olhasse de esguelha para seu irmão, que tinha se aproximado para se colocar ao seu lado.

— Ninguém acreditaria, assim estou bastante convencido de que minha fama ficará intacta. Damien tinha uma expressão inocente, mas isso não era novidade.

— A mim mesmo custo a acreditar. Diga-me, há algo nesse par de olhos cor de água-marinha que seja o motivo para que tenha se tornado tão pródigo com seu talento? Brianna me disse que estava encantada por Rebecca tê-lo convencido a tocar. Ouvi perfeitamente que

fez Colton acreditar que a esposa dele havia pedido isso. De fato, mentiu como um velhaco, e isso não é próprio de você. Nem tampouco tocar em público. Pergunto isso, já que a deliciosa senhorita Marston é um denominador comum em ambas as situações.

Isso se aproximava muito de um território desconfortável, e Robert lançou um olhar sombrio ao seu irmão.

—Não basta usar sua inteligência para lutar contra Bonaparte? Estou convencido de que minha vida privada não pode ser comparada com intrigas dessa categoria.

—Infelizmente, Bonaparte está longe. Você, no entanto, está aqui. - Damien fez um barulhinho com os dentes, como uma risada.

O problema era que o par de olhos água-marinha tinha algo que levava Robert a fazer coisas irracionais, tais como brincar de correr pelos jardins à luz da lua. Diabo.

Esqueceu esses problemas quando os convidados ocupavam seus assentos, dispostos em um canto do grande salão, ao redor do palco onde estava o piano. Tinha que interpretar essa peça endemoninhada porque dera sua palavra a Rebecca, mas se alegrava por tê-lo aconselhado a ensaiar antes. Era uma composição desconhecida e por isso mesmo intrigante.

A partitura que um dos lacaios entregara-lhe pela manhã estava escrita à mão. Sem dúvida era uma transcrição em que não havia o nome do compositor quando foi copiada. Falaria com ela assim que terminasse a breve audição. As notas tinham uma qualidade digamos perturbadora que o havia surpreendido, pois eram suaves e, entretanto potentes, poesias líricas e comoventes. Robert estava convencido de não tê-la ouvido antes e tinha um vasto repertório, então era estranho. O estilo era único, preciso e brilhante.

—Ela tem um charme único esta noite, você não acha? — Foi uma simples pergunta, uma observação.

—Sim. — Robert desejou que sua voz soasse natural, mas teve a sensação de não ter conseguido.

Rebecca entrou no recinto com seus pais, é obvio. Ao vê-la, ele ficou paralisado e ficou de lado por um momento, incapaz de se mover. Estava com os cabelos ligeiramente presos, de modo que alguns cachos estratégicos dançavam sobre a silhueta de seu pescoço delicado.

A cor do vestido era em um tom prateado e o decote, na moda, ficavam justo na altura do opulento seio. Caminhava discreta entre seu pai e sua mãe, e esta última disse algo ao que respondeu com um leve gesto de assentimento. Em seguida foi para o palco, sentou-se ao piano e percorreu a sala com o olhar até que o localizou, ali de pé, perto de Damien.

Era um pouco difícil passar despercebido com um violoncelo nas costas, mesmo ficando parado na porta. Robert inclinou a cabeça, não para indicar que a tinha visto entrar, mas como um tributo a espetacular beleza dessa noite. Embora não tivesse importância que Rebecca soubesse, não é?

Ela respondeu com um sorriso indeciso que o impulsionou a amaldiçoar em voz alta, algo que provavelmente os convidados que abarrotavam o salão de sua cunhada não considerariam de boa educação. E pensando em seu próprio bem, Robert concluiu que estava começando a sentir uma admiração excessiva por esse sorriso, como um pretendente apaixonado que fosse escrever um livro inteiro cheio de poemas e rimas para a curva deliciosa desses lábios.

Tinha chegado o momento de acabar com isso.

Cruzou o salão e entre o público se fez silêncio. Talvez, supôs Robert, fosse porque se dispunham a escutar com educação, mas a maioria ficou atônita ao ver que ele iria tocar. Olhou ao seu redor para se assegurar de que as damas já estavam sentadas e ocupou a cadeira que haviam colocado para ele.

Diabos, estava muito perto dela para aspirar a essência de seu perfume.

Colocou imediatamente no suporte a partitura que ela havia enviado, provou o arco do violoncelo, e olhou para Rebecca para indicar a ela que estava preparado. Ela levantou suas delicadas mãos e inspirou.

E começou a tocar.

No final de dois compassos ele percebeu a magnitude de seu insulto anterior. Rebecca tocava com a sutileza de um anjo, e a beleza das notas fez com que a reduzida audiência desaparecesse por completo e ficasse em um segundo plano. Robert esperou com o arco levantado o momento de entrar e quando brotou das cordas de seu instrumento o primeiro

acorde suave e melodioso, sentiu-se transportado a um lugar onde ninguém mais escutava, respirava o mesmo ar ou existia, salvo a mulher ao seu lado e a música que compartilhavam.

Não percebeu que a peça estava chegando ao fim até que uma última nota vibrante emudeceu. Robert deixou de observar a partitura que tinha ante si e virou a cabeça para ver Rebecca, inclinada ainda sobre o teclado, muito quieta, com a expressão de alguém que estava sonhando. Então o público estalou em explosões de aplausos e elogios, e tudo terminou.

Agora podia fugir, e isso deveria enchê-lo de alegria.

Não foi assim. Preferia continuar sentado e voltar a tocar.

Mas só haviam ensaiado uma peça, de modo que se levantou, inclinou-se cortês diante de Rebecca, e como não lhe ocorria nada para dizer, abandonou o palco e foi ocupar seu lugar entre o público.

Por desgraça a poltrona livre estava ao lado da mais jovem das senhoritas Campbell, que aplaudiu e sorriu radiante quando Robert se sentou.

—Excelente lorde Robert. Não tinha ideia de que você tocava tão bem — disse —de fato não tinha ideia de que soubesse tocar.

"Que Deus me proteja de fêmeas com o riso solto." Robert sorriu e se preparou para ouvir quando Rebecca começou outra peça. Tampouco reconheceu a sonata. Nem a seguinte. No final, ela interpretou um pouco de Mozart e Scarlatti, mas a maior parte da atuação consistia de obras que não tinha ouvido antes. Toda sua atuação foi brilhante.

Ao acabar, ela se levantou e ruborizou ante a entusiasta resposta, e chegou o momento de todos passarem para a sala de jantar. Robert se viu obrigado a acompanhar a senhorita Campbell, que se pôs de pé olhando-o com expectativa.

Então, para piorar ainda mais as coisas, viu que o colocaram sentado na mesa imensa junto à mãe de Rebecca. Deveria parecer engraçado que lady Marston dissimulasse tão mal o desagrado que ele produzia, mas por alguma razão o incomodou muito. Ela elogiou a contra gosto sua atuação, e o assombro em sua voz refletiu com toda segurança o que Robert teria que ouvir assim que voltasse para Londres.

Quando ele comentou o extraordinário talento de Rebecca, ela fez um gesto desdenhoso.

—Não é mais que um passatempo, é obvio. Todas as jovens bem educadas devem ter certa destreza musical.

—Certa destreza? — escapou sem pensar, como um protesto oculto. Talvez fosse a taça de vinho que acabava de ingerir de um gole só. — Madame, sua filha tem tanto talento como beleza. O compositor choraria de felicidade se ouvisse uma execução tão eloquente de sua obra.

Teria sido melhor que não mostrasse tanta veemência, mas a indiferença daquela mulher o incomodava. Então a mãe de Rebecca lhe dedicou um olhar frio e superficial, como se de repente o visse não só como um jovem de reputação duvidosa, mas sim como um autêntico perigo em potencial. Robert teve que se perguntar o que exatamente seu marido havia contado.

— Obrigada, milorde. Transmitirei a minha filha seus elogios sobre seu talento no piano — ela murmurou.

Em outras palavras, ele não deveria dizer a Rebecca em pessoa. «Que diabo esperava?» Disse a si mesmo. Mesmo que sir Benedict tivesse uma relação cordial com ele, a metade dos bons partidos de Londres tinha pedido a mão de Rebecca e tinham sido rejeitados. Era óbvio que seus pais eram seletivos, e deviam sê-lo. A senhorita Marston possuía tudo o que um homem desejava em uma esposa. Beleza, postura e talento. E havia aquele sorriso sedutor, inconsciente...

Se um homem desejasse uma esposa.

Porém isso não tinha importância. Esse não era o seu caso. Não neste momento, não com sua idade, não quando era dono de sua vida. Ele não desejava. Ou sim?

Robert tinha um apelo muito pecaminoso, muito próximo daquele grupo de pessoas tão reduzido.

Rebecca continuava ouvindo o som cadenciado de sua música, interpretada pela primeira vez por outra pessoa, via os dedos longos de Robert acariciando com sensibilidade as cordas do violoncelo, a expressão de intensa concentração de seu rosto, o percurso de seu arco.

Outra pessoa interpretando sua música. Não uma pessoa qualquer: Robert. Por mais difícil que fosse sua condição de apaixonada, ao menos conservaria sempre a sorte secreta de tê-lo ouvido interpretar suas notas, de saber que tinha compartilhado com ela algo tão pessoal, tão íntimo. De certo modo, Rebecca se sentia como se fossem amantes.

Porque estava claro que ele amava a música. Estava escrito em seu rosto, em seus cativantes olhos azuis, em sua postura e o belo estilo com o qual ele havia tocado.

E se houvesse percebido desde a primeira vez que o viu? Talvez essa comunhão incomum e comovente fosse o que a havia atraído no notório Robert Northfield desde o começo.

Antes da audição tinha ficado cativa. De seu físico atraente, do seu sorriso perturbador, desse ar de segurança e sensualidade varonil.

Mas agora, através da música... Sua segunda paixão... Estava na verdade perdida.

Rebecca tinha o livro na mão, sem abri-lo ainda. Vestida com a camisola e a bata, sentada aos pés a cama, dispôs-se a ler sob a luz tênue da candeia. Acariciou com cautela a delicada capa de pele dos conselhos de lady Rothburg, abriu-o e escolheu uma passagem aleatória na metade do livro. Talvez esta fosse à única possibilidade que tinha de viver um verdadeiro romance.

...não é tão delicado, mas extremamente sensível. Pegue o saco de seu testículo na mão com delicadeza, e acaricie com suavidade a pele que há atrás com um roçar de dedo. Prometo-lhes uma reação da mais satisfatória a essa carícia...

Rebecca reprimiu um suspiro e fechou o livro de repente. Sobressaltou-se quando alguém bateu na porta de seu dormitório. Olhou o relógio ornamentado sobre o suporte da lareira, e escondeu apressadamente o exemplar sob o travesseiro, perguntando-se quem perambularia pelos corredores há essa hora. Sua empregada já tinha se retirado, e assim que amarrou o cinto da bata foi abrir a porta.

Deu graças a Deus por se tratar de Brianna, vestida ainda com seu elegante traje de noite.

— Esperava que ainda estivesse acordada.

— Sim, estava lendo. — Rebecca riu com certo acanhamento e se tranquilizou. Jamais teria pensado em tocar as genitálias de um homem... E estátuas gregas à parte, nem sequer tinha visto nunca um homem nu... E Deus do céu, o resto do livro era igual?

— Já percebi. — Brianna fez uma careta irônica. — Isso explica o ar de culpa, suponho. Posso entrar um momento? Prometo que não ficarei muito tempo.

— Claro que pode. — Rebecca, que sempre ficava feliz na companhia de sua amiga, afastou-se para convidá-la a entrar. Desde meninas eram inseparáveis e frequentemente iam passar temporadas uma na casa da outra, sobre tudo no verão. Às vezes a governanta dava aulas para as duas, o que era uma grande vantagem para Rebecca, pois a governanta de Brianna vinha de uma família de melômanos, e não só a ensinou a tocar, como também um pouco de teoria musical e aspectos mais técnicos. Rebecca tinha suplicado por um professor de música para ela, assim que a senhorita Langford não pôde mais ensiná-la. Seus pais se mostraram encantados de lhe proporcionar um, e satisfizeram seu amor por algo que eles consideravam que toda moça bem educada devia conhecer. Não se assustaram até que Rebecca começou a dedicar mais e mais horas a cada dia, não só para interpretar música, mas para compor.

As jovens deviam ser capazes de interpretar uma melodia bonita, mas somente os homens compunham música. Essa era a opinião de seus pais. Consideravam-na uma tarefa intelectual, impróprio para os escalões mais altos da sociedade. Os compositores eram como os pintores e escultores. Seu ofício poderia ser de natureza artística, mas exclusivo da classe trabalhadora.

Brianna entrou e se sentou na cama. Parecia à criança travessa da qual Rebecca se lembrava de sua infância, com essa expressão no rosto significando que conseguira o que queria e talvez seus pais não aprovassem.

— Bom, como está? Foi um sucesso. Todo mundo adorou sua atuação esta noite. Falaram disso durante todo o jantar, mais de uma pessoa pediu para que volte a tocar para nós.

—Agora é quando você diz «eu não disse»? Acho que você está no seu direito. Se não fosse por você, Bela, continuaria sendo meu público cativo. —Rebecca se inclinou e deu a sua amiga um abraço breve e forte. — Obrigado.

—Não me agradeça. Quantas anfitriãs podem dizer que a brilhante Rebecca Marston apresentou-se durante sua reunião campestre com grande êxito? —Brianna sorriu. —É um autêntico golpe de mestre. Sou eu quem está em dívida contigo. Por outro lado, como diabo conseguiu que Robert aceitasse acompanhá-la? É um acontecimento digno de aparecer nos livros de história. Imagino que assim que a notícia chegar a Londres, eles sobrecarregarão com pedidos aos dois.

Aos dois. Como se fossem um casal. Não era mais que uma ilusão, mas Rebecca gostou de como soava.

Sentou-se junto à Brianna e começou a rir.

—Utilizei um método de eficácia comprovada. A culpa. Ele fez um comentário, que eu compartilho em segredo, de que não deveria permitir que as jovens profanassem a música em público. Quando expliquei que a intérprete seria eu, ficou horrorizado ao ver que tinha colocado os pés pelas mãos. E eu, sem o menor escrúpulo, obriguei-o a aceitar a tocar em dueto como castigo.

—Bom, me pareceu espetacular. —Brianna acariciou sua mão. —Perfeito. Colton diz que Robert prefere manter em segredo seus dotes musicais, assim agradeço essa pequena chantagem.

—Robert é muito bom músico.

—Sem dúvida. Não é algo que se espere de um homem com sua... Bem, digamos que sua reputação se deve mais a dotes relacionados a outro tipo de disciplinas — disse Brianna com franqueza. —Robert tem mais talento do que parece a primeira vista, como demonstrou esta noite. É amigo de seus irmãos e percebe-se que quer muito a sua avó. Brinca com ela todo o tempo e ela o mima a sua maneira, com aquele ar de dignidade.

A última coisa que Rebecca precisava era que alguém exaltasse as virtudes de Robert. Voltou para o assunto de sua música.

— Eu adoraria voltar a me apresentar, mas é provável que tenha que prometer aos meus pais que tocarei Mozart e Bach. Não sei se eles perceberam quantas peças eu compus, mas meu pai sabia que algumas eram minhas. Notei certo olhar de desaprovação durante o jantar.

Era irritante que a ponto de fazer vinte e um anos, ainda tivesse que prestar contas a eles por quase todas as decisões que tomava na vida, mas assim eram as coisas para todas as jovens de sua classe social. Do pai ao marido, sempre a mercê de um macho dominante. Nem sequer Brianna, com o prestígio de ser a esposa de um rico homem do reino, tinha verdadeira independência. Embora tivesse contado que seu marido havia dito recentemente, sem nenhum motivo aparente, que deixaria de controlar seus gastos e que podia utilizar seu dinheiro como quisesse.

—Eu não quero ser a causa de nenhum conflito, assim faça o que desejar. —Brianna se levantou e bocejou. —Ai querida, estou muito cansada estes dias. Deve ser o ar do campo. Esta tarde, depois de conversar contigo e com Bela fiz uma sesta. Surpreendeu-me muito porque só pretendia me deitar e descansar um pouco. Não sei por que, mas nunca fui capaz de dormir durante o dia. Acredito que será melhor que dê boa noite.

—Imagino que seu marido ficará encantado com sua companhia. —Rebecca sorriu.

— Assim espero. —Brianna devolveu o sorriso com um brilho risonho nos olhos. —A verdade é que me esforço para que continue sendo assim.

—Se o duque soubesse que comprou esse livro...

—Não saberá. Por que iria saber? E, além disso, não é maravilhoso?

Rebecca, que somente havia tido a oportunidade de ler esse parágrafo escandaloso, respondeu com uma evasiva:

— Eu apenas digo que ele não aprovaria.

—Colton às vezes é um pouco impetuoso, mas eu me recuso a me preocupar com as consequências por tê-lo comprado — disse Brianna. — Nos veremos amanhã.

Assim que saiu, Rebecca fechou a porta com chave e pegou o livro. Apoiou-se nos travesseiros, abriu com cautela o pequeno exemplar, e foi direto ao capítulo que Brianna sugerira.

NUNCA ESQUEÇA QUE VOCÊ SABE MELHOR QUE ELE O QUE QUER.

Minha querida leitora, duvida do interesse do homem que você decidiu dar a sua atenção? Se for assim, esta parte será muito instrutiva. Há várias formas de medir o interesse de um homem em particular por seus encantos, sempre que estiver consciente deles. Detectar um olhar no outro extremo da sala, um exame detalhado do busto, certo calor em seus olhos. Trata-se de situações sutis, é obvio, mas é possível realizar uma comprovação mais prática.

Para esta experiência precisará de três elementos essenciais. O primeiro é o intelecto. O segundo a feminilidade. O terceiro, e mais óbvio, um momento de privacidade com o objeto de seu interesse.

Em resumo, você precisa de um plano para estar tão cativante quanto for possível e para garantir um lugar escondido onde realizar o teste de sua possível afeição para a sua pessoa.

É necessário também decidir com antecedência o seu grau de determinação. O que quer desse cavalheiro? Deseja simplesmente transformá-lo em seu amante? Ser sua amante, para que a cubra de presentes e satisfaça seus caprichos? Ou pensou em uma relação mais estável?

Este último, dependendo do homem em questão, é mais difícil, mas quase nunca impossível.

Céus. Rebecca estava certa de que essa mulher tinha razão. Virou a página e o mero rangido do papel fez com que olhasse o quarto com expressão culpada. Talvez Colton desaprovasse que Brianna tivesse comprado o livro, mas Rebecca sabia que seus pais sofreriam um desmaio mortal se descobrissem que o tinha. Não haveria forma de justificá-lo. Nenhuma. Ficariam indignados com razão, considerando as poucas frases que tinha lido antes. Ao menos este capítulo parecia menos escandaloso.

De vocês dependem as circunstâncias que irão garantir a atenção exclusiva por sua parte, mas devem estar a sós com ele. Desse modo, a situação irá ao seu favor. Se ele aproveitar o momento e tentar seduzi-la, terá conseguido o objetivo facilmente. Se não o fizer, devem ser criativas e o convencer de que o deseja. Não sejam tímidas na hora de utilizar seus encantos para controlar a situação. Afinal, quando um homem conhece uma mulher, a primeira coisa em que presta atenção é no seu aspecto. Isso não significa que devam ser belas para atrair sua atenção, mas a sinceridade me obriga a lembrar que o que os atrai é o fato básico de serem homens e vocês, mulheres. É uma questão de lógica.

Os homens desejam às mulheres. Oh, sim, as mulheres também desejam os homens, mas nós adotamos uma atitude muito mais sutil. Onde eles perseguem, nós fingimos. Onde eles agarram, nós acariciamos. Eles necessitam, nós queremos.

Trata-se de uma dança natural e muito bela, e a civilização própria de nossa época não faz mais que acrescentar-lhe mistério. Mascaramos nossos movimentos sedutores com a educação e com um protocolo sem sentido que na verdade não engana a ninguém. É algo básico, algo inevitável, e para as mulheres de nosso tempo tudo isso não nos traz mais do que vantagens. Os homens nos adoram, e está em nossas mãos decidir até que ponto incrementar esta consideração. Assim que souber que o homem está interessado, não o esperem agir. Tomem o comando imediatamente. Afinal, já sabem o que quer.

Mulheres de nosso tempo?

Rebecca deixou o livro, bastante surpreendida. Ela sempre tinha considerado que sua posição na vida dava-lhe pouca liberdade, mas talvez a autora tivesse razão. Robert sabia muito bem que não podia perder tempo com ela de um modo frívolo. De maneira que devia encontrar a forma de convencê-lo de que um enlace de caráter permanente seria uma vantagem para ambos. Se não fizesse algo, acabaria casada com outro homem.

Rebecca estava esperando que ele desse o primeiro passo, mas por que tinha que ser assim?

Pelo visto precisava estar a sós com ele e limitar-se a ver o que acontecia. Aquela noite no jardim Robert somente a ajudou a fugir de lorde Watts, mas a outra noite depois do jantar, no terraço, ela tinha notado algo diferente nele. Certa tensão sob seu habitual encanto natural, sobre tudo quando estavam de pé junto na balaustrada, conversando.

«... Determinado calor em seus olhos...»

Talvez ela já tivesse visto esse calor.

Rebecca estava começando a se permitir ter esperança de que fosse certo. Depois da audição que ambos tinham feito essa noite, ele a evitara. Ela esperou com ansiedade que ele fosse encontrá-la mais tarde, e comentasse algo sobre a música e o dueto. Todo mundo tinha feito... Menos ele. Isso era muito incomum em um homem que estava acostumado a ser de uma educação requintada.

Era um bom sinal que não confiasse o suficiente em si mesmo para falar com ela diante de outros. O que aconteceria se estivessem sozinhos?

Talvez lady R, como Brianna a chamava, fosse um gênio.

Capítulo 13

Em minha opinião, as mulheres amam com mais intensidade e os homens com maior veemência. Qual é a diferença? Não sei como defini-la.

Do capítulo intitulado «O mistério de tudo isso»

Era um mau momento para ficar doente, pensou Brianna com tristeza, deitada na cama, ao ver a luz do sol entrar em seu quarto. Mesmo o aroma das flores frescas do vaso que havia junto ao leito era enjoativo e esmagador. Claro que a reunião estava a ponto de terminar e que os convidados partiriam na manhã seguinte, mas esse dia era o aniversário de Colton e ela planejava dar seu presente surpresa aquela noite. Não era a noite apropriada para ter dores de estômago.

Esta sensação de enjoo não era propícia para o romance.

—Só um chá quente e uma torrada - disse para sua empregada com um pálido sorriso, enquanto se levantava e apoiava as costas nos travesseiros. —E eu gostaria de tomar banho.

—É claro, excelência. —A moça fez uma reverência e saiu apressadamente.

Depois de uma hora já estava muito melhor e se sentiu aliviada. A torrada tinha sido boa, embora duvidasse por um momento, até que o chá aliviou as náuseas. Tinha pensado prescindir do passeio a cavalo junto ao rio, e do piquenique que tinha organizado com todos os detalhes, mas no final colocou o traje de montar. A festa era para seu marido, e já que tinha organizado tudo aquilo em sua honra, estava decidida não só a aproveitar o dia, mas se assegurar de que tudo sairia como tinha pensado.

Em especial essa noite.

Se ela ousasse.

Lady Rothburg tinha sido uma fonte de sabedoria até o momento, e embora seguir seus conselhos pudesse parecer devasso, tinha a intenção de oferecer a Colton algo que o fizesse desfrutar.

Brianna ajeitou o chapéu, observou sua imagem no espelho com ar de aprovação, pois o azul escuro do traje de montar combinava com seus olhos, e desceu as escadas. Surpreendeu-se ao ver Colton nos estábulos conversando com um dos ajudantes e com seu enorme cavalo escovado, selado e preparado.

Quando se aproximou ele se virou. O cabelo castanho estava um tanto alvoroçado pela brisa e lançou-lhe um olhar com seus olhos azuis celestes. De aprovação? Não estava certa. Nunca era fácil interpretar a expressão imponente e impassível de seu marido.

Brianna sempre o considerou atraente, mas essa manhã estava impressionante. Estava vestido para montar a cavalo como um proprietário rural. Sem gravata, com o pescoço da camisa branca desabotoado, uma jaqueta azul escuro que combinava muito bem com o conjunto que se destacava, e calça de pano apertada, colocada dentro de botas muito gastas, mas mesmo assim reluzentes. Ela, ruborizada por algum motivo, disse-lhe com voz entrecortada:

— Bom dia.

— Bom dia. —Ele contemplou seu traje. —Está linda querida, como sempre.

Ali estava novamente, o mesmo olhar que lhe dedicara várias vezes ultimamente. Para ela era um mistério, como se a julgasse de um modo que não conseguia decifrar.

—Obrigado —murmurou — reconheço que não esperava que nos acompanhasse.

Ele respondeu com uma ameaça de sorriso.

—Sair para cavalgar em uma manhã esplêndida como esta é muito melhor que perseguir lagartas errantes e indignadas e recolher madeira. Além disso, é meu aniversário e eu pensei que talvez minha esposa fosse me repreender se ficasse no estúdio o dia todo.

Desconcertada pelo tom conciliador daquela afirmação, Brianna mordeu o lábio inferior. A maioria dos convidados já estava montada em seus cavalos. Ela virou-se para pedir que

trouxessem sua égua, e viu com certa surpresa que um dos moços do estábulo trazia um cavalo mais velho e mais tranquilo.

— Entendi que esta manhã não estava bem. Hera é um pouco impetuosa e pedi um animal mais tranquilo - comentou Colton em tom banal.

Brianna pestanejou, surpresa por ele saber que estava indisposta. Não havia dito nada para a empregada, além de pedir um café da manhã o mais leve possível. Como demônios Colton ia saber o que ela comia, a menos que o cozinheiro ou a empregada corresse para informá-lo depois de cada refeição, algo absurdo. Certamente seu marido não era tão controlador.

Estendeu-lhe a mão e a olhou, com expectativa.

—Brianna?

—Sim. — Estendeu-lhe a mão coberta com a luva, e deixou que a guiasse e a ajudasse a subir na sela. Agarrou as rédeas e olhou seu marido, ainda um pouco confusa. Colton estava acostumado a ser solícito, e sempre muito educado, mas o brilho que havia em seus olhos e o fato de juntar-se ao passeio a desconcertavam.

— Tem certeza de que está bem para isto?

—Para montar? —Ela sorriu e moveu a cabeça. —Claro. Por Deus, Colton, por que está tão preocupado?

—Eu sempre me preocupo com você, querida. —A agilidade com que saltou sobre a sela fez Brianna se lembrar do corpo musculoso que as calças justas ocultavam. —Vamos?

Conduziu-a através do jardim e por vários caminhos rústicos e pitorescos. Atlético e relaxado em sua sela, ele conversava com lorde Emerson, mas prestava atenção nela em todo momento.

Como ele sabia? Não estava certa, mas sentia. Observou-a inclusive enquanto cavalgava junto à Arabella.

Ao notar que ele estava atento a suas palavras, Brianna disse em voz baixa:

—Rebecca não quis nos acompanhar porque queria ensaiar para esta noite. Ou foi o que disse. Parece que está na sala de música, mas não tocando, está lendo.

Arabella ocultou uma risada com a luva.

—Bri, você é uma má influência.

—Ou boa. Você e eu tivemos a sorte de nos casar com os homens que escolhemos.

—É verdade — sua amiga a olhou de esguelha — e ambos estão muito bonitos esta manhã, se me permite dizê-lo. Você esperava o duque?

—Não — Brianna admitiu. —Estava certa que depois de ter sacrificado a manhã de ontem estaria muito ocupado. Nem sequer falei do piquenique.

—Pois pelo visto, ele mesmo se convidou. —No olhar de Arabella havia certa malícia. — Somente pelo prazer de nos acompanhar. Pode ser que, apesar de tudo, esteja gostando dos festejos.

Brianna esperava que assim fosse, mas com Colton sempre era difícil saber essas coisas.

Só eram oito horas, pois a maioria dos convidados tinha decidido dormir até tarde ou aproveitar o incomum calor outonal para dar um passeio. Brianna não se incomodou que avançassem em um ritmo tão lento, mas ficou surpresa. Colton estava acostumado a ter muita pressa para voltar para suas onipresentes obrigações. A verdade é que se sentia um tanto envergonhada por não tê-lo convidado pessoalmente para o piquenique. Nem pensou que pudesse aceitar e acreditava que se o havia convencido a participar do jogo do dia anterior foi porque sua avó estava entusiasmada.

Mas ele se apresentou por vontade própria. Isso bastou para animá-la, e quando chegaram à clareira do bosque onde iriam comer, seu enigmático marido se instalou ao seu lado sobre uma manta, relaxado e aparentemente contente.

Colton? Contente longe de seu estúdio e em um almoço campestre com um grupo de pessoas?

Isso era bastante incomum, mas ela estava muito feliz.

Os dois empregados que tinham ido à frente com as toalhas e a comida serviram fatias de frango frio, bolos de carne, vários tipos de queijo, peras suculentas e maçãs frescas, sob um carvalho enorme. O vinho branco e a champanha frio contribuíram para um toque festivo à comida informal, e Brianna agradeceu que continuasse fazendo bom tempo durante tantos dias seguidos, algo incomum na Inglaterra. Além de Colton e Brianna, somaram-se à festa

lorde Emerson e a mais velha das irmãs Campbell, também estavam Damien, a senhora Newman, Arabella e seu belo marido, o conde de Bonham. Brianna descobriu que tinha comido muito pouco no café da manhã e estava faminta. Quando pediu o segundo bolo de carne, Colton arqueou as sobrancelhas, mas ofereceu-lhe bandeja, solícito.

—Estão deliciosos — ela comentou na defensiva, mas começou a rir. — Isto demonstra que já estou melhor.

— Parece que sim. — Tomou um gole de vinho, e com aqueles olhos celestes semicultos por pestanas muito longas para desperdiçar em um homem, e um meio sorriso desenhado nos lábios, contemplou como ela lambia sem muita elegância as migalhas que tinha nos dedos. Fazia bastante calor e Colton, como a maioria dos homens, tirou à jaqueta, e a camisa branca de linho de manga longa, as calças e as botas davam um ar informal que aumentava a atitude relaxada tão rara nele.

Parecia feliz, concluiu Brianna, vendo as manchas de sol deslizar sobre o perfil nítido que formavam o nariz e o queixo. Não, talvez estivesse indo longe demais, mas certamente parecia contente e mais relaxado do que ela já tinha visto, exceto depois de fazer amor. Brianna ficou na dúvida se comia outra maçã, decidiu que não e disse:

—Não esperava que tudo estivesse tão delicioso. Talvez seja o ar fresco que torne tudo tão bom.

—Pode ser. —Colton se inclinou para diante e acariciou-lhe o canto da boca com um de seus longos dedos, um gesto de intimidade insólito na presença de terceiros. —Uma migalha rebelde, querida. Não podemos permitir que todos saibam de sua paixão por torta de carne de porco.

—Eu também comi muito - disse Belinda Campbell. Era uma jovem bonita com brilhantes olhos azuis e uma figura curvilínea. —Acredito que me convém dar um passeio.

Lorde Emerson, que não podia deixar de olhá-la, ficou de pé e estendeu-lhe a mão.

—Uma sugestão excelente. Vamos?

Arabella deu uma cotovelada nas costelas de seu marido e este reagiu com um ligeiro grunhido.

— Vamos até o riacho. Faz um dia esplêndido e o inverno se aproxima. Odeio ficar meses sem sair e me nego a desperdiçar esta oportunidade.

—Então teremos que passear, vai que neste íterim acabe se machucando. —Lorde Bonham massageou o torso de forma exagerada.

Damien e a senhora Newman decidiram voltar cavalgando para a casa e em questão de minutos Brianna e Colton ficaram relativamente sozinhos. Embora fosse impossível de acreditar, ela percebeu que voltava a ficar com sono. Talvez fosse por toda a comida, talvez pelo vinho, embora não tivesse bebido em excesso.

—Parece que fui dormir muito tarde, ou talvez seja porque os festejos estão acabando e não me preocupo tanto com qualquer minúcia — murmurou. —Hoje acordei tarde e mesmo assim juro que sou capaz de adormecer a qualquer momento.

—Se tiver vontade de fazer a sesta não hesite. Faça aqui. —Colton se levantou com um movimento ágil, mudou de posição e apoiou as costas na árvore. —Posso te oferecer um lugar confortável para dormir, minha senhora? Meu ombro está disponível como travesseiro.

Brianna olhou aqueles braços estendidos com descrença. Seu austero marido não era partidário de demonstrações públicas de afeto, e embora os jardins de Rolthven não fossem o mesmo que uma rua abarrotada de Londres, tampouco estavam na intimidade de seus aposentos.

Mas, embora Colton agisse de um modo estranho, como ia recusar aquele gesto galante? Deslizou para se colocar em seu colo. A verdade é que aquele ombro musculoso era um travesseiro muito agradável, se aconchegou a ele e seu marido a embalou em seus braços. Colton cheirava muito bem, era um aroma de madeira algo picante que harmonizava com aquele cenário de vegetação e árvores. A brisa soprava sobre suas cabeças e ela deixou cair as pálpebras, querendo saber se merecia aquela felicidade. Um dia maravilhoso, o abraço firme de seu marido e a carícia do ar fresco de outono.

O paraíso.

Colton estava se transformando, pensou sonolenta. E adormeceu imediatamente.

—Espero não perturbar sua rotina habitual.

Em resposta, a avó de Colton emitiu uma espécie de ruído impróprio para uma dama, embora ele nunca descreveria nesses termos.

—Por favor, Colton, é você quem está sempre dedicado a assuntos de Estado e compromissos políticos, e a outras coisas que exigem sua constante atenção. Suspeito que é a você a quem perturba esta conversa e não ao contrário.

Assim era. A cavalgada matutina e o almoço campestre tinham roubado horas de trabalho, mas a verdade é que naquele momento estava muito preocupado. Escolheu uma poltrona que não lhe pareceu muito frágil para seu peso e altura, da refinada sala de estar de sua avó, decorada com femininos tons pastéis.

Um retrato de seu avô assinado por Gainsborough, no que se apreciavam os traços da família, ocupava a lareira.

—E diga-me, o que o traz por aqui? —A anciã entreabriu seus olhos azul céu, apoiou a bengala no joelho e fez um gesto vago com a mão. —Não me incomoda, não pense assim, mas me surpreende.

Raios e trovões, isto seria um tanto desconfortável, mas não sabia a quem mais recorrer.

—Eu gostaria de falar contigo.

—Isso é o que pensava. —Seus olhos tinham um brilho desconfiado. —Sou velha, mas meu cérebro ainda funciona.

Sim, funcionava. Ela era uma das pessoas mais inteligentes que conhecia. Também era uma mulher. E tinha tido três filhos. Colton tinha duas tias, uma em Sussex e outra em Berkshire.

—É sobre Brianna — disse sem saber muito bem como abordar esse assunto, e com sua avó, nada menos.

—Uma jovem encantadora — disse sem rodeios. —Ao princípio fiquei preocupada que fosse uma dessas jovens mimadas, com a cabeça vazia e sem um pinga de juízo, mas é o oposto. Sua beleza não supera seu intelecto. Boa escolha.

Bem, ele pensava o mesmo, mas não tinha ido ali para que reafirmassem seu critério para escolher esposa.

—Obrigado, estou de acordo. Não entanto...

Quando ficou sem fala, sua distinta avó, com a tez enrugada, o cabelo grisalho preso e uma mão venosa apoiada na bengala, observou-o impassível.

—Não entanto? —repetiu.

Como um homem fazia isto? Pigarreou.

— Não entanto estou preocupado com sua saúde.

— De Brianna? Tem um aspecto magnífico.

— De repente começou a dormir bastante e esta manhã tinha o estômago revolto. E também notei outro sintoma. Estou aqui porque necessito de uma opinião se minhas suspeitas estão corretas ou não — disse ele com cautela.

—Um filho? —Nos olhos de sua avó apareceu um brilho suspeito. —Tão rápido? Bem feito.

Deus, o motivo pelo qual o incomodava tanto falar disto era um mistério. Era um homem casado e naturalmente sua avó sabia que tinha relações íntimas com sua esposa, mas mesmo assim não era fácil ter aquela conversa.

—Tem um atraso, disso eu tenho certeza. Faz bastante que... Enfim...

—Que não se mantém afastado de seu leito.

—Sim. —Aliviou-o não ter que entrar em detalhes. Podia ser um duque, e que nesse mesmo dia fizesse vinte e nove anos, mas estava claro que não era suficiente mundano para ter essa maldita conversa. —O que quero saber é se acha que tenho razão e ela está grávida. Poderia chamar um médico, mas pelo visto Brianna não acredita que tenha algum problema, e pareceria uma impertinência. Em minha opinião não tem informação suficiente para perceber o que significam a fadiga e as náuseas.

—São sintomas promissores. Tem os seios maiores, mais sensíveis?

Colton se negava a comentar esse tipo de coisas.

—A verdade é que não tenho um esboço sobre o assunto.

—Poderia comprovar. Estou certa que não será um grande esforço.

Colton levantou os olhos de repente e ao ver o sorriso malicioso, replicou secamente:

—Com o devido respeito, não me satisfaz que se divirta à custa de meus problemas. Vim para que me aconselhe, não para entretê-la.

Ela riu e bateu no tapete com a bengala.

—Perdoe-me, mas é raro vê-lo confuso. Sempre foi um modelo de compostura. Não pude evitar esse último comentário, mas reconheço que não foi solidário de minha parte. Deixe que eu diga algo como modo de desculpa: se Brianna está esperando um filho, e parece que sim, tudo isso é perfeitamente normal. Todos nós chegamos a este mundo do mesmo modo. Você a ama e é compreensível que esteja preocupado, mas não se preocupe. Se for assim, ela não demorará a chegar a essa conclusão por si mesma, e não a prive da alegria de dizer isso a você. “Você a ama”.

Ele abriu a boca para negar. Para explicar que se casou com Brianna porque a desejava, porque era refinada e inteligente e porque procedia de uma família impecável.

Certamente não foi porque se apaixonou por ela.

Não era?

Amava-a? E uma imensa sensação de ignorância o abateu. É obvio que amava sua mãe, seus irmãos, sua avó, mas isso era muito diferente do amor romântico. Colton não tinha experiência de vida com a qual comparar seus sentimentos e de qualquer maneira, por que um homem devia analisar suas emoções em todos os momentos?

Não disse nada.

Sua avó continuava falando.

—... Deve compreender que para uma mulher é muito especial poder dizer ao seu marido que concebeu um filho dele. Eu acho que deve se limitar a esperar sua esposa perceber que está grávida e, quando der a notícia, mostrar que está feliz.

—Estou encantado — protestou ele. —Não preciso fingir.

—É melhor que esconda sua preocupação. Ela estará muito nervosa e não precisa que a oprimam.

Ele não oprimia ninguém em sua vida. Irritado, mas consciente de que se tratava de sua avó, limitou-se a dizer:

—Não tenho intenção de tratá-la como uma inválida.

Embora tivesse desfrutado abraçando Brianna quando adormeceu depois do almoço ao ar livre; sustentando seu peso leve no ombro e sentindo a carícia de sua respiração no pescoço enquanto ela cochilava. Quando os outros retornaram do passeio, tampou os lábios com o dedo para se certificar de que ninguém a despertasse, e continuou abraçando-a até que finalmente ela começou a se mexer, uma hora depois que o resto do grupo voltou para casa a cavalo.

Talvez tenha sido um pouco opressor. Sua avó apenas arqueou uma sobrancelha grisalha e continuou com o sermão:

—Não o faça. Brianna é jovem e saudável e a fadiga desaparecerá, assim como as náuseas matutinas. Acredite. Eu passei por isso mais de uma vez.

—Pode montar? Acompanhei-a com a intenção de vigiá-la. Certamente uma queda em seu estado seria perigosa. —Antes nunca o preocupou sua ignorância sobre mulheres grávidas, mas agora praticamente o paralisava. Não sabia como agir e o incomodava sentir-se perdido. Acostumado a tomar decisões importantes em todo o tipo de assunto, desde financeiras até políticas, agora Colton se sentia às cegas com respeito à Brianna.

—Bom, não deve galopar pelo campo nem saltar cercas, mas um passeio agradável e tranquilo não lhe fará mal, até que se sinta muito desconfortável para montar. Quando chegar o momento de deixá-lo ela saberá.

—Como? Estou convencido de que não tem nem ideia de que está grávida.

—Meu caro rapaz, como acha que os animais se criam? Os seres humanos ainda conservam seus instintos, embora o ocultemos sob o verniz do comportamento civilizado. Acredite, ela saberá como se cuidar para estar segura de que o menino nasça são, e o que você deve fazer é estar ao seu lado para oferecer seu apoio. Deixe muito claro que se precisar de alguma coisa de você, só tem que pedir e tudo ficará bem.

Tudo ficará bem. Essa confiança. É obvio que todos os homens desejavam um herdeiro, mas não tinha previsto sentir tanta apreensão. O parto tinha seus riscos, e um medo que nunca tinha imaginado moderava sua alegria.

«E se eu a perder?»

Sua sagaz avó pareceu compreender seus pensamentos.

— Alegre-se pelo milagre, Colton. É natural sentir certa preocupação, mas a maioria das mulheres não tem nenhum problema. Há algumas coisas que nem sequer a riqueza e os títulos podem controlar. É uma lástima desperdiçar a felicidade de um dia como o de hoje preocupando-se com o amanhã.

Maldição, ela tinha razão, certamente.

Levantou-se e beijou-lhe a mão.

—Obrigado. Seus conselhos têm um valor incalculável.

A anciã o segurou com seus dedos frágeis e leves como as garras de um pássaro, mas em seus olhos havia um brilho tenaz.

—Faz-me muito feliz que tenha Brianna. Agora tudo o que precisamos é fazer com que Robert se comprometa com essa jovem e nos dedicar a Damien, embora duvide que ele coopere muito. Então poderei partir em paz.

—Eu não tenho o menor interesse em que vá a parte alguma e que demo... —Embora estivesse perplexo, parou bem a tempo. —Quero dizer... De que está falando? A jovem de Robert?

—A senhorita Marston. Está muito apaixonado.

A senhorita Marston? A senhorita Rebecca Marston, que estava acompanhada de um pai manifestamente protetor e de uma reputação sem mácula? Isso era impossível. Seu irmão caçula independente e libertino, não.

—Parece-me que está equivocada — disse com prudência.

—Não os viu ontem à noite?

Ele franziu o cenho.

—Sim, eu os vi. Tocaram muito bem juntos, mas sinceramente...

— Concordo — ela o interrompeu com um sorriso. — Juntos tinham uma bela imagem, é obvio. Não sei como a senhorita Marston conseguiu convencê-lo, mas isso demonstra que tem certa influência sobre ele, não acha?

— A senhorita Marston o convenceu a tocar violoncelo? — Colton meditou por um momento. — Ele me disse que aceitou porque Brianna pediu.

Sua avó começou a rir com vontade.

— Pois mentiu, porque eu perguntei a sua esposa como tinha conseguido convencê-lo, e ela me disse claramente que foi a bonita amiga dela quem o convenceu para que tocasse diante de todo mundo.

Faltar com a verdade não era absolutamente o estilo de Robert, e nesse momento Colton lembrou que Damien fez algumas insinuações interessantes.

Um romance ante seu nariz que envolvia nada menos que o seu irmão caçula e não percebeu?

Pelo visto, precisava passar mais tempo fora do estúdio.

Capítulo 14

Quando você e seu amante estiverem familiarizados com os desejos e necessidades mútuas, terá chegado o momento de surpreendê-lo, de confundi-lo, e de fazer com que perceba que conhece somente uma parte de sua mulher. Toda vez que tentar algo novo descubra seu desejo oculto mais profundo, ou satisfaça uma fantasia concreta. Porque os homens as têm, talvez mais do que as mulheres.

Do capítulo intitulado «Utilizar os segredos em seu proveito»

O destino devia estar divertindo-se as suas custas, pensou Robert abatido. Havia feito aquele comentário cínico sobre as senhoritas inábeis com o piano e agora estava ali, escutando uma das interpretações mais sublimes, de uma jovem muito bonita e com um enorme talento.

Não podia afastar os olhos de Rebecca, inclinada sobre o teclado com o rosto sereno. Como estava entre o público, tinha uma desculpa perfeita para estudar a elegante postura de seu corpo torneado, o perfil simétrico de seu nariz, e a suavidade de seu cabelo negro e brilhante.

«Maldição.»

«Extraordinário» era a palavra que tinha utilizado na conversa com sua mãe. Ao ouvir Rebecca pela segunda vez tinha percebido que isso não a descrevia completamente. O seu dom era incomum, uma habilidade única que cativava o auditório como todo mundo na sala, incluindo o mais ignorante e inepto para a música, todos tinham deixado de respirar. Ninguém tossia, nem pigarreava e nem sequer se moviam na poltrona.

Até a esse ponto era boa.

Robert se obrigou a lembrar de qual era a situação real. Rebecca acabaria casando-se com algum homem afortunado e talvez, se ele permitisse, tocaria de vez em quando para um público reduzido como o presente, o mundo nunca teria o prazer de apreciar sua genialidade.

Era uma pena, na opinião de Robert, mas o certo é que ninguém tinha perguntado sua opinião sobre o assunto.

Tinha reconhecido todas as obras que Rebecca tinha interpretado durante a noite, salvo as duas últimas. Para estas não tinha utilizado partituras, e sua expressão passou de serena a contemplativa, e suas mãos graciosas se deslocaram sobre as teclas como se acariciassem um amante.

Tinha que acabar com esta imagem imediatamente e esta comparação, disse a si mesmo com veemência, quando ficou de pé ao terminar os aplausos, e se virou sem olhar, para oferecer o braço à mulher que estava ao seu lado.

Descobriu que era a senhora Newman, que lançou-lhe um olhar provocante com as pálpebras entreabertas e apoiou uma mão em sua manga.

— Foi muito agradável, não foi?

— Genial — disse ele com sinceridade.

— Você parecia absorto com a interpretação.

Robert falava, mas estava observando lorde Knightly. Esse tipo maldito escoltava Rebecca, e dizia algo que a fazia rir. Controlou-se, escutou o que a mulher que levava no braço acabava de dizer e fingiu um sorriso, esperando aparentar indiferença enquanto passavam pela sala de jantar.

— Parece que todos nós estávamos.

— Não tão absorto como você. — Ela pronunciou essas palavras com delicadeza, mas o inquiriu com o olhar. — Parecia um menino frente à cristaleira de uma loja de guloseimas.

Robert estava pouco habituado a ocultar o interesse — não, até aquela data nunca tivera que ocultar que uma mulher o interessava — o que pelo visto não fazia muito bem.

— A senhorita Marston possui uma beleza rara. Tenho certeza de que todos os homens da sala a apreciaram.

Tinha certeza. E isso o incomodava.

— Talvez sim. —Loretta Newman levantou as sobrancelhas apenas para observá-lo, e ao chegar à mesa, com uma perspicácia maior do que Robert esperava e que o surpreendeu, disse: — você vai ter que tomar uma decisão. Vai me interessar ver qual.

Para que se incomodar em tentar negar?

— Interessará a mim também — murmurou, enquanto puxava-lhe a cadeira.

O jantar consistiu em uma variedade de pratos ainda mais esplêndidos que o habitual nos aniversários de Colton. Foi um banquete sofisticado e sem afetação, e se Robert estivesse com humor para apreciá-lo, teria aproveitado mais. No final, comeu com moderação, bebeu mais vinho do deveria e esperou com impaciência que tudo aquilo terminasse. Uma vez que as senhoras se retiraram e se serviu o Porto, relaxou um pouco. A angústia de ter Rebecca sentada do outro lado da mesa e justo na sua frente por infelicidade, fez com que o banquete parecesse interminável.

Quase não participou da conversa geral, e esteve bebendo o Porto com uma avidez perigosa. Talvez a noite terminasse logo se conseguisse aturdir-se. Sim, talvez no dia seguinte pela manhã não estivesse em forma, mas que demônios, agora mesmo tampouco era todo sorriso e felicitações.

Quando chegou o momento de passar para a sala de estar e se reunir com as senhoras, desculpou-se.

— Acho que vou ler um pouco.

—Ler? —perguntou Damien com uma risada cética. Inclusive Colton parecia confuso. Lorde Bonham levantou uma sobrancelha surpreso.

—Por todos os diabos, a julgar por sua reação diria que nunca tinham ouvido falar desse passatempo — resmungou Robert. —Estou cansado e gostaria de me retirar com um bom livro. Há algo errado?

— Absolutamente nada. —Damien sorriu. —Talvez encontre algo romântico nas estantes. Algo escuro, melodramático e gótico, de acordo com a expressão fúnebre de seu rosto.

A favor de Robert é preciso dizer que se absteve de incrustar o punho na mandíbula de seu irmão. Em vez disso, girou sobre os calcanhares e saiu da sala de jantar. Por sorte, o pai de Rebecca já tinha abandonado a sala e não presenciou a briga. Robert tinha a sensação de que se tanto Damien como Loretta tinham notado que estava interessado em Rebecca, talvez o seu pai também. Desde que sir Benedict e ele tinham chegado ao acordo tácito de evitarem-se, não houve o menor comentário, mas a outra noite no terraço, Robert tinha captado com perfeição a mensagem que Rebecca era território proibido.

Damien o seguiu. Ele entrou na biblioteca alguns minutos depois, e ao ver que Robert ia direto à garrafa de conhaque e não para as estantes, seu olhar adotou um ar mordaz.

—Embebedar-se não resolverá seu dilema.

—Eu tenho um dilema? —Robert despejou uma dose generosa em uma taça de cristal. — E se tivesse, seria assunto seu?

Seu irmão mais velho fechou a porta.

—Não, suponho que não. —Damien se aproximou para examinar um exemplar e passou o dedo sobre a capa poeirenta. — Talvez você devesse ler alguma tragédia grega. Ou uma obra de Shakespeare. A verdade é que age como o personagem de um drama infeliz.

—Já li quase todas, obrigado. Acredito que você também foi a Eton. E não tenho ideia do que está falando.

—Sim, ali costumavam incrustar os clássicos em nossos obtusos cérebros, não é?

Robert soltou um grunhido neutro. Estava um tanto bêbado, isso era certo. Dois bons conhaques deveriam ajudá-lo a manter a distância apropriada.

—Robbie, por que não a corteja? —Damien se virou, meneou a cabeça e cruzou os braços. — Por certo ouviu falar de cortejo. Flores, visitas no meio da tarde, um passeio a cavalo pelo Hyde Park com uma acompanhante, talvez um delicado poema com floridos louvores à deliciosa cor de seus olhos...

—Você se importaria de me dizer a quem diabo se refere?

Damien lhe lançou um olhar de aparente comiseração.

—Irritar-se comigo não resolverá nada e ambos sabemos de quem falo maldito seja.

Certo. Robert emitiu um suspiro entrecortado, e passou a mão livre pelo rosto, enquanto com a outra agarrava a taça de conhaque como se fosse uma tábua de salvação.

—Eu não desejo cortejar ninguém — disse pesaroso.

—Embora isso só o tempo dirá, no momento acredito em você. —Damien escolheu uma poltrona confortável perto da lareira e se sentou. Cruzou as pernas na altura do tornozelo e franziu o cenho. —Não deseja. Bem. Ao menos está disposto a admitir que pensou. É um bom começo. Sente-se e falemos disso.

—Há algum motivo para que o façamos? —Não obstante Robert se deixou cair na poltrona com uma expressão mal-humorada e magoada. —Se por acaso não percebeu, os pais da Rebecca desmaiariam se eu mostrasse o menor sinal de interesse. Especialmente seu pai.

—Ah, é capaz de dizer seu nome em voz alta e confessar sua fascinação. Isso é um grande avanço.

Se o olhar matasse, Damien estaria se retorcendo de dor, mas aparentemente esse método não funcionava.

—Quem diria que seria tão chato agora como quando tinha dez anos — alfinetou Robert.

—Tinha onze e melhorei a técnica com a idade.

—Há algumas coisas que não podem melhorar.

Damien começou a rir.

—Isso eu concordo. Então me diga qual o problema que existe entre sir Benedict e você? Embora sua reputação não seja precisamente imaculada, é um Northfield; é o irmão caçula de um duque e tem fortuna própria. Ela poderia ter feito uma escolha bem pior. Seria um casal muito influente.

—Eu não quero uma parceira — replicou Robert irado, com a mandíbula tensa.

—Mas você a quer. Aí reside o mencionado dilema. —Damien levantou a palma da mão. —Assumamos, em teoria, que deseja cortejar honestamente a bela Rebecca. Isso implicaria, é obvio, em obter a permissão de seu pai.

—Ele não concederia, acredite. —Robert contemplou taciturno as pontas de suas botas e então suspirou. — Há alguns anos, eu estava em um estabelecimento muito pouco respeitável, cheio de tipos ansiosos para beber e jogar. O sobrinho de sir Benedict também se encontrava ali. Era jovem, estava bêbado, e para começar não era muito prudente. Aquela noite perdeu uma fortuna, literalmente. Vários de nós o aconselharam a se retirar da partida porque já não era capaz de agir com lucidez, mas ele ficou na defensiva e se negou. Quanto mais se afundava, mais convencido estava de que se recuperaria. Mas não foi assim. Terminou aquela desastrosa noite nos braços de uma prostituta, que conforme dizem, o contagiou com sífilis. —Robert levantou os olhos com uma careta cínica. —Sir Benedict, como é natural, administra a herança de seu sobrinho, que aquela noite diminuiu de forma significativa. O jovem, que se chama Bennie como seu tio, naturalmente não se lembrava de quem participou da partida, exceto eu e Herbert Haversham. Ambos recebemos algumas cartas virulentas nas quais nos acusavam de termos feito armadilhas e conduzirmos o jovem à libertinagem, e embora eu tivesse o aborrecimento de responder e explicar a verdade me devolveu a carta sem abrir.

— Entendi — murmurou Damien.

—Até certo ponto, não culpo o pai de Rebecca, posto que ele escolheu a alternativa de acreditar na história inventada por Bennie, ou teria que enfrentar o fato de que seu sobrinho não só se colocou em ridículo, mas, além disso, esbanjou parte de seu legado. Era muito mais simples nos culpar. Nem Herbert nem eu ficamos com o dinheiro que ganhamos aquela noite, mas o devolvemos antes de ir, com um conselho que caiu em ouvidos surdos e confundidos pela bebida. Tudo o que Bennie fez, foi perdê-lo imediatamente em outra partida. Às vezes me perguntava se ele se lembrava de nós dois, porque fomos os únicos que devolvemos o dinheiro.

—Pode ser. Então... Acredito que vejo as coisas com clareza. Agora, além de sua reputação de libertino, o considera uma influência depravada e uma pessoa desonesta. Está correto? —Damien mostrava uma de suas facetas firmes e inescrutáveis.

—Acredito que sim. Esse homem mal é capaz de me cumprimentar quando nos vemos. — Veio-lhe à mente o tempestuoso gesto de sir Benedict quando viu Robert com sua preciosa filha. —Dizer que não tem boa opinião de mim é um eufemismo, mas eu nunca disse que era um anjo, e neste assunto sou totalmente inocente.

—Estou de acordo. Então, qual é o plano?

—De que demônios está falando, Damien? Eu não tenho nenhum plano.

—Para conseguir o objeto de seu desejo. —Seu irmão inclinou a sobancelha com ousadia. —Reconheço que não será fácil. Vai ter que modificar seu comportamento de um modo considerável. Não poderá seduzir esta jovem e levá-la a seu leito, sem mais. A verdade é que tenho a impressão de que sim, seria capaz de seduzi-la até o leito. Mas embora não seja perfeito, não acredito que a despojasse de sua honra, do mesmo modo que não fez armadilhas a um bêbado para ficar com seu dinheiro.

—Todos estes elogios não parecem ser próprios de você — resmungou Robert com sarcasmo.

Seu irmão não lhe deu atenção e continuou falando como se refletisse sobre uns de seus complicados assuntos táticos.

—Então, por uma vez terá que se servir de algo que não seja seu rosto bonito e essa fachada de encanto superficial. Por sorte, ambos têm uma coisa muito importante em comum, além da atração física mútua.

O problema era que Robert temia que Damien tivesse toda a razão. Tinha experiência suficiente para saber quando uma mulher se interessava e Rebecca não tinha experiência necessária para esconder. Havia pegado ela mais de uma vez olhando-o e tinha visto como virava a cabeça imediatamente com um leve rubor nas faces.

Isso deveria diverti-lo, mas não era assim. Sobre tudo porque a única razão pela qual a tinha descoberto olhando-o era porque ele estava olhando para ela.

—Além de minhas reservas pessoais, é algo impossível e ambos sabemos.

—Não totalmente. —Damien sorriu. —É um desafio, isso está claro, mas impossível? Nada é impossível. Comparado com a captura de Badajoz, isto não é mais que uma

escaramuça. Embora eu deva admitir que esta mancha negra em seu histórico não é ideal para que autorizem o cortejo.

No caso de Robert querer cortejar alguém.

—Não temos nada em comum — objetou. —Ela é uma jovem solteira e ingênua, e eu nem sequer me lembro do significado da palavra inocente.

—Rebecca e você compartilham um profundo amor pela música. —Damien esfregou o queixo. —Algo que me causa muita inveja. Pense em quantas noites poderiam passar falando disso e tocando juntos...

—Não vamos passar nenhuma noite. —Robert grunhiu sem querer, como se fosse um menino malcriado. Esforçou-se para moderar o tom e disse de forma mais razoável: — Olhe, esta desafortunada atração passará. É como ter um resfriado. Tampouco é algo que alguém deseje, mas cumpre o seu curso, e você continua com sua vida.

—Este resfriado se parece com algum outro que tenha tido?

Não se parecia, mas também é verdade que nunca se interessou por alguém como Rebecca. Todas as outras vezes se limitou a jogar com a paixão, e com ela nunca se expôs dessa forma. Sem promessas, sem expectativas em relação aos habituais envolvimento passageiros. Essas relações eram simples. Esta não.

—Não vejo sentido em continuar falando disto — afirmou categoricamente.

—Eu sim. —Seu irmão se levantou. —Você espere aqui. Volto em seguida.

Rebecca levantou os olhos, surpresa. A oferta de Damien Northfield era mais que inesperada.

—Só um pequeno passeio — disse ele com sua afável atitude. —Pode vir com sua mãe, se assim o desejar. Ontem à noite não pude acompanhá-la e eu gostaria de ter outra oportunidade, se fosse possível.

—Um breve passeio a sós seria muito apropriado, é óbvio. —Sua mãe sorriu encantada e indicou com a mão que saíssem.

Claro. Ela desfrutava vendo os dois saírem sozinhos. Tinha colocado na cabeça a ideia de um romance florescendo, mas a verdadeira pergunta era por que Damien a reforçava. Até agora as tentativas de casamento pareciam diverti-lo mais que um pouco. Claro que talvez não lhe parecesse tão engraçado se não tivesse adivinhado que ela estava apaixonada por seu irmão, e que ele estava a salvo.

Por fim, Rebecca inclinou a cabeça com um gesto de aquiescência, mais por curiosidade do que por outra coisa. De qualquer forma precisava pedir-lhe um favor, assim este seria um bom momento.

Damien tinha algo em mente. Começava a perceber que Damien sempre tinha algo em mente. No momento que puseram o pé fora da sala, ela conteve a respiração antes de pedir algo que esperava que aceitasse, mas ele se virou e pôs a ponta dos dedos sobre os lábios com muita delicadeza.

—Não faça perguntas. Ainda não. Venha comigo.

Perplexa, Rebecca se deixou guiar pelo terraço para uma esquina da casa.

—Lorde Damien... —começou a dizer enquanto avançavam. Era noite, as luzes da casa destacavam-se na escuridão, e o ar cheirava a chuva pela primeira vez desde que tinham chegado.

—Aqui. — Parou e se virou. —Esse arbusto é um inconveniente, mas não um obstáculo intransponível. Eu a farei passar por cima.

—O que? —Rebecca ficou olhando, sem saber muito bem que diabo pretendia. A brisa noturna a acariciou ao passar e alvoroçou seu cabelo.

—Eu a ajudarei.

Percebeu que ele apontava para uma janela que estava aberta mesmo com a noite fria. As cortinas interiores voavam a mercê das rajadas do ar.

—Milorde, eu não entendo o que pretende.

Ele olhou ao seu redor e a luz varreu suas cinzeladas feições de uma forma muito agradável.

—Senhorita Marston, permita que a convença a entrar por esta janela. Depois eu ficarei aqui com atitude despreocupada durante um momento, antes de pedir para se encontrar novamente comigo. Isto é tudo o que tenho a dizer sobre o assunto até que a devolva com segurança a sala. O que acontecer a partir de agora dependerá exclusivamente de você.

—Eu...

—Está perdendo tempo. Fale com ele.

Agarrou-a pelo braço e a empurrou para a janela, ele mesmo penetrou no arbusto, deu a volta, agarrou-a pela cintura e a levantou para que pudesse sentar-se sobre o batente. Posto que parecesse muito decidido, Rebecca, obediente, passou as pernas por cima e voltou a colocar as saias em seu lugar com recato, antes de deslizar para dentro do aposento.

E então ela o viu.

Robert, sentado em uma poltrona junto à lareira, segurava uma taça de conhaque e a olhou como se fosse uma espécie de aparição. Murmurou uma imprecação que ela acabou ouvindo, depositou a taça sobre uma mesinha envernizada com um clique estrondoso. Ficou de pé.

—Este é o tipo de coisas as quais Bonaparte deve enfrentar? Na verdade compadeço-me do pequeno corso.

A sala estava envolta na penumbra. E vazia, salvo por eles dois. Em resumo, eles estavam sozinhos, o que era exatamente a ajuda que a princípio Rebecca tinha planejado pedir a Damien. Foi dominada pelo pânico e euforia ao mesmo tempo. Estava muito bem que lady Rothburg tivesse indicado como utilizar suas artimanhas para tentar Robert, mas enfrentar imediatamente essa tarefa assustadora era algo muito diferente. E, além disso, ele franzia o cenho, o que não podia ser bom sinal.

—Fomos... Fomos dar um passeio — balbuciou Rebecca, com a deficiente eloquência que sofria sempre que ele estava presente. —Seu irmão insistiu em me levantar para que entrasse pela janela.

—Bem, eu insisto em levantá-la para que saia. —Robert avançou para ela, com seu atraente rosto tenso e inapelável. —De todos os intrometidos, impertinentes, intrusos... Enfim me faltam as palavras. Damien é pior que essas tias solteiras bem-intencionadas.

Damien era como uma fada madrinha boa, com um estilo inteiramente varonil, é obvio... E Rebecca precisava recorrer à criatividade para aproveitar ao máximo seu presente.

Foi como se o tempo parasse, a cena se cristalizasse e tudo se esclarecesse de uma vez. Era isto. Sua oportunidade. A oportunidade de ambos, na verdade.

«Você sabe melhor que ele o que quer...»

Robert não estaria tão zangado se não o tivessem coagido. Se seus sentimentos não estivessem implicados neste assunto, ele se limitaria a passar um bom momento, perguntando-se por que seu irmão mais velho tinha empurrado uma jovem através da janela da biblioteca. Por outro lado, o que Robert acabava de dizer significava que entendia a causa de Damien se intrometer e que haviam falado disso. Falado dela.

Uma onda de esperança a deixou imóvel. O coração começou a bater no peito com repentina lentidão.

—Esta tarde senti sua falta. —Sua voz foi apenas um suspiro.

Isso fez com que Robert parasse a poucos centímetros de distância, como se algo o tivesse golpeado. Um lampejo de emoção indecifrável apareceu em seu rosto. Depois de um minuto murmurou:

—Senti minha falta?

—Quero dizer que gostaria que voltasse a tocar comigo. Você tem um estilo marcante — disse com voz quase imperceptível.

Ele emitiu um som surdo, entre a tosse e o gemido.

«Aja como uma cortêsã. Mesmo a mulher mais inexperiente pode fazê-lo, e nada atrai mais um homem do que uma mulher que o deseja do mesmo modo que ele a deseja.»

Lady Rothburg defendia a audácia, mas era mais fácil dizer do que fazer.

—Gostaria de estar comigo? —Rebecca não pôde evitar certo acanhamento na voz, mas pela primeira depois de um ano, quando o vira no outro extremo daquele salão abarrotado, percebeu, não, soube, que talvez as coisas não fossem tão desesperadoras como pensava.

Bem, isso era verdade, desde que conseguisse se esquecer de seu pai durante um instante breve e libertador.

—Isso não é uma boa ideia, Rebecca. —Robert meneou a cabeça, mas parecia tenso.

—Isso?

Ele fez um gesto de impotência com a mão, que não era absolutamente próprio de um sofisticado libertino, mas sim de um jovem qualquer e um tanto frustrado.

—Você aqui. Nós aqui. Isso.

Ela deu um passo para ele. Tinha uma peculiar sensação nos joelhos, como se tivessem decidido deixar de funcionar.

—Por que não?

—Porque teria implicações importantes e você não necessita este tipo de laços, não comigo. —Suspirou, passou a mão por sua densa cabeleira e conseguiu despentear algumas mechas, como ela sempre ansiou fazer em segredo.

—E se eu desejasse esses laços? —Isso era de uma audácia sem medida. Lady Rothburg aprovaria, sem dúvida.

—Não diga isso. —A afirmação teria sido mais efetiva se Robert não tivesse retrocedido um passo, como se a distância enfatizasse suas palavras. —Meu irmão está confuso, e parece ter chegado à conclusão de que nós sentimos um interesse mútuo. Não há necessidade de nos comportarmos de acordo com isso.

Rebecca não disse nada e se limitou a continuar olhando-o. A batalha que ele parecia liderar fez com que esse argumento soasse destinado a si mesmo mais que qualquer outra coisa.

—Se as coisas fossem diferentes — continuou dizendo com um brilho em seus olhos celestes — reconheço que talvez ele tivesse razão, ao menos no que se refere a mim. Penso que você é uma menina muito bonita e com um talento primoroso.

—Não sou uma menina — disse com muita habilidade e não de forma combativa, mas com a vontade de que a visse somente como uma mulher. — Tenho quase vinte e um anos. Idade suficiente para saber o que quero — acrescentou em voz baixa.

Robert parecia mudo. Depois de um momento pigarreou.

—É claro. Desculpe-me se a ofendi.

—Você não me ofende. Só quero deixar clara minha posição. Consegui?

—Completamente — exalou de forma audível, como se se sentisse frustrado. —Não faça isto. Estou tentando fugir da tentação. O que é uma experiência nova. O que Damien disse?

Rebecca sorriu. Custou-lhe certo esforço aparentar serenidade, pois estava tremendo por dentro, mas fez tudo o que pôde.

—Que devia falar com você. Diga-me, como as coisas têm que ser diferentes?

—O que?

—Você acaba de dizer que se as coisas fossem diferentes talvez seu irmão tivesse razão. O que eu posso fazer?

—Nada. —Olhou-a nos olhos, com a boca tensa. —Eu não posso lhe oferecer nada, assim não importa se Damien tem razão ou não. Seu pai tem uma opinião equivocada sobre mim. —E falando com certo empenho, como se tentasse convencer-se de algo desagradável, continuou: — Mas de qualquer modo, isso não significa nada. Na verdade eu não desejo me casar. Tenho vinte e seis anos e não estou preparado. Eu gosto de minha vida tal como é.

Isso foi muito para sua fugaz sensação de triunfo, e Rebecca sentiu um repentino nó na garganta.

—Vejo que você também sabe deixar muito clara sua posição, senhor.

—Rebecca, teve que entrar pela janela para ficar sozinha comigo alguns minutos. Como acha que seus pais reagiriam se eu fosse visitá-la, com o chapéu na mão? Por outro lado, eu não faço visitas, não no sentido que estamos falando. Você não é absolutamente como... — falou com voz rouca e um brilho no olhar.

Quando parou, claramente sem palavras, ela interveio com delicadeza:

—Todas as outras mulheres?

Apesar da pouca iluminação que a única lamparina proporcionava ao vasto espaço da biblioteca, Rebecca teria jurado que Robert obscureceu o semblante.

—Eu não teria dito desse modo, mas sim. Não estou acostumado a ir atrás jovens solteiras, pelos motivos que acabo de expor.

Talvez não, mas acabava de falar de matrimônio, embora houvesse dito que não o desejava. E a olhava de um modo muito eloquente, sobre tudo agora que ela tinha lido o livro. O desejo era uma força poderosa, sim, mas entre eles havia algo mais. Rebecca não se sentia confusa como ele. Ela sabia o que queria.

—Meus pais não são totalmente imunes aos meus desejos, embora à medida que os dias passam são cada vez menos compreensivos. Eles querem que eu seja feliz. Certamente isso vai a nosso favor.

Ele ficou tenso.

—Essa implicação de que eu tenho algo a ver com sua felicidade é ridícula.

Mal sabia Robert. Já que estavam sendo sinceros, talvez ela devesse contar-lhe tudo. O que tinha a perder?

—Eu o conheci no dia que Brianna conheceu Colton.

Desta vez foi ele quem deu um passo para ela e baixou o olhar, com os olhos entreabertos.

—Isso foi há alguns meses. No ano passado, se bem me lembro. Apresentaram-nos, nada mais. Rebecca, não me diga que você... Quero dizer, que todo este tempo...

— Sim— sua voz tremeu e ficou em silêncio. Ele estava tão perto que captou o aroma de roupa limpa e colônia. —Se não me casei... É por causa de meus sentimentos por você.

Houve um silêncio. Robert estava tão perto que se Rebecca estendesse a mão, podia acariciá-lo.

— Vou estrangular meu irmão — alfinetou finalmente.

Ia beijá-la. Depois Robert torceria o pescoço do intrometido do seu irmão.

Mas primeiro, o beijo. Esse que deveria ter roubado aquela noite no jardim, esse pelo qual agora mesmo venderia sua alma ao diabo.

Ela também sabia. As mulheres tinham um instinto infalível quando se tratava de homens predadores. Robert deduziu porque quando se aproximou mais e pôs à mão em sua cintura, ela abriu muito os olhos e alterou a respiração. Rebecca jogou a cabeça para trás e baixou as pálpebras até certo ponto que indicava boa disposição e desejo, ainda que nem ela mesma soubesse.

Ou talvez sim soubesse, embora Robert tivesse apostado até o último centavo que não tinha beijado muitas vezes, ou nunca.

Desejo. Alterava o sangue e obstruía o cérebro, pois sem dúvida foi isso o que o impulsionou a um ato tão imprudente como beijar a senhorita Marston.

Robert baixou a cabeça como tinha feito no jardim semanas antes. Esta vez não se limitou a roçar, mas levou a boca até seus lábios e pressionou com suavidade. Leve, sutil, indeciso.

Um beijo muito diferente de todos os que tinha dado ou recebido. Um beijo virginal para ela... Embora ele tivesse deixado a inocência para trás. Tal como tinha imaginado, Rebecca tinha um tato celestial, o sabor da pureza, era como ter nos braços a perfeição sublime.

Apoiou as mãos em seus ombros, com o mesmo toque suave e delicado com que se inclinou sobre o piano, e ele reprimiu um gemido intenso, imaginando aquele mesmo olhar sonhador em seu rosto. Robert notou a corrente de sangue que invadiu a parte inferior de seu corpo, a urgência de sua ereção, e logo o inevitável inchaço do membro, preso ao tecido das calças.

Não deveria estar fazendo isto. Nem persuadi-la a abrir a boca para afundar a língua até o fundo, nem morder seus lábios doces, nem imaginá-la na cama, nua e cálida, sob seu corpo.

Continuou. Essa sutil troca de suspiros, a dança de língua contra língua, a tensão de ambos os corpos que se aproximavam mais e mais... Nesse momento a rodeou com um braço, certo que ela notaria sua reação física. Mas em lugar de assustar-se como uma menina, Rebecca se agarrou a ele com desenfreada paixão e jogou os braços em seu pescoço.

Uma batida no vidro da janela obrigou-o a recuperar a prudência.

—Eu acredito que o passeio que eu e a senhorita Marston demos terminou, não é? — Gritou Damien. —Se demorarmos muito, sua mãe vai pensar que assim que chegarmos solicitarei uma entrevista com sir Benedict.

Robert afastou a boca com brutalidade, olhou nos olhos da mulher que continuava agarrada a ele, e se perguntou se era um idiota completo ou se apenas teve um ataque de luxúria.

Apesar dos protestos de seu corpo, soltou-a e fez uma reverência.

—Seu pretendente a espera.

Ela ficou ali, com a boca úmida por seus carinhos e o busto agitado pela respiração.

— Nós iremos amanhã.

—Eu sei.

Que demônios, estava excitado, e a tempestade interior fazia eco a sua desconformidade física. Desejou que a reunião campestre terminasse imediatamente e acabasse com essa confusão. Somente se sentiria bem ao se afastar da perturbadora presença de Rebecca.

Estava convencido.

Quase.

«Maldita seja.»

—E agora? —Sussurrou ela com uma expressão de ansiedade e inocência que ele sentiu como se uma faca cravasse em sua alma. —Talvez possamos nos ver esta noite, mais tarde. Quando todos estiverem dormindo.

Essa era uma sugestão insensata, somada a uma situação totalmente irracional.

—Não. — Talvez tenha sido muito taxativo. Tal proposta suscitou uma imagem de Rebecca com o cabelo solto, entrando às escondidas em seu quarto. —Isso não.

—Por quê?

—Para começar, se o seu pai nos descobrir... E suponho que se Damien notou nossa...

—Nossa? — ela interrompeu com um ar ingênuo e sedutor ao mesmo tempo, e um inegável triunfo feminino brotou do fundo de seus preciosos olhos, enquanto ele tentava achar a palavra certa.

Robert não colaborou fornecendo a definição de algo que, de fato, não sabia bem como definir, então replicou:

—Se Damien percebeu, então o seu pai também. Não tenho vontade de me enfrentar com ele no campo ao amanhecer. Isso a faria sofrer e mancharia sua reputação. Eu não desejo fazer mal ao seu pai sob quaisquer circunstâncias, e a alternativa tampouco é agradável. —E de repente, acrescentou: — Talvez parta para Londres amanhã cedo.

Deus, sim, precisava afastar-se dela.

Ela o olhou sem dizer nada, e logo comentou com naturalidade:

—Suponho que Damien tem razão e que devo ir. Cinco minutos mais e minha mãe começará a escolher meu vestido de bodas.

«Vestido de bodas.»

Não teria podido escolher uma frase melhor para fazê-lo voltar para a crua realidade, disso estava convencido. Robert inclinou a cabeça e disse com muita ironia:

—Quem pode culpá-la? Afinal meu irmão é um partido excelente. Uma categoria a que eu não faço parte aos olhos de seu pai, eu garanto.

—Ele me advertiu que me mantivesse afastada de você — ela admitiu. —Não entendo...

Ele fez um gesto de impotência com a mão, mais expressivo do que pretendia.

—Foi algo que aconteceu há vários anos. Não entrarei em detalhes, mas basta dizer que formou uma imagem equivocada de mim e desde então me despreza. Eu não poderia cortejá-la formalmente, embora quisesse.

—Robert — murmurou ela com um tremor nos lábios.

O jeito hesitante de dizer seu primeiro nome era o que menos convinha. Robert, com toda a serenidade que foi capaz, acrescentou:

—Rebecca, vá.

Aliviado, viu que ela se virava e se afastava.

Capítulo 15

Sei que é um clichê, mas os libertinos reformados são maridos excelentes. Por quê? Em primeiro lugar porque tem muita experiência. A segunda razão? Porque sabem como agradar uma mulher no leito. Pensem. Afinal de contas, é por isso que os consideraram libertinos.

Do capítulo intitulado «Quando você sabe, você sabe»

Seria um milagre que mantivesse a coragem. Brianna ajustou a camisola, feita sob medida para a ocasião e tentou dominar o bando de borboletas que se aninhavam em seu estômago.

A camisola, disse a si mesma, devia ser provocativa e ele era seu marido. Estava autorizado a vê-la com qualquer traje e ponto. Além do que, já a vira com muito menos roupa.

Mas isto era mais do que ousado e era óbvio que estava pensando em seduzir.

O decote ficava abaixo dos seios e fez com que o traje usado na ópera parecesse recatado. Deixava-lhe os braços descobertos, tinha um corte em ambos os lados da saia e as costas era tão baixa, que estava certa que se virasse, apareceria o traseiro.

Um bom começo para uma noite que esperava ser memorável.

Ir quase nua, segundo lady Rothburg, podia ser mais atraente que uma exposição total. «Cubra-se com um tecido transparente, ofereça um vislumbre do paraíso e o fascine até que perca o controle.»

«Pense como uma cortesã.»

Talvez fosse capaz, mas precisava de um pouco de ajuda da famosa sedutora. Jamais teria ocorrido a Brianna intrigar Colton tentando algo novo. Não quando ele parecia desfrutar tanto lhe fazendo amor como agora... Quando as coisas tinham progredido tanto entre eles desde o primórdio pouco promissor. Ao pensar em sua noite de núpcias, percebeu o pouco

que sua mãe havia explicado sobre o ato amoroso. Seus lábios esboçaram um sorriso irônico ao recordar a «conversa» de mulher para mulher que ambas mantiveram.

Colton fazia todo o possível para tranquilizá-la, inclusive apagou as luzes antes de despir-se. O que piorou as coisas, porque assim ela não podia vê-lo... E quando notou seu membro quente e ereto preso ao corpo, teve um ataque de pânico. Mas o certo era que estava muito apaixonada por seu marido e desejava agradá-lo, e uma vez que passou a aguda dor da primeira investida, descobriu que gostava da sensação de tê-lo em cima, e dentro.

Agora o esperava com ânsia.

Já não era uma recém-casada tímida, e pretendia que esta celebração fosse diferente, em um sentido devasso, a tudo o que tinham feito.

Esta noite ia seduzi-lo da forma mais pecaminosa possível, enfeitiçá-lo, e se o livro de lady Rothburg dizia a verdade, preencheria uma secreta fantasia masculina que a maioria dos homens relutava em reconhecer. Brianna pretendia que esta fosse à noite mais memorável que tinham vivido juntos.

Sabia que antes dela houve outras mulheres. Quando conheceu Colton, gostou daquela primeira valsa fatídica e caiu de cabeça no acolhedor resplendor do amor, não pensou nem por um segundo em seu passado. Agora, mais velha e claramente mais sofisticada, estava consciente de que ele estava longe de ser virgem quando se casaram. Não era Robert, mas tampouco era um santo.

Bem. Ela não queria um santo. Queria um homem louco de luxúria por ela.

E amor, se fosse sincera consigo mesma, mas Colton não era dado a falar de seus sentimentos, de maneira que se conformaria com que o demonstrasse, até que estivesse preparado para reconhecer essa emoção mais profunda de forma verbal.

Talvez nunca o dissesse. Essa desanimadora possibilidade existia, mas talvez bastasse saber o que ele sentia.

Brianna passou a escova pela cabeleira solta uma vez mais, alisou a seda transparente sobre seus quadris e se virou para contemplar o quarto. As velas estavam acesas, no ar

flutuava um ligeiro perfume, havia uma garrafa de champanha e duas taças junto à cama, que estava aberta mostrando acolhedores lençóis de seda cor creme. Era perfeito.

Só precisava do seu marido.

Ela foi até a porta que separava ambos os dormitórios, escutou para comprovar que o ajudante de quarto havia se retirado, e ao não ouvir vozes, abriu-a um centímetro. Para estar certa de não se expor ao ridículo se por acaso se equivocasse, espionou pela fresta.

E conteve a respiração. Colton só usava calças e tinha o torso nu. Estava de costas, e quando se inclinou para agarrar a bata, estendida com muito cuidado sobre a cama, Brianna distinguiu a elasticidade e a firmeza de seus músculos.

Era o momento perfeito. Estava se despindo e o queria nu. Brianna entrou no quarto e avançou para Colton.

—Preparando-se para se deitar, querido?

Ele se virou de repente, suas sobrancelhas se arquearam ao constatar seu traje, e ficou imóvel.

Brianna sorriu, esperando que seu nervosismo não fosse evidente.

—Poderia sugerir meu quarto?

Ele ficou sem fala durante um momento, e logo deu outra olhada naquele escandaloso corpo com tão pouca roupa.

—Não que eu tenha objeções ao que vejo Brianna, mas e se meu criado ainda estivesse aqui? —perguntou.

—Estava escutando. —Apontou a porta. Somente Colton era capaz de repreendê-la enquanto a observava com o olhar ansioso e promissor.

—Ah, sim? —perguntou ele com um tom um pouco áspero na voz, e ainda com a bata na mão.

—Estava esperando-o. —Com um leve movimento da mão, ela apontou a camisola, se é que podia chamar de camisola uma franzida renda que não tampava nada. —É seu aniversário.

—É sim — murmurou ele. —E estão relacionadas essas duas coisas? Meu aniversário e que esteja me «esperando»? Se este traje de sereia é parte de meu presente, o aceito encantado.

—Quero lhe fazer amor.

Como tinha imaginado, ele interpretou mal suas intenções, e cobriu a distância que os separava a passos largos.

—Ficarei muito feliz em agradá-la.

Quando ele chegou ao seu lado, pôs a palma da mão sobre o peito.

—Não, Colton, eu quero agradá-lo. Este é meu presente de aniversário. Você não tem que fazer mais que se deitar e desfrutar. Eu vou fazer amor com você e não o contrário.

—Brianna...

—Recusar um presente de forma descortês é má educação, excelência — interrompeu-o com malícia.

—Eu não penso em recusar — ele replicou sustentando o olhar. — Pois bem. Já que pelo visto jogaremos segundo suas regras, o que quer que eu faça?

Ela apontou a porta.

—Entre aí, tire as calças e deite na cama. Pode deixar o robe aqui, já que não precisará dele.

—Não? —Sua voz conservava o tom pomposo de um duque. Estava acostumado a dar ordens, não recebê-las.

—Não — Brianna respondeu desafiando seu olhar de paixão.

«Enquanto o homem em questão tiver um mínimo de inteligência e confiança em si mesmo, ficará intrigado que uma mulher tome a iniciativa no quarto. Oh, não vai querer que seja sempre assim, pois o macho de nossa espécie sente necessidade de dominar, em especial quando se trata de relações sexuais. Mas acreditem em mim, uma mudança de papéis de vez em quando parecerá excitante.»

Colton se dirigiu à porta, olhou para trás com aquela expressão indecifrável, e entrou no quarto de sua esposa. Brianna inspirou e o seguiu.

Observou-o enquanto desabotoava com parcimônia as calças, que deslizaram por seus esbeltos quadris e mostraram sua ereção. Então se deitou de costas na cama e a olhou, com uma sobrancelha castanha arqueada com um ar de desafio inequívoco, e o membro inclinado para ela.

«Certamente sou capaz de fazer isto», disse Brianna a si mesma, contemplando aquela excitação flagrante. Já tinha percorrido a metade do caminho, pois Colton tinha cooperado, ao menos tanto como sempre supôs que o faria.

Mas como reagiria quando lhe amarrasse?

Brianna o surpreendia continuamente e isso nem sempre era ruim. A camisola, por exemplo, ou como se chamasse esse objeto de renda que só fazia realçar seus seios deliciosos e enfatizar a longitude de suas pernas, era um traje próprio de uma prostituta, mas ela, com a cabeleira dourada solta e essa pele clara e perfeita, conseguia uma aparência angélica. Pura.

Pura e inebriante.

Ele não era Robert, que durante o jantar tinha ingerido vinho como se tivesse interesses financeiros nos vinhedos da França, mas sentia-se bastante aturdido para se perguntar se estava sonhando. A recente fadiga de Brianna o impulsionara a fazê-la dormir cedo para não pôr a prova suas forças, e aquela noite prometeu a si mesmo que não a visitaria.

Em lugar disso, ela tinha ido até ele.

—Feche os olhos.

A sedutora sugestão o fez rir, e um som brotou do fundo de seu peito quando ela cruzou o quarto até ele, movendo os quadris com um balanço fascinante.

—Se desejava que eu fechasse os olhos, madame, não deveria ter escolhido este traje em particular — disse, admirando o sutil movimento de seus seios a cada passo.

—Poderia me seguir à corrente? —Em sua voz havia um tom ofegante, buscou o seu olhar com um curioso brilho em seus olhos azul escuro.

«Eu lhe daria de presente o mundo.»

Não disse em voz alta, mas só o fato de pensar já era assombroso. Brianna tinha adquirido uma nova personalidade ante seus olhos. Não era somente uma mulher bela e jovem que excitava sua luxúria e abençoava seu leito, além disso, nos últimos cinco dias viu como se relacionava com sua avó, enfeitiçava seus irmãos, comportava-se como uma anfitriã gentil com seus convidados, ria com suas amigas e, acima de tudo, era sua esposa.

Não só a duquesa de Rolthven. Não, não só isso.

Sua esposa. Colton tinha a peculiar sensação de que se vivesse em uma cabana de pesca na costa de Gales e dependesse do mar para viver, continuaria sendo feliz se ela estivesse ao seu lado.

E o mais desconcertante era perceber que antes nem sequer tinha pensado no conceito de felicidade. Essa era uma emoção que sempre pensou possuir. Era um privilegiado. Tinha títulos. Riqueza. Poder. Por conseguinte... Era feliz.

Pensando bem, não, não era assim. Conhecia muita gente de sua classe cujas vidas careciam de sentido. Esbanjavam suas fortunas, bebiam em excesso, faziam fofocas sem cessar e evitavam um dos fundamentos que faziam que a vida no planeta valesse à pena.

O amor.

Era a primeira vez que pensava nesse assunto, e com sua esposa tão perto e tão nua, a verdade é que não podia concentrar-se.

— Lhe seguir a corrente?

—Feche os olhos — ela repetiu —e ponha as mãos por cima da cabeça.

Naquele momento teria caminhado sobre brasas ardentes por ela.

—Não vejo sentido em tal pedido, mas obedecerei.

Colton baixou as pálpebras e pôs os braços sobre a cabeça, apoiados na cabeceira barroca. Seu membro, duro e preso à superfície do estômago, palpitava ao ritmo dos batimentos de seu coração.

Brianna se juntou a ele na cama. Notou como o colchão cedia e a rajada de seu perfume sugestivo fez seus músculos tencionarem. Quando ela se inclinou sobre ele e seu cabelo de seda acariciou o torso nu, Colton gemeu.

—Não se mova — ordenou ela.

Custou muito não pegá-la em seus braços e deitá-la de costas para assim tomar posse de seu corpo delicioso, mas estava intrigado. Depois de um momento, notou o roçar de um tecido rodeando os seus pulsos, e percebeu sem acreditar que ela o havia amarrado à cama. Abriu os olhos de repente.

—Brianna, que diabo está fazendo?

—Impedir que possa resistir. — Ajoelhou-se ao seu lado e terminou de fazer o nó. Seus dedos graciosos rodearam o outro pulso e o devolveram à posição anterior. —Percebeu que poderia se soltar se realmente o desejasse, de modo que isto era mais um símbolo do que qualquer outra coisa?

Uma loucura, isso é o que era. Nunca tinha estado com uma mulher que tentasse amarrá-lo à cama.

—Quase me dá medo perguntar, mas é um símbolo do que? —resmungou Colton.

—Confiança. —Brianna arqueou uma sobrancelha e com grande concentração deu duas voltas ao tecido para amarrar as mãos que logo enganchou ao poste da cabeceira. —Está mais ou menos cômodo?

Tinha os ombros apoiados nos travesseiros e além de certa sensação de ridículo por estar nu e muito excitado, amarrado a madeiras de uma cama, estava bem, de maneira que assentiu com reticência.

—Poderia fazer o favor de me dizer por que levantou a questão da confiança?

Ela voltou a sentar-se e examinou sua obra com um gesto expressivo.

—Eu confio em você. Isso é evidente. Você é maior e mais forte e, se quisesse, poderia me fazer alguma coisa e eu não poderia impedi-lo.

—Nunca obrigaria você a fazer nada contra sua vontade — protestou ele, testando os nós. Estavam bastante frouxos e podia mover um pouco os braços, mas como não tinha vontade de forçar os nós e que estes se emaranhassem, tentou relaxar.

—Eu sei. — Ela olhou para ele e deu um sorriso radiante. —Eu sei que você quer me dar prazer e não somente obtê-lo. É disso que se trata. Desejo agradá-lo.

—Você sempre me dá prazer.

Nas faces de Brianna apareceu uma pequena covinha e aquele sorriso genuinamente feminino se transformou em algo um pouco mais intenso.

—Sim, mas desta vez eu farei tudo. Parece sugestivo?

Parecia. Qualquer homem morreria antes de negar-se a isso. Ela se sentou ao seu lado na cama, perto o bastante para que notasse o calor de seu corpo, com esse objeto vicioso que mostrava mais do que ocultava. Seus mamilos rosados apareciam sob um véu de renda, bem como o pêlo dourado e macio entre suas coxas esbeltas, que o tentava cada vez que ela se movia. Sua cabeleira, tão clara e deslumbrante, derramava-se sobre seus ombros nus quase até a cintura, e ele desejava tocá-la, enterrar os dedos nas mechas de cetim, ver como caíam sobre a cama quando a possuía.

—O que você acha? —Brianna pôs os dedos no laço do sutiã e o olhou sob suas pestanas exuberantes. — Colton?

Tinha esquecido a pergunta. Estava muito certo de que tinha se esquecido de respirar, tinha o olhar fixo naquela mão que ia dar acesso ao paraíso.

—Sim. —Em sua voz havia um toque de puro desejo. —Faça o que quiser.

—Tinha esperança que dissesse isso. —Sua esposa desatou o laço e o vaporoso tecido deslizou para baixo, sobre seus seios, arredondadas esferas de neve, e por cima de suas coxas, até que se moveu para tirar tudo. Brianna, nua em toda sua glória, ficou de joelhos e levantou uma mão para deslizaria pelo torso nu de Colton. Desceu sobre a musculatura escura de seu ventre, até seu membro ereto. Quando o rodeou e começou a acariciá-lo com ternura, ele ofegou e fechou os olhos.

Acima e abaixo, da base à cúpula, com uma leve massagem na ponta. Do topo cheio, Colton sentiu o fluido de sua rendição pessoal ir à ajuda aos esforços de Brianna, que com a mão direita incrementava o ritmo de seus movimentos eróticos. Com um espasmo de suor, levantou os quadris, arqueou a coluna e resmungou entre dentes:

—Eu acho que você deveria parar, ou esta noite vai ser muito curta.

—Você gosta disto? —Apertou os dedos, apenas um milímetro. Um milímetro possivelmente excessivo, pois ele estava a ponto de estourar.

—Eu gosto — confirmou.

—Então, por que deveria parar?

Colton não tinha uma resposta definitiva, pois ela o enfeitiçara com o movimento da mão.

—Alguma vez você faz sozinho?

Aquela pergunta tão pessoal fez com que abrisse os olhos. Isso não ajudou muito. Ao vê-la acariciando-o para chegar ao clímax, esteve a ponto de perder o controle. Estava à beira da ejaculação.

—O que? —grunhiu.

Ela continuava muito atenta com sua erótica tortura e o movimento da mão era o centro do mundo para Colton.

—Eu nunca me toquei, mas sei que há mulheres que fazem.

Como demônio sabia isso?

Aquilo era muito. A imagem da Brianna nua e acalorada, provocando em si mesma o orgasmo, que apareceu em sua mente, conduziu-o a beira do precipício. Todo controle se evaporou e Colton notou a corrente quente da ejaculação sobre o peito, a flexão de seu membro ao transbordar, e a mão dela que continuou estimulando-o até deixá-lo desfalecido e preso as suas amarras.

Ela o soltou e assim que pôde pensar com coerência, percebeu que sua encantadora esposa tinha uma expressão peculiar. Brianna colocou um dedo sobre a pele e desenhou um caminho entre o quente remanso seminal.

—Não sei se sabia que era exatamente assim. Quero dizer que senti quando estava dentro de mim, mas isto é mais do que imaginava.

Como diabos podia ser tão ingênua, e ao mesmo tempo demonstrar mais sensualidade que todas as mulheres que ele tinha conhecido?

—Prefiro fazê-lo dentro de você —disse — e tenho a intenção, se me conceder alguns minutos.

—Esqueça, querido — sua voz era um ronrono surdo e sensual — eu sei que pode fazer mais de uma vez em um breve período de tempo. Agora, deixe que eu o limpe e logo verei o que posso fazer para ajudá-lo.

Usou a camisola para limpar as aderências do torso e logo se deitou sobre o corpo de Colton, estendido de barriga para cima, e o beijou. Beijos suaves e prolongados; varreu seus lábios com delicados toques com a língua, rebolando contra ele, mas de uma forma tão efetiva, que em um tempo recorde ele sentiu de novo a onda de ereção. Ela prosseguiu com seu feitiço, movendo seu corpo ágil e flexível, excitante. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e ambos permaneceram pele contra pele, em uma posição tão sexual, tão íntima, que ele sentiu algo mais que a contundente volta do desejo carnal, um pouco mais pungente. Brianna beijou-lhe o pescoço, o queixo, o lóbulo da orelha. Seu fôlego era quente e úmido, seus seios se aconchegavam contra seu torso. Seus mamilos eram cúpulas iridescentes e ele morria por saboreá-los, por lambê-los com ardor, até que ela fizesse esse som especial que adorava.

Fiel a sua promessa, Brianna fez amor com ele.

Quando ficou pronto, ela cavalcou sobre seus quadris, deixou-se cair sobre seu mastro vibrante e o acolheu naquela calidez sedosa e profunda. Pela primeira vez em sua vida, Colton se viu fascinado pela imagem do rosto de uma mulher enquanto estava em seu interior, e não só pela sensação que conjurava o ato em si. Brianna, montada nos seus quadris, movia-se e procurava a sensação deliciosa, com as mãos apoiadas nos ombros de Colton e um leve gesto de concentração na testa, tão excitante como o simétrico balanço dos seios ao compasso dos dois corpos.

Com os braços amarrados ainda sobre a cabeça, ele não podia fazer nada por ela, mas não tinha por que se preocupar. Ela alcançou o primeiro clímax, com a boca entreaberta. Sua silhueta esbelta se esticou e seus músculos internos se contraíram enquanto emitia um som entre um grito e um gemido.

Aquilo atíçou Colton e seu corpo impotente respondeu. Seus quadris se elevaram e assim pôde depositar sua semente na matriz outra vez. Quando ela desabou sobre o seu torso, conseguiu dizer:

—Desamarre-me.

—Quando puder me mover, eu o farei — balbuciou presa a sua pele úmida. —Talvez dentro de um século, ou mais.

Sem poder evitar, Colton começou a rir.

—Imagino sua criada entrando amanhã de manhã e nos encontrando assim. Não saberia como explicar.

—Tentarei me recuperar o bastante para desamarrá-lo. —Brianna levantou a cabeça e deu um sorriso zombeteiro, devastador. —Embora seja tentada a transformá-lo em meu prisioneiro.

Ele já se sentia bastante cativo dela.

—Isso soa bastante agradável — disse com a voz áspera.

Ela se levantou e desamarrou o nó do pulso direito.

—Advirto-o que meu presente de aniversário ainda não terminou.

Colton emitiu um gemido teatral.

—Já não tenho dezoito anos. Tenha compaixão.

—Isto não requererá energia, prometo. —Desamarrou o nó do outro pulso com certo esforço.

Seu tom de voz e um olhar de soslaio fez com que ele parasse.

—Ah, sim? —Perguntou em voz baixa. — Pode imaginar como estou intrigado. Até agora foi uma noite de surpresas agradáveis.

—Espero de coração que isto o agrade, excelência.

Ao ouvir que ela utilizava seu título, Colton soube que ia ter problemas. Observou sua esposa com olhos inquisitivos, tentando traduzir sua expressão.

—Eu te amo.

Ficou quieto. Paralisado. Imóvel.

—Eu te amo — sussurrou ela novamente. —Queria dizer antes, mas nunca me parecia o momento adequado. Pensei que finalmente devia dizer isso — Eu te amo.

Ao ver que ele não falava nem se movia, Brianna continuou:

—Soube no momento em que nos vimos. E acredite, é a pura verdade. De fato, pode ser que tenha sido antes de nos apresentarem formalmente. Quando olhei para o outro extremo da sala e o vi, eu soube, sem mais.

«Deus bendito.»

—Seria possível que dissesse algo? —Brianna o olhou com aqueles maravilhosos olhos azuis escuros e um leve tremor nos lábios.

Não, não podia. Era incapaz de falar, literalmente. Em lugar disso, ele a atraiu para si, e possuiu seus lábios com um beijo inevitável e perturbador.

Capítulo 16

Às vezes é necessário se chocar com os obstáculos que encontramos no caminho em lugar de tentar se esquivar. Com o amor acontece o mesmo.

Do capítulo intitulado: «A filosofia do romance»

— Entendi que Robert partiu muito cedo.

Rebecca levantou os olhos de repente, sem saber como interpretar o comentário de Loretta Newman, se é que tinha que interpretá-lo de algum modo. Talvez a mulher só quisesse conversar.

— Não me diga. — Rebecca agarrou um pedaço de torrada e lhe deu uma mordida.

— Ao amanhecer. Faz um dia horrível para viajar, não é verdade?

A senhora Newman deu uma olhada nas manchas de umidade que havia na janela. Era uma manhã melancólica e cinza, mas ao menos coincidia com o final e não com o início da reunião. Quando Rebecca se levantou e desceu para tomar o café da manhã na enorme sala de jantar, descobriu que Robert foi fiel a sua palavra, e partira para Londres horas antes, apesar da garoa que não cessava de cair de um céu brumoso.

— Ao menos desfrutamos de muito sol durante nossa estadia.

Foi uma observação banal. Rebecca achava em que a bonita viúva tentava conversar, mas o tema que havia escolhido a pôs em guarda. Elas eram as duas últimas convidadas a participar do café da manhã, e sentaram-se com uma relativa privacidade em um extremo da mesa. Rebecca estava quase certa de ter dormido apenas uma hora, duvidando se aquele beijo perturbador era algo que devia celebrar, ou se tão somente estava destinado a ser uma lembrança agriçoce.

Loretta se aproximou da geleia.

— Bem, sim, o clima foi generoso. A companhia deliciosa, também. A duquesa realizou um trabalho admirável para alguém tão jovem e nova em sua posição. Afinal de contas se

casou com um membro de uma família muito ilustre. Estou certa que você estará de acordo, já que também aspira tomar parte dela através do matrimônio.

Rebecca, que esperava tudo, menos esse comentário tão franco, comeu uma colherada de ovos mexidos para dissimular que ficou sem fala. Então deu alguns tapinhas nos lábios com o guardanapo e murmurou:

—Lorde Damien seria um bom marido.

—Não. —A senhora Newman meneou a cabeça e sorriu com malícia. —Seria um bom marido, na opinião de seus pais. Sejam francas. Robert é quem a atrai.

Então já havia uma lista de pessoas que perceberam o seu interesse pelo mais novo dos Northfield. Seu pai. Damien. Agora a senhora Newman. Quantos mais? Brianna não havia dito nada, mas a verdade é que estava ocupada seduzindo seu duque.

—Estou convencida de que você compreenderá — disse com toda a serenidade que pôde, apesar de estar ruborizada —posto que ele também a atrai.

—Vejo que agora falamos de mulher para mulher.

—Parece que sim.

Houve uma pausa enquanto Loretta bebia um gole de chá. Então colocou de lado com total parcimônia.

—Você não é tão simples como pensei a princípio, e já que estamos sendo tão sinceras, desejo-lhe sorte. É verdade que assim que chegamos percebi que lorde Robert podia ser um delicioso... Passatempo, mas comecei a notar que seus interesses estavam em outra parte. Se desejar saber minha opinião, pela forma como age, eu acredito que existe a esperança de que você triunfe e o conduza ao altar. Agora, se me desculpar, acredito que minha carruagem já está preparada para minha partida.

Rebecca, bastante estupefata, viu-a partir.

Precisava falar com Damien. Levantou-se a toda pressa e saiu da sala de jantar sem terminar de tomar o café da manhã.

Lorde Damien, conforme disse o protocolar mordomo, estava com o duque em seu estúdio.

Seu coração caiu ao chão. Bater na porta do estúdio do duque de Rolthven e pedir para falar com seu irmão sem mais era inconcebível. Rebecca estava certa de que nem sequer Brianna interrompia seu marido quando este se isolava para trabalhar. De qualquer maneira, era bem possível que Robert não houvesse dito nada sobre o beijo. Talvez somente manifestasse seu desgosto pelo truque pouco ortodoxo de Damien para casá-los, e nada mais.

Assim, o que fazer agora?

«... Você não é como...»

Não, não era. Ela não se parecia em nada com as beldades experientes que o notório Robert Northfield costumava perseguir. Mas ele se sentia atraído por ela de qualquer maneira. O suficiente para tê-la beijado de um modo que satisfaria completamente as fantasias de qualquer jovem. Rebecca se lembraria até o momento de sua morte a carícia dos lábios carinhosos e tenros em sua boca. Não tinha sido algo feroz nem passional, nem algo arrebatador com a intenção de perturbá-la, tinha sido perfeito. E a menos que ela fosse uma tola apaixonada, e não estava certa de não se encaixar em tal descrição, pensava que para ele também tinha sido algo diferente. Havia certa reverência no roçar leve da mão de Robert em sua cintura, e teria jurado que a emoção de seu rosto também era genuína.

Em resumo, pensava que talvez ele estivesse tão confuso quanto ela, e para um experiente libertino, isso era dizer muito.

Rebecca ergueu os ombros.

—Poderia ver a duquesa?

O majestoso mordomo dos Rolthven inclinou sua cabeça grisalha.

—Parece-me que está no vestíbulo, despedindo-se de um convidado, milady.

De fato, encontrou Rebecca minutos depois com o eco do tique taque do relógio ressonando em sua alma. Quando lorde Emerson fez uma reverência e abandonou a residência, ela esperou que o empregado fechasse a porta após a saída do cavalheiro, antes de dizer com a mesma urgência que utilizava quando eram meninas:

—Bri, eu preciso de um favor.

Brianna captou a urgência do tom de voz.

—Claro — não disse mais nada — o que quiser. O que é?

Isso era jogar de verdade, mas Rebecca já havia esquecido a cautela.

— Você se importaria de fazer o favor de entrar no estúdio e interromper o duque e Damien? Eu não me atrevo a bater na porta e pedir, mas a verdade é que preciso falar com ele.

Sua amiga abriu a boca, surpresa.

—É obvio que farei se for o que quer. Com qual dos dois precisa falar?

Rebecca reprimiu uma risadinha.

—Perdoe, sei que digo tolices, mas meus pais estão a ponto de descer e iremos em seguida e, bem, preciso ver lorde Damien um momento, se for possível.

Brianna vacilou por um segundo, com a intenção evidente de perguntar por que, mas demonstrou ser uma grande amiga e se limitou a assentir.

—Há uma saleta que está deserta a estas horas. A avó de Colton somente a utiliza para responder a correspondência. Parece bom?

—Perfeito. Obrigado.

Dizer que estava agradecida não bastava para descrever os sentimentos de Rebecca, porque na verdade nunca em sua vida havia ficado tão nervosa.

Depois de toda essa introspecção noturna tinha chegado a algumas conclusões alarmantes.

A mais forte de todas era que ela só desejava casar-se por amor.

E a segunda era que se esse beijo de Robert ia ser um incidente isolado em sua vida, ela se sentiria desamparada para sempre.

Rebecca entrou atrás do empregado a quem Brianna tinha ordenado que a guiasse, e se viu em um espaço reduzido e encantador, com uma elegante mesa de escritório polida, perto de uma janela. O amarelo claro das paredes contrastava com a deprimente vista dos restos de chuva no vidro de fora e os jardins encharcados. Foi até ali e olhou para fora, perguntando-se o que ia pedir.

Quando Damien entrou depois de alguns minutos, ela continuava ali, contemplando as sebes e os arbustos repletos de rosas encharcadas.

—Percebe que se sua mãe souber que deseja me ver em particular antes de ir embora, começará a planejar nossas bodas? —Em sua pergunta havia um tom de fina ironia.

Rebecca se virou, com um sorriso melancólico.

—De fato estava aqui me perguntando que diabo queria lhe dizer.

Entrou na saleta com esse meio sorriso que o favorecia tanto.

—Ah, aí está à maravilha de tratar com um perito em espionagem. Nós sabemos o que as pessoas pensam antes que elas.

Rebecca arqueou as sobrancelhas.

—Você é um perito em espionagem? Acreditei que era uma espécie de conselheiro tático ou algo assim.

—Eu tenho muitas facetas. —Apontou uma poltrona. —Agora, sente-se e falemos do que fazer com o teimoso do meu irmão.

Ela se sentou, de qualquer maneira suas pernas estavam intumescidas. Damien se acomodou em um sofá estofado com mariposas. Sua flagrante masculinidade contrastava com a feminilidade da decoração, elevou uma sobrancelha com um gesto que ela já conhecia.

—Vejamos —disse com calma —deduzo que as coisas foram muito bem ontem à noite, visto o mau humor que Robert mostrou depois.

—Poderia explicar bem? —Rebecca recolheu a saia. —Ele não está interessado no matrimônio. Isso ele deixou bem claro.

—Minha querida senhorita Marston, detesto dizer que existem poucos homens que se levantem em uma manhã e decidem que o mais desejável na vida é estar preso a uma mulher para sempre. Diria inclusive que os homens como Robert, que não necessita um herdeiro, que já possui uma fortuna e a quem a maioria das mulheres considera irresistível, são particularmente imunes. Neste momento de sua vida, ele faz o que o agrada e acredita que é feliz.

Ela sabia que tudo isso era verdade, e em essência, era o que Robert havia dito sem rodeios.

—Ele é feliz? —perguntou, tentando ocultar a hesitação.

— Se eu acreditasse nisso, teria me colocado na ridícula situação de empurrar uma jovem dama pela janela de uma biblioteca?

Tinha razão e ante a integridade da resposta, ela deixou escapar um sorriso, em parte de desespero e em parte de regozijo.

—Suponho que não — admitiu. —Inclusive a senhora Newman me disse esta manhã que acreditava que o interesse de Robert podia ser sincero.

—Ela sabia? Acredito que não me surpreende, porque qualquer um teria percebido se estivesse atento. Então, uma vez estabelecido que suas intenções sejam sinceras, devemos arriscar um plano.

—Um plano? —Rebecca sentiu um espasmo no estômago.

—Ou como quiser chamar. Se o que pretendemos é que abandone seus receios e veja o que está diante dele. Odeio ter um irmão bobo e teimoso, isso deixa em má situação a linhagem familiar.

Foi o elogio mais ambíguo da história e embora Rebecca tivesse recebido de outros cavalheiros cantadas suficientes para toda uma vida, nunca se sentiu tão comovida.

—Obrigado — murmurou.

Ele fez um gesto de aparente indiferença com a mão, mas seus olhos escuros brilhavam perspicazes.

—Não me agradeça ainda. Ainda não tenho uma estratégia preparada. Terei que pensar nisso. Derrotar os franceses supõe um desafio, mas pôr de joelhos determinado solteiro pode ser uma tarefa muito mais árdua. Acreditei que aqui me aborreceria mortalmente durante meus dias de licença. Por fim, apresenta-se algo parecido com uma missão.

Rebecca não pôde evitar uma careta.

—Robert disse que se compadecia de Bonaparte se ele enfrentasse você.

Damien não se alterou.

—É melhor você. Imagine o perigo que espreita meu irmão. Eu já saboreio a vitória.

O beijo tinha sido um erro terrível, mas um erro que não trocaria por nada.

E esse sentimento era uma estupidez indescritível. Robert esporeou o cavalo. A umidade impregnava a capa e o cabelo e enchia o ar de um aroma de vegetação fértil. O outono, suavizado pelos raios do sol e a brisa amena dos últimos dias, finalmente anunciava sua presença.

Quando chegou a Londres várias horas depois estava molhado até os ossos, de mau humor e mais inquieto do que quando seu pai morreu. Só desejava um banho para se livrar do frio outonal, e esquecer por completo o episódio.

Bem, salvo da comovente atuação de Rebecca ao piano. Ninguém que se considerasse um músico de verdade apagaria algo assim de sua memória.

E a ela tampouco podia esquecer. Rebecca tinha dito que já não era mais uma menina, mas tampouco era uma mulher ainda. Não, até que se entregasse em matrimônio a algum afortunado bastardo que acariciaria seu corpo delicioso, saborearia sua boca doce e experimentaria a paixão em seus braços...

Se esse amargo mal-entendido com seu pai não existisse, consideraria a possibilidade de ser ele esse homem afortunado?

Possivelmente.

Perceber isso foi bastante aterrador para mandá-lo direto ao clube assim que colocou uma roupa seca, perturbado pela lembrança de seus lábios quentes entreabertos, ingênuos e incitantes. Desde quando as jovens inexperientes emanavam um apelo tão irresistível?

Chegou ao clube pouco depois das nove, pensando em uma taça de vinho e comida quente. Mas logo ficou claro que estava muito impaciente para o bate-papo, de modo que partiu sem terminar de jantar, justo no meio de uma conversa sobre as corridas de outono, e deixando a vários amigos com a perplexidade refletida em seus rostos.

Explicaria seu comportamento irregular em outro momento. Ou talvez não. O que tinha muito claro é que não ia mencionar o nome de Rebecca Marston.

Muito nervoso para ir para casa e dormir as horas que tanto necessitava depois de uma noite agitada, foi parar na Rua Curzon. Como ainda era cedo, decidiu visitar um velho amigo. Quando bateu na porta e descobriu que sir John estava em casa, Robert entregou um

cartão com seu nome impresso. Fizeram-lhe passar a uma saleta privada abarrotada de todo tipo de esquisitices, incluindo a escultura de um totem procedente de uma tribo de índios americanos, que John Traverston havia trazido de uma de suas viagens às colônias. Formava um conjunto harmonioso e peculiar junto à lareira de mármore italiano, uma tapeçaria antiga na qual aparecia São Jorge e seu legendário dragão, e outras peças que não encontraria jamais em uma típica casa londrina.

—Robert, menino! —Sir John, que ainda não tinha completado sessenta anos, mas que tinha um rosto sulcado de rugas muito pronunciadas, produto do tempo que tinha passado ao ar livre no transcurso de suas viagens, levantou-se da maltratada poltrona onde estivera lendo. Tinha um cabelo abundante, grisalho e despenteado como de costume. Ainda não tinha se trocado para o jantar, e vestia calças enrugadas e uma singela camisa branca. Flutuava um forte odor de tabaco no ambiente, e um cachimbo se consumia devagar em um cinzeiro sobre uma mesa. —Que agradável surpresa. Não o vejo há meses. Venha se sentar. Uma taça?

Robert continuava tendo uma ligeira dor de cabeça da noite anterior, e já cometera outras vezes o erro de provar o licor importado de sir John.

—Sim, mas, por favor, que não seja essa bebida repugnante, obra de alguns monges transtornados, que me deu a última vez.

John soltou uma gargalhada.

—De fato procede de um monastério solitário em uma zona remota de Portugal, é considerado um achado. Devo entender que não o impressionou muito? Bem, nesse caso, o que me diz de um aborrecido copo de um clarete vulgar?

—Isso me parece bom obrigado.

—Você tem um paladar muito comum para um jovem aventureiro em determinados terrenos, mas enfim.

Seu anfitrião se aproximou de uma mesa de bambu e escolheu um copo de uma série sem par, que provavelmente continha alguma peça única de Deus sabe onde. Sir John, amigo de

seu pai por toda a vida, adorava perambular pelo mundo e voltar de todas suas aventuras com uma coleção de tesouros peculiares, entre eles essa beberagem endiabrada.

Robert aceitou o copo e se sentou. Não estava certo do que o tinha levado em busca de sir John.

Não, isso não era certo. Precisava falar com alguém. Alguém mais velho e muito mais sábio. Agora Colton era o chefe da família e Robert amava e respeitava seu irmão em todos os sentidos. Porém, por muito duque que fosse os três anos de diferença não o transformavam em uma figura paternal. John Traverston tinha tomado parte da vida de Robert desde que ele se lembrava, como uma espécie de tio excêntrico. Nesse momento representava o que tinha perdido na fatídica noite em que o seu pai morreu. E graças a Deus, John estava na Inglaterra naquela época, e tinha proporcionado um afetuoso apoio a uma viúva chocada e aos seus filhos jovens e desorientados.

Se Robert alguma vez necessitava de um conselho objetivo e sensato era agora.

—Como foi o aniversário de Colton? —Perguntou John, agarrando uma garrafa de cristal opaco de cor verde e derramando uma substância marrom em seu copo. —Senti não poder ir, mas com franqueza, os festejos campestres são para os jovens. Um dos privilégios de ser velho é que alguém pode se negar a ir a determinados eventos. Pode me imaginar representando charadas depois de jantar?

Era uma forma perfeita de introduzir o assunto, mas Robert continuava relutando. Nem sequer tinha certeza de ter ido falar sobre a provocante Rebecca.

—Foi muito agradável — disse em um tom neutro que não foi muito eficaz.

—Ah? —As sobrancelhas grisalhas de John se arquearam. Bebeu um pouco de líquido do copo com evidente satisfação, e Robert reprimiu uma careta. Lembrou que quando lhe servira aquela mistura asquerosa, esteve a ponto de vomitar e cuspir sobre o tapete de um modo pouco elegante.

—Brianna esteve magnífica em sua primeira incursão real em seu papel de anfitriã. A avó a ajudou, e acredito que gostou muito. Manteve uma atitude severa o tempo todo, mas os olhos brilhavam de forma evidente.

—Sua avó sempre foi uma matriarca perfeita em todos os sentidos. Régia e amorosa ao mesmo tempo. Lembro que quando seu pai e eu éramos pequenos era capaz de nos aterrorizar com o olhar, mas quando fazíamos travessuras era a primeira a nos defender. Inclusive seu avô escutava seus conselhos. Foi um matrimônio feliz, o que é estimulante em uma sociedade que está acostumada a dar mais importância à linhagem e a riqueza que ao afeto.

«Matrimônio.»

Essa palavra parecia persegui-lo. Robert assentiu e contemplou seu copo.

—Sim, eu sei.

—Seus pais também tiveram sorte. O deles foi um enlace arranjado que floresceu com o tempo, mas isso eu não preciso dizer-lhe.

Robert se mexeu na poltrona.

—Eu me lembro. Colton e sua esposa parecem compartilhar o mesmo...

Não soube como terminar a frase. Não que entre seu irmão mais velho e sua bela esposa não houvesse ainda algum mal-entendido, mas quando eles estavam juntos, o vínculo era inegável.

Aí estava o problema. Robert não sabia se desejava esse tipo de compromisso. Implicava uma grande dose de responsabilidade.

—O mesmo? —interrompeu-o, amável.

Silêncio. Maldição.

—Vai me contar por que realmente veio para me ver? Conte quando quiser. Não tenho nenhum compromisso importante. —John bebeu um gole da infame bebida e continuou sentado ali, com uma expressão bondosa em seu curtido semblante.

Oh, bem, demônios, reprovou-se Robert com ironia, também podia dizer sem mais nem menos.

—Há alguém. Uma jovem.

—Isso, meu querido Robbie, não me surpreende. Com você sempre há uma mulher.

—Não —alfinetou Robert —como ela, não.

—Entendo. Sendo assim desculpe-me a ironia. Diga-me, o que acontece com essa jovem?

—É solteira.

—Entendi. —John parecia se divertir bastante. —Algumas o são.

Isto era uma tolice. Por que pensar sobre isso, em Rebecca Marston, cujo pai lhe pegaria pela orelha assim que aparecesse na porta, e depois que sua mãe desmaiasse?

—Muito solteira — insistiu, esfregando o queixo.

—Não sabia que existiam graus, mas continue. De modo que há uma senhorita muito solteira. Por que ela o trás em minha sala de estar em uma noite horrível como esta?

—Não sei por que estou aqui.

—Sei. Você me permite um palpite, então? — Robert assentiu com um riso surdo e John franziu o cenho. —Eu diria que esta dama cativou seu interesse e você, apesar de seus esforços em ignorá-la, não pode tirá-la da cabeça. De modo que por não ter a opção de se tratar de uma conquista passageira, caso em que não estaríamos tendo esta conversa, pela primeira vez na vida se vê obrigado a se expor a um compromisso, por mais aterrador que sempre tenha parecido.

Robert apertou os lábios e disse com mais brutalidade do que pretendida:

—Aterrador? Desculpe, mas me incomoda que escolha essa palavra. Eu não me considero um covarde.

—Robbie, menino, nossos medos não desaparecem quando nos tornamos homens. —John examinou a ponta gasta de sua bota sem polimento. —Nossos sentimentos nos desafiam durante toda a vida. Acredito que a maioria das pessoas que o conhece sabe de seu receio ante um compromisso emocional. Era jovem quando seu pai abandonou este mundo inesperadamente. Todos os olhares estavam em Colton, devido à pompa e à responsabilidade que vem com o título, e ele sentiu a necessidade de se transformar de repente em um pilar de responsabilidade, talvez em um grau desnecessário para um homem de vinte anos. Damien, que por sua vez se tornou o herdeiro direto ao ducado, assumiu-o dedicando-se de corpo e alma as intrigas da guerra, assim que teve a oportunidade. Você, por outro lado, decidiu

focar sua vida em todos os prazeres permitidos, sejam eles as mulheres, a bebida, ou o jogo de dados. Todos seguiram os caminhos que escolheram bem demais, os três.

A afirmação não era muito lisonjeira, mas era perspicaz. Robert esteve a ponto de engasgar-se com o vinho.

—Ah, sim?

—Você veio aqui para saber minha opinião, não é verdade? —Nos olhos de John havia um brilho zombeteiro, mas benevolente ao mesmo tempo. —Por que não me diz quem é essa jovem que por fim penetrou em seu coração inviolável até agora?

Deus santo, Robert resistia. Mas cada vez sentia mais medo de se lembrar pelo resto de sua vida a carícia da boca entreaberta sob seus lábios, e o evidente poder da suave brisa de seu fôlego.

«... Não me casei por... Você...»

Desejava mais do que tudo no mundo que não tivesse dito isso. Se fosse assim, talvez pudesse dar-lhe as costas sem mais.

Mas era muito tarde. Ele sabia, e mais ainda, ela sabia que ele sabia.

—Rebecca Marston —confessou pesaroso —a filha de sir Benedict Marston.

O velho amigo de seu pai se inclinou para trás com o copo suspenso na mão. Depois de um momento disse em tom grave:

—Acho que compreendo o seu dilema. Conheço muito bem sir Benedict, e sei que não é um homem muito flexível e que tem má opinião sobre você.

—Não pense que não percebi — comentou Robert com certa amargura. —Tenho quase tudo contra. Seja certo ou não, ele me considera um trapaceiro desprezível, sabe que minha reputação está longe de ser imaculada, e embora minhas finanças sejam sólidas, sua filha tem um dote que a permite escolher quem a agradar. Não precisa do meu dinheiro, e eu não tenho um título de nobreza, e nem sequer o sobrenome Northfield basta para melhorar a situação.

—Está certo? Falou com sir Benedict?

—Não. Não tenho vontade de perder meu tempo. Acredite-me, nunca permitirá que me aproxime de sua virginal filha.

—Pode ser que sim e pode ser que não. Colton tem uma influência considerável e sir Benedict é um homem ambicioso.

—Dada minha reputação, não estou certo de que o bom berço sirva para alguma coisa — Robert massageou a têmpora. —Maldito seja, John, nem sequer posso culpá-lo. Se essa história que ele acredita fosse verdadeira, eu não seria digno nem de roçar a mão de Rebecca. Mesmo assim, não sei se o sou. Nunca até agora tinha calculado as consequências de ter certa má fama entre as pessoas.

—Nosso passado tem o péssimo costume de nos perseguir. Espere ter a minha idade. — John o olhou com as sobrancelhas um pouco arqueadas. —Diga-me, o que ela pensa?

—Rebecca não conhece toda a história, mas sabe que seu pai não me aprova.

—Ah, então falou com a jovem.

Um par de olhos água-marinha, cabelo sedoso como a luz da lua a meia-noite, lábios arrebatadores, suaves, tenros, e complacentes...

—Conversamos — replicou Robert, sem vontade de mencionar o beijo. — Ela afirma que a temporada passada não se casou devido... Ao absurdo amor que sente por mim.

Acabava de gaguejar. Robert Northfield não gaguejava.

—É absurdo? —John elevou uma sobrancelha espessa. —Se for mútuo, quero dizer.

Robert o olhou sombrio.

—Talvez seja apenas desejo. É muito bonita.

—Mas Robert, você sabe muito bem o que é o desejo. Se essa jovem dama o atrai tanto, talvez seja algo diferente.

—A gente não modifica toda sua vida por um talvez. —A verdade é que Robert era incapaz de continuar sentado por mais um minuto, de modo que ficou de pé. Aproximou-se do totem e observou uma de suas caras sorridentes. —E se eu não for capaz de ser fiel? Se eu lhe fizesse mal eu...

Ao vê-lo vacilar, John terminou a frase em seu lugar.

—E isso você não poderia suportar. Isso já diz muito. Ao menos seus sentimentos estão indo na direção certa. Ele suspeita do romance?

«Ele» era sir Benedict. Robert pensou no comentário de Loretta Newman e na intromissão de Damien. O olhar sombrio que havia recebido na noite que saiu com ela para o terraço também era muito claro.

—Eu diria que sim. Embora nem eu mesmo sabia se suspeitava que fosse um romance.

—Perdoe-me— disse John com seriedade, embora houvesse certa ironia em sua voz — mas acredito que sim. E eu, sem ir muito longe, tenho esperado muito tempo que chegasse este momento.

Capítulo 17

A mentira pode adotar muitas formas. Algumas vezes, ocultar a verdade é uma forma prudente de agir. Mas isso também pode significar a morte de um frágil vínculo de confiança. Se enganar seu amante, faça com cuidado.

Do capítulo intitulado: «O que ele deve saber»

Lea fez um gesto vago.

—Se precisarmos de algo mais nós a chamaremos, senhora Judson.

—Muito bem, madame. Excelência. —A anciã fez uma reverência com a cabeça e saiu da sala.

—Está acostumada a ir daqui para lá dando ordens a todo mundo, como se a senhora da casa fosse ela e não eu. Não é que seja importante, porque é muito eficiente e os meninos a adoram. Só se lembra de repente de que sou a irmã de uma duquesa quando você vem de visita — explicou sua irmã entre risadas.

Brianna conseguiu esboçar um sorriso ausente.

—Tem sorte de tê-la. Diga-me, como estão os meninos?

Essa pergunta sempre provocava uma enxurrada de descrições sobre as diversas façanhas de suas sobrinhas e seu sobrinho, mas Brianna queria muito a todos, assim o normal era que adorasse e se distraísse ao ouvir. Mas devia admitir que esta manhã em particular estivesse distraída.

—... E estava debaixo da cama, nada menos... Bri está me escutando?

—É claro — disse de forma automática. Mas ao ver o olhar de claro ceticismo de Lea, acrescentou com um suspiro: — talvez não com a atenção que devesse. Desculpe-me.

Estavam sentadas na sala de convidados da residência de sua irmã. Era um espaço acolhedor, com poltronas estofadas de cretone e almofadas bordadas, e nas paredes estavam

penduradas várias aquarelas que sua irmã tinha pintado recentemente. Lea deixou a xícara de chá a um lado.

—Há algo errado? Você disse que a reunião campestre de Rolthven foi um sucesso. E pelos comentários dos jornais parece que todo mundo acha o mesmo. Teria adorado que Henry e eu tivéssemos podido comparecer.

—Foi bem. Parece-me que os convidados gostaram muito. Inclusive Colton parecia relaxado. —Brianna contemplou a base da xícara com ar melancólico. —Ao menos essa é a impressão que tive. No entanto, estes dias tem se comportado de um modo muito diferente.

Era certo. Desde que haviam retornado estava mais absorto do que nunca. Depois do erro de ter revelado seus verdadeiros sentimentos. Nunca devia ter dito que o amava. Essas singelas palavras tinham mudado tudo, embora Brianna tivesse jurado que naquele momento Colton se emocionou. A verdade é que lhe dera um beijo prolongado e intenso, e depois fez amor de uma forma terna e ardente uma vez, mas pode ser que ela tivesse confundido o desejo físico com uma resposta emocional.

—Defina diferente. —Lea franziu o cenho, preocupada. —Vejo que isto a angustia muito.

—É difícil de descrever. Está... Distante.

—Mais do que o normal?

Brianna reagiu a isso com um sorriso irônico. Sim, Colton estava acostumado a apresentar ao mundo a imagem de um aristocrata privilegiado, nada complacente, nem afável. Embora soubesse de primeira mão que ele era bem capaz de ser ambas as coisas.

—Sim. Sem dúvida mais do que o habitual. Talvez porque o tenha obrigado a passar alguns dias no campo e agora está mais ocupado do que nunca, mas não há... — Parou, sem saber como continuar. Lágrimas imprevistas encheram os seus olhos e desviou o olhar para a janela manchada pela chuva.

—Não há...?

—Vem a minha cama — balbuciou entre soluços reprimidos.

—Entendo... —Lea parecia desconcertada — e deduzo que não está acostumado a ser assim.

—De maneira alguma. —Brianna piscou várias vezes e amaldiçoou intimamente essa reação ante uma suspeita que certamente era infundada, e recuperou a compostura. —O que você faria se Henry agisse assim?

—Eu perguntaria, é obvio. Mas o meu Henry não é Rolthven, querida. Duvido que seu duque esteja acostumado que alguém questione seus atos, nem sequer sua esposa. —Lea passou um dedo sobre o braço da poltrona com expressão pensativa. —Pode ser que isto só signifique que está muito sensível. Os homens têm seus próprios estados de ânimo e os matrimônios passam por fases, como acontece na natureza.

—Ou pode ser — disse Brianna expondo um de seus maiores medos — que tenha uma amante. Eu tenho feito todo o possível por evitar, mas...

Terminou a frase com um pequeno soluço, e Lea a olhou de frente com evidente curiosidade.

—E o que tem feito?

—Isso não importa. —Brianna se levantou e depositou a xícara de porcelana com sonora contundência. Ela nunca era assim, tão chorosa e emotiva sem razão. Teria jurado que os conselhos de lady Rothburg tinham surtido efeito. —Será melhor que termine minhas cartas.

Voltar à rotina deveria ter sido algo que lhe convinha e, entretanto, enquanto a carruagem subia estralando pela rua molhada, Colton percebeu que tinha perdido o controle. De repente sua vida já não era ordenada.

Fazia uma semana que Brianna e ele haviam retornado do campo, e embora todos, inclusive ele, dissessem que a festa de seu aniversário tinha sido um sucesso extraordinário, da erótica noite de seu aniversário, as coisas em seu matrimônio tinham empreendido uma clara espiral descendente.

Sua bela esposa escondia algo, e quando pensava nisso tinha a sensação de que fazia algum tempo.

Ela não o faria, disse a si mesmo com firmeza, enquanto se recostava com desânimo no assento do veículo em marcha. Brianna não era mentirosa, ou pelo menos pensava assim. Pelo contrário, era carinhosa, inteligente, agradável e muito, muito bonita.

Esse último detalhe lhe causou certa preocupação.

Isso era evidente para outros homens também. Ela chamava a atenção onde passava, e apesar de sua presença, jamais flertou com alguém, sua jovem esposa possuía certa sensualidade inerente que era difícil ignorar.

Era detestável saber que quando um homem se casava com uma mulher tão atraente como Brianna, podia estar condenado a suportar uma repugnante e intensa sensação de ciúmes. Colton não tinha considerado essa perspectiva até agora, pela singela razão de que nunca lhe ocorrera que pudesse ter motivos para se preocupar.

A carruagem parou abruptamente. Ele desceu e notou que o bairro não era sofisticado, nem estava em ruínas, mas estava repleto de negócios e moradias respeitáveis. O estabelecimento que procurava tinha um pôster recém-pintado e também discreto. Não oferecia nenhuma pista da natureza do serviço que proporcionava, e isso era exatamente o que queria.

Entrou no Hudson e filhos e o jovem que estava atrás do mostrador ficou de pé imediatamente e lhe fez uma reverência.

—Excelência. Meu pai o está esperando. Por aqui.

—Obrigado — ele disse sem sorrir.

No final de alguns minutos estava sentado em um escritório abarrotado, na frente de um homem de cabelo escuro, olhar implacável e cavanhaque. Colton pigarreou, se perguntando se haveria algum ser humano mais desgraçado que ele nesse momento. Mas o senhor Hudson se adiantou e disse com uma empatia surpreendente:

—Sua nota era muito clara, excelência. Não é necessário que volte a explicar tudo. Você deseja nos contratar para que sigamos sua esposa, é correto?

—Eu não desejo contratá-los de modo algum, mas sim, em essência está correto.

—Pode estar certo de nossa competência em assuntos desta índole, e a confidencialidade está garantida.

—Melhor assim. —Colton não estava acostumado a utilizar sua posição para intimidar, mas isto era importante para ele. — A duquesa não deve saber nunca. Se surgir algo, eu resolverei em particular.

—Compreendo. —Hudson inclinou a cabeça. —Por favor, saiba que nós temos experiência neste tipo de coisa.

—Eu não tenho a menor experiência — disse Colton, enquanto olhava distraído o detalhado mapa de Londres que havia na parede — e para ser sincero, detesto contratá-los.

—Muito poucas pessoas desejam cruzar a soleira de nosso escritório, excelência.

—Imagino que isso é verdade. Com que frequência eu receberei seus relatórios?

—Todas as vezes que desejar. Eu sugiro uma vez por semana, a menos que detectemos algo fora do comum. Frequentemente, se existir uma aventura, descobrimos imediatamente.

—De fato, eu não pensei nem por um segundo que minha esposa esteja tendo uma aventura.

Hudson levantou as sobrancelhas como dizendo: então por que você está aqui?

Ao inferno com a dignidade.

—Peço a Deus que não tenha. Meu secretário enviará um cheque com seus honorários — murmurou Colton.

—Necessito de uma descrição física e alguns detalhes sobre sua rotina diária. Como passa o tempo?

—Não sei com certeza quais são as ocupações cotidianas da duquesa. O tipo de coisas que está acostumada a fazer uma dama, eu imagino.

Era verdade. Já que o sustento, não só de sua família, mas também de muitas outras pessoas dependia de sua prosperidade, Colton se dedicava sobre tudo ao seu trabalho. Brianna ia frequentemente às compras e visitava suas amigas, e também fazia obras de caridade em diversos orfanatos, para as quais lhe entregava dinheiro extra. Durante o dia cada um cuidava de sua vida. Só ficavam alguns momentos juntos as tardes, e havia muitas

noites que ele ia ao clube. Era uma situação muito comum entre os casais de sua posição social.

Não era de se admirar que tantos homens e mulheres tivessem a oportunidade de ter aventuras passageiras.

—Entendo. Isso nos ajudaria, mas não é imprescindível. Meu empregado descobrirá rapidamente os hábitos de sua excelência. —Hudson fez um rabisco em um pedaço de papel com expressão profissional, inescrutável.

—Nem sequer sei se tem hábitos. —Colton defendeu sua mulher embora, tecnicamente falando, era ele quem a acusava. —Não do tipo ao que você se refere. O que aconteceu é que alguns de seus atos me surpreenderam, e isso é tudo.

—Surpreendido? Em que sentido?

Sim, surpreendido. Tinha que encarar os fatos irrefutáveis. Metódico por natureza, Colton inclusive se sentou para anotar a lista de razões pelas quais havia começado a se preocupar.

Tudo tinha começado com aquele diabólico vestido provocante que Brianna usou na ópera. Isso, Colton constatou, marcou o princípio da mudança em seu comportamento. Tinha adquirido maior segurança a uma velocidade extraordinária, e no quarto fazia coisas que ele nunca teria imaginado que passasse pela cabeça de uma jovem dama. Diabos, ela o amarrara na cama e lhe dera prazer com a mão, e logo ficou escarranchada sobre ele e o cavalgou sobre seus quadris como se soubesse exatamente o que devia fazer.

Ele, é claro, antes nunca tinha feito amor nessa posição. Nem lhe sugeriu que colocasse o membro na boca. Tampouco essa ousada roupa íntima parecia apropriada a uma jovem ingênua até esse momento e com uma educação tão rigorosa. Só o diabo sabia a tortura que era para Colton estar com ela em público, sabendo que debaixo do vestido usava esses pequenos pedaços de roupa, tão transparentes e convidativos.

Nos primeiros meses de matrimônio ela se comportou segundo o previsto. Ela era tímida e insegura na cama, e no dia seguinte mostrava-se um tanto envergonhada.

Colton tinha que enfrentar que algo tinha mudado. Agora sua esposa fazia amor como uma cortesã, e estava claro que ele não tinha ensinado.

Os homens reparavam nela, desejavam-na. Era bonita e possuía certa vitalidade que não passava despercebida.

Era essa a razão pela qual se negava a dizer que estava grávida? Ainda não tinha sequer mencionado a possibilidade.

Talvez o filho não fosse dele.

Deus do céu, como o destroçava pensar isso. Não tinha nada a ver nem com sua linhagem familiar, nem com seu maldito dinheiro, nem com o endiabrado título. Imaginá-la nos braços de outro homem... Não podia suportar. Acaso Brianna era capaz de declarar com tanta doçura que o amava e ao mesmo tempo traí-lo?

Não, não pensava realmente isso, mas ao mesmo tempo precisava saber.

Mas não tinha a menor intenção de contar tudo isso ao senhor Hudson, Investigações Hudson e filhos. Não só por causa de seu orgulho, mas porque ele jamais envergonharia Brianna intencionalmente.

—Isso é particular — limitou-se a dizer, com o olhar firme.

Se o senhor Hudson tinha a sensação de que Colton dificultava sua própria causa, era muito diplomático para dizê-lo.

—Claro. Embora uma descrição nos seja útil, já que sem dúvida vocês vivem em uma residência muito grande, e sempre haverá gente entrando e saindo a toda hora.

Descrevê-la era fácil, pois conhecia seu corpo milimetricamente, da ponta de sua cintilante cabeleira até os pés.

—Serve isto? —Colton entregou um retrato em miniatura, pintado recentemente. Só pelo fato de desprendê-lo do medalhão já tinha a sensação de perder algo.

Hudson agarrou o retrato de Brianna e o observou com atenção.

—Muito. Quero parabenizá-lo. A duquesa é encantadora. Diga-me, excelência, você suspeita de alguém em particular? Um amigo, um colega, um parente? É muito incomum que o culpado seja um desconhecido.

Por um momento, Colton se sentiu tão abatido que considerou a ideia de se levantar e abandonar a investigação. Logo a descartou. Se sua esposa era inocente, tudo ficaria bem. Se

não... Bem, nesse caso não estava certo do que faria exceto que ficaria destruído. Em mil pedaços.

—Não. — Ele se levantou, pôs ponto final a aquela dolorosa conversa e agradeceu como nunca em sua vida por terminar uma entrevista.

Logo saberia, pensou taciturno enquanto voltava a subir na carruagem.

Só esperava que saber a verdade não o mandasse direto ao inferno.

—Você se recusa me dizer? — Brianna olhou seu cunhado com evidente recriminação.

Por fim o tinha encurralado no corredor que unia os aposentos da família na enorme mansão de Mayfair, o que lhe custou muito. Agora sabia por que lorde Wellington tinha por ele alta consideração. Damien era ardiloso. Era como se tivesse intuído que desejava lhe falar, e a evitava com muita habilidade.

—Minha querida Brianna, eu jamais negaria alguma coisa para você.

Damien sorria com aquele ar enigmático tão dele, e ela teve a sensação de que se não fosse literalmente pego e incapaz de sair dos aposentos sem afastá-la com um empurrão, teria se afastado sem mais nem menos, depois desse comentário tão ambíguo.

—Damien — disse com uma entonação muito eloquente — eu o aprecio muito, mas se não me disser o que está acontecendo nesta casa sou capaz de recorrer à violência. A outra noite no jantar, Robert estava tão sóbrio e tão distraído que acreditei que se engasgaria com a comida se insistissem em continuar uma conversa civilizada. Colton também age de um modo estranho. Aqui eu sou a única mulher da família, e tenho a estranha sensação de que algo está acontecendo e todos vocês se mantêm afastados de mim.

Então aconteceu novamente. Sem prévio aviso, salvo um espasmo no estômago, Brianna teve uma ânsia tão forte que gemeu e tampou a boca com a mão, por medo de vomitar sobre as botas de seu cunhado e manchar-se também. Mas comprovou com certo desgosto que ele tirava imediatamente um lenço e o oferecia.

—Tome, use isto e deixe que vá procurar uma bacia — disse.

Após alguns minutos Brianna estava meio deitada no sofá da sala e Damien lhe dava um pano molhado em água fria para a testa. O único aspecto positivo de todo esse embaraçoso incidente era que, de fato, tinha digerido o café da manhã. Quando recuperou a fala, disse em um sussurro:

—Desculpe. Foi muito repentino.

Damien, que estava agachado ao seu lado, sorriu.

—Pelo que entendi, não é nada fora do comum. Não sou médico, mas quando a gente está no exército adquire certa experiência nestes assuntos. Sempre há mulheres perto de onde os soldados acampam, e as consequências são inevitáveis. Felicidades.

Ela olhou para ele muito confusa.

—De que diabo está falando?

Ele franziu o cenho. Ficou calado por um momento, e logo disse com amabilidade:

—Isso acontece frequentemente?

Muitas vezes ultimamente, infelizmente, embora a verdade fosse que não estava acostumada a vomitar. Só enjoava de vez em quando, e nas últimas semanas tinha abandonado os molhos fortes e as sobremesas pesadas até que passasse o desconforto.

—Às vezes — respondeu; levantou e engoliu em seco — e logo passa. Por favor, não conte ao Colton. Ele ficaria preocupado, e eu tenho certeza que estou bem.

—Eu acredito que está perfeitamente bem — corroborou Damien com um sorriso. —Mas talvez deva refletir sobre certas coisas. Pode ser que Colton aja de forma estranha porque já tenha percebido a causa de seu mal-estar.

—A causa? —Ela tentava eliminar a sensação de secura que tinha na boca, desejando usufruir de uma xícara de chá leve, que sempre lhe fazia tão bem.

—Bom, é uma mulher casada.

Brianna piscou, sem saber como responder. Claro que estava casada.

Damien amaldiçoou em voz baixa.

—Sempre me surpreende essa tendência da aristocracia inglesa de não informar a nossas mulheres jovens sobre questões práticas. Passo muito tempo vivendo em um lugar onde a

morte é muito mais comum que o milagre da vida, assim eu serei franco. Brianna, você pode estar grávida?

Se ela estava o que?

Ela soltou um leve suspiro. Damien queria dizer que... Seu cunhado se apoiou nos calcanhares, com ar irônico.

—Não passou por sua cabeça?

Ela demorou um momento, mas logo meneou a cabeça e lambeu os lábios ressecados.

—Até agora, não — confessou. —Isso provoca náuseas?

—Em algumas mulheres sim, a princípio. Também dormem mais, acredito, porque gerar outro ser humano requer certa energia, claro que o sintoma definitivo é que não tenha o período.

Ele o disse com toda naturalidade, mas mesmo assim ela se ruborizou. Foi um rubor muito evidente a julgar pela reação de Damien. O rosto estava queimando.

Sentiu-se como uma tola. Isso foi pior que quando sua mãe lhe disse que suportasse a noite de bodas sem se queixar. Mortificava-lhe que um jovem solteiro como Damien soubesse mais que ela sobre esse assunto, e mais grave ainda era pensar que Colton também podia tê-lo deduzido.

Por que seu marido não lhe havia dito nada?

—Suponho que é possível — assentiu atordoada.

—Eu apostaria que se trata disso — disse Damien com uma careta. —Meu irmão mais velho é um tanto reservado, mas continua sendo um homem. Posso implorar que tenha um varão e me libere da abominável carga de ser o herdeiro do ducado? Na Espanha tenho muitos problemas, mas esta guerra não durará para sempre. Detesto pensar que teria que adiar minha volta para a Inglaterra para evitar a insistente perseguição de algumas jovens ambiciosas.

—Você nunca faltaria com seu dever com a Coroa. —Brianna se levantou, aliviada ao sentir que a náusea diminuía. —Quanto ao do herdeiro, farei tudo o que puder.

Damien ficou de pé.

—Colton ficará encantado.

—Como a maioria dos homens suponho. —Brianna continuava chateada. Se seu marido pensava que podia estar grávida, deveria ter mencionado. Ao pensar nisso, percebeu que tinha um atraso de várias semanas. Então recordou que passou mal quando estiveram em Rolthven, e os cuidados de seu marido adquiriram um novo significado.

Era como se a estivesse espiando.

Seu cunhado insistiu em acompanhá-la aos aposentos ducais, e quando Damien se foi Brianna chamou a sua empregada. Assim que Molly veio, perguntou casualmente:

—O duque perguntou por mim ultimamente?

A moça, que de repente parecia desconfortável, respondeu com suavidade e deferência:

—A que se refere excelência?

—É somente por curiosidade, não estou chateada, não se preocupe. Ele fez alguma pergunta sobre minha saúde? —Brianna se sentou na beira da cama, tentando não entrelaçar as mãos com muita energia.

Molly franziu a testa e balançou a cabeça, hesitante.

—Quando estávamos em Essex e um dia que despertou mais tarde, perguntou-me se parecia mais cansada que o habitual, excelência. Em seu estado é muito natural. Todos nos sentimos muito felizes pelos dois. É uma bênção.

Nós? Que maravilha. Todos os moradores da casa estavam a par de sua gravidez, menos ela. Brianna ficou aflita, sem palavras, até que conseguiu dizer:

—Obrigado.

—Deseja um chá leve? Faz bem.

Brianna conseguiu assentir.

Quando Molly partiu, ela continuou sentada com as mãos juntas no colo e o cérebro dando voltas ao ritmo dos espasmos arbitrários do estômago.

Ela realmente ia ter um filho de Colton? Sentiu um nó na garganta. Estava feliz. Por que ia chorar?

Ele não tinha ido até ela desde que voltaram de Rolthven. Era esta a razão? Nos últimos dias havia se sentido muito só e confusa por causa desse comportamento, e em parte tinha tentado falar com Damien por esse motivo.

Isso tampouco tinha sido um sucesso. O irmão caçula de Colton tinha se esquivado com habilidade de todas suas perguntas, com uma naturalidade e uma sutileza das que somente ele era capaz. No final das contas, foi ela quem acabou respondendo a perguntas pessoais.

Brianna, sentada na beira daquela cama enorme, sentiu-se triste e desamparada. Continuava sem saber o que acontecia com Robert, e embora a abstração de Colton se devesse a suposição de que ela ia dar a luz ao seu filho, tinha a sensação de que essa não era desculpa suficiente para sua recente atitude distante.

Era dilacerante admitir que não tinha a menor ideia de como lidar com este fato.

Ergueu as costas, desprezou a melancolia com decisão, se perguntou o que faria lady Rothburg e tentou se lembrar do texto do livro.

Por mais irritante que seja o homem comum, suas ações sempre tem uma boa razão. Algo que nós nem sempre estaremos de acordo, mas que para ele é válido e justifica seu comportamento. É necessário comportar-se com discrição, pois nenhum homem gosta que uma mulher se intrometa em sua vida, mas saber o que o impulsiona a agir de uma determinada maneira só trará vantagens.

Dizer que a informação é poder não é um clichê, é a pura verdade.

Tinha lógica. Primeiro o primeiro: Brianna precisava saber se estava grávida de verdade antes de enfrentar Colton por esse distanciamento repentino.

Capítulo 18

Quando as coisas vão mal em assuntos de amor, tal como acontece com muita frequência, limite-se a confiar em seus instintos. Saberão o que fazer.

Do capítulo intitulado: “O sol não brilha sempre”

—Você se importaria de me dizer o que está fazendo aqui? —Ao reconhecer a rua através das janelas da carruagem, e a elegante mansão a poucos quarteirões da residência de sua família, Robert se virou para o seu irmão com expressão firme.

—Disse a lady Marston que esta tarde viria para uma visita — disse Damien, empenhado em seguir com aquela manobra evidente. —Além disso, devo falar com sir Benedict. Recebi ordens novas. Entraremos somente por um momento, assim não faça essa cara de susto.

—Esta tática é muito pouco original — disse Robert com ironia. —Deveria ter previsto quando me perguntou se queria acompanhá-lo ao Tattersall’S. Às vezes esqueço que você nunca faz nada às claras. Eu esperarei aqui junto à carruagem.

—Com este tempo? —Damien olhou pela janela. — Você ficará muito desconfortável, em minha opinião.

Fazia frio, estava úmido, era tão agradável como um calabouço antigo, e caía uma cortina de chuva persistente. Robert cruzou os braços, irritado e olhou Damien.

—Sobreviverei. Não demore, ou direi ao chofer que partimos sem você.

—Como você acha que Rebecca sentirá, se souber que prefere tiritar na umidade a vê-la?

—A última coisa que quero fazer é animá-la. Esqueça.

Seu irmão deu-lhe um de seus famosos olhares assassinos.

—Percebe que suas emoções também devem ser levadas em consideração, e não somente a sua necessidade egoísta de ser indulgente consigo mesmo e de perseguir seus interesses hedonistas sem censura? Uma jovem bela e inteligente de uma boa família sente uma

inclinação romântica por você. Se deixar passar esta oportunidade, vou ter que deixar de pensar que é inteligente.

A afirmação continha tantas ofensas que Robert não sabia qual de seus cáusticos comentários rebater primeiro. Abriu a boca para se defender e logo a fechou de repente.

—Eu enviei algumas flores antes. Assinei o cartão só com o sobrenome Northfield. Sua mãe pensará que vêm de minha parte. Rebecca saberá que vêm da sua.

— Você está louco? —Perguntou Robert com veemência. —Não se meta nisto.

—Robert, desde que voltamos de Rolthven ficou tão triste que mal o conheço. Tem um humor de cão. —Damien apoiou as costas com expressão hermética. —Não o negue. Todo mundo percebeu. Brianna me perseguiu outro dia para me perguntar isso. Olhe irmão, você não deseja uma mudança assim em sua vida, bem, mas me parece que sua vida já mudou. Onde está o encantado e mulherengo Robert Northfield que passa a vida flertando, com total indiferença, e se deita com uma mulher diferente a cada noite?

—Eu. Não. Flerto. —Robert alfinetou todas essas palavras com uma ênfase singular.

— Agora não, é verdade. É obvio que ultimamente não se dedicou a nenhuma dessas beldades tão complacentes que estava acostumado a perseguir.

—Se me deito com alguém ou não, não é assunto seu — replicou Robert.

O problema era que Damien, maldito seja, fazia uma dedução inteligente. Não tinha procurado contato algum com nenhuma mulher desde essa endemoninhada celebração campestre.

Não tinha desejado, e isso era uma anomalia em sua vida licenciosa.

—É meu irmão e sua felicidade me importa, dê permissão ou não. —Damien ajustou uma luva e voltou o olhar para a casa. —Pense deste modo: nós nos apresentamos juntos de visita no meio da tarde. A mãe de Rebecca me considera um pretendente apropriado, de modo que nossa visita é bem-vinda. Isso permite que tanto ela como sir Benedict aceitem sua presença em seu salão. Considere-o um primeiro passo inteligente, se quiser.

—Você já conhece a história — respondeu Robert entre dentes. —Por Deus, homem, se entrar por essa porta, é provável que me chute para fora, e não quero me expor a uma cena desse tipo, e muito menos a Rebecca.

—Duvido que aconteça algo parecido — prosseguiu Damien com a mesma parcimônia. — Também sugiro que dance ao menos uma valsa com a senhorita Marston, amanhã de noite na festa dos Phillip. Limite-se a segurá-la com calma e não permita a menor fofoca. Parece-me que os Marston serão mais complacentes do que pensa, se pensarem que suas intenções são honrosas. Afinal de contas, podiam tê-la obrigado a se casar antes e não o fizeram. Em minha opinião isso significa que tem em conta sua opinião neste assunto.

Robert continuava considerando a afirmação inicial de Damien.

—O que o faz pensar que sir Benedict não me jogará à rua, escandalizado? —Olhou com desconfiança seu irmão, perguntando-se que demônio devia ter tramado na semana anterior.

—Confie em mim.

—Não é que eu não confie...

—Robbie, o duque de Wellington confia em minha palavra quando estão em jogo as vidas de milhares de soldados. Não pensa que mereço certa confiança de meu próprio irmão?

Pelo visto não havia outra resposta possível a essa pergunta, salvo um ligeiro assentimento, de modo que Robert se limitou a ficar sentado e apenas inclinou a cabeça.

—Se —Damien levantou um dedo —você demonstrar ser um modelo de conduta decorosa na hora de cortejar sua filha, e ela o aceitar, acredito que suas objeções desaparecerão.

—Um modelo de conduta decorosa — repetiu Robert, entre a ironia e a indignação. Tinha vontade de rir ou bater em alguma coisa. —Ah, isso soa fascinante. Além de que eu não sei muito bem como, tampouco estou certo de querer sequer tentar.

—Mas tampouco está certo de não querer, o que já é muito. —Damien adotou um ar de certa petulância e apontou a porta. —Vamos?

Robert soltou um impropério, saiu da carruagem e ao final de alguns minutos estava sentado na sala de visitas dos Marston, escutando pela metade o bate-papo da anfitriã. Tentava dar as respostas apropriadas, mas somente estava ciente da presença de Rebecca.

Ele, que era capaz de esquecer alegremente de qualquer mulher, nem sequer podia afastar o olhar. Que diabo estava acontecendo?

Rebecca estava encantadora com o vestido de seda rosa pálida que realçava sua cabeleira escura e brilhante e seus cativantes olhos cobalto. Estava sentada com o aspecto gentil, mas obviamente tímido, na beira da poltrona e quando, depois de uma breve conversa, Damien se desculpou para ir falar com seu pai, arregalou os olhos com discrição.

Robert constatou com sarcasmo que embora tivesse fama de ser um libertino, capaz de arrastar uma mulher para uma situação comprometedora, manter uma conversa educada com uma matrona respeitável e sua inocente filha estava além de sua capacidade. O único aspecto positivo era que elas pareciam tão desconfortáveis como ele.

Conseguiu responder a algumas quantas questões com algumas banalidades, antes de fazer uma. Dirigiu-se a Rebecca.

—Tinha intenção de perguntar onde aprendeu as peças que interpretou tão bem quando estávamos em Rolthven. Algumas reconheci, é obvio, mas não todas, e acredito que minhas favoritas eram as que nunca tinha ouvido.

Qualquer que fosse a razão, Rebecca corou. Confusa. E assim, ele pensou que finalmente tinha introduzido um assunto que o interessava.

—Diga-me, lorde Robert — perguntou lady Marston em tom gélido, antes que sua filha pudesse responder — falando dessa noite, onde aprendeu a tocar violoncelo de forma tão divina? Não tinha ideia que você tivesse tanto talento.

As palavras eram corteses. O desdém manifesto, não.

—Tanto meus irmãos como eu tivemos professores de música — disse com deliberada imprecisão e sem afastar os olhos daquela jovem tão nervosa sentada no outro extremo da sala.

—O violoncelo é um de meus instrumentos preferidos. —Rebecca alisou a saia com meticulosidade.

—E o meu. Também toco um pouco o violino e a flauta, mas o violoncelo continua sendo meu favorito — murmurou ele com indiferença.

—Sua cunhada, a duquesa, é uma jovem encantadora, não é? Passamos dias deliciosos.

Outra mudança de assunto evidente. Muito bem.

—Não há dúvida de que Brianna é tão gentil como bela. Meu irmão é um homem afortunado — sorriu para Rebecca. — Eu entendi que vocês são amigas desde meninas.

—Quando pequenas eram inseparáveis — informou lady Marston, interferindo na resposta de sua filha. —Eram muito travessas as duas, mas tudo isso passou. Como a maioria das jovens bem educadas, deixaram para trás toda a tendência ao erro. Olhe como Brianna se casou bem. Seu irmão é a personificação do decoro. Um autêntico cavalheiro, não só de nome, mas de fato. Lorde Damien também tem uma reputação impecável.

Em outras circunstâncias teria sido divertido ficar à margem de forma tão óbvia da lista de varões respeitáveis de sua família. Mas não se divertia nem um pouco.

A implicação era muito clara. Qualquer relação com ele era inapropriada para uma jovem de boa família. Isso era verdade, mas não melhorava as coisas. Robert não tinha a menor ideia de como se defender, e o pior de tudo era que lady Marston parecia saber.

Então deixou correr.

—Meus irmãos são boas pessoas, embora não seja esse o objetivo — esperava parecer inocente.

—Eles também têm muito boa opinião de você — comentou Rebecca depois de silenciar sua mãe com o olhar.

—Assim eu espero. —Robert agradeceu com um sorriso que interviesse em sua defesa.

—Sim, bem, os membros de uma família muitas vezes não veem as falhas de seus parentes, não é verdade? —Lady Marston o olhou mordaz, e aquele comentário tão direto provocou em Rebecca um ruído, como uma espécie de leve gemido de consternação.

Não que Robert tivesse muitas ilusões a respeito daquela visita, mas não esperava tanta brutalidade.

—Sim, mas também é verdade que muitas vezes se conhecem melhor do que ninguém. Frequentemente a opinião que as pessoas têm sobre o caráter de alguém e a realidade são coisas bem distintas — disse Robert com tranquilidade.

—Isso é certo — corroborou Rebecca imediatamente. Talvez muito.

—Talvez em alguns casos. —Lady Marston não parecia muito afetada pelo comentário de Robert. —Mas os rumores sempre têm algo de verdade.

Robert dominou o impulso de olhar para a porta. Onde diabo estava Damien?

Rebecca estava tão perto que só podia pensar na suave curvatura de sua boca e no que havia sentido quando a teve junto aos lábios; em suas mãos o segurando com delicadeza, na fragrância de seu cabelo, e maldita seja, o olhava de uma forma que indicava que também se lembrava.

E isso era muito claro, e a sua mãe, não tinha passado despercebida.

A falta de experiência de Rebecca era desconcertante e atraente ao mesmo tempo. Algumas das damas com as quais ele estava acostumado a relacionar-se continuavam flertando diante dos narizes de seus maridos. Demônios, ele mesmo tinha flertado com elas diante dos narizes desses maridos. Outras eram viúvas experientes ou mantidas, como a notória lady Rothburg, que tinha escrito um manual de instruções sobre ardis para recuperar o marido ou alguma tolice similar. Robert não frequentava bordéis, nem mantinha uma amante fixa, mas nunca lhe faltava companhia feminina quando a desejava.

A sedução era uma arte. Ele tinha estudado, aperfeiçoado a técnica, e tudo isso não o favorecia de maneira alguma quando estava sentado ali, na atmosfera rígida do salão de uma dama jovem e ingênua, que merecia todas as cortesias, todas as palavras floridas e os gestos românticos de um namoro formal.

Damien tinha razão, o mais provável era que ele fosse capaz de seduzir Rebecca. Lembrou-se de sua oferta de um encontro clandestino em Rolthven, mas tinha deixado passar essa oportunidade e, certamente, nunca voltaria a vê-la a sós. Além de ser contra a ideia. Entrar e visitá-la na sala de seus pais era uma coisa, mas comprometer à filha de sir Benedict Marston significava um passeio até a catedral, todos esses adornos e... Não sabia por que demônios estas coisas passavam pela cabeça.

Viu com grande alívio que seu irmão retornava finalmente. Ambos se desculparam e se foram, e assim que estiveram outra vez instalados na carruagem, disse com secura:

—Odeio criticar sua destreza legendaria, mas foi um completo desastre.

—Mas como? —Damien, esparramado no assento de frente, não pareceu se impressionar com tal afirmação. —Está perdendo a classe? Já não está interessado na bela Rebecca? Teria jurado que depois daquele beijo tão tenro...

—Esteve nos observando? —interrompeu Robert sem saber por que se irritava tanto.

—A propósito não, tolo antipático. Eu estava fora, na escuridão, e você em uma sala iluminada. Mesmo através das cortinas era óbvio o que estava acontecendo. Para não falar do rosto de Rebecca quando se reuniu comigo depois, e a acompanhei a casa. Aquele brilho sonhador é inconfundível.

—Está fazendo o possível para que me sinta culpado por isso. —Robert mudou de posição, mostrando seu desconforto. —Não conseguirá.

—Já consegui. Por Deus, Robert, por que é tão obtuso? Todas as demais se limitam a cair em seus braços só movendo o mindinho, mas desta vez tem que se esforçar para conseguir o que quer. Não vejo por que é tão terrível. A bela jovem já está rendida. A única coisa que tem que fazer é convencer seus pais de que suas intenções são honradas.

—Ah, só isso? —Perguntou Robert com ironia. —Os sutis e velados comentários de lady Marston sobre minha falta de caráter constituem certo problema. Deixou tão claro como se houvesse dito em voz alta que me considera um descarado, indigno de cortejar sua filha.

—E? Custará certo esforço. Acaso a doce Rebecca não vale a pena?

—Para você é muito fácil dar conselhos porque não está em meu lugar. —Robert vacilou dividido entre o ressentimento e algo diferente. Algo que na verdade não queria analisar a fundo. Finalmente disse: — Olhe Damien, o que ela acredita desejar e o que eu sou pode não ser o mesmo. Tem certa razão. As mulheres gostam do crápula Robert Northfield. Mas meu verdadeiro eu não as interessa. Eu amo a música. Gosto das noites tranquilas em casa. Adoro minha avó, e visito os amigos de meu pai pela simples razão de que os aprecio. É bem possível que Rebecca veja somente a face que apresento em sociedade. Não sei se me orgulho desse Robert Northfield, mas às mulheres gostam.

—Assim você se preocupa que ela esteja apaixonada pelo libertino e não pelo homem autêntico?

Não estava certo de seus sentimentos ante tal circunstância. Nunca antes tinha tido que analisar suas emoções, nem analisar a possibilidade de um compromisso.

—Não sei.

—Oh, por favor, confie nela. É capaz de distinguir o homem que toca o violoncelo como um poeta que recria seus versos, do libertino que só de vez em quando mostra uma faísca de sensibilidade.

Essa afirmação fazia que tudo parecesse muito simples, quando não o era de maneira alguma. Robert arqueou uma sobrancelha com ar cínico.

—Uma faísca?

—Disse que de vez em quando «mostra uma faísca» — assinalou Damien, imune ante essa reação tão brusca. —A verdade é que de nós três você é o mais sensível. Colton acha consolo em seu trabalho, eu o obtenho na guerra e as intrigas, e você o buscava nos braços de belas mulheres. Não pretendo ser um filósofo, mas você, ao menos, fomentava o prazer e o contato humano. Venha irmão, por favor, me explique por que é impossível que caia rendido de amor por uma jovem com a mesma sensibilidade que a sua, e desfrute somente em seus braços. É óbvio que não o satisfaz ir de cama em cama.

—O que o faz pensar que não estou satisfeito? —Robert percebeu que tinha levantado a voz, e retificou: — Não tenho interesse em mudar de vida.

—E o que dizer dos filhos? Eu sempre pensei que seria um pai magnífico. Tem esse tipo de personalidade que os meninos adoram. Também gosta de exercício físico, o que é necessário para pular com seus filhos sobre a relva ou dar voltas com sua filhinha nas costas. Com sua natureza sentimental...

—Por Deus santo, Damien, quer se calar? —balbuciou Robert, imaginando de repente uma garotinha risonha de cachos negros e olhos da cor de um mar tropical, nos braços.

Nunca tinha passado por sua cabeça nada parecido e, ao pensar nisso, teve um ataque de pânico e emoção que o deixou paralisado.

—Eu me calarei se me responder com sinceridade uma pergunta.

Faria tudo para que se calasse de uma vez. Qualquer coisa. Robert assentiu rapidamente e com relutância.

Damien se apoiou na banquetta, com o olhar firme.

—Seria capaz de lhe causar mal? Porque, me acredite, se depois desse beijo desaparecer, você o causará.

Robert sentiu o peso da frustração no peito e alfinetou:

—Eu não tenho intenção de fazer mal a ninguém.

—Pois então, não o faça — replicou seu irmão em voz baixa.

O silêncio era impressionante. Rebecca examinou uma caixa grega da mesinha que tinha a sua frente com decidida concentração, enquanto notava como as palmas das mãos estavam úmidas. O olhar de sua mãe só podia qualificar-se de feroz e cheio de suspeitas.

Finalmente lady Marston rompeu o silêncio tenso e disse secamente:

—Posso perguntar o que significou tudo isto?

Rebecca olhou para o rosto severo de sua mãe.

—A que se refere?

—Eu mesma mal posso acreditar, mas parece que Robert Northfield acaba de vir para visitá-la. Por isso enviou tulipas maravilhosas, que devem ter custado uma fortuna, onde diabo se encontram tulipas nesta época do ano?

De fato, Rebecca suspeitava que na verdade fosse Damien quem tinha feito que lhe enviassem as flores. Esse era exatamente o tipo de gesto que imaginava ser característico do enigmático irmão Northfield. Sua dedução não estava apoiada nas preciosas flores em si, a não ser no enigmático cartão assinado com o sobrenome familiar. Parecia o tipo de coisa que Damien faria. Robert teria posto seu nome.

—Duvido muito — conseguiu dizer, com sinceridade.

—Veio para vê-la.

—Veio com lorde Damien. Passaram a caminho de outro lugar, lembra-se?

—Rebecca, eu sou sua mãe.

Um fato que ela não precisava que alguém a lembrasse.

—Não acredito que isso possa ser colocado em dúvida — respondeu sem pensar, já que recorrer ao sarcasmo não seria uma boa ideia.

Ereta e com as mãos juntas no colo, sua mãe olhou para o outro extremo da sala.

—Eu estava aqui sentada e vi como ele a olhava. E mais, vi como você olhava para ele.

Bem, talvez fosse melhor dizer a verdade, enfim, era melhor.

—Há algum tempo eu o tenho olhado desse modo — murmurou.

Sua mãe não estava acostumada a ficar sem palavras com muita frequência.

Rebecca prosseguiu com franqueza:

—Não deve se preocupar, ele não olhou para mim até recentemente. Era como se eu fosse invisível, é verdade. Por mais comentários que tenha ouvido sobre Robert, certamente concordará comigo que sempre evita as jovens como eu, que levam o temível rótulo de casadouras. O compromisso não o interessa.

Mas sua aparição essa tarde talvez significasse que estava reconsiderando. Rebecca tinha as mãos úmidas e sem dúvida tinha se ruborizado. Robert Northfield tinha ido, sentara-se em sua sala e tinha sido incapaz de comportar-se com sua desenvoltura e naturalidade habituais. Isso seria um progresso?

—Quando tiveram ocasião de ter uma conversa tão pessoal? — Sua mãe colocou as mãos no pescoço com um gesto teatral. — Sabia que nunca deveria ter permitido que saísse para dar um passeio com ele, por mais breve que fosse.

Rebecca não pensava em explicar.

—Diga-me — perguntou — por que Damien é perfeitamente aceitável como marido e Robert não? Ambos são irmãos caçulas de um duque, ambos dispõem de consideráveis heranças, ambos são bonitos e bem educados, ambos...

—Não são canalhas mulherengos — interrompeu sua mãe com a voz embargada. — Não está falando sério que deseja que nós permitamos que Robert Northfield te faça a corte?

—Não é preciso dizer o seu nome como se fosse uma espécie de maldição — Rebecca murmurou, reprimindo o impulso histérico de começar a rir ante a expressão de incredulidade de sua mãe. —Já que perguntou e embora duvide que aconteça, eu gostaria não só que permitisse, mas também incentive.

—Incentivar? Ele é...

Rebecca arqueou as sobrancelhas e esperou com educação que sua mãe usasse as palavras adequadas.

—É... Bem... Promíscuo é a única forma de descrevê-lo.

—Foi, ou dizem isso — admitiu Rebecca com uma pontada de ciúmes. —Mas também é verdade que muitos dos supostos cavalheiros da alta sociedade o são. Mãe, eu não sou tão ingênua. Casando-me com qualquer cavalheiro de minha classe social assumo o risco de que tenha uma amante ou uma aventura — lembrou a determinação de Brianna neste assunto, e no livro de lady Rohtburg. —Eu acho que toda mulher vive com essa preocupação quando escolhe um marido, por mais respeitável que pareça. Mas por alguma razão, acredito que quando Robert se comprometer com uma mulher e decidir se casar fará justamente o contrário. Algo nele que me diz que será fiel.

—Não o conhece o suficiente para julgá-lo. —Havia certo tremor na voz de sua mãe.

—Não? Estou há um ano apaixonada por ele. Caso você pense que não o observei, embora fosse de longe, que não extraí os mínimos detalhes de Brianna, que não tenho lido as colunas de fofocas, e em geral não escuto toda conversa onde seu nome é mencionado, equivoca-se, mãe.

—Rebecca!

—É a verdade — e não disse mais nada.

Foi um alívio imenso dizer tudo isso em voz alta. Esconder de seus pais tinha sido uma tortura, e rejeitando as propostas matrimoniais era obrigada a dar certas explicações que não eram totalmente verdadeiras. Era melhor que tudo ficasse claro.

Fez-se novamente um silêncio, não tão denso, apenas mais contemplativo.

Sua mãe a examinou como se fosse a primeira vez que a via, e a expressão de indignação foi desaparecendo de seu rosto, ao compasso solene do tique taque do relógio da parede.

—Parece-me que fala a sério — disse finalmente.

Rebecca reprimiu uma risada, ao perceber uma sombra de horror na expressão de sua mãe, que acabava de deduzir as implicações de sua própria frase.

—Sim.

—Quando estivemos em Rolthven, perguntei a mim mesma muitas vezes se queria saber a verdade, e quando tocaram juntos naquela noite...

—Sim? — interrompeu intrigada pelo que sua mãe tinha dado a entender.

—Não se pode se sentir atraída por um homem só porque toca violoncelo maravilhosamente — replicou com afeto. — Eu sabia que você seria especialmente sensível a esse tipo de talento.

—Eu desconhecia isso em Robert — lembrou Rebecca. —E acabo de dizer que estou apaixonada por ele há um ano.

—Sim. —Sua mãe massageou a têmpora. —E ainda estou assimilando as implicações desta... Desta...

—Catástrofe? —apontou Rebecca com ironia.

—Eu não ia dizer desse modo, mas bem, sim. Suponho que sim. Você realmente acha que ama esse jovem bonito e irresponsável?

—Quantas vezes tenho que dizer?

—Seu pai tem algo contra ele.

—Sei. —Rebecca observou por um momento suas mãos unidas. —Mas fui informada que não me dirão os detalhes. Robert, por outro lado, diz que é inocente de qualquer acusação contra ele. Mas não me contou a origem do desacordo.

—Pelo visto nós não devemos sabê-lo. Os homens têm o péssimo costume de nos excluir de suas disputas pessoais.

Rebecca não esperava a menor solidariedade, de modo que esse comentário suscitou um lampejo de surpresa.

—Ele não é o marquês de Highton — sua mãe disse com ar pensativo.

—Não, não é. Mas se Robert tivesse proposto matrimônio como o marquês, teria me casado com ele.

—Você faria isso? Acho que é promissor. E embora não seja um marquês, é o irmão caçula de um duque. Não seria um mau enlace, a julgar pelo que vi esta tarde.

Nesse momento foi Rebecca quem ficou muda de perplexidade.

Sua mãe se levantou da poltrona.

—O que você pensava? Que eu não levaria em conta os seus sentimentos? Eu a amo. É minha única filha. Quero que case bem, mas o matrimônio por amor é algo especial. A verdade é que acredito que se não tivesse visto lorde Robert hoje aqui, tudo isto me desgostaria muito. Mas é verdade que ele não se comportou como o malicioso sedutor que eu esperava. Mais parecia um homem em uma situação inusitada.

Essa era descrição certa.

—A verdade é que ele é incapaz de tirar os olhos de você. —Sua mãe arrumou a saia com gesto lânguido e ar reflexivo. —Sabe, se ele a levar para o altar será o acontecimento social da década, de certo modo.

Uma festa surpreendente era a última coisa que Rebecca tinha em mente, mas se isso ajudasse sua mãe a aceitar a situação, é obvio que não ia discutir.

—Não tenho ideia de se tal coisa é possível. Damien parece pensar que sim, mas eu não sei. Robert não quer se casar.

—Como sabe?

—Ele me contou, já disse isso.

—Robert Northfield falou com você de seus sentimentos sobre o matrimônio?

Um pouco antes de beijá-la. Rebecca decidiu não mencionar esse lapso de decoro. Olhou para o chão e observou as rosas sobre fundo bege do tapete.

—Não quer mudar de vida.

—Os homens costumam se acomodarem. —Sua mãe arqueou as sobrancelhas com uma ênfase própria de uma dama. —Mas nós costumamos saber melhor do que eles o que querem

antes que percebam. Frequentemente necessitam que nós os conduzamos pelo caminho correto.

Aquilo soava tão parecido com o título do útil capítulo de lady Rothburg, que Rebecca virou o rosto para dissimular sua expressão. Sua mãe sofreria um ataque de horror monumental se descobrisse que compartilhava os sentimentos de uma notória cortesã.

Não obstante, o conselho era o mesmo. Que interessante.

—O verdadeiro obstáculo é seu pai.

Rebecca, que já sabia dessa informação, deixou cair os ombros.

— Eu sei.

Um sorriso peculiar apareceu no rosto de sua mãe. Não expressava malícia, mas apenas insinuava.

—Façamos um pacto, querida. Se você for capaz de colocar na linha o malicioso lorde Robert, eu cuidarei de seu pai. Não esqueça que as mulheres tendem a tratar os assuntos do coração de uma forma mais sutil, mas geralmente funciona perfeitamente.

Pela segunda vez, quase palavra por palavra, os conselhos de lady Rothburg deixou Rebecca sem palavras. O livro, que foi publicado há dez anos, estava proibido. Mas antes que o Parlamento o considerasse muito ousado para o público, havia alcançado um número recorde de vendas. Será que sua mãe não tinha comprado um exemplar?

Impossível.

Capítulo 19

A hipocrisia sempre tem um preço.

Do capítulo intitulado: «O que seus maridos escondem»

Colton se sentia como um mentiroso. Um trapaceiro.

Se ele estivesse errado, estava insultando-a da pior forma possível. Infiel? Brianna?

«Deus, por favor, faça com que eu esteja errado.»

Bebeu um gole de vinho e observou sua esposa no outro extremo da mesa. Estava bela, como sempre. Mas havia algo nela que transmitia inquietação. Para começar estava mais calada e parecia preocupada. Não estava acostumado a ser ele quem iniciava a conversa, mas essa noite teve que se esforçar para preencher os silêncios entre ambos.

Era porque se sentia culpada?

Ele é que se sentia culpado, maldita seja, por contratar um homem para que seguisse todos seus passos.

—É muito agradável, não é verdade? Estarmos os dois sozinhos, para variar.

—Uma noite tranquila em casa é uma ideia encantadora. —Brianna bebeu um gole de vinho. Seu cabelo cintilava sob a luz das velas. —Não costumamos fazer isso com muita frequência.

O que não faziam com frequência ultimamente era amor. A culpa era dele, porque não conseguia superar suas dúvidas; mas a desejava. Raios e trovões, ele a desejava. Esse sacrifício tinha sido uma autêntica tortura.

Esta tarde lhe entregaram o primeiro relatório. Apesar do nó que tinha na garganta, disse:

—Diga-me, o que fez hoje, querida?

«Por favor não minta. Por favor.»

—Cartas acima de tudo. A chapeleira e esse tipo de coisas. —Ela ergueu os ombros com elegância. — Fui ver Arabella a caminho de casa.

—É?

Colton esperou.

—Sim.

Nada mais. Sabia da visita, é obvio. Conhecia detalhes de todos seus movimentos. Por exemplo, informaram que um cavalheiro se apresentou na casa de Arabella Smythe vinte minutos depois que Brianna entrou no edifício. Sabia que as cortinas do salão dianteiro tinham permanecido fechadas. E sabia que o cavalheiro ficou mais de uma hora, depois ele saiu da casa e, em seguida, Brianna. Hudson ainda não conhecia a identidade desse misterioso desconhecido, mas estava investigando. A descrição era um pouco vaga, porque o empregado de Hudson estava vigiando do outro lado da rua, mas o relatório dizia que o desconhecido era ágil, como um jovem.

Arabella era amiga de Brianna há anos. Era possível que facilitasse um encontro discreto para sua esposa e seu amante? Colton questionava o incidente com uma angustia interior, esperando que não refletisse em seu rosto.

Tudo o que foi capaz de fazer foi trespassar outro pedaço de cordeiro assado, mastigar e engolir. A comida era perfeita, mas tinha o sabor de serragem. Conseguiu engolir com um pouco de vinho.

—Entendo — murmurou. —Como está a condessa?

—Bem.

Outra resposta curta? Esperou que se estendesse, mas ela não o fez e se limitou a servir-se de mais batatas. Seria suspeito perguntar se Arabella estava acompanhada quando ela chegou. Como ele podia saber algo assim se ninguém tinha contado? Não disse nada, mas o silêncio era um pesadelo.

Quando demônios ia dizer que estava grávida?

Colton deixou de lado o garfo, incapaz de continuar fingindo que tinha fome.

Talvez devesse perguntar-lhe sem mais nem menos. Talvez devesse perguntar também por que, de repente, estava claramente desconfortável em sua companhia.

—Desejo ir visitar meus pais. Acredito que partirei amanhã. —Sua esposa falou tão baixo que ele mal ouviu suas palavras. Sob a luz das velas, as maçãs do rosto ficaram sombreadas por suas longas pestanas.

—Não. —A resposta autoritária surgiu sem que Colton pudesse evitar.

Brianna olhou para ele, com evidente choque.

—Como... Como disse?

Colton precisava tê-la por perto, no caso de estar no certo. E se seu amante era alguém que conhecia desde antes do casamento e agora que tinha entregado sua pureza ao marido e o erro não poderia ser detectado, ambos podiam desfrutar com liberdade de uma tórrida aventura? E se fosse um amigo da família ou um vizinho e ela desejasse falar do filho com ele primeiro?

Colton tinha torturado a si mesmo com dezenas de teorias. Uma voz interior prática e desumana lembrou que alguém a estava ensinando a deixá-lo louco na cama. Se ele não era o seu instrutor, então quem era?

Quando se obrigava a analisar a situação sob a fria luz da lógica, não conseguia chegar à outra conclusão que não fosse um amante. Não havia dúvida que Brianna sabia à perfeição o que estava fazendo.

Bem, já havia dito, assim era melhor deixar claro sua posição.

—Não, não dou permissão para ir.

—Per... Permissão? —alfinetou Brianna, e o guardanapo de linho caiu da mão para o chão.

—Necessita da permissão e eu não a dou — pronunciou cada palavra com clareza.

Estava se comportando como um tirano mesquinho, mas tanto fazia. A falta de sono e a intensa incerteza não propiciavam a cortesia.

—Colton — ela murmurou atônita e magoada — por que não te parece bom que visite meus pais?

—Eu mesmo a acompanharei quando tiver tempo.

—Tempo? Você? Por Deus santo, e quando será isso? Eles vivem em Devon, e isso está há vários dias de distância. Para conseguir que fosse a Rolthven tive que coagi-lo, e está muito perto de Londres.

—Não blasfeme em minha presença, madame. —Agora estava reagindo de forma exagerada, sem dúvida, mas passou semanas pensando de forma obsessiva em uma possível infidelidade de sua esposa, e isso o corroía por dentro. Ela tinha toda a razão, mas ele não estava disposto a reconhecer.

Nas maçãs do rosto de Brianna apareceram duas manchas de rubor.

—Colton, que diabo está acontecendo?

—Não está acontecendo nada.

—Sim, algo está acontecendo. —Brianna ergueu o queixo e seus olhos azuis escuros o olharam desafiantes. —Ou preciso de permissão para dizer o contrário?

Ela não deveria tê-lo provocado, não em seu estado de ânimo atual. Colton se inclinou para frente, sustentando o seu olhar.

—É melhor você se lembrar de que necessita da minha permissão para quase tudo o que faz. No dia em que nos casamos jurou ser fiel e me obedecer. E espero ambas as coisas. É minha esposa e acatará minhas regras.

—Regras? —Ela emitiu um som parecido com uma gargalhada histérica, mas poderia ter sido um soluço.

Era provável que Colton não tivesse escolhido a palavra adequada, mas não estava em seu melhor momento.

A aparição de um empregado para retirar os pratos, seguido imediatamente de outro com as sobremesas, pôs fim a qualquer discussão, o que devia ser o mais conveniente, no momento. Assim que os dois criados abandonaram a sala, sua esposa ficou em pé.

—Desculpe-me, por favor.

—Sente-se. Não quero que os empregados comentem que saí na metade do jantar.

Isso era verdade. Os problemas com sua esposa eram um assunto particular. Já tinha sido bastante humilhante manifestar suas dúvidas para Hudson quando o contratou para que a seguisse.

Brianna ficou imóvel na cadeira, com uma careta de rebeldia em seus doces lábios. Observou a textura da mouse de chocolate do prato, como se alguém tivesse posto uma víbora diante dela.

—Ultimamente tenho problemas de estômago. Obteria a aprovação de sua excelência se decidisse não comer mais, ou devo comer isso e arcar com as consequências, no caso de não me sentir bem?

Essa pergunta azeda lembrou Colton que Brianna estava grávida. Fosse seu filho ou não, seu corpo estava gerando um menino e ele não era um ogro, embora estivesse comportando-se como tal. Inclinou a cabeça:

—Se não gostar da sobremesa, tudo bem. Mas ficará aqui até que eu termine.

Ele tampouco tinha estômago para isso, mas certa parte oculta e perversa de si mesmo insistia para que falasse com clareza.

Ela o olhou como se tivesse brotado uma segunda cabeça, e fez um gesto de impotência com a mão.

—A verdade é que não compreendo seu mau humor desta noite. E não me refiro somente ao jantar. É como se eu tivesse feito algo errado, e não sei o que.

Colton não pôde evitar e disse com delicadeza:

— Você não tem feito nada errado, não é verdade, querida?

—Se tenho feito algo errado? Que tipo de pergunta é esta? —Brianna observou seu marido com evidente consternação.

Esse homem de olhar frio que estava na frente dela na mesa, bebendo vinho de sua taça com calma, mas examinando-a como se tivesse cometido um crime hediondo, era um desconhecido. É verdade que Colton não estava acostumado a ser extrovertido e carinhoso, mas esta noite tinha uma atitude na verdade sombria.

Será que a possibilidade de que ela estivesse grávida o fazia feliz? Damien havia assegurado que seu irmão mais velho ficaria entusiasmado com a notícia, e ela havia aceitado que ficaria encantado, já que precisava de um herdeiro, mas ele não disse nada sobre o assunto. Nenhuma maldita palavra. O fato de ter perguntado a sua empregada sobre o assunto e não tivesse dito nada para ela era inquietante. Colton queria filhos, não é verdade?

Talvez não, pensou com o coração abatido. Talvez considerasse seu estado como algo delicado e inconveniente. Afinal de contas, logo engordaria, ficaria deformada e não poderia se mostrar em público sem que todo mundo percebesse que estava grávida. Alguns aristocratas não tinham a menor relação com seus filhos. Deixavam-nos em mãos de babás e governantas para os educarem, relegados a locais destinados as crianças ou em salas de estudo, até chegar o momento em que os enviavam ao colégio, ou as casavam com algum varão que as levavam.

Mas ela nunca imaginou que Colton reagiria desse modo. Principalmente agora que tinha confirmado suas suspeitas e sabia que sua gravidez era real. A ideia de que ele não compartilhasse sua alegria a transtornava ao extremo. E por causa do humor instável de seu marido, hesitou em dizer para ele. Por causa da maneira como Colton agia nestes últimos dias, tinha pedido a Arabella que organizasse uma visita de um médico de forma discreta em sua casa, em lugar de ir ao da família. Se não estava grávida, para que causar mais tensão entre ambos? Mas o doutor tinha confirmado seu estado e agora teria que dizer ao seu marido.

Colton a olhava com aparente frieza.

—Eu nunca disse que tinha feito algo errado. Você que puxou o assunto.

Ela se limitou a devolver o olhar, atônita.

Talvez fosse algo infantil, mas Brianna tinha saudades de sua mãe. Talvez ela não tenha sido brilhante na hora de instruí-la sobre os detalhes do que aconteceria em sua noite de bodas, mas adorava crianças e ficaria feliz ao saber da notícia. Brianna necessitava disso, precisava falar com alguém sobre como seriam as coisas até que desse a luz, alguém que compartilhasse sua alegria por seu estado, alguém que a mimasse e a aconselhasse ao mesmo

tempo. Tanto Rebecca como Arabella eram maravilhosas, mas elas não tinham tido filhos e não podiam ajudá-la. Lea havia enviado um recado dizendo que um dos seus filhos estava doente e que supunha que toda a casa se contagiaria; escreveria quando tivessem terminado. De modo que neste momento, não podia sequer falar com sua irmã. Fosse como fosse, agora mesmo, até que se dissipassem as nuvens que espreitavam seu casamento, Devon lhe parecia o paraíso.

Colton acabava de negar a permissão para ir. E mais, havia dito em tom muito sério. Brianna nunca tinha o ouvido usar esse tom tão arrogante.

Não era absolutamente próprio dele. Colton era generoso e solícito, e cavalheiro em todos os momentos. Mas estava sentado ali, belo e sofisticado com um elegante traje de noite, até para um jantar caseiro. Sua densa cabeleira castanha brilhava sob a luz bruxuleante, seus longos dedos não deixavam de brincar com o pé da taça, e tinha todo o aspecto de um marido ditatorial.

Estava mais confusa do que nunca.

Ele movia seus dedos elegantes de forma tensa e compulsiva e isso queria dizer alguma coisa. Esse movimento contínuo não era habitual em seu comportamento e Brianna disse sem pensar:

—Damien me disse que talvez eu pudesse estar grávida, e tem razão.

Seu marido arqueou as sobrancelhas e seus olhos pareceram ainda mais frios. Glaciais, melhor dizendo.

—O que? Maldita seja! Como demônio Damien soube?

Isso era um erro total, pensou ela com um espasmo interior. E era provável que Colton compartilhasse sua opinião, pois acabava de amaldiçoar em sua presença pela primeira vez na história. Brianna tranquilizou-se e tentou utilizar um tom razoável.

—Supôs há alguns dias atrás, quando vomitei sobre seus sapatos. Por favor, não me diga que para você é uma surpresa absoluta. Sei que perguntou para a empregada.

Outro dos vários silêncios incômodos da noite. Bem feito, disse a si mesma cáustica. Pronunciar a palavra vomitar durante o jantar certamente era um erro da pior espécie.

Não era assim como tinha pensado em lhe dizer.

—Estive pensando que talvez estivesse grávida — disse. O rosto de Colton parecia o de uma estátua de granito. —E fiz algumas quantas perguntas, sim.

—Por que não me disse nada? — A ignorância doía e a humilhava, e teria preferido que seu marido tivesse perguntado sobre a possibilidade de que estivesse grávida, em lugar de seu cunhado.

—Esperava que você me dissesse isso.

Ante aquela resposta azeda, algo desmoronou dentro de Brianna, que lutou contra a ardência das lágrimas.

—Isto não o faz feliz.

—Não seja absurda. É obvio que sou feliz.

Ele era? Brianna sentiu um imenso alívio, mas não acreditou totalmente. Colton parecia um homem a caminho da forca.

—Então, qual é o problema?

Era possível que duas pessoas mantivessem uma conversa vaga, e mais carregada de emotividade ao mesmo tempo?

Ela se considerava a parte ofendida, mas tinha a impressão de que ele também.

—Colton, um médico me visitou. Vamos ter um filho. Não deveríamos celebrar em lugar de discutir? —falou em voz baixa e com um tremor evidente que gostaria de ter dissimulado.

Ele mudou a expressão por um momento, e ela viu uma sombra de vulnerabilidade que não era própria de um aristocrata altivo, nem de um lorde privilegiado. Não era mais que um homem, e um confuso nesse momento, e Brianna percebeu que por mais insegurança que ela sentisse por estar gerando uma vida nova, talvez o peso dessa responsabilidade desconhecida afetasse Colton do mesmo modo. Ele sempre parecia muito forte, como se não necessitasse conselho, assim ela achou que controlava suas emoções a todo o momento.

Continuava com os dedos apoiados na taça de vinho, e quando falou o fez com voz cansada.

—Acredito que devo pedir desculpas. Esta noite me comportei como um bárbaro.

Olhou-a com seus olhos azuis celestes que alterou os batimentos do coração de Brianna. Tinha a impressão de que nunca, jamais a olhara com um ar de súplica tão comovente.

A verdade é que se comportou como um bárbaro, e ela continuava sem saber por que.

Mas isso não importava. Amava-o. Ia dar a luz ao seu filho.

—Senti tanta saudade — disse em voz baixa. —mais do que imagina. Eu ainda continuo sem saber por que estamos discutindo, mas o que sei é que não posso suportar outra noite de solidão.

—Estou de acordo. — Ele tinha a voz rouca. Ficou de pé, deixou o guardanapo de lado e estendeu a mão. Não foi um gesto imperioso, mas um sinal de paz. —Subamos.

Necessitava dela com tanto desespero que o assustava.

Enquanto subiam a escada, Colton apoiou uma mão na parte baixa das costas de sua esposa, esperando que ela não notasse a intensidade de seu desejo. Nem notasse o ligeiro tremor de seus dedos, nem ouvisse a crescente cadência de sua respiração.

—Meu quarto — disse lacônico. Era uma postura possessiva, provocada por suas emoções voláteis. Seu leito, seu dormitório e seu corpo a reclamavam...

Sua bela esposa, seu filho. Como devia ser.

Brianna se limitou a assentir, com sua fascinante fragrância e a promessa de uma pele suave e cálida, e um cabelo sedoso e perfumado. Colton abriu a porta, entrou atrás dela, e assim que fechou tomou-a em seus braços. Conteve um suspiro angustiado e possuiu sua boca com lábios violentos e possessivos. Havia algo primitivo na força da emoção que o dominava, algo fora de seu controle, junto à percepção de que se ele lutasse, perderia algo extraordinário em sua vida. Se havia uma coisa que ele fazia bem, era dominar suas emoções.

Não quando estava com Brianna. Diante de sua encantadora esposa se sentia enfeitiçado, cativado, e totalmente perplexo. Justo quando pensava entendê-la, descobria que se enganava. Esta noite era um exemplo perfeito. Alguns minutos antes se mostrou autoritário de um modo imperdoável, e mesmo assim ela se agarrava ao seu corpo, tremendo e

devolvendo os beijos com um ardor comparável a sua selvagem ansiedade. Deveria estar furiosa com ele. Ele merecia.

«E se for inocente...»

Suas mãos brigaram com o vestido, desabotoaram os botões e afastaram o tecido para descobrir a pele nua. Continuava com os lábios unidos e ela colocou as mãos sob sua jaqueta para descansar sobre seu torso. Quando Brianna apoiou a palma de sua mão miúda sobre seu coração, Colton, convencido de que notava seus batimentos descontrolados, retirou com delicadeza o vestido dos ombros.

—Senti tanta saudade... —sussurrou ela, junto a sua boca.

Ele sem dúvida tinha sentido saudades, e a rigidez de seu membro lhe dava a razão. A recente abstinência autoimposta tinha sido para esclarecer suas dúvidas, algo que não acreditava ser capaz de fazer com imparcialidade se compartilhasse o leito com ela.

O problema era que não tinha obtido mais que a terrível certeza de que não podia viver sem ela.

Colton tirou a camisa, ajoelhou-se para tirar os sapatos e as meias. Passou os dedos sobre as panturrilhas, por trás do joelho e deslizou sobre suas coxas e quadris. Parecia como sempre, pensou, se perguntando quando essa nova vida em crescimento que ele reivindicaria e a quem daria seu nome apareceria. Qualquer outra coisa estava fora de questão e não havia dúvida de o que quer que acontecesse, havia muitas possibilidades do filho ser dele. Beijou aquele ventre ainda plano, com uma leve pressão dos lábios.

—Oh, Colton — sussurrou ela, acariciando-lhe o cabelo.

—Deite-se na cama — ordenou enquanto se levantava, e a visão de seu corpo nu, de um rosado acolhedor sob a luz bruxuleante, provocou uma ereção imediata. Então ele acrescentou: — Não se cubra. Quero te olhar enquanto me dispo.

Ela o satisfez, subiu na enorme cama e se deitou. Com seus deliciosos seios visivelmente rígidos e os mamilos rosados, eretos. Enquanto desamarrava a gravata, Colton dedicou-lhes uma análise deliberada e ardorosa e notou que estavam maiores. O montículo de carne estava mais cheios e, embora sempre tivessem uma forma sedutora, sob a pele translúcida

apareciam com maior proeminência umas pequenas veias azuis. A evidência da mudança transformava a gravidez um pouco mais real, mais imediata.

Para recuperar certa aparência de calma, Colton dedicou certo tempo para tirar cada peça de roupa com meticulosidade, obrigando sua mente a se esquecer de tudo, salvo do brilho de desejo nos olhos de sua esposa e do entusiasta abraço com que o acolheu no grande leito.

Mas devia silenciar esses complicados e incômodos pensamentos e concentrar-se nas sensações carnis. Ela estava ali com ele, complacente, cálida e tão endiabradamente bela...

—Beije-me — disse Brianna com um suspiro. —Faça amor comigo.

Isso o deteve quando já inclinava a cabeça para tomar sua boca e ajustava os quadris entre suas coxas separadas.

Colton se sobressaltou ao perceber que se fizesse isso, estaria fazendo amor. Já não se tratava de desejo, nem de relações conjugais, nem de nenhuma dessas outras razões primitivas que uniam homens e mulheres desde tempos imemoriais.

«Eu a amo.»

Se não fosse assim, talvez o irritasse a possibilidade de uma traição, talvez sentisse certa afronta ao seu orgulho, inclusive desejaria castigá-la, mas nada de tudo isso tinha muita importância. A vingança era a última coisa no que pensava, ao diabo com seu orgulho, e quanto à ira, tampouco era essa a palavra que definia o que sentia.

Tinha medo. De perdê-la. Oh, não em um sentido literal. Ele podia mantê-la o que quer que acontecesse, era sua esposa, ele era um duque e possuía poder e influência, mas necessitava de mais.

Ele a necessitava totalmente.

Estava molhada com o corpo preparado para completar a união. Colton colocou o membro, sentiu a recepção e notou a escorregadia disposição, a entrega voluntária e as mãos de Brianna agarradas as suas nádegas, pedindo para possuí-la sem palavras.

Na noite de seu aniversário, ela tinha feito amor com cativante doçura. Com beijos delicados, com movimentos sutis, com carícias sugestivas. Colton decidiu fazer o mesmo e entrou nela com lentidão deliciosa. Beijou-lhe as têmporas, o perfil do queixo, o arco

tentador do pescoço. Quando se tornaram um só, deu um impulso que fez com que Brianna emitisse um gritinho de prazer e levantasse a pélvis para que ele pudesse pressionar o ponto certo.

E ela respondeu com um estremecimento.

Colton manteve esse ritmo erótico altruísta, comedido, cujo objetivo era agradar Brianna. Um leve brilho de suor brotou em sua testa quando se jogou para trás, até que sua esposa se arqueou com frenesi debaixo dele e seu grito de rendição ressoou por todo o quarto. Então ele, preso ao intenso êxtase, explodiu deixando ambos completos e exaustos.

Mais tarde, deitado na escuridão, Colton embalou sua esposa nos braços. Brianna, junto a ele, dormia confortável e relaxada. Seu corpo nu era todo curvas femininas e sua respiração, um hálito tênue preso ao seu pescoço.

Ele a amava, e não só com seu corpo.

Por Deus como a amava.

Colton tinha previsto que o matrimônio fosse tudo menos isto.

Admirava-o que se Brianna o tivesse traído, correspondesse com tanto ardor, que seus corpos se harmonizassem com tal perfeição. Como podia olhá-lo com olhos tão inocentes, se era uma Jezebel na realidade? Como podia agarrar-se a ele e o beijar com manifesto abandono se desejava outro?

Não acreditava estar apaixonado até o ponto de se deixar enganar por uma fachada, mas nunca esteve em uma situação assim. O certo é que durante o jantar, ela tinha se mostrado atônita ante seu comportamento, não culpada. Magoada, não cautelosa.

Se não tivessem discutido, teria dito que estava grávida? Essa era a pergunta que seguia latente em algum lugar de sua mente. Para resolver suas diferenças, levava-o para a cama, encantada. A fome física que sentia por Brianna era uma debilidade... Teria se aproveitado para distrair sua atenção?

Deus, como odiava essa luta interior.

Brianna se moveu e logo voltou a cair em um sono plácido. Colton brincou com um cacho dourado, desfrutando com o tato de seda entre os dedos.

Apesar de estar morto de cansaço, teve a impressão que, no entanto, iria custar a dormir. Ao menos tinha tido o prazer de tê-la em seus braços, pensou atraindo-a mais para si. Era algo muito simples, mas agora que tinha reconhecido a profundidade de seus sentimentos, era algo importante.

Somente esperava que apaixonar-se por sua esposa não fosse o pior erro de sua vida.

Capítulo 20

Não subestime os homens quando se tratar de intrigas sociais. Declaram que às mulheres interessa de um modo excessivo a vida dos outros, mas também os interessa, e podem ser muito observadores e muito capazes de interferir. Confiem em mim nesse assunto.

Do capítulo intitulado: «Rumores, intrigas e insinuações, e como podem favorecê-las»

Robert não tinha seguido o conselho de Damien para dançar com Rebecca. Tocá-la, mesmo que fosse aceito em sociedade, era uma ideia perigosa.

De maneira que em lugar disso, tinha perdido toda a sensatez e dançado com sua mãe.

—Adoro esta nova melodia, você não, milorde? —Lady Marston sorria com amabilidade, como se não soubesse que ver o notório Robert Northfield dançando com uma mulher casada de meia idade provocaria mais de um falatório. Não que Robert já não tivesse pedido a alguma viúva venerável em alguma ocasião, se a cortesia o exigia, mas a maioria eram parentes mais ou menos longínquas, ou a anfitriã da festa. Lady Marston não era nada disso.

Havia feito um esforço considerável, pois teve que contornar uma fileira de matronas que estavam acostumadas a ficar juntas formando uma massa compacta, para poder falar e fofocar, enquanto vigiavam suas filhas, sobrinhas ou pupilas. Quando Robert se aproximou, mais de uma interrompeu seu bate-papo, e quando se inclinou ante a mão de lady Marston e pediu uma dança, todas ficaram literalmente boquiabertas.

A perplexidade do momento era evidente. E, entretanto ali estava ele.

—É agradável, suponho, mas não tão admirável como a música que escutamos em Rolthven — admitiu enquanto a fazia girar com elegância.

—Sim — foi uma resposta imparcial. — você mencionou várias vezes que desfrutou com a interpretação de Rebecca.

—Ela tem tanto talento como beleza, que é um autêntico louvor.

Lady Marston o olhou com a boca contraída.

—Conheço o interesse que minha filha tem por você, e estou certa que você, que tem tanta experiência do mundo, também sabe disso.

Robert tentava não analisar os motivos pelos quais estava dançando com lady Marston, mas supunha que era para sondar o resultado de sua visita no outro dia. Ainda não estava certo se a diabólica intromissão de Damien tinha sido útil ou a pior ideia do mundo, mas não tinha feito mais que pensar nisso. Seu atual estado de inquietação o impedia de dormir e não conseguia concentrar-se nem nas tarefas mais mundanas.

E se ele pudesse cortejá-la?

—Eu me sinto tão lisonjeado como perdido — reconheceu a contra gosto — e estou certo que você, milady, tem experiência suficiente para compreender o porquê.

—Com minha filha, você não tem as possibilidades habituais — acrescentou ela com secura — e isso é tanto uma observação como uma advertência, milorde.

—Eu tenho possibilidades? — Perguntou ele sem rodeios. —Estive perguntando.

—Depende de quanto você está determinado, suponho. Quando foi em minha casa no outro dia, percebi que não se tratava da visita casual que seu irmão pretendia, admito ter ficado surpresa.

E o baixo nível de entusiasmo foi notável, embora ele fosse muito educado para mencioná-lo.

Naquele momento a música parou. Robert não teve alternativa que não fosse soltar sua mão e fazer uma reverência. Ela, por sua vez, acenou com uma delicada inclinação de cabeça e o olhou nos olhos.

—Eu acredito que o que acontecer agora depende de você. Pese seu grau de interesse e se for bastante sincero eu, por causa da felicidade de minha filha, o ajudarei com Benedict.

Virou-se e se afastou, deixando-o com o que provavelmente era uma expressão de perplexidade enorme. Robert, percebendo que estava rodeado de olhares ávidos, recuperou a compostura e saiu da pista.

«Pese seu grau de interesse.»

Foi até uma das salas de jogo e se sentou em uma das mesas, mas era óbvio que estava distraído, e quando ganhou à última partida, o cavalheiro que estava ao seu lado deu-lhe uma pequena cotovelada para que recolhesse seu prêmio. Maldita seja, pensou enquanto se levantava da mesa e se despedia, era melhor que enfrentasse sua incapacidade para se concentrar em outra coisa. Custava a acreditar, mas tinha chegado a imaginar como seria percorrer o corredor de sua casa, ouvindo o som de fundo um piano que alguém tocava com arte.

O resultado de toda essa melancólica introspecção parecia inevitável.

Talvez não quisesse cortejar ninguém, talvez não desejasse se casar, mas não podia tirar Rebecca Marston da cabeça, simplesmente. Desejava-a, desejava saborear novamente seus lábios, desejava senti-la em seus braços, cálida e acolhedora; mas não era só isso o que desejava.

Balbuciou uma desculpa e partiu sem mais para um lugar que não lembrasse essa mulher que o deixara tão obcecado.

Quinze minutos depois Robert desceu de sua carruagem, encontrou a deslumbrante iluminação da casa que tinha diante de si, e sorriu para outro dos visitantes.

—Palmer. Como vai?

Lorde Palmer, claramente um pouco bêbado, aproximava-se pela calçada cambaleando.

—Muito bem, Northfield. Obrigado. Uma festa impressionante, não é? Entendi que Betty enviou algumas de suas melhores garotas.

Robert fez um gesto pouco comprometedor. Infelizmente, agora que já estava ali, a verdade é que não estava interessado em um grupo de mulheres de vida fácil.

—Parece divertido.

Necessitava desesperadamente alguma diversão.

—Bem, não há nada como as apostas e as mulheres para entreter um homem, não é verdade? —Palmer deu uma cotovelada em suas nas costelas enquanto subiam os degraus.

—Sei que você concordará.

Talvez costumasse a estar de acordo. A única razão pela qual tinha escolhido abandonar o baile e participar desta festa em particular foi porque este era o único lugar onde acreditava ser impossível se encontrar com Rebecca. Se fosse para casa e passasse o resto da noite a sós com seus pensamentos, ficaria louco. Uma noite de devassidão selvagem parecia ser justamente o que precisava. Já tinha participado muitas vezes de festas de solteiros como esta, e sempre envolviam champanha em abundância, mulheres condescendentes e mimosas contratadas para tal efeito, e passatempos obscenos.

—Sim — murmurou e cruzou antes de lorde Palmer a soleira da porta, que um empregado de uniforme mantinha aberta.

Passou a hora seguinte imerso em um tédio atroz, fingindo que estava bem, quando não era verdade.

Era um problema do demônio. Não queria ir para casa e sentar-se e ficar pensando no assunto. Não podia ir aos lugares onde estava acostumado a se divertir, muito menos ver Rebecca. Tampouco queria estar ali, isso era evidente.

A voz de alguém bêbado gritou que as garotas tinham chegado, e um murmúrio de expectativa invadiu a sala.

Robert decidiu que em seu atual estado de inquietação, o melhor seria que partisse agora. A verdade é que não estava de humor para contemplar mulheres meio nuas, penduradas em um grupo de idiotas bêbados. Como pôde ter acreditado no passado que se divertir era isso? Pediu a capa para um laçao, e reprimiu a vontade de bater os pés enquanto esperava.

Tal como estava previsto, as portas se abriram e uma massa de jovens risonhas entrou na casa. Betty Benson mantinha o bordel mais refinado de Londres, e suas empregadas eram limpas, saudáveis, bonitas ou pelo menos graciosas. Este grupo não era uma exceção. Havia loiras, morenas e pelo menos duas ruivas impressionantes. Cruzaram a soleira e imediatamente lhe ofereceram champanha. O bulício da festa subiu de nível, enquanto os homens começavam a escolher as parceiras para a noite. Enquanto esperava o casaco, Robert observou o processo com um olhar de suspeita. Todos os homens presentes eram solteiros,

salvo alguma exceção; as garotas receberiam bom tratamento e bom pagamento, e de qualquer maneira, desde quando ele tinha adotado a moral de um bispo?

De repente, enquanto agarrava o objeto que o criado entregou, ficou paralisado, sem acreditar no que os seus olhos viam. O traje da última garota que cruzou a entrada não era nem um pouco provocante. Usava uma capa azul escuro que cobria com recato seu vestido e a cabeleira morena presa com distinção, de tal modo que Robert sentiu o desejo de tirar os alfinetes do cabelo para sentir a cascata cálida entre seus dedos.

Que demônio Rebecca estava fazendo?

E por que tinha chegado com um bando de prostitutas?

Ficou imóvel, apavorado. Que demônio de brincadeira era esta?

Assim que pôde voltar a mover os músculos, agarrou o casaco, atravessou a toda pressa o vestíbulo e a segurou pelo braço com mais força que pretendida.

—Explicará tudo isso mais tarde. No momento vou tirá-la daqui. Juro que se resistir, eu a colocarei no ombro e a levarei como se fosse um saco de batatas.

Rebecca reprimiu um gemido. A mão de Robert segurou seu braço tão forte que quase a machucou, e mais do que conduzi-la pelos degraus da porta principal, arrastou-a de volta ao frio da noite.

Sua expressão ao vê-la chegar era algo que não esqueceria na vida.

Estava horrorizado. Seu atraente rosto tinha uma careta impressa de perplexidade e consternação inconfundível, e não muito lisonjeira, considerando os problemas que ela teve para chegar até ali.

Por quê?

Por que tinha chegado sozinha? Bom, não exatamente sozinha. Uma carruagem parou um pouco antes que o carro que tinha alugado chegasse à frente da mansão espetacularmente iluminada, e tinham descido algumas jovens. Rebecca, que estava se perguntando como entraria sem convite, seguiu-as para dentro sem problemas.

—Milorde... —começou a dizer.

Ele a interrompeu sem olhá-la.

—Não tenho ideia do por que você está aqui, mas não diga nenhuma palavra até que estejamos longe e a salvo, e fique de capuz, por Deus.

Rebecca sabia desde o principio que corria o risco de que a censurassem e de desgostar seus pais, quando escapou do baile e foi a sua procura. Se não houvesse sentido uma necessidade desesperada de falar com ele, não o teria feito.

Robert quase a empurrou para dentro da carruagem subiu de um salto, deu um golpe seco no teto, e se afastaram sacudindo. Quando a olhou de frente naquele reduzido espaço, suas sobrancelhas se converteram em uma linha tensa.

—Você se importaria de me dizer simplesmente o que estava fazendo na reunião de Houseman? Sei muito bem que não foi convidada. Não estava a salvo com seus pais no Tallers? —resmungou entre dentes.

Rebecca abriu a boca para replicar, mas ele a interrompeu.

—Eu a estava observando durante toda a noite. —Seus olhos azuis brilhavam. —Acho que dançou com todos os cavalheiros presentes.

—Você não me pediu — disse isso ela em voz baixa.

—Claro que não.

«Claro que não.» Essas três palavras doeram e Rebecca levantou o queixo.

Mas tinha dançado com sua mãe. Certamente isso significava alguma coisa. Esse simples ato lhe tinha dado coragem para segui-lo.

Robert continuou, antecipando-se a algo que ela pudesse dizer, embora não estava certa de como responder.

—Quanto a sua aparição de alguns minutos atrás, no caso de não ter percebido, as demais damas presentes procedem de um ambiente um tanto diferente do seu. Rezemos para que ninguém a tenha visto.

Isso era verdade, Rebecca não tinha reconhecido nenhuma, mas tinham vestidos suntuosos e... Oh. Não.

Caiu em si.

—Sim. —ele interpretou corretamente a expressão de horror e o gemido involuntário. — Isso é justamente a que me refiro. Elas ganham a vida de uma determinada maneira e por isso as contrataram, enfim, não é necessário que diga nada mais. Rebecca, por que você estava ali?

Ela juntou os dedos sobre o colo com tanta força que se machucou.

—Ouvi alguns cavalheiros falando desta festa. Mencionaram seu nome como um dos convidados e disseram que era provável que se dirigisse para lá quando partiu tão de repente. Não percebi que... —titubeou.

Robert mantinha a mandíbula rígida, como uma estátua de mármore.

—Tenho muito interesse em falar com você — acrescentou Rebecca. Era uma desculpa esfarrapada, e assim pareceu, inclusive para ela.

—Tanto que se arriscou a manchar sua reputação sem reparação? —perguntou em tom ácido. Meneou a cabeça, virou-se e durante um momento ficou olhando para um lado do veículo. —Isto — disse com moderada ênfase — é um desastre.

Rebecca tinha muito medo de que tivesse razão, mas ergueu a coluna.

—Eu só sabia que havia uma festa que meus pais não tinham intenção de ir, e pensei que se conseguisse entrar, talvez tivesse finalmente a oportunidade de falar com você. Não tinha ideia...

—Onde eles pensam que você está? — disse Robert, beirando a descortesia.

Rebecca, que começava a ter uma ideia clara do que podia ter lhe custado sua imprudente ocorrência, sentiu uma ligeira vertigem.

—Fingi que ia para outro baile com Arabella e seu marido.

—Em outras palavras, enganou seus pais.

Bem, sim, ela pensou. Embora por um momento defendeu-se acreditando que era uma mentira necessária.

Robert disse uma palavra que Rebecca nunca tinha ouvido antes bem baixo, embora não o suficiente para evitar que ela se perguntasse o seu significado, mas pareceu-lhe que não era o momento de perguntar.

—Não acredito que alguém tenha visto que escapuli e onde parei a carruagem — replicou à defensiva. —Arabella sabe, é obvio, mas ninguém mais.

Ele voltou a olhá-la no rosto.

—E se alguém mais a viu?

Ela não conseguia pensar em mais nada para dizer.

—Jogarão a culpa e mim. —Robert passou a mão pelo rosto. —Seus pais me culparão. E Deus sabe que o mundo inteiro acreditará.

—Como eu ia saber que isto era uma... Uma...? —Não era capaz de encontrar a palavra adequada para descrever a festa que esteve prestes a participar.

Robert afundou um pouco mais no assento com uma careta de ironia.

—Uma reunião de homens depravados e condescendentes? Não perguntou a si mesma por que nem você nem seus pais estavam convidados, querida? Seus nomes aparecem nas listas das anfitriãs mais distintas de Londres. Por outro lado, quando um proscrito como Gerald Houseman dá uma festa, não é mais que uma desculpa para que os homens se reúnam e se comportem com muito menos educação do que costumamos quando há damas presentes.

—Por isso você estava lá? Para poder se comportar sem educação?

—Acredito que essa foi a ideia original — parou e logo acrescentou com secura: — mas estava a ponto de ir embora, tal como você comprovou.

—E por quê?

A mão que Robert apoiava no joelho se esticou de forma agitada.

—No final descobri que não estava de humor.

—Damien me disse que agora você passa muito tempo em casa.

—Há algum problema nisso? Contra a crença geral de que passo quase todas as noites perambulando por Londres, o certo é que estou acostumado a ficar em casa muitas vezes. De qualquer modo minhas atividades não importam, já que não é minha reputação que está em perigo, a não ser a sua. Teremos que planejar uma forma discreta para que volte para casa sã e salva.

Considerando todos os problemas em que se colocara, e o possível desastre que a ameaçava, Rebecca não estava disposta a permitir que Robert se limitasse a acompanhá-la de volta, sem dizer ao menos aquilo pelo qual tinha se arriscado tanto.

—Uma vez que o mal está feito e a esta altura investir um pouco mais de tempo é irrelevante, você poderia pedir ao seu chofer para fazer um pequeno desvio para que possamos falar disto?

Ele apertou um músculo da mandíbula.

—Minha experiência me diz que conversar muito com uma mulher nunca é boa ideia. E embora eu odeie perguntar, poderia definir «isto»?

Ela vacilou. Sabia que as seguintes palavras podiam modificar seu futuro. Inspirou com força.

—Nós.

Robert resmungou novamente uma palavra desconhecida, e seu corpo ágil se ergueu sobre o assento oposto.

—Rebecca...

—Não podemos negociar?

—Negociar? — Ele a olhou diretamente nos olhos. —Como?

Ela engoliu o nó de nervos que tinha na garganta, e ainda com o coração descontrolado, prosseguiu esperando aparentar serenidade:

—Por favor, compreenda que eu sou totalmente diferente de você.

Pela primeira vez desde que a descobrira entrando naquele vestíbulo, apareceu um brilho do encanto habitual e descontraído de Robert.

—Infelizmente eu notei senhorita Marston.

Ante esse comentário frívolo, ela começou a rir com uma mescla de tensão e alívio reparador.

—Quero dizer, eu entendo que não sinta o desejo de renunciar a sua liberdade. Bem. Como alguém que não tem liberdade para se pronunciar, acredito compreender por que dá

valor a isso. Talvez possamos conseguir que as coisas sejam satisfatórias para ambos. Faremos um trato, se quiser. A única coisa que peço é que me dê uma oportunidade.

Ele não se moveu.

Realmente ia fazer isso? Dizer algo tão escandaloso apoiando-se em um livro escrito por uma perdida? Arriscar sua felicidade pelo conselho de uma prostituta?

Sim, ela faria. Porque embora Damien estivesse fazendo todo o possível para ajudá-la, não demoraria em voltar para a Espanha e, além disso, este era um problema de mulheres e necessitava de um toque feminino.

Inclusive sua própria mãe havia dito: «Nós sabemos o que querem melhor que eles mesmos».

Rebecca tinha lido o livro malicioso do principio ao fim, e dizer que continha revelações instrutivas era pouco. Oh, sim, ficou muito escandalizada com a franqueza das descrições, mas também a fascinara, e essa reação a tinha feito pensar que talvez ela fosse mulher apropriada para Robert Northfield.

O que realmente desejava era fazer todas essas coisas proibidas com ele.

Assim continuou. Pareceu-lhe impossível. Pareceu-lhe incrível, mas o fez.

— Você quer casar comigo?

Ele abriu a boca com evidente assombro. A expressão de perplexidade de seu rosto teria parecido cômica, mas Rebecca se sentia terrivelmente nervosa e tinha a impressão de que este era o momento mais importante de sua vida.

— Se nos casarmos — continuou, notando que a voz tremia — e não o satisfizer de todas as formas possíveis, considere-se livre para viver a vida que vivia antes. Se começar a se sentir desconfortável porque não sou capaz de segurá-lo, de minha parte não porei a menor objeção a sua falta de interesse. — fez uma pausa e deu-lhe um sorriso estudado antes de acrescentar com um sussurro: — Mas para não abandonar o espírito esportivo que preside este assunto, devo avisá-lo que tenho a expressa intenção de preencher todas suas necessidades.

Robert tinha a impressão que seu rosto refletia sua incredulidade. Desde os dezessete anos, ninguém tinha feito uma proposta com tanta franqueza. Elsa era uma atriz doze anos mais velha do que ele, e suas intenções eram estritamente lascivas. Em um verão sufocante foi buscá-lo depois de uma representação que Robert tinha assistido, acompanhado de sua família, nada menos, e sussurrou ao seu ouvido tudo o que desejava fazer com ele. Ela adorava os jovens bonitos, conforme explicou com sua característica voz rouca e um sorriso indulgente de sensualidade explícita.

Naquela época, ele sentia muita curiosidade sexual e se sentiu lisonjeado. É óbvio que ele deu um jeito para encontrar os aposentos da dama. Aquela primeira aventura tinha marcado o princípio de sua notoriedade, e ao longo dos anos tinha devotado favores sexuais de formas muito distintas, a muitas mulheres distintas.

Isto era algo completamente diferente.

Talvez estivesse alucinando. Talvez uma jovem muito inocente tenha se limitado a dizer, em termos bem explícitos, que desejava atrair seu interesse sexual e que de algum modo, até considerando sua inexperiência, tinha a esperança de conservá-lo.

Se ele se casasse com ela.

Robert fechou a boca e se esforçou para pensar em algo remotamente inteligente para usar como resposta. Não pensou em nada.

Deus do céu, nunca estivera tão intrigado. O mais provável era que ela nem sequer soubesse o que prometia, mas a ideia de ser seu professor era tentadora.

Robert tinha a certeza de que não seria capaz de afastar os olhos dela, nem sob pena de morte. Era verdade que Rebecca lhe havia proposto matrimônio?

Seus luminosos olhos de um tom azul esverdeado o observavam do outro extremo do reduzido espaço, enquanto circulavam pela rua. Assustou-se tanto ao vê-la cruzar a soleira da festa, que não tinha dado nenhuma indicação ao chofer, de maneira que embora Rebecca não soubesse, o pedido de dispor de mais tempo que ela pediu, estava garantido. George esperaria que lhe indicassem uma direção determinada. Sem dúvida tinha visto uma dama jovem subir à carruagem com ele.

Essa era outra questão. Com capa ou sem ela, alguém podia reconhecê-la. O que Robert havia dito antes era pura verdade. Se corresse o boato que a tinham visto em um local como a festa de Houseman, haveria um escândalo enorme.

Talvez tivesse que se casar com ela.

«Talvez deseje me casar com ela.»

Ele desejava? Tal como Damien havia dito, sem dúvida, Robert não estava certo de não querer se casar com ela, e tinha a aterradora certeza de que não queria se casar com nenhuma outra.

—Seu pai não aprovará — soltou de repente.

«Se não o satisfizer de todas as formas possíveis...»

—Pode ser que sim. Minha mãe gosta de você. Não que esteja a favor de nosso matrimônio de forma explícita, mas tampouco se opõe. Acredito que a intriga da situação a atrai. —Rebecca arqueou uma sobrancelha. —A verdade é que dançar com ela foi uma manobra genial.

—Eu não tentava ser genial —murmurou ele — só...

Ela esperou, pelo visto lhe interessava sua resposta.

Ele não tinha ideia do que queria dizer. Por que tinha dançado com lady Marston? Finalmente decidiu replicar:

—Rebecca, você não tem por que ser tão altruísta. É bela, é uma herdeira, tem talento. Ambos sabemos que todos os solteiros de Londres estão aos seus pés.

—Bem, isso deve incluir você. Meus pais insistem em que escolha um marido logo. Eu escolho você. Posso deduzir que aceita minha oferta?

—Não é tão simples, ou muito menos.

—Diga-me por que. Você é solteiro, não é verdade? —Seu sorriso era cândido e tentador. —A menos que tenha uma esposa secreta que ninguém conhece.

Maldita fosse, sabia que estava ganhando. Não, pior ainda, sabia que tinha ganhado.

Tinha chegado o momento de ele recuperar o controle da situação.

Ao menos Robert teve a satisfação de provocar nela uma exclamação de surpresa quando de repente cobriu a curta distância que os separava, enlaçou-a pela cintura, colocou-a no colo e tocou a testa com os lábios.

—Por que está fazendo isto?

—Eu tenho feito essa mesma pergunta muitas vezes, pensando no efeito que você provoca em mim. —Seu riso tinha um toque hesitante. —Tenho receio de que não haja uma explicação fácil.

Os lábios de Robert viajaram ao longo da curva acetinada de sua face, como aquela primeira vez no jardim. Mordiscou-lhe o canto da boca para recriar o momento em que a abraçou contra o muro, quando ela fugia de lorde Watts.

—De acordo, aceito seus termos se você aceitar os meus.

Ela jogou os braços ao redor do seu pescoço.

—Duvido que vá objetar qualquer coisa que diga.

Robert sorria com deliberada malícia.

—Se eu não a satisfizer de todos os modos possíveis, considere-se livre de procurar consolo em outra parte, mas a advirto, tenho a intenção de conservar seu interesse.

Ela se agarrou ao corpo dele, tremendo.

Então ele a beijou. Não com a moderação daquela primeira vez, mas com um beijo de amante, apaixonado, intenso e prolongado. Foi uma promessa e um juramento mudos. Robert tomou, mas também deu, e deixou que ela notasse seu desejo, mas também sua contenção.

Na verdade, quando finalmente ele levantou o rosto e levantou um milímetro a boca, não tinha a menor ideia de que lugar de Londres eles estavam, mas depois de tomar aquela monumental decisão, descobriu em seu interior um lugar maravilhoso cuja existência nunca tinha sequer suspeitado.

—Devemos nos casar logo — sussurrou junto aos lábios.

—Para salvar minha reputação se por acaso alguém me viu esta noite? —A risada de Rebecca entre seus braços foi como um sopro leve, doce, exuberante e quente.

—Porque eu não posso esperar muito. Talvez tenha percebido. — Moveu-se para que ela notasse sua ereção na curva do quadril.

—Oh.

Ele riu da incerteza implícita nessa exclamação, feliz por ter recuperado a iniciativa.

—Tenho certa reputação, você já sabe.

Então ela virou o jogo. Deslizou a mão pelo ombro de Robert, desceu por cima de sua jaqueta, pousou-a na parte superior da coxa e então o acariciou. Por cima das calças, mas ele prendeu o fôlego com um suspiro alto, enquanto ela pressionava a palma contra a superfície de seu membro rígido.

—Por que esperar? —Disse de um modo que só podia ser descrito como um murmúrio sedutor. —Estamos prometidos e acabamos de concordar com um casamento rápido.

Ele ficou estupefato. Pela sugestão, mas também pela ousadia com que o pressionava com a mão. Era um ato muito arriscado em uma donzela inocente.

—Jesus, não diga isso. —Robert se moveu, mas ela se reclinou sobre ele, de modo que sentiu o peso delicioso de seus seios e o atravessou uma pontada de desejo. —Não necessito que me tente, pode acreditar.

—Sua casa está perto daqui. —Rebecca baixou as pestanas. — Leve-me até lá. Meus pais não me esperam antes de algumas horas.

«Leve-me...»

Não devia. Fazia só um momento que aceitara unir-se às filas dos homens casados respeitáveis que honram suas esposas com as devidas promessas.

—Rebecca... Não. Posso esperar.

—E se eu não puder? —Parecia sem fôlego. —Não esqueça que estou há um ano sonhando com isto. Desde a primeira vez que o vi. Eu o desejo. — Puxou o laço da gravata com sua mão graciosa e a desamarrou. — Dei a entender que talvez ficasse com Arabella. Já fiz isto outras vezes. Temos a noite toda. Meus pais não se assustarão se não voltar para casa.

Rebecca não tinha ideia do que estava dizendo, do que estava oferecendo. Robert segurou seus pulsos.

—Continua sendo bem possível que seu pai se negue, e se me comporte de modo desonroso...

—Você tem intenção de contar? Eu não.

Soltou a mão e voltou a beijá-lo, inexperiente, mas curiosa. Varreu sua boca com uma carícia indecisa da língua e arrancou-lhe um gemido. Mantinha as mãos sempre ocupadas; tirou-lhe a gravata e se dedicou aos botões da parte superior da camisa. Colocou uma mão tímida e fria, e apoiou a palma sobre seu torso nu e ardente.

Desconcertado, excitado e indeciso, Robert interrompeu o beijo apaixonado, tentando ser fiel a sua honra.

—Tenho que levá-la a casa de seus pais.

—Não se preocupe com meu pai. Eu me casarei com você de qualquer maneira, com ou sem sua permissão. Certamente se negará a pagar sua parte do acordo matrimonial...

—Eu não me importo com o seu dinheiro — interrompeu Robert imediatamente. —Nem sequer que nos dê sua bênção. Eu quero você.

O mais prudente era voltar a acomodar Rebecca no assento da frente, e ele a colocou novamente a essa pequena distância, mas não resolveu nada. Estava um pouco despenteada e tão deliciosa, com sua boca rosada e as faces ruborizadas. Seus olhos de água-marinha cintilavam.

—Por favor.

Sua decisão fraquejou ante aquela simples palavra. O apelo de Rebecca era tão poderoso que Robert teve que fechar as mãos para não voltar a tocá-la. Amaldiçoou a si mesmo e bateu com rudeza no teto para avisar o chofer.

Capítulo 21

A sociedade estabeleceu uma série de normas para reger o comportamento dos cavalheiros e das damas. Mas no quarto, somos somente homens e mulheres. Eu lhes recomendo que, em lugar das normas, sigam seus instintos.

Do capítulo intitulado: «É escandaloso? E se é, devem se preocupar?»

Lady R era um autêntico gênio. Rebecca notou que os dedos de seu prometido enlaçavam sua cintura para descê-la do veículo, e sentiu um nó no estômago ante a provocante ansiedade que havia em seus olhos. Ele a guiou pelos degraus que conduziam a sua residência, sem dizer uma palavra. Seu prometido.

Robert Northfield, nada menos.

—Tenho poucas pessoas de serviço. — Ele mesmo abriu a porta. — De qualquer modo, são discretos.

E tinham que sê-lo, pensou Rebecca com involuntária ironia, para servir a um conquistador com uma má fama de tal calibre. Comprovou surpresa que a ideia já não a afetava, porque enquanto vivesse recordaria esse instante no interior da carruagem, em que ele se aproximou e pegou-a nos braços.

Naquele momento parecia indefeso.

—Estão acostumados que traga mulheres aqui. —Agarrou a mão que lhe estendia.

Robert meneou a cabeça e a olhou fixamente com seus olhos azuis.

—Nenhuma como você. Nunca.

Rebecca supunha que isso era verdade. Não virgens complacentes e desavergonhadas que o haviam quase despido no interior de seu carro, depois de propor matrimônio com todo descaramento, para não falar da escandalosa promessa de toda uma vida de plenitude sexual. Rebecca teria se sentido muito envergonhada de seus próprios atos se não fosse porque tinham funcionado com perfeição. Qual teria sido sua reação se tivesse exposto sua proposta

em termos de amor romântico, dizendo como desejava ter seu filho nos braços e que tinha sonhado tão frequentemente vendo-o sorrir, sentada na frente dele na mesa do café da manhã, experimentando o ardor da paixão em seu leito? Não estava certa.

«Para os homens o amor significa vulnerabilidade. Quando um homem se sente atraído emocionalmente por uma mulher, ela exerce uma enorme influência em sua vida. Devem entender que isso assusta a maioria, admitam ou não. É obvio, o grau varia de um homem para outro. Eles adoram a paixão, mas passam nas pontas dos pés e com muito cuidado ao redor do amor. É um presente maravilhoso que um homem lhes dê ambas as coisas.»

Seu dormitório estava no segundo andar e ela teve a visão fugaz de um leito imenso com travesseiros de seda escura, um armário em um canto, e um par de botas junto a uma poltrona de madeira esculpida, antes que ele a segurasse pelos ombros e a olhasse nos olhos.

—Tem certeza? Não teve tempo de se preparar, nem de falar com sua mãe ou o que quer que seja que façam as noivas. Rebecca, eu faltaria com a verdade se dissesse que não desejo levá-la para a cama, mas também é certo que não desejo prejudicá-la.

Um dos criados tinha deixado um abajur aceso esperando, e a luz criava um reflexo dourado em seu cabelo castanho. Ela estendeu a mão e acariciou-lhe o queixo. Seus dedos, por sua vez eram curiosos e delicados, notaram apenas a barba que se insinuava sob um nítido barbeado.

—Estou preparada e não preciso falar com minha mãe.

Ele arqueou as sobrancelhas, mas deslizou as mãos sobre os ombros de Rebecca, com uma carícia leve, experiente.

—Ah, sim? Intriga-me saber de que modo.

—Ensine-me — sussurrou Rebecca em um tom evasivo, enquanto afastava a jaqueta de seus ombros, para poder terminar de desabotoar a camisa. — Quero que me ensine todas as depravadas maravilhas que podem acontecer entre um homem e uma mulher. Quero vê-lo, senti-lo.

Quando tirou a camisa das calças, Robert a ajudou e a tirou. Tinha o torso escuro, a musculatura bem definida, e ombros largos, impressionantes.

—Não acredito que tenhamos tempo de lições sobre todas essas travessuras em uma hora, mais ou menos — ele murmurou. Só usava botas e calças, e havia um visível vulto na parte dianteira deste último. —Mas farei tudo o que puder. Agora, se não se importar, preferiria não ser o único a ficar nu. Dê uma volta, querida, e me deixe ver se minhas fantasias lhe fazem justiça.

Não que Robert nunca tivesse sido seduzido, mas o certo é que nunca o tinha seduzido uma ingênua inocente. Primeiro Rebecca tinha lhe proposto matrimônio... E ele tinha aceitado... E agora de um modo um tanto rude, mas muito excitante, tinha conseguido tirar quase toda a roupa com um entusiasmo que não se parecia em nada com a imagem que ele tinha das virgens assustadas.

Pelo visto teria que modificar seus conceitos, ao menos no que se referia a sua futura esposa.

Esposa.

Isso era algo que teria que digerir mais tarde. Agora mesmo a pulsação que sentia entre as pernas impedia qualquer pensamento racional.

Desamarrou-lhe o vestido com a facilidade da prática, retirou-o de seus ombros suaves, deixou cair no chão o tecido de cor limão e a musselina desmoronou com um leve murmúrio sobre a seda suave e cálida. Sob a camisa de renda recatada, seus seios redondos se destacavam de um modo que Robert sentiu uma descarga de sangue através das veias enquanto retirava os alfinetes que prendiam o cabelo de Rebecca com dedos impacientes e os deixava de um lado sem prender.

Caiu uma cascata de seda negra que cobriu o perfil gracioso da coluna vertebral de Rebecca. Robert se inclinou para diante e inalou sua delicada fragrância. Cobriu-lhe os seios com as mãos, permaneceu imóvel atrás dela e a atraiu de costas para si.

—Por tudo o que vi até agora — murmurou com uma voz sugestiva, cheia de desejo erótico, enquanto admirava a curva superior de seus seios — você é mais do que eu imaginava. Mas tenho que ver tudo.

—Eu não estaria aqui se não desejasse tudo. —Rebecca recostou-se com prazer contra seu peito e refugiou as nádegas entre seus quadris, com provocante doçura. —Confio em você.

Robert, que brincava com aquela acolhedora cabeleira entre os dedos, parou subitamente e se perguntou se alguém já havia dito-lhe isso alguma vez. «Confio em você.» Devia ser certo. Rebecca tinha posto seu futuro em suas mãos. Sentiu-se humilde e naquele momento crucial, a ideia do matrimônio se transformou em algo diferente. Afastado da egoísta reticência que tinha antes, de que limitasse sua liberdade e que sua vida mudasse de modo irrevogável.

—Pode confiar em mim — assegurou a sua futura esposa com uma voz que expressava uma sinceridade inesperada. —Tudo o que desejar me entregar está a salvo.

—Eu soube disso desde o começo, de um modo ou de outro.

Devia estar dizendo a verdade, ou não estaria ali, em seus braços, meio nua. Se entregasse sua virgindade, não haveria como voltar atrás.

Não haveria como voltar atrás para nenhum dos dois.

Robert a rodeou com seus braços e desamarrou lentamente o laço do sutiã. O tecido se abriu, intensificou-se a sombra que havia entre seus seios, e o objeto deslizou, deixando exposta sua carne pálida e opulenta, tensa e firme, e o elegante coral de seus mamilos. Ele olhou para baixo, para o delicado retalho de pêlo púbico no meio de suas coxas esbeltas, esses cachos escuros que chamavam seus dedos.

E sua boca, embora talvez fosse melhor não ser tão travesso na primeira vez, independente do que ela disse. Seria gentil, prometeu a si mesmo. Seu membro protestava contra o confinamento de suas calças com tanta ferocidade que, para não acelerar as coisas, Robert teve que apertar os dentes e tomar posse de toda sua galanteria...

—Depressa — disse Rebecca jogando a cabeça para trás para apoiá-la em seu ombro — Toque-me. Faça algo. Estou... Não sei.

Esse pedido fez com que a temperatura do sangue, previamente alterada, aumentasse e Robert se perguntou por um segundo se o entusiasmo de Rebecca era resultado da inegável

química que havia entre eles, ou de uma sensualidade inata. Decidiu que se a sorte lhe sorria, seriam ambas as coisas, e a levantou em seus braços.

—Não se preocupe, eu a tocarei. —Sua voz não tinha nada do tom despreocupado que costumava usar na cama. Ele estava acostumado a provocar, seduzir, brincar com o flerte e o desejo. Isto era diferente. —Vou tocá-la com tal paixão que não esquecerá nunca, jamais esquecerá esta noite.

Deitou-a na cama. Admirou com os olhos cada detalhe daquelas pernas longas, a curva sensual dos quadris femininos, a plenitude dos seios cativantes. O cabelo denso e brilhante espalhado por toda parte, e o contraste do negro contra os lençóis brancos, que evocava as obras-primas de pintores clássicos, quando a beleza feminina era objeto de reverência e estudo.

E os olhos, com pestanas tão longas e uma cor tão incomum, reminiscência do mar sob o sol do verão. Robert contemplou tudo enquanto se sentava para tirar as botas, e logo se levantou para desabotoar as calças. Rebecca observou sua ereção abertamente e abriu seus maleáveis lábios... Surpreendida? Admirada? Temerosa?

—É enorme — disse com o olhar absorto.

Robert reagiu com um discreto sorriso e se juntou a ela na cama. Acariciou lhe o quadril nu e disse:

—Mas querida, a verdade é que não pode me comparar com ninguém, não é?

—Não, mas...

Beijou-a tentando sufocar esse primeiro brilho de receio virginal. Aproximou-se o bastante para lhe roçar o quadril com o membro ereto, mas não muito para que se habituassem a sua excitação e suas intenções. Traçou com reverência a refinada silhueta da coluna vertebral, explorou a depressão da cintura e o arco da caixa torácica, até acolher um dos seios perfeitos com uma mão, que aceitou aquele peso quente e transbordante. Ante aquela carícia íntima, ela estremeceu.

—Perfeita — disse Robert. Seus lábios percorreram a face até a orelha e sussurrou: — Você é perfeita. Desenhada para mim. Quantos homens terão sonhado estar assim com você?

Essa conjectura era tão imprópria dele, que ao ouvir a pergunta que acabava de fazer, Robert ficou atônito. Compreendeu com surpresa que estava com ciúmes dessas fantasias desconhecidas; como durante a noite, quando a tinha visto dançar com pretendentes potenciais com desassossego e melancolia.

—Sinto muito, mas agora não posso pensar em ninguém mais. Estamos só nós dois no mundo. — Rebecca virou a cabeça e beijou o ombro, enquanto ele acariciava um seio delicioso.

Tinha razão. Os homens que a tinham desejado no passado tinham desaparecido. Eles tinham perdido e ele tinha ganhado.

—Não. Não há ninguém mais que você e eu — disse ele em voz baixa.

Com aquela frase breve, tão carregada de sentido, todas as amantes de seu passado dissoluto também se desvaneceram para sempre.

—Estou preparada —murmurou ela —quando você estiver.

Ele estava mais do que preparado, e aquela ingênua declaração o fez sorrir. Duvidava que Rebecca estivesse pronta ainda, apesar da complacente aquiescência e à receptividade que tinha mostrado até então, tinha a intenção de fazer com que aquele momento não fosse o fim, mas sim o começo.

— Você estará — murmurou, e inclinou a cabeça com um sorriso pecaminoso — logo.

Quando ele colocou entre seus lábios um mamilo tenso e firme, e ela suspirou trêmula, sentiu-se recompensado.

—Robert — gemeu. Seu nome foi um mero suspiro, carregado de significado.

Ele se dedicou à sedução, ao delicioso prazer que pretendia lhe dar, à magia desse momento único para ambos. Exceto no plano físico, estava acostumado a se mostrar distante com suas conquistas, mas a mulher que estava em seus braços não pertencia a essa categoria.

Robert se moveu e respondeu com ardor. Ele procurou a cúpula ereta de seus seios, enquanto seus dedos descobriam a úmida firmeza entre suas pernas. Cada vez que chupava, cada vez que a acariciava, Rebecca se remexia inquieta, e seu corpo flexível era a encarnação

da tentação. Para Robert, sentir o roçar de sua pele era algo esmagador que aniquilava sua suposta experiência.

Saboreou com cuidado e provocou seus seios exuberantes, e enquanto isso moveu a mão devagar, em círculos, sobre as dobras separadas daquela fenda molhada. Ela se agarrou aos seus ombros e gemeu, com muito menos acanhamento do que ele esperava, e separou as pernas para permitir o acesso. Uma delicada fragrância emanou de sua pele, e essa essência primária de fêmea no cio inflamou os sentidos de Robert, que já estava ardendo.

—Diga-me se você gosta — suplicou, exercendo a pressão justa com profunda satisfação, ao notar a umidade e o botão inchando sob os dedos.

Rebecca arqueou e seus mamilos excitados lhe acariciaram o torso.

—Sinto... Oh... Eu...

Era a resposta incoerente que ele procurava, e soube que ela estava perto do clímax, tanto porque a cor de seu rosto encantador se intensificou, como pelo frenesi com que o agarrava. Robert lambeu seu lábio inferior, deslizando-se com uma sensualidade deliberada.

—Espere, acredito que está chegando ao momento decisivo, querida.

Quando chegou, um grito de surpresa e prazer surgiu da garganta de Rebecca, cujo gracioso corpo estremeceu com visíveis tremores. Robert contemplou como baixava as pálpebras, sem saber se ele também alcançaria o apogeu naquele momento, só pela felicidade de ser ele quem lhe tinha proporcionado a primeira mostra do êxtase do orgasmo.

E ele estava apenas começando.

Ela queria um tutor devasso. Eles seriam um casal ideal, pois como instrutor ele certamente possuía essa qualidade. Robert deslizou entre as pernas que Rebecca mantinha separadas e se colocou de modo que logo roçava a pequena abertura com o membro. Sorrindo relaxado, embora seu corpo estivesse tenso como a corda de um violino, esperando que ela se recuperasse o bastante para abrir os olhos. Apoiado nos cotovelos sobre seu corpo trêmulo, viu-a levantar as pálpebras.

—Agora está preparada — disse sucinto.

—Foi... —Rebecca se calou e então disse entre risadas entrecortadas: — Não terminei uma frase desde que nos despimos, não é verdade?

—Bom sinal. —Robert se moveu para sondar a capacidade do caminho que lhe oferecia e começou a penetrar em seu corpo com uma leve pressão. —A forma mais prazerosa do mundo de deixar uma mulher sem palavras.

Ela percebeu o que ele estava fazendo, e abriu os olhos amplamente.

—Assim. —Robert se inclinou para baixo, levantou-lhe a perna, dobrou-a na altura do joelho e lhe pôs o pé sobre a cama. — Quanto mais aberta estiver, mais fácil será.

Com elegância lisonjeira, Rebecca se moveu para fazer o mesmo com a outra perna, separou as coxas totalmente para que ele entrasse, olhou-o fixamente com comovente emoção e um sorriso agradável que não expressava o menor temor.

«Confio em você.»

Robert nunca foi tão atencioso, tão comedido, tão consumido pela luxúria. Tanto que acreditou que arderia enquanto possuía aquele corpo. Quando rompeu a barreira da virgindade e viu o pestanejo de dor, beijou-lhe a testa, a ponta do nariz e bebeu de seus lábios com goles suaves e carinhosos para tranquilizá-la e acalmá-la.

—Melhorará — murmurou. —Juro. Melhorará, muito.

—Não sou uma flor delicada — respondeu ela com surpreendente ironia, aliviando a pressão sobre seus ombros. —E o fato de amá-lo não significa que não deseje que faça honra a sua reputação, lorde Robert. Mostre-me a razão de seu virtuosismo legendário.

«Amo-te.»

—Diz com tanta naturalidade... —murmurou Robert como resposta. Seu membro ansioso o incitava a mover-se, mas a emoção o mantinha imóvel e grunhiu: — Rebecca, eu...

Talvez fosse a intuição feminina, mas ela soube exatamente o que devia dizer.

—Ensine-me — suplicou em voz baixa.

E quando ele o fez, quando se moveu em seu interior com lentas investidas até que ela começou a ofegar, depois gemer e finalmente a gritar. O seu próprio prazer se intensificou

por causa do desinibido prazer de Rebecca, até que a primeira rajada de tensão rodeou seu membro invasor, e todo seu corpo explodiu em um acesso de paixão no que se precipitou até perder-se.

Nos braços de Rebecca, em seu corpo sedutor, em sua alma.

Capítulo 22

Os mal-entendidos são inevitáveis. Quando menos o esperam, sairão à luz e confundirão a ambos. A forma como enfrentam cada um deles lhes dará a medida de seu afeto mútuo.

Do capítulo intitulado: «A arte da discussão»

Ele estava ali. Parecia incrível, mas a estavam seguindo.

De fato, a silhueta rondava a soleira da loja de tabaco, do outro lado da rua. Brianna, muito irritada e chateada, entreabriu os olhos e se perguntou se devia informar às autoridades. Afinal de contas, seu marido era um homem rico, e devia ficar alerta se por acaso alguém quisesse sequestrá-la.

Era o terceiro dia consecutivo que o via, e cada vez estava mais convencida de que esse estranho homem com um boné marrom xadrez a estava seguindo. A primeira vez que o viu foi quando esqueceu o moedeiro na carruagem; virou para sair correndo e com pressa, e quase tropeçou nele. Naquele momento não lhe deu importância, mas no dia seguinte havia tornado a vê-lo.

E ali estava novamente no outro dia, embora estivesse vestido de outra forma. Quando Brianna o localizou pela terceira vez, sua curiosidade se transformou em alarme.

Voltou a entrar na loja e perguntou à esposa do chapeleiro, uma mulher corpulenta que trabalhava na parte dianteira do estabelecimento, se havia uma saída traseira que pudesse utilizar. A vendedora se mostrou surpresa, mas lhe mostrou a porta traseira e aceitou umas moedas em troca de enviar um funcionário à rua, depois de uma hora mais ou menos, para dizer ao chofer da duquesa que retornasse para casa com o veículo. Na expressão da mulher, Brianna leu que os caprichos dos nobres e dos poderosos deviam ser aceitos com resignação, e saiu às escondidas do beco que havia atrás da loja, livre graças ao seu estratagema.

Não sabia se o artifício era necessário, mas estava grávida e a vida do filho que levava em seu ventre, mais real à medida que o tempo passava, era o mais importante do mundo. O prudente era ser cuidadosa.

Fazia um dia muito agradável, talvez um pouco frio, e no alto do céu azul celeste coberto levemente por nuvens. Quando já tinha andado bastante pela rua, esquivando-se de pilhas de resíduos imprecisos, Brianna entrou pela porta traseira da loja de tabaco, pediu desculpas ao sobressaltado proprietário e saiu novamente à rua.

Arabella vivia perto, junto a Rua St. James e o tempo já estava bom, seria agradável dar um passeio até o domicílio dos Bonham. Ao chegar ela soube com alívio que lady Bonham estava em casa. Depois de alguns minutos a conduziram a uma sala privativa no primeiro andar, e sua amiga ficou de pé para recebê-la.

—Bri, estou contente que tenha vindo.

Brianna forçou um sorriso.

—Sinto aparecer de repente, mas me pareceu conveniente.

—Conveniente? —Arabella apontou uma poltrona e franziu o cenho. —Que palavra curiosa.

Brianna se sentou. Embora já tivesse se acostumado aos enjoos, de vez em quando tinha náuseas.

—Poderia pedir que me trouxessem uma xícara de chá leve?

—É obvio. —Arabella chamou com o sino. —É o menino? Por Deus, de repente ficou pálida. Precisa se deitar?

—Um pouco de chá me fará bem — assegurou Brianna. Quando chegou a infusão, bebeu com vontade, depois esperou que a náusea passasse e disse com um sorriso algo chorosa: — É que estou um pouco chateada. Ainda bem que está em casa.

Durante o passeio tinha tido uma suspeita muito desagradável, e precisava falar com alguém.

Arabella parecia preocupada.

—Qual é o problema? Isto não é próprio de você de maneira alguma.

—Nem sequer sei por onde começar. Nem se devo começar.

Aquilo fez com que sua amiga pestanejasse.

—Por favor, escolha um jeito. Está fazendo rodeios.

—Não é o que pretendo, mas pelo visto é assim que está minha vida ultimamente. —

Brianna deu outro gole e se sentiu bastante revigorada para deixar a xícara do lado. — Disse ao Colton que vamos ter um filho.

Arabella fez um gesto de aprovação.

—Imagino a felicidade de seu marido.

—Era de se esperar que se mostrasse feliz.

A condessa de Bonham franziu o cenho.

—O que significa isso? É feliz, não é verdade?

—Ele disse. —Brianna olhou para uma das janelas com painéis e reprimiu o pranto. —Ele diz que sim. Mas eu não estou certa. Trata-me de um modo diferente. E agora isto.

—O que quer dizer com «isto»? —perguntou Arabella, depois de um momento.

—Estão me seguindo. Pelo menos eu penso assim. Um homem horroroso com um boné marrom. Eu o vejo de vez em quando, e embora seja verdade que as coincidências ocorrem na vida, não acredito que seja isto.

—Não entendo.

Brianna meneou a cabeça.

—Eu tampouco entendo, mas digo que não me surpreenderia que Colton tivesse algo a ver, considerando o mau humor que está estes dias. Tem feito umas perguntas muito estranhas, e se comporta como se estivesse encantado com o menino, e ao mesmo tempo não. Ah, não o estou descrevendo bem, mas basta dizer que não sei o que fazer com tudo isto. Por que meu marido mandaria alguém me seguir?

Arabella abriu a boca para responder, mas ficou assim um momento e a fechou de repente. Logo se ruborizou, desviou o olhar e ergueu os ombros.

Brianna observou o processo com interesse. Continuava com o estômago revolto, provocado por sua agitação interna.

—O que foi? —Perguntou com a franqueza e a familiaridade de uma velha amiga. —Se souber de alguma coisa diga-me, por favor.

—Eu não sei de nada, e suponho que não me surpreende que não tenha ocorrido a você, porque tampouco me ocorreu, mas talvez possamos nos aventurar a uma conjectura. — Arabella virou-se, com expressão decidida. —Rebecca me emprestou o livro quando terminou, sabe?

Brianna assentiu. Não era necessário esclarecer ao que se referia com «o livro». Os conselhos de lady Rothburg.

O livro.

—Continuo sem acreditar que nós três o lemos. Nossas mães morreriam de susto. Mas... Eu... Ai, querida, não há uma forma delicada de dizê-lo, eu...

—Bela, adoro você, mas fale de uma vez antes que eu grite.

—Fiz aquilo do capítulo dez.

«Capítulo dez.» Brianna tentou se recordar, e assim que se lembrou ao que se referia sua amiga, apenas foi capaz de reprimir um gemido. Ela não se atreveu com o capítulo dez, de modo que compreendeu perfeitamente o rubor.

—Eu entendi.

Arabella interveio imediatamente:

— Não foi tão desagradável como parecia e...

—Se não me disser de uma vez por que acredita que isto tem a ver com a minha situação, ficarei louca. —Brianna notou que os dentes rangiam. O mal-estar que sentia no estômago não a ajudava.

—Andrew exigiu saber de onde tinha tirado a ideia. Gostou e não gostou ao mesmo tempo, não sei se me entende. —Arabella apoiou as costas com gesto decidido, apesar do rubor de sua face.

—Não, acho que não.

—Não se preocupe, o seu nome não foi mencionado em nenhum momento, mas ao final tive que confessar que tinha lido o livro, porque meu marido não teria esquecido o assunto. Tranquilizou-se de tal maneira que nem sequer se zangou.

—Tranquilizou-se? —Brianna não entendia a lógica. — Por quê?

—Sua primeira reação foi acreditar que talvez outro homem tivesse sugerido a ideia.

Brianna ficou sem palavras.

Arabella continuou olhá-la, compreensiva.

—Acredito que minha expressão se parecia com a sua neste momento. Não conseguia entender que tivesse chegado a essa conclusão. Quero dizer que, como Andrew podia pensar isso? Sua resposta foi que não podia imaginar nem por um momento que eu tivesse sonhado sequer fazer algo tão escandaloso por mim mesma. O problema é que tinha razão. Eu não teria feito. Eu nem sequer sabia que as mulheres faziam coisas assim. Se não fosse pelo livro, não teria me ocorrido. Pode ser que você tenha sido seguida e Colton seja o responsável, por ter chegado à mesma conclusão que Andrew.

Deus do céu. Colton não podia acreditar que ela tinha uma aventura, ou poderia? Brianna permaneceu imóvel em sua poltrona, sua cabeça dando voltas, recordando as últimas semanas.

Quando ela colocou em prática os conselhos do capítulo dois, ele perguntou de onde tinha tirado essa ideia, mas ela se esquivou a pergunta. Ao contrário de Andrew, Colton não era dado a insistir e tinha deixado passar.

Depois... Oh, por todos os Santos, foi amarrado no dia de seu aniversário e agora que pensava, foi a partir daí que tudo começou a mudar.

«Você não tem feito nada de errado, querida. Não é verdade?»

Naquele momento, a Brianna percebeu a vulnerabilidade que havia em seu olhar, havia uma acusação também?

Quando afastou um cacho de cabelo solto da face, a mão tremeu como uma folha a mercê do vento. Deixou-a cair sobre o colo e disse com uma voz irreconhecível:

—Agora que penso, pode ser que tenha razão. Ai, Bela, os homens são completamente loucos?

—Eu estou acostumada a pensar que sim — respondeu com franqueza sua amiga. —O que vai fazer agora?

—Suponho que o assassinato continue sendo um crime na Inglaterra — resmungou.

—Por desgraça, sim — respondeu Arabella com certa ironia. —Por mais bobo que seja o augusto duque, dar o que ele merece seria um castigo muito duro.

—Continua me parecendo tentador.

—Eu imagino. Eu me ofendi tanto como você agora. Bom, talvez um pouco menos. Andrew não chegou ao extremo de fazer com que me seguissem.

Seu marido tinha feito com que a seguissem. Era algo inconcebível.

Brianna se levantou da poltrona e olhou sua amiga.

—Eu acredito que Colton está a ponto de descobrir que, diferente dele, não me desagrada discutir assuntos que possam ser desconfortáveis. Se ainda tiver o livro, agradeceria se me devolvesse, por favor.

—Está escondido em meu quarto. Vou buscá-lo.

Arabella se levantou com elegância e saiu da sala. Depois de alguns minutos voltou com o volume encadernado com couro. Ela o entregou com um brilho em seus olhos escuros.

—O que você vai fazer?

Brianna se levantou mais indignada do que em toda sua vida.

— Ensinar ao meu exasperante marido uma lição sobre as vantagens da honestidade.

A porta do estúdio se abriu de repente e com tanta força que bateu no painel da parede em frente. Sem chamar, sem pedir permissão para entrar. Despreparado ante tal intromissão, Colton levantou os olhos, sobressaltado. Seu secretário, que parecia um espantalho desajeitado, saltou tão de repente que derrubou a cadeira. Colton, que ficou de pé com educação e um pouco mais devagar, captou a explosão de raiva no rosto de sua esposa assim que entrou na sala e previu um desastre iminente.

—Boa tarde, querida — disse com tanta delicadeza quanto pôde.

—Aqui está. —Ela avançou diretamente para a mesa e deixou cair um livro sobre a pilha de correspondência que ele estava revisando.

«Que demônio aconteceu agora?»

Brianna usava um vestido em tons pêssego. Era um traje discreto e distinto, embora se ajustasse as suas cativantes curvas de forma sugestiva. Em seus preciosos olhos azuis havia um fulgor de indignação evidente. Ao perceber que fosse qual fosse o problema não o favorecia de forma alguma, Colton pigarreou e disse com brusquidão:

—Mills, já pode ir. E por favor, feche a porta ao sair.

O jovem obedeceu com uma urgência quase cômica, e assim que Colton ouviu que fechava a porta, disse em um tom frio:

—É muito evidente que está zangada comigo por algo, mas já sabe que me desagradam às manifestações emocionais diante dos criados, Brianna.

—Sempre lhe desagradam às manifestações emocionais, excelência — fez saber sua bela esposa com sarcasmo — mas acreditei que poderia mudá-lo. Suponho que esse foi meu erro, porque o único que recebi por meus consideráveis esforços foi sua desconfiança.

Desconfiança. Colton entendeu e em silêncio amaldiçoou Hudson e seus filhos por não cumprir com sua parte do trato de serem invisíveis.

Esse era o verdadeiro desastre.

— Mudar? —Olhou-a nos olhos e viu com assombro o brilho das lágrimas.

Brianna apoiou a mão em cima da mesa e se inclinou um pouco para frente, com evidente fúria.

—Contratou alguém para que me seguisse, Colton? Pensou a sério que eu podia estar tendo uma aventura com outro homem?

Ele sentiu uma de onda de alívio, pois ela estava sinceramente ofendida. A ideia de que Brianna estivesse adquirindo sabedoria sexual a passos largos no leito de outro estava lhe

deixando louco de ciúmes a cada dia que passava. Agora era a vez dele se ruborizar um pouco, e notou de repente que a gravata o apertava.

—Talvez devêssemos nos sentar e falar disto com calma.

—Não. —Aquela boca tão acolhedora se transformou em uma linha reta. Brianna moveu a cabeça obstinadamente. —Eu não estou calma e me nego a fingir o contrário. Eu não sou como você, e sou a favor de que os outros saibam que tenho sentimentos.

Magoado ante o tom crítico que havia implícito em sua voz, Colton disse com ar formal:

—Lamento desiludi-la, Brianna, mas eu sempre fui reservado. Você sabia antes de aceitar minha proposta de matrimônio.

—Você, senhor, é mais que reservado, é arrogante.

—Arrogante? —Colton arqueou uma sobrancelha devagar. A acusação tinha um tom tão mordaz, que foi como se o tivesse esbofeteado. — Entendo.

E ele merecia o que era ainda pior. Em parte quase desejava que ela lhe desse a satisfação de esbofeteá-lo.

—Sim, mas estava melhorando. Graças a isto. —Brianna apontou o livro que havia entre os papéis dispersos.

De que diabo estava falando?

Pela primeira vez, Colton olhou para baixo e leu o título, gravado em letras escarlate sobre a capa de couro pele.

—Deus bendito — resmungou. —De onde diabos tirou isto?

—Acaso importa de onde o tirei? O que importa é que foi muito instrutivo.

Ele conseguiu se conter e não disse para sua maravilhosa esposa que nenhuma dama de bom berço devia ler o livro de uma perdida, que durante um tempo ganhou a vida vendendo seus favores sexuais, e depois teve o descaramento de publicar detalhes sobre suas façanhas. Em vez disso, acolheu a afirmação de Brianna com incômoda perspicácia.

—Por que pensou que precisava estar tão informada? —conseguiu manter o tom conciliador com enorme controle.

—Porque não tinha a intenção de acabar como a esposa de lorde Braden, e encontrá-lo na ópera de braço dado com sua amante.

—Brianna, eu não tenho uma amante — disse em um tom de alívio e exasperação.

—Isso é bom saber. —O lábio inferior tremia um pouco e emitiu um sonoro suspiro. — Mas e o que vai acontecer no futuro? Você fala frequentemente da falta de fidelidade nos matrimônios aristocráticos, e eu não sou surda e ouvi os falatórios. Não quero jamais que vá em busca de outra mulher porque eu possa parecer aborrecida.

Tinha um ar de sinceridade adorável. Colton reprimiu o impulso repentino de tomá-la entre seus braços e lhe demonstrar da forma mais física possível que não corria perigo de que ele desejasse a nenhuma outra. Não obstante, tinha a impressão de que seus cuidados não seriam recebidos com entusiasmo desenfreado nesse momento. Primeiro tinha que reparar o dano.

Pigarreou.

—Eu aprecio esse sentimento sobre a fidelidade, porque eu mesmo estava ficando louco, me perguntando onde demônios tinha aprendido essas técnicas tão ousadas. Perdoe-me por ter dúvidas, mas era lógico pensar que alguém a estava ensinando, e não era eu.

Ela baixou as pálpebras e entreabriu os olhos.

—Não, você não. Claro que não. Durante os primeiros meses você nem sequer tirava a minha camisola quando fazíamos amor, Colton.

Isso era verdade, e um fato que o torturava, sobre tudo vindo de uma jovem que se propusera a suas relações sexuais.

Maldição, ela era sua esposa. Ele tinha tentado apenas ser educado e não ferir sua sensibilidade.

—Estava tentando ser um cavalheiro. — ficou na defensiva, porque tinha feito esse sacrifício por ela. Embora o que fez e o que queria fazer eram duas coisas totalmente distintas.

—Lady Rothburg diz que na cama não há damas nem cavalheiros.

—Disse isso? —Colton mexeu o quadril e o apoiou na superfície que tinha ao lado, cruzou os braços e olhou diretamente para sua esposa desobediente lembrando os episódios de prazer incomensurável que tinha desfrutado nos últimos tempos, quando ela seguia os conselhos do livro infame. —Deduzo que se tentou mudar as coisas foi porque quem te parecia aborrecido era eu.

Silêncio. Sem negativas. Isso sim que era lisonjeiro.

O rubor subiu pelo delgado pescoço de Brianna e tingiu suas faces. Ficou de pé do outro lado da mesa.

—Aborrecido não, porque desfrutei sempre que me acariciou. Mas faltava algo. O que acontecia entre nós na cama era agradável, mas não excitante.

Colton se sentiu como um idiota. Ela tinha toda a razão.

—Entendo que desejava paixão?

—Só contigo, Colton, porque te amo. Mas, sim, acho que é mais excitante quando perde algo desse controle formidável e demonstra o quanto me deseja. —Olhava-o com total sinceridade e ele não pôde evitar sentir-se humilhado.

Envergonhado de si mesmo em muitos sentidos, e ao mesmo tempo humilhado. Mas como ia saber que ela tinha uma cópia desse livro escandaloso?

—Brianna...

—No momento — anunciou ela como se dissesse muito a sério — não penso em dirigir-lhe a palavra.

Então se virou e saiu com o mesmo ímpeto com o que tinha entrado. Mas antes disso, ele viu o rastro úmido de uma lágrima que descia por seu rosto e que ela afastou com fúria com a mão em um gesto revelador.

Se havia algo pior do que ser um asno, era ser um asno insensível, pensou taciturno.

Tinha que fazer as pazes, e o certo é que não tinha ideia de como fazê-lo. E embora estivesse sinceramente zangado consigo mesmo por fazer mal a sua esposa com suas suspeitas, uma parte de si pulava de alegria.

Brianna era exclusivamente sua. A criança que gerava em seu útero era o símbolo do amor mútuo, e apesar de ter cometido um grave erro, nunca em toda sua vida havia sentido tanta euforia ao saber-se equivocado.

Intrigado, agarrou o infame livro e examinou as letras douradas da capa. Talvez merecesse ao menos uma olhada, já que Brianna o tinha utilizado para seduzi-lo, e o fez com tanta eficácia. Possivelmente lady Rothburg também podia ensinar algo a ele.

Capítulo 23

A vida está cheia de surpresas, e o amor é o mistério mais desconcertante de todos eles.

Do capítulo intitulado: «Conservem o que têm»

Era a única maneira possível de agir. Robert já tinha saltado ao abismo aceitando a proposta de Rebecca e lhe fazendo amor de uma forma selvagem e muito satisfatória, de maneira que o mínimo que seu irmão podia fazer era acompanhá-lo, e proporcionar certa respeitabilidade e apoio quando abordasse o pai dela. Ela tinha dito que se casaria com ele de qualquer maneira e agora era imprescindível que o fizesse, mas era melhor para todo mundo que sir Benedict aprovasse o enlace.

—Se não se importa — disse pela segunda vez, já que Colton não tinha respondido. —Se existe alguma possibilidade de convencer sir Benedict de permitir que eu me case com sua filha, é através de você.

Colton, reclinado na poltrona de seu escritório abarrotado de correspondência, continuava calado.

—Você se importaria de dizer algo, maldito seja? —resmungou Robert.

—Parece que fiquei mudo por uma eternidade — respondeu seu irmão, olhando-o incrédulo. —Você realmente está me está pedindo que o acompanhe para pedir a mão de uma jovem?

—Sim — confirmou Robert, e embora custasse certo esforço, acrescentou — por favor.

—Deseja se casar.

—Não, claro que não. —Robert não pôde evitar um tom mordaz e se levantou outra vez. Tinha vontade de andar. —Não seja estúpido.

Colton arqueou uma sobrancelha.

—Tento não ser, mas minha esposa dirá que nem sempre o consigo.

Robert não pôde evitar e começou a rir. Fazia muito tempo que não via mostras de senso de humor em seu irmão.

—Se não se importar, por que está pensando em se casar com a senhorita Marston?

—Tudo o que quero dizer é que não sentei para pensar que queria me casar. De fato estive resistindo como um javali, mas ela ganhou e para minha surpresa não foi tão doloroso como imaginava. — A derrota, se ele usasse o termo para definir essas horas de ternura em seus braços, tinha sido um triunfo. —Não pediria este favor se não fosse importante, Colton — acrescentou Robert em voz baixa.

—O matrimônio costuma ser importante, se me permite ser simplista sobre algo que não é simples de maneira alguma. —Colton juntou as pontas dos dedos de ambas às mãos. —É obvio que irei contigo. Por acaso tinha dúvida?

—Queremos uma licença especial.

Colton levantou as sobrancelhas.

—Precisam?

Esse era o problema. As pessoas pensariam que tinha seduzido Rebecca se casassem rapidamente. O fato de que a sedução tivesse acontecido ao reverso era irrelevante. Isso era assunto só deles dois, mas Robert odiava a ideia de que sua esposa fosse protagonista de fofocas maliciosas.

E pode ser que estivesse grávida de seu filho.

—Eu disse que precisamos? —Replicou com impaciência. —Queremos. Tanto ela como eu.

Tinham passado vários dias da aparição de Rebecca na festa, acompanhada de um grupo de mulheres de má vida, e não tinha havido nenhum comentário, o que era um alívio. Mas mesmo sem o possível escândalo, não queria demorar em convertê-la em sua esposa.

Era curioso, mas uma vez que aceitou a ideia, incorporou-a a sua vida. Queria Rebecca em seu leito, em seu lar, mas sobre tudo em sua vida.

—Obteremos primeiro a permissão de sir Benedict antes de falar de uma licença especial, o que te parece? —Disse Colton com ironia. —Eu, que o amo muito imaginei o pior. Não é necessário que levantemos suas suspeitas a princípio.

Colton, o altivo e abstraído Colton, acabava de dizer que o amava, sem vacilar? Robert, paralisado de assombro, olhou seu irmão do outro lado da mesa. Depois de alguns momentos, conseguiu dizer com a mesma autoconfiança:

—De acordo.

—Iremos esta tarde. Direi a Mills que mande alguém para ter certeza que estejam nos esperando. Enquanto isso volte a se sentar. Preciso do seu conselho.

Robert se sentou. De fato, ele precisava.

Seu irmão mais velho não pareceu notar sua cara de espanto. Olhou a pilha de papéis que havia em sua mesa e então olhou para cima.

—Não quero sermões, está claro?

—Quase ninguém os quer — conseguiu dizer. —Ainda não conheci ninguém que peça um. Mas por que demônios eu iria repreendê-lo?

—Eu, de fato, não quero nenhum.

Estava muito claro. Robert sufocou o riso.

—Compreendido.

—Brianna está furiosa comigo.

Ah, então isto era sobre a encantadora esposa de seu irmão. Não o surpreendeu nem um pouco. Ela era o centro de sua vida, admitisse ou não. Robert arqueou uma sobrancelha.

—Já que recorreu a meu conselho, permita-me perguntar por quê?

—Contratei um homem para que seguisse Brianna e ela descobriu não sei como.

Robert nunca tinha visto Colton tão desconfortável. Demorou alguns minutos para assimilar a informação. Estava desconcertado.

—Por quê?

—Porque esse bastardo inepto colocou os pés pelas mãos, é evidente.

—Não, refiro-me ao por que contratou alguém para seguir Brianna.

—Porque pensei... Perguntava-me se talvez... Oh, Deus. —Colton passou a mão nos cabelos e disse com pesar: — Preocupava-me que fosse infiel. Acontece que eu me equivoquei, mas ela não está disposta a me perdoar. Há dois dias que não nos falamos.

—Infiel? —Robert revirou os olhos, sem saber como reagir. —Brianna? Por que diabo pensou tal coisa?

—É óbvio que dispunha de certas provas convincentes, do contrário não teria ido tão longe — replicou Colton entre dentes. — Provou ser um mal-entendido de proporções gigantescas, mas eu continuo dizendo que não é estranho que eu chegasse a esse tipo de conclusão. Fora isso, preciso encontrar o modo de me reconciliar com ela. Solicitei uma audiência para poder me desculpar formalmente, mas ela se recusou. Para ser franco, surpreende-me que não tenha me abandonado e partido sem minha permissão para Devon, com seus pais.

Para Robert não passou despercebido a tristeza que o tom de Colton tinha. Embora estivesse perplexo que seu irmão, que estava acostumado a ponderar sobre tudo de um modo consciencioso, próximo à obsessão, tivesse cometido um erro tão grave. Estava claro que não era tão ponderado quando se tratava de sentimentos íntimos.

Nunca passou pela cabeça de Brianna ser infiel. Robert estava tão convencido disso como de que o sol sairia no dia seguinte. Ela amava seu irmão com paixão, quase com tanta paixão como ele a amava, constatou.

—Não acabou — aventurou-se a dizer — porque embora você a tenha magoado e ofendido sua integridade e o que é pior, demonstrou que desconhecia a profundidade de seus sentimentos, ela o ama o bastante para ficar. Apostaria que por muito que deseje se esforçar para arrumar as coisas entre vocês, ela o deseja ainda mais. Esse é o seu trunfo.

No rosto de Colton brilhou uma faísca de alívio.

—Você acha?

—O que não significa que não tenha que rastejar Colt. E em minha opinião, ser um duque famoso não serve para aprender a rastejar.

Seu irmão resmungou em voz baixa. Era difícil dizer se concordava ou fazia justamente o contrário.

—Acredito que estou disposto a fazer o que for necessário. Não desejo que ela seja infeliz ao meu lado, mas por acima de tudo não desejo que seja infeliz. Não tenho ideia de como resolver esta situação.

—Eu posso pensar em algumas. —Robert notou que começava a sorrir. Tinha prática em apaziguar mulheres furiosas e a verdade é que o fazia muito bem.

—Excelente — disse Colton. —Você me ajuda, e eu farei todo o possível para me assegurar de que sir Benedict não torça o seu pescoço assim que comunicá-lo que deseja se casar com sua filha o mais breve possível.

Estavam lá em cima, no estúdio de seu pai.

Robert, seu pai e o duque de Rolthven.

Rebecca, sentada na sala de música, brincava com as teclas do piano. Ao menos tinha deixado de andar de cá para lá. Isso a deixou exausta e teria jurado que tinha desgastado uma parte do tapete.

Não podia acreditar que estivesse acontecendo finalmente. Era como um sonho. Robert Northfield tinha ido pedir formalmente sua mão. Robert.

Ele, um notório libertino, um ardiloso escandaloso, um devasso de primeira ordem. Na outra noite — quando saiu às escondidas do baile e esteve prestes a provocar uma catástrofe, com sua inoportuna aparição em um lugar onde certamente jovens decentes não eram bem-vindas — tinha sugerido estar disposta a considerar a possibilidade de fazer uma parada em sua residência antes que a levasse para casa. Ele tinha se negado, insistindo em que podia esperar.

Algo impróprio de um libertino. Amava-o ainda mais por isso. E mais ainda por deixar-se convencer do contrário.

Era como sua mãe havia dito. Robert tinha o brilho superficial de um sedutor fascinante de atitude despreocupada, mas ela havia experimentado as qualidades do homem que havia por

baixo. Tinha sido tenro, ardente, e mesmo quando estava em seus braços e pediu para que fosse ousado, em lugar disso Robert havia dado ternura e um prazer delicioso. Rebecca sabia que ia ser um marido perfeito.

Agora, desde que seu pai fosse da mesma opinião, podia acabar sendo a mulher mais feliz da Inglaterra.

Mas isso estava longe de ser um fato. Rebecca tinha recusado muitos bons partidos, cavalheiros com fortunas imensas, e melhor posicionados na elite da sociedade como o marquês de Highton. Nenhum deles tinha uma reputação tão duvidosa como a de Robert.

Incapaz de suportar mais e ansiosa por tranquilizar seu ânimo, Rebecca agarrou a primeira partitura que encontrou e começou a tocar. Era uma peça inacabada em que esteve trabalhando semanas antes de tropeçar no homem de seus sonhos, quando tentava escapar de lorde Watts. Desde aquele momento decisivo não tinha feito nenhum progresso.

Suas mãos pararam quando a porta se abriu.

Não se deu conta de que estava contendo a respiração até que Robert apoiou um cotovelo no instrumento.

—Muito bonito. É sua? —murmurou.

Ela captou a sombra de um sorriso no traço perfeito de seus lábios, e foi invadida pela euforia.

—Minha? Você se importaria de explicar?

Referia-se a algo muito mais importante que o quarteto inacabado.

Ele assentiu devagar. O tom dourado de seu cabelo castanho e seus intensos olhos azuis lhe dava um charme incrível.

—Seu.

Seu pai realmente havia aceitado?

—Suspeitei desde o princípio. —Robert sorriu como só ele podia fazer, levantando o canto da boca de uma forma fascinante. —Perguntava-me se a música que interpretou em Rolthven tinha sido composta por você.

—Compor música é uma atividade imprópria de uma dama. —Dentro de seu peito, seu coração tinha iniciado um contundente staccato.

—Eu gosto quando faz coisas impróprias de uma dama. —A voz de Robert tinha um tom sedutor. —De fato, acredito que na outra noite me prometeu que seu comportamento seria geralmente impróprio. Espero que cumpra esse juramento, como todos os que fizemos mutuamente.

Rebecca se lembrou do livro e de seus desavergonhados conselhos e ruborizou-se.

—Uma vez que você ainda está aqui, deduzo que meu pai... —murmurou.

—Aceitou? —Perguntou ele com ironia ao ver que ela ficava sem palavras. —Devo admitir que a princípio, não. Mas entre sua mãe, que manteve sua palavra e intercedeu, sir John, que era amigo de meu pai e do seu, e outra série de fatores atenuantes como o comportamento de Bennie durante todos estes anos, sir Benedict decidiu a contra gosto que, apesar de tudo, talvez eu não seja tão canalha.

Depois que fizeram amor, Robert contou finalmente por que seu pai tinha uma opinião tão ruim dele. Rebecca ficou a seu favor, furiosa ante a fraqueza de seu primo por acusar alguém que só tentou ajudá-lo.

—Fico contente que saiba a verdade.

—Colton também fez uma intervenção incrível no momento certo. —Robert sorria. —Foi ele quem apontou a vantagem de bodas rápidas, no caso de me ocorrer tentar cometer uma imprudência. Não disse dessa maneira, mas o que meu irmão mais velho quis dizer foi que dada a minha reputação e a menos que seu pai a prendesse, como podia estar certo de não haver um escândalo no futuro? Em vez de evitar qualquer catástrofe, por que não o casamento?

—Você não tentou me fazer nada — protestou Rebecca. —Contei a verdade para minha mãe. Foi justamente o contrário. Fui eu quem pediu isso.

Robert se limitou a arquear uma sobrancelha.

—Não me importa que seu pai saiba que suas preocupações têm algum fundamento. O sutil método de persuasão de Colton funcionou. —Sorriu. —Ninguém mais do que meu respeitável irmão sabe o que infunde terror nos corações das demais pessoas respeitáveis.

Rodeou o piano e se sentou junto a ela na banquetta. Pressionou a tecla do dó central com seu longo dedo. A nota ressoou na sala. Rebecca era bem consciente do roçar daquela coxa firme contra a sua. Ele se virou. Estava tão perto que ela podia ver o incrível azul de seus olhos com intensa clareza.

—Está certa —perguntou ele em voz baixa —de que é isto o que quer?

Rebecca se deu conta de que poderia olhar no interior daqueles olhos magnéticos para sempre, e não vacilou.

—Sim.

Ele fez uma careta.

—Eu não tenho prática. Bem, não tenho prática como marido, algo que talvez deva levar em conta.

—O normal é não ter quando se casa pela primeira vez— ela disse.

Ele cheirava maravilhosamente. Ela começava a conhecer esse aroma varonil, tentador e picante. Quem diria que um membro da espécie masculina, que gostava dos cavalos e de lugares carregados de fumaça de tabaco, pudesse cheirar tão bem.

E como se entre eles houvesse uma sincronia mística, Robert se inclinou para frente e disse:

—Eu gosto do seu perfume. Aquela primeira noite no jardim, acredito que foi isso o que não pude esquecer em você. Isso e a extraordinária cor de seus olhos.

Ele ia beijá-la. Ela desejava com desespero que a beijasse. E que depois a deitasse sobre a banquetta e a tomasse outra vez, como a tinha tomado na outra noite.

—Tentarei usar sempre este perfume em particular.

—E seu cabelo. —Robert abaixou a cabeça, só um pouco. —Analisei a cor mentalmente. Nunca tinha feito algo assim. Isso por si só deveria ter me alertado. Quando um homem

adulto começa a filosofar sobre a cor do cabelo de uma mulher é porque sofre algum tipo de transtorno.

—Isto não é uma enfermidade.

Ele acariciou-lhe o queixo.

—É mesmo?

Rebecca não podia competir com ele, mas a verdade é que não pretendia resistir em nenhum sentido, assim não importava. Passou a língua pelos lábios.

—De que cor é?

—O que? —Robert parecia concentrado em sua boca.

—Meu cabelo.

Robert acariciou-lhe os lábios com um beijo. Pelo visto não se importava que a porta da sala de música estivesse aberta.

—Ah, ainda não estou certo. Talvez tenha que estudá-lo durante os próximos cinquenta anos, mais ou menos.

—Isso me parece delicioso — ela sussurrou. — Isto está acontecendo de verdade?

Ele começou a rir. Foi um som quente e suave.

—Isso é o que eu estive me perguntando.

Capítulo 24

A autêntica prova do amor de um homem é sua capacidade para pedir perdão quando errou. Se o fizer, saberão se é sincero pelo olhar. Não posso descrever, mas saberão, acreditem em mim. O amor tem um brilho próprio.

Do capítulo intitulado: «Quer ou não quer»

Brianna parou na porta de seu quarto. Havia alguém lá dentro, coisa que já esperava, mas o que não imaginou era que o ocupante fosse seu marido. Havia uma camisola estendida sobre sua cama, e Colton estava sentado em uma das poltronas junto à lareira, com o olhar fixo nela, que permaneceu de pé na soleira. Segurava uma taça de conhaque na mão e parecia relaxado, mas ao ver a rigidez de seus ombros, ela compreendeu que essa despreocupação era fingida.

—Vai entrar? —perguntou ao ver que ficava ali quieta.

—Não sei — admitiu Brianna. Perguntava-se quanto tempo ia continuar se mostrando ofendida. Era imperdoável que tivesse suspeitado dela. Absolutamente.

Mas preocupava-a pensar que já o tivesse perdoado. Era estranho. Quando a ofensa se transformou em tristeza, talvez tenha compreendido um pouco suas dúvidas, até certo ponto. Isso não o desculpava, mas Brianna supunha que sua própria inexperiência também tinha sido parte do problema. Ela somente queria agradar seu marido, algo que na época parecia simples.

Mas agora, com esse distanciamento que havia entre ambos, não era simples de forma alguma.

—É seu quarto. Alguma hora terá que entrar — disse ele em tom afável. —Não vai se trocar para sair? Para fazê-lo terá que entrar.

Essa tinha sido sua intenção ao aceitar o convite. Pois embora sua vida pessoal fosse um desastre, se toda a alta sociedade soubesse pioraria ainda mais as coisas.

—Onde está minha criada?

—Eu disse que podia se retirar por esta noite.

Ante tal presunção ela deixou escapar um leve gemido.

—Suponho que eu mesma possa me pentear.

—Ou não se pentear.

—Colton...

—Quando meu pai morreu, eu me senti perdido. —Suas palavras gradualmente invadiram o quarto. —Não pretendo que essa tragédia suponha minha absolvição, mas sou seu marido e como tal solicito uma oportunidade para explicar meus recentes atos. Seria capaz de me conceder isso?

Ele nunca falou de seu pai. E a palavra «solicito» implicava uma humildade muito eloquente. Brianna entrou no quarto, fechou a porta e se sentou na penteadeira de frente para ele, sem dizer uma palavra.

Necessitava do que ia acontecer naquele momento. Ambos necessitavam.

—Só tinha vinte anos — continuou com um débil sorriso. —A idade que você tem agora, assim talvez possa imaginar. Às vezes tenho a sensação de ser muito mais velho. De repente todas essas pessoas dependiam de mim. Meu pai era forte. Vigoroso. Não havia motivo para pensar que começaria a tossir um dia e aos poucos fosse embora, literalmente. Eu continuei sem acreditar até que minha mãe se virou para mim chorando e me perguntou o que íamos fazer. Todos estavam me olhando, a mim, para que eu os guiasse. Então foi quando percebi que na realidade não sabia.

Brianna viu como seu marido se esforçava para revelar seus sentimentos e soube que se Colton desejava se desculpar essa era a melhor forma de todas. Talvez se tivesse feito em tópicos e tivesse tentado explicar seus atos, ela teria pensado que era uma desculpa para que ambos se esquecessem do incidente.

Mas isto não. Isto lhe custava.

Ele desviou o olhar e ela teria jurado que detectou um ligeiro brilho em seus olhos.

—Não sabia o que fazer. Sempre soube que provavelmente seria duque algum dia, mas nem meu pai nem eu imaginamos que aconteceria desse modo. Ah, sim, tinham me instruído, educado e aconselhado, mas ninguém nunca me disse que a maldita transição seria tão dolorosa. Ser um herdeiro é um conceito abstrato. Herdar é algo muito diferente.

—Querido — disse ela com a voz carinhosa e sem o menor traço de ira, ante a crueza que viu em sua expressão.

—Não, deixe-me terminar. Devo-lhe isso. —Ele esticou os músculos do pescoço e engoliu em seco. — Acho que naquele dia me senti traído até certo ponto. Por ele. Por morrer. É ridículo, não é verdade? Embora fosse jovem eu já era um homem. Mas simplesmente não esperava que acontecesse tão rápido. Ele deveria estar vivo agora. Tive que deixar de lado a tristeza, porque a verdade é que não havia tempo para isso. De maneira que mergulhei no papel de duque o melhor que pude, e acredito que talvez tenha esquecido algumas outras coisas importantes da vida. Por sorte para mim, você está fazendo todo o possível para me lembrar.

Brianna estava paralisada. O Colton que ela conhecia não fazia isto. Não abria sua alma.

—Assim, poderia pedir certa indulgência de sua parte ante minha estupidez? Eu estou acostumado a procurar a lógica em tudo. Seus atos, por mais cativantes e agradáveis que fossem, confundiram-me. —Seu marido a olhou da poltrona com seu corpo magro tenso. — O certo é que nem eu mesmo sou capaz de me perdoar por ter pensado o pior, além de que com você sinto uma vulnerabilidade que não experimentava por um longo tempo. Nove anos, na verdade. Somado ao fato de que esperamos um filho e que tinha a sensação de que estava me escondendo algo. Tive essa mesma sensação de estar oprimido. De modo que fiz tudo o que pude para controlar a situação da única forma que sabia. Sou um idiota, mas ao menos sou um idiota que ama sua esposa até o ponto de perder a razão.

Antes Brianna ficou imóvel, mas agora não podia se mover mesmo que quisesse.

—Deve ser assim — continuou ele com evidente esforço — do contrário não teria agido de uma forma tão irracional.

Brianna adorou ainda mais Colton por essa lógica tão dele, que surgia inclusive quando estava tentando que sua desculpa fosse mais afetiva.

Então foi derrotada com a afirmação mais convincente de todas.

—Não percebia que isso tinha acontecido comigo. Conosco.

Brianna, sentada com serenidade na banquetta na frente da penteadeira, juntou as mãos com calma e olhou seu marido.

—Não sabia que me amava?

Ele era alto, bonito, poderoso, rico... Tudo o que um homem podia ambicionar. Entretanto parecia perdido. Então esfregou o queixo e disse com a voz rouca:

—Não percebia. E sim, Brianna. Deus, sim. Eu te amo.

Tudo foi mais fácil.

Dizer essas palavras para Brianna não tinha sido o problema, na verdade. Foi não admitir a si mesmo que a amava o que se colocou entre eles. Ambos se amavam. Essa era uma revelação ainda maior.

Antes, nem sequer teve a intenção de dizer a Robert, de irmão para irmão, o que sentia por ela. Saiu sem mais. Nesta ocasião, Colton tinha a intenção de dizer a Brianna que a amava, mas não tinha previsto que sua voz tivesse esse tom rouco, nem a intensidade do momento.

E essa criança que crescia dentro dela... Colton não era capaz de expressar a si mesmo até que ponto o comovia o fato de que fossem ter um filho.

Viu lágrimas nos olhos de sua esposa e novamente a culpa era dele. Mas ao menos desta vez não era porque lhe tinha feito mal. O sorriso trêmulo de seus lábios o encheu de alívio. Brianna ficou de pé e cruzou o quarto. E, embora ele também devia se levantar por cortesia, limitou-se a ficar sentado e esperar incapaz de sair do lugar ao ver a expressão daquele rosto encantador.

Ela tirou-lhe a taça de conhaque dos dedos e a depositou no suporte da lareira. Então se sentou em seu colo e acariciou seu rosto com a mão.

—Somos muito felizes, não é verdade?

Colton olhou em seus olhos, mudo de emoção.

—Eu já o havia perdoado, sabe. Não sou capaz de ficar zangada durante muito tempo com você, por irritantemente torpe que seja às vezes.

Sua boca acolhedora estava a pouca distância, tentando-o.

—Não penso em discutir nem sua acusação, nem sua generosidade — disse com emoção.

—Suponho que eu não seja totalmente inocente. — Desenhou com os dedos o perfil do queixo, foi mais à frente e acariciou seus lábios. —Minha intenção era boa, mas não devia ter comprado o livro de lady Rothburg. Foi impróprio.

—Muito — ele confirmou embora acrescentasse — mas essa mulher parece brilhante. Não posso dizer que esteja de acordo com todas as observações que faz sobre os homens, mas em geral acredito que tenha muita razão. É muito perspicaz.

A mão de sua esposa parou abruptamente e seus olhos se abriram de par em par.

—Você o leu?

—Sim. Palavra por palavra. Afinal, você o deixou em meu escritório.

—É muito pouco convencional fazer algo assim, Colton. —Brianna entrecerrou as pálpebras com ironia.

Lembrou com uma pontada de dor contida o comentário mordaz que ela tinha feito quando se confrontou com ele no estúdio.

—No futuro me prepararei para ter a mente mais aberta.

Brianna se inclinou para frente lambeu o seu lábio inferior. Foi tão somente um roçar, delicado e lento, com a ponta da língua, mas provocou um espasmo que percorreu o corpo de Colton.

—Diga-me, qual de seus conselhos você gostou mais? Como mulher eu sinto curiosidade — murmurou ela.

—Definitivamente é uma mulher — resmungou segurando-lhe os quadris e acomodando-a na posição adequada em seu colo. Sua crescente ereção esticava a parte dianteira de suas calças. —O que me perguntou?

—Do que — beijou-o —você gostou —voltou a beijá-lo —mais.

—Você. Não importa o que façamos, o melhor de tudo é você, Brianna.

—Está dizendo que posso voltar a amarrá-lo na cama algum dia, se quiser? —sorria brincalhona e provocante.

Colton emitiu um leve gemido quando ela moveu as delicadas nádegas contra sua virilha dolorida. Lembrava-se muito bem desse episódio prazeroso, com riqueza de detalhes.

—Eu sempre estou ao seu serviço, madame.

—Isso soa promissor. Então, posso ficar com o livro?

—Eu o consagrarei em uma urna de cristal. —Tirou-lhe os alfinetes do cabelo e esfregou os lábios contra o lóbulo da orelha.

Ela riu e acariciou sua face corada.

—Estou segura de que lady Rothburg se sentiria lisonjeada, mas não precisa chegar a esse extremo. Não obstante, há um favor que eu gostaria de pedir.

Ele tinha movido a boca para o lado do gracioso pescoço de sua esposa e assentiu com um som incoerente.

—A partir de agora eu gostaria que compartilhássemos a cama.

—Estamos a ponto de fazê-lo, acredite — jurou Colton, excitado de modo evidente.

—Não, bom, sim, mas não me refiro a isso. Não quero apenas me deitar com você, mas dormir ao seu lado. Em meu quarto ou no seu, não importa. Mas quando fazemos amor e você vai, sinto-me...

Colton a tinha entre seus braços e notou que ele havia ficado tenso. Inclinou-se para trás o bastante para poder ver seu rosto. Se ele aprendeu alguma coisa nos últimos dias, era que um de seus maiores pontos fracos era se dedicar à tarefa de tentar entender o que os outros sentiam.

Isto era importante para sua esposa e ela era todo o seu mundo e o que importava para ele.

—Sim, por favor — disse em voz baixa.

—Longe de você. Não só de um modo físico. — Os lábios de Brianna tremiam, só um pouco, mas o suficiente. —Pode parecer ridículo porque você sempre é muito prático. Mas

eu desejo ouvir sua respiração ao despertar, notar seu calor ao meu lado, compartilhar algo mais que a paixão.

Ele compreendia o que significava sentir-se afastado. Estar afastado de outros por sua posição, por sua responsabilidade, mas sobre tudo pelos muros interiores que tinha construído para proteger a si mesmo dos laços emocionais e do compromisso.

Traçou com o indicador a curva de uma das sobrancelhas perfeitas de Brianna e sorriu.

—Ficarei encantado de que durma ao meu lado todas as noites. Vê, está feito. Que mais posso dar-lhe? Peça e obterá.

Ela meneou a cabeça.

—Não há mais nada que uma mulher possa desejar além de estar com o homem a quem ama e gerar seu filho.

Era uma mulher casada com um dos homens mais ricos da Inglaterra e tinha a sociedade a seus pés como duquesa. Sua beleza era incrível e dispunha de uma vida de privilégios, mas só desejava o mais simples dos presentes. Uma das coisas que ele amava em Brianna, e percebeu desde o começo, era que nunca tinha pensado em sua existência nem em seu matrimônio de forma calculista. Se ele tivesse sido um pastor de ovelhas, ela o amaria na mesma intensidade.

Podia pedir o que quisesse e sabia que ele tinha meios para proporcionar-lhe. Mas o que desejava era dormir ao seu lado.

Como Colton havia encontrado esse tesouro?

Provavelmente não a merecia, mas podia se esforçar. Ficou em pé com ela nos braços.

—Ficaremos em casa esta noite? Podemos jantar em nossos aposentos e desfrutar da companhia mútua.

Brianna sorriu lânguida e sedutora.

—Parece maravilhoso. Lembre-se que lady Rothburg tem todo um capítulo sobre que algumas mulheres são mais apaixonadas quando estão grávidas? Acredito que tem razão.

Deus santo, ele esperava. Colton já tinha visto antes essa luz intensa nos olhos de sua esposa, e só por abraçá-la tinha o corpo mais que pronto e preparado.

—Essa mulher é uma erudita de primeira ordem — disse entre dentes enquanto levava sua mulher ao dormitório. Abriu a porta com o ombro e foi para o leito enorme. —Uma especialista brilhante e generosa por compartilhar sua sabedoria com o mundo. Um modelo de virtudes.

Sua esposa deu uma risada.

—Acaba de chamar modelo de virtudes uma cortesã, uma mulher promíscua? Você, o duque de Rolthven, que jamais cometeria uma falta de etiqueta?

Colton a colocou sobre a cama e se inclinou sobre ela, olhando-a nos olhos.

—Eu fiz, com certeza.

Então começou a despi-la, intercalando beijos quentes e prolongados, e sussurrando palavras maliciosas.

E a resposta desinibida dela demonstrou que tinha razão. Lady Rothburg era uma mulher de uma sabedoria excepcional.

Epílogo

Damien Northfield estava comodamente apoiado no respaldo da poltrona, com as pernas cruzadas à altura do tornozelo, e uma garrafa de uísque ao alcance da mão. Sua partida para a Espanha se atrasou por diversos problemas burocráticos, o que era uma frustração, embora houvesse outros assuntos que tinham terminado de forma satisfatória.

Seu irmão caçula se casou. E tinha casado bem. Rebecca inclusive estava próxima de uma espécie de estreia de suas composições musicais em um recital público. Robert nunca tinha sido dos que respeitam as convenções muito bem, e exibir o talento extraordinário de sua esposa era uma audácia típica dele.

Colton também estava mais contente e mais aberto que nunca, na opinião de Damien. A futura paternidade ficava bem em seu irmão mais velho, e o certo é que Brianna estava radiante de felicidade embora se sentisse um pouco pesada. Ele diria que estava mais bela que nunca, o que era dizer muito.

Damien dedicou um preguiçoso sorriso aos seus irmãos, sem incomodar-se em ocultar a carga de ironia.

—De modo que ambas o leram?

—E só Deus sabe a quem mais minha ousada esposa é capaz de emprestar o livro. — Colton levantou uma sobrancelha. —Eu já deixei de tentar controlar o que faz.

—O que quer dizer —interveio Robert com evidente malícia —é que permite tudo.

—Talvez. —Colton parecia indiferente, mais relaxado.

Relaxado.

Colton.

Isso era uma grande coisa.

—A mim o livro parece bastante admirável — disse Robert e bebeu um gole do copo. — Damien, quando se casar, talvez devesse pedir a Brianna que o empreste a sua esposa. Prometo que se o der para sua amada, não se arrependerá. Digamos que lady Rothburg não

tem nenhum problema em comentar em detalhes certas coisas que um cavalheiro não trataria com sua esposa.

Se a careta pecaminosa de seu irmão significava algo, isso devia ser verdade.

—Amanhã retorno a Espanha — disse Damien. —Assim duvido que esperem de mim romances de algum tipo no futuro, mas terei isso em mente.

—Nunca se sabe — comentou Colton. —Se alguém houvesse dito o que me esperava, eu teria protestado com veemência.

Que grande verdade. Quem teria previsto que seu rígido irmão mais velho se casaria com uma encantadora, porém impulsiva jovem, e que conseguiria transformá-lo em um homem diferente do correto e irrepreensível duque de Rolthven?

No mesmo sentido, quem podia imaginar que Robbie se casaria com uma jovem respeitável, e que o convenceria a tocar violoncelo em público, nada menos?

Seus segredos eram muito mais voláteis e particulares.

Damien agarrou o copo e o suspendeu.

—Brindaremos por ela, então? Pela sábia, embora devassa lady Rothburg.

Epílogo De... “Os conselhos de Lady Rothburg”

Para terminar, minhas queridíssimas leitoras, eu gostaria de dizer que espero que meus conselhos tenham sido valiosos, ainda que só um pouco. A fórmula perfeita para o amor romântico não existe, como é lógico. Mas se tivesse que me limitar a escrever um único conselho em lugar de um livro inteiro, eu acredito que lembraria, tanto a homens como a mulheres, que o êxito sexual e emocional de um casal exige esforço de ambas às partes. O que acontece na cama, ou, se lerem o capítulo oito, em outros lugares insólitos e pervertidos, é importante. Sim, porque isso é o que nos atrai no outro a princípio. Mas por muito prazeroso que isto seja, a parte mais importante de qualquer romance é o vínculo que criam em sua vida em comum.

Encontrar o par ideal é essencial e conservá-lo é uma tarefa jubilosa.

Com carinho,

Lady Rothburg,

Escrito durante o retiro posterior a seu matrimônio, em 19 de abril de 1802.

Fim

Ebooks distribuídos sem fins lucrativos, de fãs para fãs.

A comercialização é estritamente proibida.

